

Alan Camargo Silva
Organizador

CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA



Bagai

CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA





AValiação, Parecer e Revisão por Pares

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

C796 Corpo e práticas corporais em academias de ginástica. /
(organização) Alan Camargo Silva. – 1. ed. – Curitiba-PR:
Editora Bagai, 2022.

E-book

Acesso em www.editorabagai.com.br

Bibliografia.
ISBN: 978-65-5368-131-6


1. Educação Física. 2. Corpo. 3. Academias de ginástica.
I. Silva, Alan Camargo.

02-2022/32

CDD 869.909

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação Física 796

 <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-131-6.02.11.22>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da **Editora BAGAI** por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfílmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

Alan Camargo Silva
Organizador

CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA



O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es). As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

<i>Editor-Chefe</i>	Cleber Bianchessi
<i>Revisão</i>	Os autores
<i>Diagramação</i>	Brenner Silva
<i>Capa</i>	Alexandre Lemos
<i>Conselho Editorial</i>	Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOCHAPECÓ Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC - UFSC Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE Dra. Camila Cunico – UFPB Dr. Carlos Luís Pereira – UFES Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET - CV Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS Dra. Clélia Peretti - PUCPR Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ Dra. Denise Rocha – UFC Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC Dr. Ermane Rosa Martins – IFG Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM Dr. Humberto Costa – UFPR Dr. Jorge Henrique Gualandi - IFES Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra – UFPB Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR Dr. Marcos Pereira dos Santos - SITG/FAQ Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPeI Dra. Patrícia de Oliveira - IF BAIANO Dr. Porfírio Pinto – CIDH - PORTUGAL Dr. Rogério Makino – UNEMAT Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ricardo Cauica Ferreira – UNITEL - ANGOLA Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED Dra. Sueli da Silva Aquino – FIPAR Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNILANDRADE/UK-ARGENTINA Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM - CUBA Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS

APRESENTAÇÃO

Exercito as primeiras palavras alertando: mais do que uma infraestrutura ou um espaço físico, a academia constitui-se como um *locus* de inúmeras vidas construídas social e culturalmente. Assim, questiona-se: até que ponto as experiências e vivências corporais nesses locais atrelam-se às condições (macro)estruturais da nossa sociedade? Será que as academias devem ser pensadas como um “mundo à parte” da realidade cotidiana? Em outra oportunidade, respondi essa indagação com a ideia de que tais estabelecimentos podem ser considerados espaços de extensão da vida social dos seus frequentadores (SILVA, 2017).

Investigar o corpo e as práticas corporais nesses estabelecimentos significa entender, em parte, como dados grupos sociais pensam, sentem e agem durante a vida cotidiana. As academias caracterizam-se por espaços em que as pessoas, ao se exercitarem, compartilham ou ressignificam as suas crenças, normas, valores e representações sobre si e acerca dos Outros. Exercitar-se em academias configura-se, portanto, por um ato simbólico e relacional que evidencia particulares visões de mundo.

Logo, a leitura dessa coletânea pode ser decisiva e instigante para aquelas pessoas que gerenciam ou ministram atividades e aulas em academias já que permite ampliar a compreensão histórica e sociocultural acerca do corpo e das práticas corporais. Os capítulos da presente obra podem ser proveitosos e provocativos para estudantes e pesquisadores(as) de diferentes campos de saber que se interessam pelas questões voltadas ao corpo e às práticas corporais, ou ainda, pelos aspectos sócioespaciais que atravessam esses tipos de estabelecimentos. Acrescento ainda que os textos aqui reunidos sensibilizam e desafiam aquelas pessoas que consomem ou frequentam as academias ao afetar, possivelmente, as suas relações com os demais que se exercitam nesses espaços.

Nesse sentido, *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica* objetiva apresentar diferentes possibilidades de analisar o corpo e as práticas corporais nas academias de ginástica por meio de distintas perspectivas teórico-metodológicas das Ciências Humanas e Sociais. O livro em tela foi composto por 18 capítulos, a saber.

O primeiro capítulo, “Concepções de corpo nas academias de ginástica: uma revisão de escopo”, escrito por João Vitor Cruz, Mayara Brito Batista e Rogério Cruz de Oliveira, abre a presente coletânea apresentando um mapeamento da recente produção do conhecimento sobre esses espaços.

No segundo capítulo, “Aspectos históricos da ginástica de condicionamento físico: um olhar para as influências das práticas internacionais”, Amanda Azevedo Flores e Eliana de Toledo revelam e problematizam criticamente uma versão histórica da constituição das ginásticas/academias.

No terceiro texto, “Trabalho e capital: a produção do valor nas academias de ginástica”, Roberto Pereira Furtado analisa os processos de produtividade e intensificação de trabalho que ocorrem em grande parte das academias.

Em seguida, temos o quarto capítulo: “Reflexões sobre academias de musculação a partir da filosofia de Byung Chul-Han: espaços pornográficos ou de alteridade?”. Leonardo Hernandes de Souza Oliveira, Guilherme de Oliveira França, Matheus Wan-Meyl de Araújo, Pedro Dias de Castro Ferreira dos Santos e Matheus Guedes Memeré questionam até que ponto tais estabelecimentos possuem abertura para a escuta, hospitalidade e cuidado com o Outro/próximo.

Mais adiante, Renata Ferreira Chrispino e Rafael da Silva Mattos trazem o quinto capítulo intitulado “O envelhecimento do profissional de Educação Física entre a necropolítica e a psicopolítica do mercado *fitness*” na perspectiva de denunciar/anunciar as condições laborais ou da carreira de quem atua nesse âmbito de trabalho.

O sexto manuscrito capitaneado por Symom Couto Hoffmann e Gustavo da Silva Freitas tem como título “*Personal trainers* de musculação: notas sobre perfil, atuação e uso de *marketing* pessoal em uma cidade no sul do Brasil”. Os autores visibilizam uma realidade de trabalho de quem atua como *personal trainer* fazendo pensar os meandros da profissão.

No sétimo capítulo, “Compreensões sobre corpo e estética: a visão de professores/profissionais de academia de ginástica em um curso de especialização”, Tadeu João Ribeiro Baptista e Augusto César Vilela Gama se preocupam com a atuação/formação dos professores(as)/profissionais de Educação Física diante do Outro/corpo nesses espaços “*fitness*”.

O título do oitavo capítulo é “Os planos de curso da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ (1972): entre a preparação do professor da academia de ginástica e um pensamento científico”. Gustavo da Motta Silva e Guilherme Gonçalves Baptista trazem à baila os processos histórico-formativos de uma realidade institucional/temporal daqueles que atuam/atuaram na área.

O nono texto intitulado “Mães profissionais de Educação Física e o mercado de trabalho no campo do *fitness*” foi redigido por Joana Delfino de Abreu e Rafael

da Silva Mattos. O manuscrito consegue aprofundar e articular as dimensões pessoais e profissionais de professoras de Educação Física.

No décimo capítulo, Mirela Berger traz o texto “Atividade física, corpo e sexualidade em mulheres da terceira idade”. Nota-se como os cuidados de si de mulheres em dada fase de vida são construídos dentro/fora das academias.

O décimo primeiro capítulo intitulado “As setorizações de gênero em um espaço de musculação do subúrbio do Rio de Janeiro” foi elaborado por Erik Giuseppe Barbosa Pereira. O autor questiona os aparentes processos de generação dos espaços da musculação ao identificar certa territorialização de pessoas/equipamentos de uma academia.

“É homem ou mulher?!”: sobre feminilidades culturistas” é o título do décimo segundo capítulo. Leandro Teófilo de Brito e Simone Freitas Chaves analisam a história de vida de uma atleta a fim de entender como pode ocorrer a (re)construção do “ser mulher” neste universo estético-esportivo.

Em seguida, temos o décimo terceiro capítulo intitulado “A academia de musculação e a aprendizagem sobre anabolizantes: primeiros passos do processo de autoformação de fisiculturistas”. Eduardo Pinto Machado e Alex Branco Fraga discutem os usos de anabolizantes desse grupo social fazendo pensar nas diversas formas de “aprimoramento de si”.

O décimo quarto manuscrito foi elaborado por Rafael Marques Garcia. “Consumo de drogas em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro: uma microrrealidade de homens *gays*” descreve minuciosamente o “tomar” de algumas substâncias nesses locais de práticas corporais.

No décimo quinto texto, “Olhares sobre os sintomas de dependência de exercício em academias de ginástica da cidade do Rio de Janeiro”, Juliana Gonçalves Baptista e Alexandre Palma identificam as prevalências desses comportamentos aditivos, bem como ampliam a compreensão desse fenômeno marcado por questões de ordem biológica, social e psicológica.

O décimo sexto capítulo tem como título “Educação somática em academias de ginástica: por uma concepção mais sensível de corpo e práticas corporais”. Marília Del Ponte de Assis, Gracielle Candida Modesto, Danieli Alves Pereira Marques, Eliana Ayoub e Eliana de Toledo propõem sensibilizar formandos/as e formados/as em Educação Física por uma ótica ético-educativa interdisciplinar de conscientização corporal nesses espaços.

Já o décimo sétimo texto intitulado “Corpos em cena: etnografar em academias de ginástica” foi escrito por mim na direção de alertar sobre a importância da reflexividade para pesquisar tal ambiente de práticas corporais por essa via metodológica tão cara ao campo antropológico.

O décimo oitavo capítulo foi escrito por Francisco Javier Cortazar Rodríguez. “Sobreviviendo a la pandemia. Estrategias de gimnasios frente a los efectos del COVID-19” consegue apontar aspectos tecnológicos e sanitários que influenciam/influenciam esses *lôcus* de práticas corporais.

Enfim, destaco que, certamente, a construção dessa coletânea apenas foi possível pela primorosa e robusta escrita dos(as) autores(as) de cada capítulo. Assim, no lugar de organizador e partindo da ideia de que esta obra é uma produção coletiva, agradeço imensamente a participação e a confiança de todos os(as) colaboradores(as) de cada texto.

Indubitavelmente, esta coletânea é um convite para enxergar o “trabalhar” ou “exercitar-se” nas academias de um modo que, talvez, você nunca tenha pensado. Por isso, à você, graduando(a), profissional, professor(a), pesquisador(a), gestor(a) de academia, praticante de atividade física ou amante do tema, desejo uma ótima leitura e que cada manuscrito traga boas reflexões!

SILVA, A. C. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

Prof. Dr. Alan Camargo Silva

Novembro de 2022

SUMÁRIO

CONCEPÇÕES DE CORPO NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UMA REVISÃO DE ESCOPO 11

João Vitor Cruz | Mayara Brito Batista | Rogério Cruz de Oliveira

ASPECTOS HISTÓRICOS DA GINÁSTICA DE CONDICIONAMENTO FÍSICO: UM OLHAR PARA AS INFLUÊNCIAS DAS PRÁTICAS INTERNACIONAIS 23

Amanda Azevedo Flores | Eliana de Toledo

TRABALHO E CAPITAL: A PRODUÇÃO DO VALOR NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA 37

Roberto Pereira Furtado

REFLEXÕES SOBRE ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO A PARTIR DA FILOSOFIA DE BYUNG CHUL-HAN: ESPAÇOS PORNOGRÁFICOS OU DE ALTERIDADE? 49

Leonardo Hernandes de Souza Oliveira | Guilherme de Oliveira França | Matheus Wan-Meyl de Araújo | Pedro Dias de Castro Ferreira dos Santos | Matheus Guedes Memeré

O ENVELHECIMENTO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE A NECROPOLÍTICA E A PSICOPOLÍTICA DO MERCADO *FITNESS* 61

Renata Ferreira Chrispino | Rafael da Silva Mattos

PERSONAL TRAINERS DE MUSCULAÇÃO: NOTAS SOBRE PERFIL, ATUAÇÃO E USO DE *MARKETING* PESSOAL EM UMA CIDADE NO SUL DO BRASIL... 71

Symom Couto Hoffmann | Gustavo da Silva Freitas

COMPREENSÕES SOBRE CORPO E ESTÉTICA: A VISÃO DE PROFESSORES/PROFISSIONAIS DE ACADEMIA DE GINÁSTICA EM UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO 83

Tadeu João Ribeiro Baptista | Augusto César Vilela Gama

OS PLANOS DE CURSO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ (1972): ENTRE A PREPARAÇÃO DO PROFESSOR DA ACADEMIA DE GINÁSTICA E UM PENSAMENTO CIENTÍFICO 95

Gustavo da Motta Silva | Guilherme Gonçalves Baptista

MÃES PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O MERCADO DE TRABALHO NO CAMPO DO *FITNESS*..... 105

Joana Delfino de Abreu | Rafael da Silva Mattos

ATIVIDADE FÍSICA, CORPO E SEXUALIDADE EM MULHERES DA TERCEIRA IDADE	113
Mirela Berger	
AS SETORIZAÇÕES DE GÊNERO EM UM ESPAÇO DE MUSCULAÇÃO DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO.....	123
Erik Giuseppe Barbosa Pereira	
“É HOMEM OU MULHER?!”: SOBRE FEMINILIDADES CULTURISTAS	133
Leandro Teófilo de Brito Simone Freitas Chaves	
A ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO E A APRENDIZAGEM SOBRE ANABOLIZANTES: PRIMEIROS PASSOS DO PROCESSO DE AUTOFORMAÇÃO DE FISCULTURISTAS	141
Eduardo Pinto Machado Alex Branco Fraga	
CONSUMO DE DROGAS EM UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA DO RIO DE JANEIRO: UMA MICRORREALIDADE DE HOMENS <i>GAYS</i>	151
Rafael Marques Garcia	
OLHARES SOBRE OS SINTOMAS DE DEPENDÊNCIA DE EXERCÍCIO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	163
Juliana Gonçalves Baptista Alexandre Palma	
EDUCAÇÃO SOMÁTICA EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA: POR UMA CONCEPÇÃO MAIS SENSÍVEL DE CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS	175
Marília Del Ponte de Assis Gracielle Candida Modesto Danieli Alves Pereira Marques Eliana Ayoub Eliana de Toledo	
CORPOS EM CENA: ETNOGRAFIAR EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA	189
Alan Camargo Silva	
SOBREVIVINDO A LA PANDEMIA. ESTRATEGIAS DE GIMNASIOS FRENTE A LOS EFECTOS DEL COVID-19	201
Francisco Javier Cortazar Rodríguez	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

CONCEPÇÕES DE CORPO NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UMA REVISÃO DE ESCOPO

João Vitor Cruz¹
Mayara Brito Batista²
Rogério Cruz de Oliveira³

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o pensamento cartesiano e a filosofia mecanicista cultuaram o dualismo que distingue, por um lado o ser humano, por outro seu corpo em segundo plano. Essas considerações colocaram o corpo numa perspectiva de objetificação, a qual marcou profundamente o imaginário ocidental que passou a buscar mecanismos de transfigurar o corpo em máquina corrigindo suas ditas imperfeições (LE BRETON, 2011).

Sendo um objeto de desejo e repulsa, pouco demorou o corpo para ser considerado uma mercadoria e um veículo do biopoder nas palavras de Foucault (2013). O mesmo ainda aponta que neologismo categoriza os corpos como mais ou menos disciplinados, conforme investem na melhora de suas aptidões vitais, caracterização que obedece a saberes, vinculados a certas instituições. Seus integrantes controlam o tempo, o espaço e os movimentos dando vazão a esse poder, que não só cria subordinados, mas também sujeita os próprios operadores da lógica a determinada coerção (FOUCAULT, 2013).

Assim, as academias de ginástica ofertam o serviço prometendo a estética e seus presumidos benefícios através das práticas corporais (GOMES, CHAGAS e MASCARENHAS, 2010). Portanto, não surpreende o vínculo do estabelecimento com a teorização de Foucault no parágrafo acima, raciocínio que inclusive foi fundamental para elaboração desse manuscrito.

No entanto, Furtado (2009) já descreve que o *fitness* não é o único produto oferecido por essas instituições. Isso porque, com o fim do *Welfare State*, isto é, a desresponsabilização do estado em garantir o bem-estar social da população decorrente do avanço neoliberal, criou-se outra demanda e, por consequência,

¹ Mestrando Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9696025844802980>

² Mestranda Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP. CV: <http://lattes.cnpq.br/8469751793374896>

³ Doutor em Educação Física (UNICAMP). Professor Associado (UNIFESP). Tutor do Programa de Educação Tutorial Educação Física. CV: <http://lattes.cnpq.br/5847188428462650>

outro produto, o *wellness*, que não nega o conceito de *fitness*, mas o trabalha associado a ideais de bem-estar.

Para além das influências histórico-institucionais citadas anteriormente, existe outro importante personagem neste cenário: o professor⁴ de Educação Física. Ao agir pedagogicamente sobre corpos, o professor age na sociedade que os abarca, portanto, é inegável sua interferência na representação corporal de seus alunos (DAOLIO, 2013).

Porém, vale ressaltar que os alunos não são os únicos influenciados por intuições. Os papéis designados aos professores, num aspecto geral, também são fruto de uma construção social (ARROYO, 2002). Em detrimento de uma prática voltada à autonomia, é comum que os professores considerem aspectos físicos e culturais dos alunos, no sentido de padronizar os corpos segundo o padrão de beleza mais referido, isso porque tal atitude fomenta a produtividade da academia, garantindo a manutenção de seu vínculo empregatício (FURTADO, 2007; FREITAS, 2011).

Nesse sentido, o objetivo desse texto é compreender como as concepções de corpo de professores e alunos no universo das academias de ginástica têm sido retratadas na literatura científica.

Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo, que, para Peters *et al.* (2020), tem como objetivo mapear e disseminar informações presentes dentro da literatura científica sobre determinado tema e identificar suas possíveis lacunas.

Para uma revisão de escopo faz-se necessário uma pergunta norteadora, que, no caso do estudo, é: “Qual concepção de corpo dos atores sociais frequentadores de academias de ginástica?”. A formulação foi feita através do protocolo Joanna Briggs (PETERS *et al.*, 2020) que se edifica no acrônimo PCC (População, Conceito e Contexto). No contexto desse trabalho, a população consistiu nos professores e alunos; o conceito esteve vinculado ao corpo, e; o contexto se referiu as academias de ginástica.

A coleta de dados foi realizada com artigos científicos disponíveis no Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde em todas as suas bases de dados. A busca incluiu manuscritos publicados em português, espanhol e inglês com os seguintes

⁴ Para fins deste manuscrito, o termo “professor” será utilizado como sendo aquele que melhor define o exercício da profissão no campo da Educação Física, já que a relação será sempre pedagógica, independente da formação em Licenciatura ou Bacharelado, o que também justifica o uso do termo “alunos”. O termo “profissionais” ou “profissionais de Educação Física” será utilizado para respeitar a nomenclatura adotada pelos artigos citados/analizados.

termos: “corpo *and* academias de ginástica”, “*body and fitness centers*” e “*cuerpo and centros de acondicionamiento*”. Os critérios de inclusão foram: estudos publicados dentre 2010 e 2020; política de acesso livre do periódico, e; ser uma publicação de pesquisadores brasileiros no contexto de academias de ginástica brasileiras. Já os critérios de exclusão consistiram em: estudos de matriz teórico-metodológica calcada nas Ciências Naturais; estudos desenvolvidos fora do contexto de academias de ginástica; estudos de revisão de literatura sistemática, integrativa, narrativa e/ou de escopo; resenhas; editoriais de revista; ensaios; cartas ao/a editor/a, e; publicações de anais de evento em números especiais de periódicos. O intuito foi ter um material produzido por pesquisa empírica desenvolvida no contexto de academias de ginástica brasileiras.

A busca de dados resultou em 257 artigos, dos quais 45 eram repetidos e 188 foram filtrados pelos critérios de exclusão, totalizando uma amostra de 24 artigos. Após leitura na íntegra, os achados nos levaram a interpretar quatro categorias analíticas⁵ quanto à concepção de corpo, quais são:

1. Suor: Silva e Ferreira (2016a), Silva e Ferreira (2016b), Silva e Ferreira (2017), Silva e Ferreira (2018), Silva e Ferreira (2020) e Teixeira e Caminha (2010);
2. Lipofobia: Teixeira, Freitas e Caminha (2012), Correia e Gomes (2018), Sabino, Luz e Carvalho (2010), Rosa Junior *et al.*, (2015), Fermino, Pezzini e Reis (2010), Lüdorf e Ortega (2013), Rossi e Tirapegui (2018) e Freitas *et al.*, (2011);
3. Dor: Silva e Ferreira (2016a), Silva e Ferreira (2016c), Silva e Ferreira (2017), Silva e Ferreira (2018), Silva e Ferreira (2019a), Silva e Ferreira (2019b), Silva, Freitas e Lüdorf (2019) e Reis *et al.* (2018), e;
4. Envelhecimento: Freitas *et al.* (2011), Freitas *et al.* (2014), Lüdorf e Ortega (2013), Oliveira *et al.* (2018) e Fermino, Pezzini e Reis (2010).

O SUOR

Foi percebido em Silva e Ferreira (2020) divergências de significação do suor conforme o porte financeiro da academia: nas academias de menor porte, o suor significava sucesso, em contraste ao significado de repulsa para os frequentadores

⁵ Um artigo pode ser enquadrado em uma ou mais categorias.

das academias de grande porte. Em Sant'Anna (2007) percebe-se que essa aversão emergiu, principalmente, a partir da industrialização dos produtos de higiene. Já em relação a glorificação da secreção, ainda no achado de Silva e Ferreira (2016a) foi percebido que os praticantes das academias de menor porte a valorizam por associar ao cotidiano laboral.

Já em Silva e Ferreira (2016b), o suor é tido como algo “sujo” pelas classes mais abastadas e sua presença pode comprometer a sociabilidade dos praticantes e por sua vez a forma de condução das práticas corporais no ambiente. Le Breton (2011) aponta para a oposição do corpo perene diante do dinamismo das sociedades modernas. Para o suposto controle do mundo, passou-se a corrigir o corpo através do mercado, este ligado aos ideais de saúde, beleza e juventude (LE BRETON, 2011).

Em outros trabalhos analisados, tais quais Silva e Ferreira (2017) e Silva e Ferreira (2018), não surpreende que os praticantes mais ricos tendam a buscar a executar uma malhação mais “higiênica” sob a orientação dos profissionais do local, diferentes dos outros frequentadores, que priorizam mais a intensidade, potencializando a produção da secreção. Em geral, a secreção nas academias mais ricas liga-se a economia do corpo orgânico (SILVA e FERREIRA, 2017). Já nas academias populares, o suor tem uma ligação literal com a economia: suar o máximo que conseguir com o dinheiro investido (SILVA e FERREIRA, 2018).

Logo, nos termos de Foucault (2014), até os corpos que são “disciplinados” nas academias menores parecerão “excessivos” aos olhos dos corpos situados nas academias de maior porte e vice-versa. Com isso, é difícil não se lembrar dos papéis sociais descritos por Goffman (1978) e como estes, performados pelos sujeitos em diferentes esferas da vida, dialogam entre si. No caso de Silva e Ferreira (2017; 2018), o labor e a renda com as academias de ginástica. Por último, sem referenciar marcadores de classe, Teixeira e Caminha (2010) identificaram certa rivalidade disciplinar entre as academias, sendo a mais ameaçadora aquela com alunos de maior “poder monetário”, não “muscular”.

Por último, ainda que não faça referência a marcadores de classe, o estudo de Teixeira e Caminha (2010) mostra que essa rivalidade disciplinar ocorre entre as academias e aquela mais ameaçadora, não necessariamente, tem frequentadores mais musculosos, mas sim com mais poder aquisitivo.

ALIPOFOBIA

Em Teixeira, Freitas e Caminha (2012) percebe-se a lipofobia no contexto das academias de ginástica femininas, mostrando que as mulheres adeptas ao discurso o fazem por algumas motivações: relacionar o corpo gordo à doença, a improdutividade e a incompatibilidade com os padrões estéticos. Dessa maneira, os corpos gordos são “indisciplinados” e perseguidos pelos corpos “magros disciplinados”, esses últimos ainda que desfrutem de determinada autoridade, não necessariamente escapam de uma relação de dominação. Isso porque, para exercer essa pressão, essas mulheres acabam por ser pressionadas por outras instâncias de conhecimento, a saber: os médicos, o capital e a mídia de maneira intersetorial. Essa situação parece reforçar estereótipos que aumentam a insatisfação corporal, principalmente neste público, como mostram Rossi e Tirapegui (2018). Relação semelhante é percebida em Correia e Gomes (2018), quando as mulheres dominam seus corpos aliados ao discurso biomédico e a indústria estética, porém, automaticamente, se submetem a eles. Consequentemente, “[...], emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia [etc] [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 74).

Para o mesmo autor, esse suposto empoderamento parece plástico já que o poder permanece capilarizado. O autor ainda afirma que “[...] a impressão que o poder vacila é falsa porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha contínua” (p. 79).

Nessa perspectiva, Fermino, Pezzini e Reis (2010) estudaram a relação entre os motivos para a prática de atividade física em academias e a imagem corporal. Os autores perceberam que a insatisfação corporal comparada ao Índice de Massa Corporal - IMC (sem levar em conta o gênero e percentual de gordura) não existiu, pois, muitos voluntários eram adeptos da musculação, o que aumenta o peso do indivíduo, o aproximando de um padrão estético supostamente desejado. No entanto, foi identificado que indivíduos com maior porcentagem de gordura possuíram maior tendência ao motivo harmonia e, ainda, mulheres com um maior IMC tendem à maior insatisfação com a imagem corporal (FERMINO, PEZZINI e REIS, 2010).

No mesmo estudo, pode-se perceber que a imagem corporal dos participantes esteve mais associada a aspectos relacionados com o bem-estar do que com a condição física. Tal fato problematiza a associação direta de um maior percentual de

gordura a aspectos negativos, feita por mulheres estudadas em achados anteriores, como os estudos de Teixeira, Freitas e Caminha (2012) e Correia e Gomes (2018). Assim, é possível inferir que o discurso biopolítico descrito por Foucault (2014) está presente no imaginário das moças e pode influenciar aspectos intrínsecos dos corpos ditos indisciplinados - adjetivos pensados a partir do mesmo autor.

Por fim, através do artigo de Sabino, Luz e Carvalho (2010) percebemos que a lipofobia dentro das academias de ginástica também é manifestada pelos homens. Para os mesmos autores, o conhecimento religioso constitui esse biopoder, mas não associado às práticas corporais, mas sim à alimentação. Identificou-se que a prática alimentar de frequentadores assíduos do espaço herda concepções ocidentais hebraicas relacionadas a repudiar “impurezas” como a carne de porco que metaforiza a gordura e o consumo de bebidas alcoólicas, pois são tidas como algo “profano” (SABINO, LUZ e CARVALHO, 2010).

Como mostra Rosa Júnior *et al.* (2015), o Profissional de Educação Física atuante em academias de ginástica não escapa dessas hierarquias tanto que professores acima do seu IMC tendem a possuir percepções negativas sobre sua imagem corporal e aspirar um corpo mais musculoso. É “interessante” que a amostra do estudo não abrange todas as categorias de IMC estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), possivelmente devido ao discurso lipofóbico flutuante no espaço que “vigia e pune” corpos indisciplinados aos olhos dos alunos, da empresa e da sociedade em geral, como mostra Lüdorf e Ortega (2013) e Freitas *et al.* (2011).

A DOR

Sant’Anna (2007) avalia que a dor antes da anestesia possuía diversos significados para o mundo ocidental, dentre eles, a cultura de assimilar masculinidade a capacidade de suportá-la. No desenho do estudo de Silva e Ferreira (2016c), essa lógica sofre variações conforme o poder aquisitivo da clientela das academias: nas academias de maior porte - aprofundadas em Silva e Ferreira (2018) - houve uma tendência de extingui-la, diferentemente das academias de menor porte (SILVA e FERREIRA 2016a; SILVA e FERREIRA, 2019b). Isso porque muitos praticantes do segundo caso associaram a dor à feminilidade ou homossexualidade, marcadores que contrariam seus ideais viris. Sendo assim, os anseios dos alunos são, frequentemente, atendidos pelos profissionais (SILVA e

FERREIRA, 2019a). Caso esse aluno da academia popular desejasse um serviço de *personal trainer*, haveria a prescrição de um treinamento com foco na dor, visto que esta é cultuada? Será que existe um professor que cobre esse nicho específico? Eis algumas colocações interessantes sobre esse contexto particular.

Portanto, percebemos que o biopoder de Foucault (2013), já descrito aqui, se manifesta em duas dimensões: por um lado, os homens da academia de menor porte se ligam a uma ideologia social machista e homofóbica; por outro, os outros frequentadores tem o saber biomédico como o legitimador de seus comportamentos relacionada a salvaguarda do corpo frágil identificada por Le Breton (2011).

Em relação às mulheres, os achados (SILVA e FERREIRA, 2016a; SILVA e FERREIRA, 2019b) caracterizam outra situação conflitante: a associação da figura feminina a fragilidade apenas por respeitar os limites fisiológicos do corpo. Existe também a situação em que os professores deram mais atenção às mulheres por associá-las ao papel histórico do cuidado (SILVA e FERREIRA, 2017; SILVA e FERREIRA, 2016c). Ainda nessa questão Silva e Ferreira (2016c) problematizaram a relação professor-aluna não só na questão do suposto cuidado, mas também nas relações afetivas. Isso provocava comentários entre os homens do estabelecimento, o que levava muitas alunas a não buscarem auxílio profissional dos mesmos, pois, frequentemente, tinham receio de serem tachadas como promíscuas, mesmo com algias (SILVA e FERREIRA, 2016c).

O outrora em Silva e Ferreira (2019a), esses autores perceberam que há uma tendência do praticante de maior poder aquisitivo abraçar um saber biomédico e seus imperativos de saúde e estética. Contudo, não só eles: em Silva e Ferreira (2018) e Silva e Ferreira (2017) nota-se que os próprios professores das academias personificam esse saber, alimentando determinadas lógicas. Através do saber biomédico, os professores fomentam a ideia de dor ligada a performance corporal criando um “espetáculo” cujo altas cargas e as expressões diante delas são o estopim da “peça” protagonizadas por eles mesmos e pelos próprios alunos (SILVA e FERREIRA, 2017).

Assim, o professor se normatiza como detentor de um biopoder doloroso e adestrador impondo o fundamento para alunos que não tem acesso ao serviço. Novamente, as mulheres acabam sendo prejudicadas, desta vez, as professoras parecem perder credibilidade dos homens por não performar esse “show”, com

exceção daqueles que buscam treinos voltados para o segmento de menor prestígio: homossexuais, idosos e obesos e/ou grupos comumente estigmatizados no local (SILVA e FERREIRA, 2017). O biopoder atinge conjuntamente essas professoras de forma moral, já que foi relatado assédio sexual por parte de professores e alunos assim como lhes eram atribuídas funções não compatíveis com a sua formação ali, vide cuidado com o ar condicionado da academia (SILVA e FERREIRA, 2017).

Em compensação, em Silva, Freitas e Lüdorf (2019) foi percebida uma atuação profissional divergente: os professores se preocuparam com a saúde dos adeptos a cultura da dor, ainda que de forma hierárquica, orientada pela imposição do “ser saudável” sem trazer uma reflexão crítica. Por último, Reis *et al.* (2018), denunciam a tendência masculina de consumir suplementos alimentares de forma desmedida. Achados futuros podem revelar se o consumo está aliado também ao binômio “dor-masculinidade”, como ocorre nas práticas corporais desenvolvidas no local.

O ENVELHECIMENTO

Nesta categoria, o envelhecimento também pode ser alocado na discussão do biopoder trazida por Foucault (2013), no caso: o corpo legitima seu biopoder à medida que se aproxima de um padrão estético jovial, mesmo em envelhecimento. Essa demanda também é coberta pelo mercado, que não hesita a oferecer soluções através das academias de ginástica (LE BRETON, 2011).

Em Freitas *et al.* (2014), professores de escola e academia sentem o impacto do envelhecimento. O primeiro, um desgaste mais físico a qual não acompanha a “sabedoria da mente”; no segundo caso, os professores da academia não se podem nem se dar ao luxo de sentir esse desgaste, pois isto seria visto negativamente pelos frequentadores das academias acarretando em penalidades (FREITAS *et al.*, 2014). No caso dos professores das academias o corpo estetizado não é suficiente, pois, para, além disso, em Lüdorf e Ortega (2013), o professor necessita transparecer um dinamismo corporal e vigor físico. Destaca-se que ambos são perenes, mas o dinamismo corporal e o vigor físico, teoricamente, são mais fáceis de serem mantidos sem grandes pressões ou riscos, porém, relacionados a empregabilidade no local (LÜDORF e ORTEGA, 2013).

Em resposta a isto, Oliveira *et al.* (2018) notam que há uma menor prevalência de insatisfação corporal em idosos que buscam o lazer e a interação

social no espaço, diferentemente dos que aspiram o vigor físico. Isso sucinta que, no contexto, a busca pelo lazer pode estar entrelaçada a uma relação mais orgânica com o exercício ligada a concepções de corpo mais holísticas, sujeita a contemplar inclusive menores scores de insatisfação corporal, como mostram Fermino, Pezzini e Reis (2010).

Contudo, essas concepções supostamente holísticas de corpo e exercício de lazer não estão isentas de performar relações de biopoder, principalmente nas academias, que, segundo Sant'Anna (2007), integram ideais modernos de lazer, cultura e consumo. Com o estreitamento das cidades e a degradação dos centros urbanos, o encontro passa a não existir, provocando uma escassez de sensações, as quais não demoraram em ser prometidas de forma efêmera em outros espaços. Em Freitas *et al.* (2011), os professores parecem ter atribuídos em suas funções proporcionar esses encontros sensacionais para com os alunos, o que os exigia incorporar ideais consonantes aos encontros que esses ambientes prometem, como: ser ativo, bem sociável, bem disposto e etc. Ainda assim, os professores apresentaram sentimentos contraditórios relacionados a essa performance, afirmando que a experiência vivenciada por ele o possibilita ser mais dinâmico, entretanto, o corpo mais desgastado pode atrapalhar. A situação corrobora o achado de Furtado (2007), o qual sinaliza uma existência de uma desumanização do profissional nesse contexto. Apesar disso, em Freitas *et al.* (2011), também é interessante perceber que a incorporação desse papel é percebida por muitos docentes numa perspectiva prazerosa, não pela rentabilidade do ato e sim pelas relações interpessoais que compartilhada pelos alunos e professores. O presente estudo, tal qual provavelmente a maioria dos autores citados, dialogam com referências que não condenam esse tipo de relação, pelo contrário, consideram as academias como um lugar legítimo de lazer, entretenimento e socialização (MARCELLINO, 2008).

Nesta linha, com o fim do *Welfare State*, os profissionais de Educação Física ganharam um grande nicho de mercado (FURTADO, 2009), contudo, percebe-se que os professores acabam tendo que performar determinado papel para ter credibilidade nessa determinada prática, que contempla não só um investimento corporal (nem sempre estético), mas emocional também. Resta saber a distância do protagonizado para realidade vivida, pois em Mendes e Azevedo (2014) foi relatada a contradição existente no universo do profissional que é encarregado de propiciar qualidade de vida, mas não desfruta da mesma em sua própria. Aqui, o contraste

parece ser uma das relações mais estridentes de biopoder neste nosso estudo, porém, sabemos que não é a única e que tantas outras novas podem estar por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, pode-se afirmar que as concepções de corpo de professores e alunos no contexto das academias de ginásticas são retratadas pela literatura em interface com o conceito de biopoder, perpassados pelo suor, lipofobia, dor e envelhecimento.

Os autores envolvidos nessas publicações apresentam um olhar crítico a respeito das concepções corporais protagonizadas por professores e alunos, como evidenciado, tendem mais a se aproximar da objetificação corporal. Em que pesem as limitações do nosso estudo (única base de dados, limitação temporal e de acesso), pode-se compreender que o corpo, na esfera *fitness*, ainda não rompeu com o ideário cartesiano, sendo um alerta para professores de Educação Física que buscam as academias de ginástica como campo de intervenção.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M.G.A. **Ofício de Mestre**: imagens e autoimagens. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORREIA, C; GOMES, I. Principais cuidados e investimentos corporais de frequentadoras de uma academia para mulheres de Vitória/ES. **Motrivivência**, Florianópolis v. 30, n. 53, p. 18-34, 2018.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 17.ed. Campinas: Papirus, 2013.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.
- FERMINO, R.C; PEZZINI, M.R; REIS, R.S. Motivos para prática de atividade física e imagem corporal em frequentadores de academia. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 18-23, 2010.
- FOUCAULT M. **Microfísica do poder**. 28 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. São Paulo: Almedina, 2013.
- FREITAS, D.C. *et al.* O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. **Movimento**, Porto Alegre v. 20, n. 4, p. 1523-1541, 2014.
- FREITAS, D.C. *et al.* As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo v.33, n.4, p.959-74, 2011.
- FURTADO, R.P. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pen-sar a prática**, Goiânia, v. 12, n.1, p.1-11, 2009.
- FURTADO, R.P. **O não lugar do professor de Educação Física em academias de ginástica**. 2007.188f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, I.R; CHAGAS, R.A; MASCARENHAS, F. A indústria do Fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso Body Systems. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 169-189, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus Editora, 2011.

LÜDORF, S.M.G; ORTEGA, F.J.G. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, p. 661-675, 2013.

MARCELLINO, N. C. Academias de Ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.2, p.49-54, 2008.

MENDES, A.D; AZEVEDO, P.H. O trabalho e a saúde do educador físico em academias: uma contradição no cerne da profissão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 599-615, 2014.

OLIVEIRA, D.V. *et al.* Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em idosos praticantes treinamento de força. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 31, 2018.

PETERS, M.D.J. *et al.* Scoping Reviews (2020 version). In: AROMATARIS, E; MUNN, Z. (Eds). **The Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual**. Adelaide: The Joanna Briggs Institute, 2020. p. 407-452.

REIS, S.F.A. *et al.* Autopercepção corporal e o consumo de recursos ergôgenicos por frequentadores de academia. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, p. 160-170, 2018.

ROSA JUNIOR, C.R.R. *et al.* Correlações entre insatisfação corporal, estado nutricional e comportamentos de checagem do corpo em profissionais de educação física atuantes em academias de ginástica. **HU Revista**, v. 41, n. 1 e 2, 2015.

ROSSI, L; TIRAPGUI, J. Body image dissatisfaction among gym-goers in brazil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 162-166, 2018.

SABINO, C; LUZ, M.T; CARVALHO, M.C. O fim da comida: suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 343-356, 2010.

SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3.ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2007.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Corpos secos ou molhados? Representações do suor em duas academias de ginástica do Rio de Janeiro, Brasil. **Motrivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-17, 2020.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: Etnografia de uma academia de ginástica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, p. 160-173, 2019a.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Musculação e cotidiano laboral: significados atribuídos às dores corporais em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 3969-3976, 2019b.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Entre Remediar e prevenir: uma etnografia sobre o manejo da dor e dos "limites" corporais em academias de ginástica do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, 2018.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Profissionais de Educação Física atuantes na musculação: a dor corporal como performance laboral. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 28, n. 1, 2017.

SILVA, A. C; FERREIRA, J. Homens no "limite" das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016a.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. “ Suando a camisa” em academias de ginástica do Rio de Janeiro: um estudo etnográfico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 769-783, 2016b.

SILVA, A.C; FERREIRA, J. Corpos no “limite” e risco à saúde na musculação: etnografia sobre dores agudas e crônicas. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 21, p. 141-151, 2016c.

SILVA, A.C; FREITAS, D.C; LÜDORF, S.M.A. Profissionais de Educação Física de academias de ginástica do Rio de Janeiro e a pluralidade de concepções de corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 102-108, 2019.

TEIXEIRA, F.L.S; FREITAS, C.M.S.M; CAMINHA, I.O. A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 590-601, 2012.

TEIXEIRA, F.L.S; FREITAS, C.M.S.M; CAMINHA, I.O. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 203-220, 2010.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA GINÁSTICA DE CONDICIONAMENTO FÍSICO: UM OLHAR PARA AS INFLUÊNCIAS DAS PRÁTICAS INTERNACIONAIS

Amanda Azevedo Flores⁶
Eliana de Toledo⁷

INTRODUÇÃO

A ginástica de condicionamento, também denominada por muitos de ginástica de academia, se constitui num fenômeno da modernidade, tendo uma difusa penetração nas capilaridades sociais, e sendo praticada nos mais diferentes contextos sociais, como em academias especializadas, condomínios, clubes, associações, instituições do Sistema S⁸, secretarias públicas de esporte e lazer, dentre outros.

Nesse movimento recente, ela se situa com uma trajetória bem particular e distinta de muitas práticas gímnicas competitivas, não deixando de dialogar com outras práticas modernas, presentes em movimentos do século XVIII e XIX, à exemplo de sistematizações propostas pelos Métodos Europeus de Ginástica, especialmente daqueles voltados para o desenvolvimento do vigor físico, seja com fins militares, estéticos, e/ou voltados para a saúde. Assim como vem dialogando

⁶ Doutora em Educação (UFBA). CV: <http://lattes.cnpq.br/6312788450723505>

⁷ Doutora em História (PUC-SP). Docente (UNICAMP). CV: <http://lattes.cnpq.br/0987782639429253>

⁸ Segundo a Agência Brasil (2022), o termo Sistema S aparece com frequência no noticiário para se referir a nove instituições prestadoras de serviços que são administradas de forma independente por federações e confederações empresariais dos principais setores da economia. Apesar de prestarem serviços de interesse público, essas entidades não são ligadas a nenhuma das esferas de governo.

Estão no grupo tanto organizações voltadas à educação profissional, como:

» Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai);

» e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac).

Quanto outras voltadas para a prestação de serviços ligados ao bem estar social, como:

» Serviço Social do Comércio (Sesc);

» e o Serviço Social da Indústria (Sesi).

Completam a lista:

» Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar);

» Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop);

» Serviço Social de Aprendizagem do Transporte (Senat);

» Serviço Social de Transporte (Sest);

» e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Mantidas com recursos das empresas de cada setor, essas organizações oferecem um conjunto variado de serviços à população, como escolas, cursos técnicos, pesquisas, atividades culturais e esportivas. Especificamente em relação à promoção da Ginástica neste sistema, destacamos o Sesc, que já vem sendo foco de estudos acadêmicos, à exemplo da tese de doutorado de Galante (2018), e os estudos em andamento de Mastrodi (2022), cujos diálogos de pesquisa foram abordados em recente live do LAPEGI - Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica, da FCA/Unicamp (LAPEGI, 2021).

com outras manifestações, à exemplo das artísticas (como a Dança e a Música). Diálogos estes ainda pouco estudados, especialmente no contexto nacional.

Assim, o objetivo deste texto é trazer algumas práticas corporais internacionais que influenciaram o movimento da Ginástica de Condicionamento Físico no Brasil, em diálogo com aspectos tipicamente nacionais.

Este capítulo desenhou-se a partir do encontro de duas pesquisas históricas em nível de doutorado (TOLEDO, 2010; FLORES, 2022), que giraram em torno dos aspectos históricos da ginástica em/de academia e que se utilizaram do mesmo método de pesquisa, o da história oral. Assim, para este texto foi realizado um recorte temporal de 1973 a 1990, e geográfico (envolvendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia), e ainda a seleção de alguns entrevistados que trouxeram elementos muito significativos para o alcance do objetivo, à saber: Anita de Macedo, Cida Conti, Geraldo Massucato, Luiz Alberto Bastos de Almeida e Mauro Guiselini.

SOBRE A PLURALIDADE: ASPECTOS QUE CONSTITUÍRAM A GINÁSTICA DE CONDICIONAMENTO FÍSICO

Afinal, o que é ginástica de condicionamento físico? Em uma compreensão histórica pode-se afirmar que essa prática é reconhecida sob várias denominações, ou que essas práticas, por terem também o objetivo de condicionar o corpo, acabaram por serem tratadas como “Ginásticas de/que condicionamento”: ginástica feminina (GUÉRIOS, 1956; SILVA, 1960); ginástica moderna, nova ginástica ou calistenia (DÖRING, n/d; SILVA, n/d; SILVA, n/d; FISCHER, n/d), ginástica estética, ginástica analítica, ginástica aeróbica (PAVLOVIC, 1987; BARBANTI e GUISELINI, 1985; BARBANTI e GUISELINI, 1993; DANTAS, 1994; PEREIRA, 1996; MONTEIRO, 1996; GUISELINI, 2007), ginástica de academia (CONTURSI, 1986; NOGUEIRA, 1987; SANTOS, 1984; GERALDES, 1993; MALTA, 1994; NERI, 1995; NETO e NOVAIS, 1996; PEREIRA, 1996; COSTA, 1998; TOLEDO, 2010; VIDAL, ANIC e KERBEJ, 2018) ginástica em academia (NOVAES, 1991; FLORES, 2015) e ginástica de condicionamento físico (SOUZA, 1997; RINALDI, 2014).

Não iremos nos limitar à uma compreensão equivocada acerca do mito de origem, mas a partir de alguns estudos nacionais já publicados, há indícios de que as representações dessa prática têm seu surgimento na década de 1920.

Entre os anos 1920 a 1930, os primeiros espaços acontecem em São Paulo, com a prática de lutas, e no Rio de Janeiro com a prática da ginástica rítmica. Nos anos de 1930 a 1940 surgiram academias que tinham como atividades principais as lutas, o halterofilismo e a ginástica feminina. Na Bahia, em 1932, temos o registro da abertura do espaço de Mestre Bimba com o “Centro de Cultura Física e Capoeira regional” (DACOSTA, 2005).

Novaes (1991) afirma que há uma indicação das primeiras aulas de ginástica e de academias no Rio de Janeiro, aproximadamente nos anos de 1930, principalmente em clubes e residências. Porém, as aulas de ginástica ministradas com formação profissional, na época pela antiga Universidade Brasil, acontece nos anos de 1941 com a professora Yara Jardim Vaz.

Os movimentos dessa ginástica tinham predominantemente características européias e seus objetivos eram de emagrecimento e reabilitação. Posteriormente com o foco estético que perpassa pelo período até o início dos anos de 1960, é nesse período que começamos a vivenciar os métodos calistênicos e da cultura física (halterofilismo) (NOVAIS, 1991).

Nos espaços das academias, chamadas de cultura física e nos clubes de regatas, a prática do halterofilismo, cujos exercícios utilizavam aparelhos ou mesmo halteres, era a grande procura para o treinamento físico, direcionado ao público masculino, sendo de espera as mulheres o acesso a esse espaço e suas práticas. A prática do halterofilismo (levantamento de peso e culturismo) repercute em diferentes manifestações e como um fenômeno internacional. A ginástica com halteres tem grande evidência na expansão de novos espaços de treinamento, esses direcionados ao sexo masculino. As mulheres, por sua vez, tiveram que esperar o aparecimento da prática da ginástica sistematizada, pois a única atividade a sua disposição era a dança (NOVAIS, 1991).

O cenário começou a mudar na década de 1960, quando os espaços de prática de exercício físico, como clubes, passaram a expandir para os espaços específicos para este fim, as academias, nas quais se praticavam outros tipos de ginástica, dança e artes marciais (CAPINUSSÚ e COSTA, 1989). A partir dessa década vimos a ginástica de condicionamento físico passar a ganhar visibilidade, que com o tempo, se transformou numa necessidade mercadológica emergente, provocando muitos profissionais a se colarem ao novo movimento como uma oportunidade de trabalho (NOVAES, 1991).

Paulatinamente as atividades em academia, com ênfase na Ginástica, foram assumindo mais massivamente fins estéticos, concomitante a um notório aumento da procura por atividade física, nas principais cidades brasileiras (COELHO FILHO, 2000). O público praticante foi aumentando, mas ainda centrado na finalidade do halterofilismo e fisiculturismo e, em alguns casos, apresentando algumas modalidades de ginástica, como a calistênica e lutas, essa em menor proporção (FURTADO, 2009).

Por definição, a calistenia vem do termo grego “*kallisthenés*” que significa “cheiro de vigor” ou “força harmoniosa”, tendo sua base na ginástica sueca. Sobre ela, se pode afirmar que tem base numa série de exercícios, que assumem finalidade pedagógica, fisiológica e corretiva (SILVA, 1960). Em concordância com a afirmação de Marinho (1980, p. 265) que nos diz:

a calistenia é um sistema de ginástica que encontra suas origens na ginástica sueca e que apresenta como característica, a predominância de forças analíticas, a divisão dos exercícios com oito grupos, a associação de música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sobre as posições e exercícios à mão livre como pequenos aparelhos como halteres, bastões, etc.

Em uma abordagem moderna do método calistênico, chamada de “Nova Ginástica” nas escolas americanas, seu método conjugava exercícios de força corporal por meio de exercícios localizados, com halteres, bastões e também passos de dança (COSTA, 1998). A calistenia tinha como ferramenta de condução rítmica o uso da música, como menciona Mauro Guiselini em sua narrativa à pesquisa:

já existia a ginástica feminina e masculina com piano [...] a calistenia, não essa por agora, a calistenia com música [...]. Apesar da predominância, a presença de mais de uma modalidade na mesma academia, para ambos os sexos, já começava a aparecer o movimento aeróbico.

No final da década de 1960 surge um novo método de treinamento da resistência cardiorrespiratória, criado pelo médico norte americano, Dr. Kenneth H. Cooper, também tenente-coronel da Força Aérea americana, publicou o livro *Aerobics* que definia a prática de exercícios de baixo-moderada intensidade, podendo ser realizado por um tempo longo pela relação do consumo e débito da oxigenação na produção de energia (GUISELINI, 2007).

Segundo o entrevistado Geraldo Massucato, foi realmente nessa década que este movimento aeróbico vai se fortalecendo a partir de uma preocupação internacional com a saúde e a atividade física, fundamentada pelos estudos de Cooper:

Além disso, o ex-presidente Kennedy, em meados de 63 e 64, fez um levantamento sobre a saúde da população americana e ressaltava que as pessoas precisavam fazer atividade física, andar. E poucos anos depois é lançado o livro e as propostas do Dr. Cooper, que realmente colaboraram para a divulgação da exercitação, em especial a aeróbica.

Em 1977, Kenneth Cooper publicou *“The Aerobic Way”*, como treinamento de exercícios aeróbicos, tendo como fim o trabalho de resistência aeróbica, movimentando o desencadeamento da ginástica aeróbica nos anos de 1980 (CEAS. et.al., 1987).

De acordo com Toledo (2010), para tentar compreender esta influência da proposta do Dr. Cooper no Brasil, podemos levantar algumas hipóteses, tais como: o país estar vivendo um momento político social e cultural de forte influência norte americana; o avanço da comunicação, o que propiciou que suas pesquisas e propostas fossem rapidamente acessadas e traduzidas no Brasil; e, por fim, a colaboração do Dr. Cooper no treinamento da seleção brasileira de futebol, vitoriosa na Copa do mundo de 1970, o que desde então, fez com que os brasileiros denominassem as corridas e as caminhadas de “Cooper” ou dissessem “fazendo Cooper”. Segundo Minciotti e Toledo (2021) o sucesso da seleção de futebol, “no país do futebol”, foi o grande impulsionador das propostas de Cooper.

Na ginástica, o *“aerobicsdance”* foi um método atribuído a Jacki Sorensen, e o *“hookedonaerobics”*, a Phyllis C. Jacobson, ambos, utilizavam a música de forma dinâmica, com combinações de passos de dança e exercícios calistênicos, dando surgimento a modalidade denominada ginástica aeróbica (JUCÁ, 1993), apresentada a seguir:

o aerobicsdance é um programa completo de fitness que sussurra exercício e exala diversão. Seja feito em casa com esse livro sendo seu guia ou sendo em algumas das minhas aulas pelo país ele te dá à chance de dançar livremente no seu próprio estilo e nível de condicionamento. O livro traz 16 aulas aeróbicas originais, com as etapas das aulas, aquecimento, a dança e o alongamento, para você aprender em casa e entrar em forma seguindo seu ritmo com a promessa de resultados em 12 semanas (SORENSEN, 1982, p. 9).

A dança aeróbica de Jacki Sorensen e Phyllis C. Jacobson foi popularizada pela atriz Jane Fonda, que reuniu milhares de praticantes de vários países, considerada

na época, a modalidade de exercício mais praticada em todo mundo (GUISELINI, 2007). No início dos anos 1980, Jane Fonda, com seu trabalho no programa de *Workout* (trabalho físico); junto com Richard Simon e Victoria Principal com os Programas Aeróbicos; e Marine Jahan com o *Freedance*, possibilitou a divulgação da prática da ginástica aeróbia em todo mundo (OLIVEIRA e NUNOMURA, 2012).

Segundo Fonda (1981), o programa proporcionava exercícios estruturados, para usar cada parte do corpo em uma sequência específica, de um treino efetivo que requeria a execução vigorosa e perseverante, do corpo inteiro por pelo menos 20 a 40 minutos e apresentava como base do treino exercícios de resistência muscular com o uso do peso corporal, exigindo o máximo de volume de repetições para desenvolver a flexibilidade.

Para Minciotti e Toledo (2022), sua influência mobilizava tanto as celebridades nacionais (já que a mesma também era uma celebridade de Hollywood), assim como pessoas da grande massa, ansiosas por uma nova forma de se exercitar, e pelo alcance de um modelo de corpo e beleza em voga naquele momento histórico.

Logo após o movimento Jane Fonda, Dantas (1994) afirma que a prática de atividade física se dividiu em duas correntes norteadoras: as corridas e as academias de ginástica, sendo a primeira ao ar livre e gratuito, e a segunda privatizada, visando um modelo estético. Ao analisar este período, Furtado (2009, p. 3) afirma que:

há um novo impulso às academias de ginástica oriundas da ginástica aeróbica e sua principal divulgadora, a atriz Jane Fonda. A ginástica aeróbica, com a incorporação do ritmo musical, traz um novo estímulo aos praticantes e passa a ser uma “febre” a partir de meados dos anos 80 até início dos anos.

Nos anos 1980, a prática de ginástica aeróbia idealizada por Sorensen chegou ao Brasil no formato de diferentes modalidades, como: *step*, o *circuit training*, o *funk*, a hidroginástica, a localizada e ainda treinamento com pesos (PRESTES e ASSUMPÇÃO, 2010). Após a vinda da ginástica aeróbica, a calistenia passou a não ser mais a principal prática no Brasil⁹.

A entrevistada Cida Conti, grande referência nacional no “*step*”, ainda ressaltou um aspecto muito interessante, acerca do país estar vivendo um contexto político social pós-ditadura, no qual as pessoas queriam se movimentar, celebrar, estar em

⁹ No Brasil, Ala Szerman foi referência brasileira nas ações dessa atividade. Em programas como TV Mulher, da Rede Globo, assim ela também foi impulsionadora da ginástica, notadamente entre o sexo feminino.

grupo, curtir músicas animadas, dentre outros aspectos; o que certamente colaborou para a maior difusão da Ginástica aeróbica e de outras práticas de academia.

No primeiro momento, o surgimento da ginástica aeróbica veio como uma forma de praticar exercícios físicos para um público em geral, ou seja, para todos, porém, logo se transformou também numa modalidade de alto nível. As academias, clubes e centros esportivos envolveram-se propondo festivais, eventos e competições no mundo, no Brasil.

A professora Anita de Macedo, entrevistada na pesquisa, pondera que a ginástica aeróbica era uma prática para quem tinha um nível de condicionamento de atleta: “naquela época a aeróbica era de alto impacto [...] era muito impacto”. E ainda explica que a prática de aeróbica, pensada no modelo coreografado com músicas e que não tinha tanto impacto, ganhou adeptos pelo Brasil e que quando viajou a São Paulo, logo se encantou com a prática:

na academia que eu fazia aula, que minha amiga que me levou, antes, quando eu entrei na faculdade a gente corria para aquecer, na sala [...] a gente corria para aquecer, imagina, e quando eu comecei a dar aula na Realce, o aquecimento não era corrida, era a aeróbica, eu já tinha que montar minha coreografia lá, se vire, vá buscar não sei aonde [...] ficava a tarde inteira montando minhas coreografias e montando a minha música, porque eu aprendi a montar a música no cassete e eu voltava, sabe, com uma canetinha assim e voltando [...] eu que gravava minhas fitas cassetes, gravava tudo [...] foi um momento bem caseiro [...] bem raiz, era uma época raiz.

Em conjunto com o movimento de ascensão da aeróbica, as academias passaram a organizar festivais de ginástica entre elas. Os grupos se reuniam para elaborar as coreografias para as apresentações nos eventos que tinham premiação e eram extremamente disputados. O professor Luiz Alberto de Almeida narra na pesquisa que foi incrível a repercussão da prática na cidade de Salvador e que, por meio desse festival novos talentos surgiram para a ginástica em academia.

Toda essa repercussão passou a exigir mais conhecimento da prática, dessa forma a busca por capacitações se direcionaram aos grandes centros econômicos e a capital do país. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram referência para que os profissionais se atualizassem e retornassem aos seus estados compartilhando e multiplicando as vivências. A entrevistada Anita de Macedo afirma que foi uma grande novidade na época, mas que precisou ir para São Paulo se aperfeiçoar.

Assim os(as) professores(as) de Educação Física começaram a se interessar também pela prática nos modelos de competição. Na medida em que aumentava o número de participantes, a procura por professores e os níveis de dificuldade na execução dos movimentos, os desafios de se manter uma prática de acesso geral tornaram-se um problema. Dentre eles a qualidade das aulas e a formação dos profissionais adequada para sustentar a atuação prática (MAGNET, 1996).

O primeiro campeonato de ginástica aeróbica deu início ao surgimento das primeiras federações pelo mundo e assim a modalidade tornou-se esportiva, alcançando seu auge com conquistas de diversos títulos internacionais, por atletas de elite, assim hoje praticada em diversos clubes e por atletas federados (MATTOS e POLI, 2016).

Na década de 80, houve um aumento na procura pela prática de atividade física e por academias de ginástica, onde as variedades de modalidades se configuraram como uma das principais atividades. Esse aumento gerou a necessidade de “novas” formas de praticar ginástica, provocando uma “dependência” por inovação (GOMES *et al.*, 2010). E esse movimento se prolongou por décadas, como diagnosticado por Toledo e Pires (2008a), ao identificarem uma enorme quantidade de “nomes” ou “tipos” de Ginástica de condicionamento físico, algumas delas, inclusive, levando o nome das próprias academias (especialmente naquelas de grande porte ou que possuem filiais).

Toledo (2010) afirma que numa perspectiva mercadológica existente na época, criaram-se as derivações da aeróbica, por exemplo, bem como a lambaeróbica, que unia movimentos da ginástica, a fundamentação da aeróbica e a música da lambada, tipicamente “brasileira”, entre outras. O espaço das academias e as práticas aeróbicas, em suas diversidades, passam a ser o espaço e prática para a obtenção da manutenção do corpo e o culto a boa forma.

Para a entrevistada Cida Conti “o mercado das academias se transformou numa grande indústria [...] e na indústria, a segmentação ajuda [...] contemplando diferentes objetivos, perfis e gostos.”. O mercado das academias e a ginástica de condicionamento se transformam numa grande indústria do *fitness*, conforme apontou a matéria da revista Veja na década de 1980 (TOLEDO, 2010, p. 164):



A explosão *fitness*, ganhou o mundo e o mercado, assim viu-se o surgimento de empresas com programas de ginástica nas academias com diversas práticas, em um formato metodológico pré-coreografado. Oriundos da Nova Zelândia no final dos anos de 1980, a *Les Mills*, provocou um impacto significativo no mercado mundial. Porém, só chegou ao mercado no Brasil nos anos de 1990, com os tipos de ginástica do programa *Body Systems*, e embora com propostas muito interessantes, bem organizadas e fundamentadas, ainda trouxe uma série de aspectos questionáveis, dos pontos de vista: pedagógico, técnico, cultural e de autonomia do professor (TOLEDO; PIRES, 2008b).

Tais práticas ditas inovadoras são em sua grande maioria, releituras das já conhecidas e tradicionais sessões de ginástica, tais como: localizada, *step training* e *aerodance*. Furtado (2009, p. 5) nos relata que:

No final dos anos 90, a *Body Systems*¹⁰ chega ao Brasil com suas aulas pré-coreografadas ou aulas prontas, provocando um impacto significativo no mercado. Ocorre uma grande diversificação das modalidades e de outros produtos vendidos pelas academias. Os planos passam a permitir acesso a todas elas, inclusive à musculação, diferenciando-se dos pagamentos por modalidades. A diversificação ocorre seguindo uma tendência das empresas na fase de acumulação flexível.

Nessa caminhada, o processo de modernização de um mercado até então tradicional, as academias de ginástica, revelam-se cada vez mais dependentes de

¹⁰ *Body Systems* é a empresa que representava a metodologia do sistema padronizado das aulas de ginástica da *Les Mills*, atualmente é nomeada *Les Mills Brasil*. Esse sistema surgiu na Nova Zelândia nos anos de 1980, pelo criador *Philips Mills*.

fatores como a inovação, não havendo alternativa diante da competitividade estimulada pelo desenvolvimento do setor, que precisa ressurgir sempre com novas modalidades (GOMES, CHAGAS E MASCARENHAS, 2010). Flores (2015, p. 40), afirma que: “embora sejam atividades, que em essência, não são inovadoras, elas significam uma nova perspectiva, que é a de potencializar a relação do ser com o meio”.

A partir dos anos 2000, percebemos a efervescência de diversas práticas de condicionamento, que mesmo se dando dentro das academias que atuavam com sistemas padronizados, buscaram trabalhar também fora dele, atuando com grupos menores de alunos e variedades de aparelhos, acessórios e equipamentos, como nas práticas de *Cross-Fit* e o Treinamento Funcional, assim como a empresa *ZumbaFitness*¹¹. Um movimento do século XXI que sem dúvida merece um outro estudo, e melhor desenvoltura em artigos e livros.

Flores (2022) nos apresenta uma concepção conceitual que deslumbra compreensão da ginástica de condicionamento físico como uma atividade ou exercício físico sistematizado a música, na condução de uma cadência ao movimento ou apenas como fator de motivação, a ser desenvolvida em espaços múltiplos, tendo como o uso do peso corporal e/ou materiais e aparelhos que tenham por finalidade as capacidades físicas, em que seu intuito está relacionado ao desenvolvimento do condicionamento físico na sua totalidade. Desde modo, a ginástica de condicionamento físico segue sua história em novas formas de “acontecer”, numa procura por sua própria cultura, reconhecimento e o enaltecimento da riqueza em ser o que é.

UMA GINÁSTICA DE CONDICIONAMENTO FÍSICO EM MOVIMENTO E EM RELAÇÃO

Ao longo deste breve texto, identificamos as nuances de aspectos históricos que estabeleceram sua força no contexto brasileiro, sendo legitimadas por diferentes profissionais e instituições.

Destacamos a ginástica de condicionamento físico com muitos nomes e sobrenomes, mas todos levam a um objetivo em comum: a formação humana e seu desenvolvimento global. O desenvolvimento do corpo e suas formas passaram por uma revolução a partir da chegada do Método Cooper, a aeróbica se incluiu nesse contexto, passou-se a olhar para a atividade física como a melhor coisa do mundo. Todos queriam fazer “Cooper”. Com as influências norte-americanas e

¹¹ A prática *Zumba Fitness* é um programa internacional de uma aula de dança, com inspiração e origem latina que incorpora ritmos latinos e internacionais. No Brasil pela sua legalidade a empresa se chama apenas Zumba.

seus programas de sucesso do *aerodance* e do *Workout*, academias de ginástica se tornaram um palco para o culto da promoção da boa forma e atividade física.

Essa ginástica passa a ter características inerentes à inovação, cada “boom” de uma nova prática, com data de validade, ressoava a responder as necessidades mercadológicas das academias e dos programas de ginástica. Com tamanha diversidade das práticas, traz um imperativo aos profissionais em uma busca incansável por atualizações e qualificações dos modelos de aulas, nos quais, em uma reflexão, vejamos apenas a alteração no uso de materiais de intervenção na prática ou na sua finalidade, pois, a base de conhecimento é a mesma. Dessa forma o mercado se sustenta e se mantém construindo a “cara” dessa ginástica, pois ainda precisamos repensar a sua formação acadêmica e a nossa atitude perante ela.

Assim, identificamos uma história em movimento, que flui a partir das influências de práticas internacionais, assim como, da autoria de profissionais brasileiros que imprimem estilo e particularidades às práticas. Uma história que se ressignifica, trazendo por vezes traços de outros tempos, à exemplo dos modelos dos métodos europeus de Ginásticas e os modelos de aulas da Les Mills Brasil. Por vezes trazendo fortemente os traços de uma cultura, à exemplo da Zumba (ainda questionada como Ginástica), constituindo-se como Zumba *Fitness*. E ainda trazendo tantas similaridades pelo mundo, como o *Workout* (de Jane Fonda), Aerobismo (de Cooper) e o Aerobic Dance (Jacki Sorensen), em diálogo com a Ginástica Aeróbica.

Esse capítulo vai num movimento por novas perspectivas na área da ginástica de condicionamento físico, da Ginástica, da Educação Física e da História, por considerar que a partir desse texto fica em aberto novas possibilidades de pesquisas e desdobramentos mais aprofundados na temática.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. Histórico. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/agencia-brasil-explica-o-que-e-o-sistema-s>. Acesso em: 20 out. 2022.
- BARBANTI, Valdir José; GUISELINI, Mauro Antônio. **Exercícios aeróbicos**. São Paulo: CLB Balieiro, 1985.
- BARBANTI, Valdir José; GUISELINI, Mauro Antônio. **Fitness: manual do instrutor**. São Paulo: CLB Balieiro, 1993.
- CAPINUSSÚ, José. Maurício; DA COSTA, Lamartine. Pereira. **Administração e marketing nas academias de ginástica**. São Paulo: Ibrasa, 1989.
- CEAS, Bernard, *et. al.* **Ginástica Aeróbica e Alongamento**. Editora Manole, 1987.

- COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 01, n.12, p. 14-25, 2000.
- CONTURSI, Tânia L. B. **Ginástica estética em academia**. Rio de Janeiro, Sprint, 1996.
- COSTA, Marcelo. G. da. **Ginástica Localizada**. Rio de Janeiro. Sprint – 2. ed.1998.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- DANTAS, Estélio H. M. **Pensando o Corpo e o Movimento**. Rio de Janeiro: Shape. Ed.1994.
- DÖRING, Ilse. **Ginástica Moderna**. São Paulo. Cia do Livro S.A.n/d.
- FISCHER, Nair G. **Ginástica para a mulher moderna**: beleza e vitalidade. Editora Tecnoprint S.A. S/N.
- FLORES, Amanda Azevedo. **Ginástica em academia**: compreensões sobre o planejamento de aulas em Salvador. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- FLORES, Amanda Azevedo. **Toda ginástica tem seus encantos e recantos**: a práxis da ginástica em academia entre 1975 a 1988 na cidade de Salvador. SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira. – 2022. 142 f. : il.
- FONDA, Jane. **Jane Fonda Workout Book**. NewYour. 1981.
- FURTADO, Roberto Pereira. Do fitness ao wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 12, n.1, p. 1-11, jan./abr. 2009.
- GALANTE, Regiane Cristina. **Memórias do celazer**: INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL. 2018. 122f. Tese doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, São Paulo, 2018.
- GERALDES, Amândio A. R. **Ginástica Localizada**. Rio de Janeiro: Sprint, 1993.
- GOMES, Ingrid Rodrigues; CHAGAS, Regiane de Avila; MASCARENHAS, Fernando. A indústria do *Fitness*, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso *Body Systems*. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 169-189, outubro/dezembro de 2010.
- GUISELINI, Mauro. **Exercícios Aeróbicos**: teoria e prática no treinamento personalizado e em grupos. São Paulo: Phorte, 2007.
- GUÉRIOS, Stella; F. M. **Ginástica feminina contemporânea**. São Paulo. Edições Alarico, 1956.
- JUCÁ, Marcos. **Aeróbica e Step**. Rio de Janeiro. Sprint, 1993.
- LAPEGI. [S. l: s. n.], 2021. 1 vídeo (85 minutos). **VIII Festival de Ginástica e Artes Corporais da FCA**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nvUrbNI5fdg>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- LIVE PAPO RETO COM A CIÊNCIA. Histórico 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s79tdjzLk8s&ct=268s>. Acesso em: 20 out. 2022.
- MALTA, Paulo. **StepTraning Aeróbico e Localizado**. Rio de Janeiro – Sprint, 1994.
- MASTRODI, Fabiano Bragantini. **Aspectos históricos da Ginástica no Sesc**: tipologias, fundamentações e reverberações (título provisório). Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, prelo.
- MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. S. P. Papelivros, 1980.

MINCIOTTI, Alessandra. N.; TOLEDO, Eliana. de. Kenneth Cooper e sua influência na trajetória histórica da Aerobic Dance no Brasil. **Anais**. X Seminário Nacional do Centro de Memória-Unicamp – Independência ou Morte? Memórias do Brasil (1822-2022). Campinas: Centro de Memória Unicamp (CMU), 2021. Disponível em: <https://www.xseminarionacionalcmu.com.br/site/anais>. Acesso em: 20 set. 2022.

MINCIOTTI, Alessandra. N.; TOLEDO, Eliana. de. Jane Fonda: a grande divulgadora do Aerobic Dance e seus impactos no Brasil. In: Pandemia e Futuros Possíveis: **Anais** do XVI Encontro Nacional de História Oral. Anais. Rio de Janeiro (RJ) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/XVIEncontroNacionaldeHistoriaOral/489963-JANE-FONDA--A-GRANDE-DIVULGADORA-DO-AEROBIC-DANCE-E-SEUS-IMPACTOS-NO-BRASIL>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MATTOS, Priscila de Souza.; POLI, Maria Eduarda de Oliveira. (org.). **Fundamentos da ginástica aeróbica**. 2 ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

MONTEIRO, Artur Guerrini. **Ginástica aeróbica**: estrutura e metodologia. Londrina: CID, 1996.

NETTO, Eduardo; NOVAIS, Jefferson. **Ginástica de academia**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

NERI, Murilo M. E.; LIMA, José Joaquim de H. **Ginástica de academia**. Rio de Janeiro. Sprint, 1985.

NOGUEIRA, Êcio Madeira. **Ginástica de academia**: métodos e sistemas. Rio de Janeiro. Sprint, 1987.

NOVAES, Jefferson da Silva. **Ginástica em Academia no Rio de Janeiro: uma pesquisa histórico-descritiva**. Rio de Janeiro. Sprint, 1991.

OLIVEIRA, Mauricio Santos; NUNOMURA, Myrian. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Conexões**: revista da faculdade de educação física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 80-97, dez. 2012.

PAVLOC, B. **Ginástica aeróbica**: uma nova cultura física. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.

PEREIRA, Marynês M. F. **Academia Estrutura Técnica e Administrativa**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

PRESTES, Jonato; ASSUMPÇÃO, Cláudio de Oliveira. Ginástica em academias. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas e BATISTA, José Carlos Freitas (orgs). **A ginástica em questão**: o corpo e movimento. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2010.

RAMOS, Jair. Jordão. **Os Exercícios Físicos na História e na Arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.

SANTOS, Miguel Angelo Alves dos. **Manual de Ginástica de Academia**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa. Ginástica. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássolide (orgs.). Prefácio de Ricardo Garcia Cappelli. **Ginástica, dança e atividades circenses**. Maringá: Eduem, 2014. v. 3 (160 p.).

SILVA, N. P. E. **Ginástica com música**: calistenia. São Paulo. Editora Cia Brasil. 1960.

SILVA, N. P. E. **Ginástica moderna com música**: calistenia. São Paulo. Editora Brasipal Ltda. n/d.

SILVA, N. P. E. **Ginástica Feminina**. São Paulo: Editora Cia Brasil. n/d.

SORENSEN, Jacki. **Aerobic dancing**. New York: Stewart, Ltd, 1982.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **Ginástica Geral**: uma área do conhecimento da educação Física. Campinas, 1997. 163f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TOLEDO, Eliana de. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade**: um estudo da década de 80. 2010. 257f. Tese (doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, Eliana de; PIRES, Fernanda Regina. Sorria! Marketing e consumo dos programas de Ginástica de academia. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.3, maio 2008. p.41-56.

TOLEDO, Eliana; PIRES, Fernanda Regina. Aulas de Ginástica de academia: análise de suas nomenclaturas. In: **ANAIS do Simpósio de Ginástica** - Formação e Intervenção em foco/ editoras Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Roseli Terezinha Selicani Teixeira. Maringá, PR: UEM, CCS, DEF, 2008. p.59-63

VIDAL, Andréa; ANIC, Cibele Calvi; KERBEJ, Maria Helena Aita. **Ginástica de academia**: aprendendo a ensinar. São Paulo: Phorte, 2018.

TRABALHO E CAPITAL: A PRODUÇÃO DO VALOR NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA

Roberto Pereira Furtado¹²

Ao investir em algum tipo de produção o capitalista divide seu capital em capital constante e capital variável. O capital constante é composto pelos meios de produção, ou seja, as máquinas, os materiais, os insumos, a matéria prima, as instalações, etc. O capital variável é composto pela força de trabalho. Em academias de ginástica ele está materializado, principalmente, nas suas instalações e equipamentos, ou seja, na estrutura do prédio, das salas, nas esteiras, bicicletas, computadores, aparelhos de musculação, etc. O capital variável em academias está dividido, principalmente, no pagamento do salário e respectivos encargos dos professores, recepcionistas e outros funcionários.

A força de trabalho dos professores e outros funcionários ao ser colocada em movimento através da utilização dos meios de produção, produz a mercadoria vendida pela academia. Nesse processo, a força de trabalho produz não só uma mercadoria que vai ser utilizada, mas também produz valor. Se a mercadoria produzida possui uma importância para quem vai consumi-la, ao mesmo tempo, ela possui uma importância para o dono do capital pela agregação de valor que ela adquire através da força de trabalho. Portanto, a mercadoria possui um valor para o consumo, para o uso e, ao mesmo tempo, um valor agregado para a troca por outras mercadorias, no caso, o dinheiro.

Essa agregação de valor de troca é materializada na mercadoria através da assunção do valor presente nos meios de produção e através da ação da força de trabalho sobre esses meios de produção transformando-os. Portanto, o valor de troca é composto pela transferência de valor que já existia nos meios de produção e pela criação de valor, desenvolvida pela força de trabalho.

Porém, o próprio valor contido nos meios de produção foi produzido da mesma forma, ou seja, a partir da transformação de meios de produção pelo trabalho criando valor e transferindo valor já existente neste meio de produção. E o valor desses meios de produção transformados também foram eles produzidos da mesma forma e, assim, sucessivamente. Ou seja, se a academia precisa adquirir meios de produção e força de trabalho para produzir sua mercadoria,

¹² Doutor em Educação (UFG). Professor Associado (UFG). CV: <http://lattes.cnpq.br/4253703423730148>

esses meios de produção também passaram pelo mesmo processo. Tomando a esteira como exemplo de meio de produção adquirido pela academia, temos que para a produção de esteiras foram necessários outros meios de produção, como ferro, alumínio, plásticos, borrachas, máquinas, além de força de trabalho. Da mesma forma, para a produção da borracha a fábrica que a produziu necessitou de outros meios de produção e força de trabalho. Para a extração do látex, a partir da seringueira, também foram necessários determinados meios de produção e força de trabalho e, assim por diante.

Pode-se perceber, portanto, que o processo de produção da mercadoria é resultado de etapas sucessivas de transformações de meios de produção em mercadorias. Essas mercadorias podem ou não ser novos meios de produção. Quando a mercadoria é consumida como um meio de produção, esse consumo é produtivo. Em cada uma das etapas de transformação dos meios de produção em mercadorias, os meios de produção consumidos possuem valor e a força de trabalho aplicada sobre esses meios de produção os transformam em outra coisa, em coisa de outra qualidade, e produz valor adicional ao dele.

A mercadoria produzida é o resultado, ao mesmo tempo, da negação e conservação do meio de produção. Ela é a negação dos meios de sua própria produção, porque foi transformada em coisa distinta a eles, com outra qualidade. E é conservação do valor e parte da matéria desse meio de produção. A força de trabalho é quem realiza esse processo de negar e conservar os meios de produção da mercadoria. Nega porque o transforma em outro e conserva porque traz consigo, nessa transformação, o valor e parte da matéria existente. O valor é, portanto, sempre produzido pela ação do trabalho. Seja o valor de uso, a utilidade da mercadoria que é produzida pelo trabalho concreto do homem, seja o valor de troca que é o resultado da quantidade de tempo que o homem necessita agir sobre os meios de produção através do trabalho para transformá-lo em mercadoria.

Essa quantidade de tempo de trabalho que resulta no valor de troca é o que as mais distintas mercadorias possuem em comum. O trabalho concreto, as mercadorias distintas não possuem em comum, porque ele é uma práxis específica que produz uma mercadoria específica. O trabalho concreto de um professor de musculação é diferente do trabalho concreto de um engenheiro, por exemplo. São práxis diferentes que necessitam de conhecimentos e ações diferentes, pois produzem mercadorias diferentes. Portanto, o trabalho concreto do engenheiro não

pode ser comparado com o trabalho concreto do professor de musculação a não ser por um elemento: ambos são trabalhos humanos. São trabalhos diferentes, mas são trabalhos. A característica mais específica de cada trabalho é o que determina a concretude deste trabalho e a característica mais geral de qualquer trabalho é o que determina a denominação de trabalho abstrato.

Através do trabalho abstrato, do trabalho humano de uma maneira geral, torna-se possível comparar trabalhos concretos distintos e seus produtos, ou seja, as mercadorias. Determinada mercadoria possui determinada quantidade de tempo de trabalho abstrato materializada, pois foi necessária determinada quantidade de tempo de trabalho para produzir essa mercadoria. Essa quantidade de tempo de trabalho, considerado em sua forma abstrata, necessária para produzir a mercadoria, constitui o seu valor de troca.

Entretanto, foi explicado anteriormente que os meios de produção também transferem valor para a mercadoria quando são transformados pelo trabalho. Sendo qualquer valor produzido pelo trabalho, este valor que está sendo transferido pelos meios de produção também é resultado de trabalho anteriormente utilizado para a produção destes meios de produção.

Quando um valor-de-uso sai do processo de trabalho como produto, participaram da sua feitura, como meios de produção, outros valores-de-uso, produtos de anteriores processos de trabalho. Valor de uso que é produto de um trabalho torna-se, assim, meios de produção de outro. Os produtos destinados a servir de meios de produção não são apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho (MARX, 2002, p. 215).

Portanto, na produção da mercadoria, existe uma quantidade de trabalho necessária para transformar os meios de produção em mercadorias e existe também uma quantidade de trabalho já materializado nos meios de produção consumidos. Esses dois tipos de trabalho são chamados respectivamente pela concepção marxiana de trabalho vivo e trabalho morto.

Esse processo aparenta ser um processo cíclico que vai se reproduzindo, onde meios de produção transformados pelo trabalho dão origem a mercadorias que, sendo utilizadas como novos meios de produção, ou seja, sendo consumidas produtivamente, também serão transformados pelo trabalho no futuro para a produção de outras mercadorias. Porém, cada uma destas etapas tem um ponto de

partida diferente da etapa anterior. O novo processo de produção, ou seja, a nova produção de valor, surge a partir do ponto de chegada do processo anterior. Em outras palavras, a transferência de trabalho morto, já materializado nos meios de produção, acrescida ao trabalho vivo, que transforma os meios de produção em coisas qualitativamente distintas, faz com que o crescimento do valor aconteça de forma espiralada. A produção da mercadoria, ou seja, do valor, é potencializada pela quantidade de trabalho morto materializado nos meios de produção.

Desse confronto articulado entre meios de produção e força de trabalho ou entre capital constante e capital variável ou entre trabalho morto e trabalho vivo, surge a mercadoria, negação de ambos, mas que traz ambos em sua composição. E quanto maior a quantidade de trabalho morto materializado nos meios de produção menor a necessidade de trabalho vivo para produzir a mesma quantidade de mercadoria. Dizendo de outra forma, quanto mais desenvolvido qualitativamente os meios de produção menor a necessidade de força de trabalho. Por conseguinte, é menor a quantidade de capital variável em relação ao capital constante. Essa relação entre capital variável e capital constante é do que Marx (1989) denomina como composição técnica do capital.

Isso acontece porque para haver o aumento da produção em um mesmo período de tempo de trabalho são necessários meios de produção com qualidade superior e com quantidade superior de capital, em forma de dinheiro, empregado para a sua aquisição. A produtividade aumenta com instrumentos mais desenvolvidos e, portanto, em um mesmo espaço de tempo se consome mais meios de produção. Constata-se, pois, que mais capital é necessário para a aquisição de meios de produção qualitativamente superiores, mas também em maior quantidade, que passa a ser requerida a partir do aumento da produtividade.

Em outras palavras, instrumentos mais desenvolvidos qualitativamente, ou seja, uma maior tecnologia dos instrumentos de produção é condição para o aumento da produtividade e, em consequência disso, o aumento do consumo de outros meios de produção, tipo insumos, é um acontecimento obrigatório. Em relação à força de trabalho, ao contrário, o aumento da produtividade é justamente sinônimo de diminuição do consumo de tempo de trabalho vivo necessário.

Mas, condição ou consequência, a grandeza crescente dos meios de produção, em relação à força de trabalho neles incorporadas, expressa a produtividade crescente do trabalho. O aumento desta se patenteia,

portanto, no decréscimo da quantidade de trabalho em relação à massa dos meios de produção que põe em movimento, ou na diminuição do fator subjetivo do processo de trabalho em relação aos seus fatores objetivos. Essa mudança na composição técnica do capital, o aumento da massa dos meios de produção, comparada com a massa da força de trabalho que os vivifica, reflete-se na composição do valor do capital, com o aumento da parte constante às custas da parte variável. Se, por exemplo, originalmente se despende 50% em meios de produção e 50% em força de trabalho, mais tarde, com o desenvolvimento da produtividade do trabalho, a percentagem poderá ser de 80% para os meios de produção e de 20% para a força de trabalho e assim por diante. Esta lei do aumento crescente do capital constante em relação ao variável se confirma a cada passo... (MARX, 1989, p. 723-724).

Um dos exemplos do aumento da tecnologia nas academias de ginástica são aparelhos de musculação, esteiras, bicicletas e outros instrumentos, com um sistema de informação computadorizada embutido no próprio aparelho que permite ao aluno saber, sem a necessidade do auxílio do professor, o exercício que precisa fazer, a quantidade de repetições, a carga, a amplitude do movimento e outras informações que demonstram claramente a materialização de um trabalho morto nesses equipamentos.

Esse avanço tecnológico permite um aumento da produtividade dentro da academia, pois o professor pode, em um mesmo espaço de tempo, atender a mais alunos. A academia, portanto, pode vender mais a sua mercadoria sem a necessidade de contratação de mais professores. Isso tudo quando comparado a uma situação semelhante, porém, com aparelhos de menor tecnologia.

Essa maior quantidade de alunos aumenta o consumo de diversos outros meios de produção utilizados pela academia. Por exemplo, a quantidade de energia elétrica, de água, de materiais diversos fornecidos gratuitamente por algumas academias aos alunos como toalhas, sabonetes, etc. Uma maior quantidade de alunos implica também maior procura pelas aulas de ginástica, portanto, aumenta a necessidade e o desgaste dos materiais diversos da ginástica como, colchonetes, bolas, mini-camas elásticas, bikes.

Explicando melhor, tem-se que mais tecnologia na sala de musculação permite mais alunos nesta sala sendo atendidos pela mesma quantidade de professores. Portanto, a academia pode vender mais mercadoria, ou seja, mais alunos

frequentam a academia. O aumento do número de alunos matriculados implica um aumento do número de alunos frequentando as aulas de ginástica. Dessa forma, o mesmo professor de ginástica que antes dava aula em média, por exemplo, para 10 alunos por aula, passa no mesmo espaço de tempo a dar aulas para 15 alunos em média, por exemplo, aumentando assim a sua produtividade. Portanto, a melhoria na tecnologia dos equipamentos da sala de musculação representa um aumento na produtividade em toda a academia, não só na sala de musculação, mas também nas aulas de ginástica.

Isso acontece porque nas academias, atualmente, não são vendidas separadamente as aulas de musculação das aulas de ginástica. O mesmo valor pago pelo aluno fornece o direito ao acesso a todas as atividades da academia, embora também existam academias que cobram separadamente por modalidades específicas, em alguns casos. Porém, o movimento que tem ocorrido é o de passagem da cobrança por modalidades específicas, como era mais comum até os anos 1990, para a cobrança de um mesmo valor que dá acesso a todas as atividades, como é mais comum hoje.

A maior produtividade permite um aumento na produção e, em consequência, dos meios necessários a ela. Uma academia que possuía capacidade máxima de 2000 alunos e pretende possuir 3000 alunos tendo, portanto, um aumento de 50% na produção da sua mercadoria, necessita de 50% de aumento nos seus meios de produção. Para suportar 3000 alunos são necessárias reformas estruturais, aquisição de mais equipamentos, etc. Ou seja, se a academia possuir uma sala de musculação com 50 aparelhos duas salas de ginástica com capacidade máxima para 40 alunos e uma sala de spinning com 20 bikes e ao estar com 2000 alunos tenha chegado a sua capacidade máxima de suporte, para atingir 3000 alunos será necessária uma reforma que amplie em 50% sua capacidade.

Precisará adquirir 25 aparelhos a mais para a sala de musculação, uma sala de ginástica a mais ou aumentar em 50% o tamanho da sala existente, 10 bikes a mais, etc. Se a academia estava preparada para uma quantidade máxima de 20 alunos em uma aula de ginástica, ela passa a ter que se preparar para 30 alunos em uma aula. Se possuía um estoque de 20 colchonetes passa a necessitar de um estoque de 30 colchonetes. Da mesma forma acontece com os diversos outros materiais necessários para as outras diversas aulas.

Já em relação à força de trabalho para a ginástica, neste caso, a academia não necessita aumentar em nada. O mesmo professor ministra a aula para 20 ou 30 alunos. A força de trabalho só aumenta se houver a necessidade de criar um novo horário de aula não existente anteriormente. Se o aumento dos meios de produção foi de 50% e esta academia possuía 30 professores trabalhando no total, não necessitará de 15 professores a mais.

Na hipótese levantada, a academia com 2000 alunos teria uma sala de ginástica com capacidade para 20 alunos. Considerando que o total de aulas de ginástica mensal nesta academia fosse de 200 aulas¹³, com uma média de 10 alunos por aula, variando do mínimo de alunos por aula economicamente rentável para academia até 20 alunos que é a capacidade máxima, a quantidade de alunos atendidos na ginástica no mês seria de 2000 e essa seria a capacidade máxima da academia se a participação nas aulas de ginástica estiver em condições normais.

Ao aumentar em 50% a quantidade de alunos e a média por aula, ou seja, passando para 15 alunos em média, o atendimento total de alunos nas aulas de ginástica subiria para 3000 alunos. Para tanto, seria necessário comprar mais materiais, equipamentos, realizar reformas em 50% da sua capacidade atual, como já foi explicado. Mantendo as mesmas 200 aulas e aumentando a média de 10 alunos por aula para 15 alunos por aula, a academia atingiria os 3000 atendimentos mensais na ginástica sem necessidade de contratar nenhum professor a mais. O simples aumento da capacidade das salas de ginástica e seus materiais, de 20 para 30, seriam suficientes para atender à nova demanda criada.

Porém, o processo não é tão simples assim. As aulas de ginástica são as aulas mais baratas em termos de custo para a academia, embora os salários dos professores de ginástica sejam os mais altos. O maior custo está na sala de musculação justamente pelo montante do capital constante lá empregado. A academia que está funcionando em sua capacidade máxima de alunos matriculados, quando chega os horários de pico, ou seja, naqueles horários em que a academia é mais frequentada pelos seus alunos, os equipamentos da sala de musculação e ergometria não são suficientes para a quantidade de alunos presentes na academia, justamente pelo alto custo que eles representam. Dessa forma, uma estratégia comumente utilizada é deslocar os alunos para as aulas de ginástica para “desafogar” a sala

¹³ Esses números são fictícios e interessam apenas para a compreensão da lógica desta tendência que pretendo explicar.

de musculação. Portanto, as aulas de ginástica também desempenham esse papel estratégico dentro da academia.

Mas, não é qualquer aula que agrada a qualquer aluno. Alguns alunos preferem determinada modalidade, outros preferem outras modalidades. Isso significa que a diversificação de modalidades de aulas oferecidas simultaneamente favorece ao aumento da procura pelas aulas de ginástica.

Considerando 100 alunos na academia em determinado horário, a academia necessita de uma parte desses alunos nas aulas de ginástica para “desafogar” os equipamentos na sala de musculação. Se a academia oferece uma modalidade “A” de aula e esta aula é aceita e frequentada por 20 alunos ela tem, nesse momento, na ginástica, 10% de seus alunos presentes na academia. Mas, mesmo sendo 30 alunos a capacidade da sala para essa modalidade específica não há procura maior que 20. Entretanto, pode haver interesse por parte de outros alunos em outras modalidades, ministradas por outros professores. Dessa forma, a academia, ao oferecer simultaneamente outra modalidade, acaba atendendo a uma outra demanda interna.

Mesmo que alguns alunos que estariam na modalidade “A”, sendo ela a única oferecida, forem para a modalidade “B”, ao serem oferecidas as duas simultaneamente, o total de alunos atendidos será maior do que se houvesse apenas uma. E assim sucessivamente enquanto houver demanda interna de alunos por modalidades de ginástica diversas e salas disponíveis. Dessa forma, se com apenas a modalidade “A” a quantidade de alunos na ginástica fosse 20, com as modalidades “A”, “B”, e “C” será superior a 20, por exemplo, 15 em A, 15 em B e 10 em C. A academia teria 40 alunos na ginástica, o dobro do número anterior, quando ofereceria apenas uma modalidade.

Essa estratégia de oferecer maior diversidade de aulas de ginástica também interessa à academia para gerar satisfação no aluno. Primeiro, porque a diversidade de opções agrada ao aluno. Segundo, porque a ginástica esvazia a sala de musculação e diminui a competição entre os alunos por aparelho. E terceiro, porque quanto maior a quantidade de alunos maior a diversidade de segmentos a serem atendidos, portanto, há uma demanda interna latente por aulas específicas e, caso não seja atendida, essa demanda poderá procurar outra academia que a atenda. Por isso, as grandes academias apresentam propostas diversificadas, com incentivos para a elaboração de projetos específicos pelos professores, projetos para clientelas

específicas, como idosos, gestantes, mulheres, jovens, circuitos de treinamento express que atende à demanda pelo treino rápido, etc.

Em condição normal de funcionamento, para aumentar em 50% a quantidade de alunos na academia seria necessário aumentar em 50% os meios de produção, entretanto, com a introdução de novas modalidades de ginástica esse “equilíbrio” se perde. Novas modalidades de ginástica aumentam a capacidade de suporte da academia.

A contradição é que se a melhora qualitativa e quantitativa dos meios de produção da academia como um todo implica uma maior produtividade, ou seja, maior produção com menos tempo de trabalho vivo necessário, ao mesmo tempo, no caso específico da ginástica o aumento da produção, mesmo com uma redução da produtividade, ou seja, mesmo com o aumento do tempo de trabalho vivo, implica uma maior produtividade da academia como um todo.

O acréscimo de duas modalidades de aulas de ginástica diminui a produtividade, porque passou-se a atender 16 alunos em média por professor no mesmo espaço de tempo em que eram atendidos 20 alunos por um único professor. Porém, essa diminuição da produtividade específica da ginástica representa um aumento da produtividade da academia como um todo. Por isso, há um desequilíbrio na proporção da relação entre o aumento da produção e o aumento da força de trabalho.

Aparentemente há um aumento da produtividade mesmo com o aumento do trabalho vivo. Porém, é importante perceber também que o aumento do tempo de trabalho vivo não acontece sem o aumento do tempo de trabalho morto. Para haver 3 modalidades simultâneas de ginástica é necessário possuir 3 salas de ginástica equipadas à disposição. Investir capital em salas de ginástica para deixá-las ociosas seria uma forma incorreta de administração desse capital. Por isso, no exemplo acima, tendo 80 alunos na sala de musculação e 20 na sala de ginástica e sendo essa a capacidade máxima de ambos os espaços, o aumento de modalidades apenas seria possível se houvesse um investimento na construção e equipamento de novas salas de ginástica.

As novas salas construídas não são utilizadas com a mesma produtividade de uma sala isolada, porém, auxiliam no aumento da produtividade da academia como um todo como foi explicado. Considerando apenas a análise da sua especificidade, uma sala isolada tem uma proporção de trabalho vivo por trabalho morto maior do que a média das três salas juntas. Por exemplo, em alguns horários em

que nas academias não há uma presença de grande quantidade de alunos as novas salas podem ficar ociosas por não haver demanda para três modalidades. Assim, o trabalho vivo que age sobre o trabalho morto materializado nos meios de produção de uma única sala é proporcionalmente maior do que quando há introdução de novas salas de ginástica. Por isso, para haver o aumento da produtividade da academia como um todo, foi necessário o aumento do trabalho morto em proporção maior do que o aumento do trabalho vivo. Na particularidade da sala de ginástica há uma diminuição da produtividade porque a proporção de trabalho vivo por trabalho morto é aumentada. Mas, considerando a academia de uma maneira geral, essa proporção é diminuída.

De acordo com Marx:

A elevação da produtividade do trabalho consiste justamente em diminuir a participação do trabalho vivo a do trabalho pretérito, de modo que se reduza a soma de trabalho encerrada na mercadoria, sendo a quantidade de que diminui o trabalho vivo maior do que aquela em que se aumenta o trabalho pretérito (MARX, 2000, p. 299).

As aulas de ginástica, quando analisadas isoladamente, podem ter um aumento de produtividade apenas até o momento em que atingem suas capacidades máximas de suporte, aumentando o número de alunos matriculados na academia. Isso partindo-se do pressuposto de uma mesma taxa percentual de participação nessas aulas em relação ao total de alunos presentes na academia. Assim, havendo em média uma produtividade de 33 alunos por professor nas 3 salas de ginástica em um momento de pico e sendo a taxa de participação na ginástica de 20%, ao aumentar o número de alunos matriculados e consequentemente o número de alunos presentes nesse momento de pico em, por exemplo, 45 alunos, aumenta-se em 9 a quantidade de alunos nas aulas de ginástica, ou seja, a produtividade sobe para 36 alunos por professor. Esse aumento só é possível, como foi explicado anteriormente, com um investimento maior no capital constante da sala de musculação, aumentando sua capacidade de suporte. Assim, mesmo esse aumento na produtividade da ginástica, que aparentemente é resultado apenas do aumento da demanda, está diretamente relacionado com o investimento maior em capital constante, aumentando, dessa forma, a proporção do trabalho morto quando comparado ao trabalho vivo.

Portanto, com o aumento de trabalho morto, materializado em meios de produção da musculação, há um aumento na produtividade da ginástica e da própria musculação. Com o aumento do trabalho morto, materializado em meios de

produção na ginástica, há um aumento na produtividade da academia como um todo, porém, com diminuição da produtividade da ginástica, que só poderia ser recuperada com um novo investimento na musculação. Nesse processo, esse novo investimento, ao aumentar a produtividade da ginástica, ou seja, a quantidade de alunos participando das aulas já disponíveis, vai criando as condições objetivas para o investimento economicamente viável em novas salas de ginástica. Assim, percebe-se que o aumento da produtividade da academia como um todo e da sala de musculação e da sala ginástica isoladamente não estão desvinculados do aumento da proporção de trabalho morto em relação ao trabalho vivo.

Por estar sob os domínios do capital, a força de trabalho do professor está submetida a um processo constante de intensificação do trabalho. O aumento da intensidade do trabalho está explícito, por exemplo, quando se observa a necessidade do professor desenvolver a atividade de telemarketing. Além disso, o próprio controle e avaliação do trabalho desenvolvido pela academia em cima da produtividade do professor, dos números, torna o trabalho mais intenso, muitas vezes sendo levado parte do trabalho para casa, como são os casos das academias que trabalham por metas de retenção de alunos que os professores precisam entrar em contato ou atualizar os treinos.

A maior intensidade do trabalho, como explica Marx (1989), não significa que há uma diminuição do valor de troca da mercadoria, ao contrário, a jornada intensiva produz mais valor de troca. Diferentemente do aumento da produtividade que resulta em mais valor de uso com o mesmo dispêndio de força de trabalho. Assim, o aumento da intensidade pode aumentar simultaneamente a mais valia e o salário do professor. É também o caso da aula de ginástica que é uma aula mais intensa e mais especializada, ou seja, um trabalho qualitativamente distinto do que a de musculação e, por isso, o salário do professor é mais alto, porém, não significa que a mais valia seja menor, ao contrário, em geral é ainda maior, porque em uma hora de trabalho o professor de ginástica atende a mais alunos do que o professor de musculação.

A intensificação do trabalho do professor na academia se dá na mesma medida em que se aumenta a produtividade. Com o aumento da produtividade haveria a possibilidade de redução da jornada de trabalho necessário para a produção da mesma quantidade de mercadorias. Em se mantendo a mesma jornada, o trabalho excedente ao necessário para produzir a mercadoria é utilizado em outras funções, em geral, em atividades que proporcionam o aumento da aderência do aluno, como o exemplo do telemarketing e o controle ou gerência dos alunos por

parte do professor. Por sua vez, o aumento da aderência faz aumentar o número de alunos frequentando a academia e, por conseguinte, aumenta a mais valia relativa.

REFERÊNCIAS

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. Livro I. Vol. I.** 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro I. Vol. II.** 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. Livro III.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

REFLEXÕES SOBRE ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO A PARTIR DA FILOSOFIA DE BYUNG CHUL-HAN: ESPAÇOS PORNOGRÁFICOS OU DE ALTERIDADE?

Leonardo Hernandes de Souza Oliveira¹⁴
Guilherme de Oliveira França¹⁵
Matheus Wan-Meyl de Araújo¹⁶
Pedro Dias de Castro Ferreira dos Santos¹⁷
Matheus Guedes Memeré¹⁸

INTRODUÇÃO

Problematizar as práticas corporais e a pluralidade de corpos no âmbito das academias de musculação é um dos desafios da interface da Educação Física com as Ciências Sociais e Humanas, principalmente a partir de um referencial teórico-conceitual atual e condizente com a contemporaneidade.

Byung Chul-Han é um filósofo sul-coreano (Seul, 1959) que se dedicou ao estudo das estruturas da sociedade do século XXI, a partir de temas variados que envolvem trabalho, sexualidade, dor, transtornos de saúde, violência, digital (internet), morte, religião, etc. Han atualmente ocupa a cadeira de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim. Apesar de sul-coreano, Han foi influenciado por tradições filosóficas ocidentais e contemporâneas, principalmente alemãs e francesas do século XX¹⁹. O filósofo possui mais de 20 livros traduzidos para a língua portuguesa.

A filosofia de Han (2017a, 2019a) apresenta como ponto central uma crítica ao capitalismo, problematizando a forma como a sociedade contemporânea busca converter trabalho, sexualidade, digital e práticas corporais para a manutenção da própria existência. Em outras palavras, Han é um crítico da forma como as

¹⁴ Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Professor de Educação Física (SME – Maricá - RJ e São Gonçalo – RJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/8324699552487273>

¹⁵ Mestre em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Coordenador do Centro de Reabilitação Cardíaca do Hospital Universitário Pedro Ernesto. CV: <http://lattes.cnpq.br/2816187665371656>

¹⁶ Bacharel em Educação Física (UERJ). Atua na promoção de saúde e fitness. CV: <http://lattes.cnpq.br/6294767321364349>

¹⁷ Bacharel em Educação Física (UERJ). Gerente de Serviços de Saúde (SMS-Rio). CV: <http://lattes.cnpq.br/3933886223060966>

¹⁸ Bacharel em Educação Física (UNIGAMA). Personal Trainer. CV: <http://lattes.cnpq.br/2402722466791763>

¹⁹ Existencialismo/Fenomenologia (Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre), Idealismo alemão (Friedrich Hegel), Psicanálise (Sigmund Freud) e Pós-estruturalismo (Michel Foucault e Gilles Deleuze).

sociedades contemporâneas capitalistas impossibilitam a relação ao Outro (morte da alteridade), com um modo de viver estritamente econômico e individualista, excluindo o estranho ou aquilo que não condiz com a nossa existência.

Este ponto central foi estudado pelo filósofo a partir de dois registros de pensamento: positividade e negatividade. No registro da positividade (HAN, 2019a, 2020a), trata-se da afirmação radical do mundo e de tudo aquilo que está fora do próprio sujeito. É o registro da positividade, pois visa a recuperação da alteridade e afabilidade perante o Outro, contra o individualismo moderno, o disciplinamento da existência e o modo econômico capitalista de viver. Neste registro da positividade, a negatividade seria fechar-se na própria interioridade perante o mundo.

O registro da negatividade (HAN, 2017a, 2017b, 2017c) é uma crítica ao excesso de positividade do mundo capitalista neoliberal contemporâneo. O registro da positividade, enquanto afirmação radical do mundo e do Outro, acentuou o modo de existência econômico. O que deveria ser afirmação radical do Outro, aquele que supõe um limite à minha própria existência e interioridade, torna-se dissolução radical do Outro ou espelhamento de si mesmo. Ao lidar com o Outro, enxergo a minha própria existência e interioridade (morte da alteridade).

As academias de musculação serão problematizadas no âmbito do registro da negatividade, enquanto crítica ao excesso de positividade dos tempos atuais. Os conceitos da filosofia de Han, como cansaço, transparência, desempenho, pornografia e positividade, proporcionam um entendimento das práticas e discursos que constroem e reconstroem os corpos nesses espaços.

De acordo com Han (2017a, 2019b) a demasia da positividade converge com a necessidade do capitalismo neoliberal de corpos mais produtivos, motivados, autossuficientes e autoafirmativos. Trata-se de práticas e discursos, no formato de microviolências, que visam produzir modelos corporais pela lógica da liberdade do “VOCÊ PODE”, onde tudo é possível para se superar cada vez mais. O sujeito torna-se um empreendedor de si mesmo que se auto-explora, se esgota e adoecer, em um entendimento que se confunde com liberdade.

A filosofia de Han está sendo abordada na literatura a partir de variadas temáticas que incluem digitalização das redes sociais (PALMA, HERCULANO, 2021), educação (DIAS, 2021), violência (CORDEIRO, FRIEDE, MIRANDA, 2018), depressão e saúde mental (LONDERO, 2019), *fake News* (BARROS, OLIVEIRA, 2021) e democracia (SOUZA, SABBAG, ACHILLES, 2022). No

âmbito da Educação Física, Sousa, Macedo e Mélo (2020) inserem as perspectivas do desempenho e cansaço nas academias de musculação.

Entende-se por academias de musculação os espaços públicos ou privados destinados à prática supervisionada de exercícios físicos e práticas corporais a partir de aparelhos específicos e ou equipamentos, onde veicula-se diferentes objetivos e discursos sobre os corpos, incluindo *fitness*, promoção da saúde e performance. Por ser um ambiente plural em termos de estrutura e de práticas corporais, optou-se por selecionar as academias de musculação convencionais como fonte de reflexão para o presente capítulo.

O objetivo do presente capítulo é refletir sobre as academias de musculação, a partir do registro da negatividade de Han, como possíveis espaços de exercício da alteridade e afabilidade perante o excesso de positividade, transparência e pornografia dos corpos no mundo contemporâneo. Alteridade deve ser entendida como um processo de socialização/convívio no qual o sujeito reconhece a diferença no/do Outro.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

De acordo com Han (2017a, 2017b), o século XXI é uma sociedade do cansaço, onde excessos de positividade, desempenho, transparência e pornografia constituem a forma como os sujeitos pensam, agem e sentem. Em oposição à sociedade disciplinar (XVII-XVIII), registrada por Foucault (2014), que visava produzir sujeitos obedientes, disciplinados e dóceis, condizente com o capitalismo industrial, a partir do registro do “VOCÊ DEVE”, a sociedade atual (XXI) visa superprodução, desempenho e supercomunicação condizente com o neoliberalismo e empreendedorismo de si, a partir do “VOCÊ PODE”.

O “VOCÊ DEVE” atua na lógica da obediência e obrigação, contra a vontade do Outro, na resolução de tarefas e atividades, nas mais diversas instituições, como escolas, fábricas, hospitais e presídios, ao passo que o “VOCÊ PODE” atua na falsa sensação de liberdade, onde a disciplina torna-se autodisciplinamento da vida como um todo. O “VOCÊ PODE”, por não caminhar na esteira da obrigação disciplinar negativa do “DEVER”, maximiza a produtividade e o desempenho. Trata-se do poder do “sim”, poder irrestrito da positividade que atua como microviolência. A microviolência (HAN, 2017d) pode ser entendida como a violência silenciosa que comporta liberdade e coerção nas mesmas práticas e discursos.

A passagem do “DEVER” para a via do “PODER” deve ser analisada a partir dos conceitos de limite, liberdade e coerção. No “DEVER”, o poder é limitado

por evidenciar a coerção da liberdade, enquanto o “PODER” atua na esteira de uma pseudo liberdade produtiva, onde os sujeitos entendem-se como livres na ação sobre si mesmos, perante às amarras coercitivas do poder. Há um paradoxo, pois o sujeito reproduz a coerção dentro de si (autoexploração) interpretando-a como liberdade. Tal movimento interno converge silenciosamente com os desejos e sentimentos, onde se autoexplorar é mais eficiente que a exploração (HAN, 2018).

Os excessos de positividade, transparência, desempenho e pornografia podem ser interpretados a partir destas modificações citadas anteriormente nas dinâmicas das relações de poder da economia neoliberal capitalista. O atual modelo neoliberal requer sujeitos motivados, felizes, produtivos, supostamente livres, autoafirmativos e com extrema iniciativa, com ausência de limites objetivos e evidentes nas relações de trabalho e vida. O cansaço, assim como depressão e ansiedade, torna-se uma resposta corporal no formato de uma exaustão interna à uma sociedade positivada (HAN, 2017a, 2017b, 2017c).

A depressão seria o fracasso frente ao incontrollável, o irredutível ou o desconhecido são, como o inconsciente, figuras da negatividade, que não são constitutivas para a sociedade de desempenho dominada pelo excesso de positividade (HAN, 2017a, p. 90).

Para Han (2017a), depressão e ansiedade estão cada vez mais presentes numa época neuronal marcada por excessos de positividade e desaparecimento da alteridade e estranheza, onde ficou para trás uma época imunológica marcada pela negatividade e divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo ou próprio e estranho. Se na imunologia o inimigo era um agente externo, em tempos neuronais os perigos do adoecimento situam-se internamente.

Uma sociedade caracterizada ainda por traços da negatividade de um poder que atua pelo não e coerção disciplinar (FOUCAULT, 20214) modifica-se para uma sociedade da positividade, onde um poder persuasivo e ilimitado violenta (microviolência) as pessoas pelo “sim” e pela falsa sensação de liberdade. Os excessos de positividade e transparência caminham de mãos dadas com um contexto socioeconômico que precisa fazer da exploração, principalmente no trabalho, uma autoexploração ou exploração de si mesmo (HAN, 2017a).

O sujeito da sociedade do cansaço necessita ser transparente e positivo na medida que internaliza a lógica neoliberal do empreendedorismo de si mesmo (uma autogestão e *uberização* da própria vida e carreira profissional sem a presença de limites burocráticos e objetivos), onde a identidade torna-se uma empresa que se

autoexplora na tentativa de sucesso e realização pessoal. Enquanto a positividade situa-se nos discursos motivacionais de superação de si, onde qualquer negatividade deve se frear por prejudicar a circulação do capital e de informação, a transparência, que acelera o sistema, é a necessidade neoliberal de se expor, revelar e evidenciar corporalmente e sentimentalmente o tempo inteiro, seja por fotos, vídeos ou discursos, além de excluir, afastar e expulsar o que é distinto, diferente ou desviante (Outro) (HAN, 2017a, 2020b).

A pornografia evidencia-se quando a transparência insere-se em outros domínios da vida, para além do mundo do trabalho, como amor e relacionamento, atividade física, saúde e cultura. A sociedade pornográfica é uma exposição indiscriminada do corpo que oferece tudo à vista. As imagens pornográficas carecem de interpretação e constituem a identidade comercial dos sujeitos contemporâneos, principalmente a partir das redes sociais (HAN, 2018, 2017b). O aumento gradual do fluxo de informações, comunicações e algoritmos, no que diz respeito aos corpos, depende da transparência, pornografia e positividade da sociedade do cansaço/desempenho.

O capitalismo neoliberal, na tentativa de maximizar a exploração, consumo e produtividade, apropria-se da transparência, positividade e pornografia dos corpos numa hipervisibilidade e exposição ilimitadas. O sujeito do cansaço, dessa forma, ao performar produtividade e desempenho, fecha-se e afirma-se na própria existência/interioridade, distanciando-se e negando a existência do Outro. Respeitar e reconhecer o Outro em sua alteridade, no movimento da afabilidade, torna-se cada vez mais complexo e improvável (HAN, 2017b, 2022).

ONDE ESTÁ O OUTRO?

De acordo com Han (2017a), o século XXI se caracteriza pelo enquadramento de outras instituições na formação da identidade dos sujeitos, como bancos, *shoppings*, laboratórios de genética e academias *fitness* de musculação. O que não quer dizer que as antigas instituições disciplinares (escola, prisão, hospitais e quartéis) tenham desaparecido no século XXI, mas ocupam outros espaços na lógica das relações de poder.

As academias de musculação, enquanto instituições que visam corpo, saúde, belo, *performance* e lazer, podem ser interpretadas a partir de dois pontos de vista que se afastam e complementam: o do “DEVER” e o do “PODER”. Pela ótica do “DEVER”, nas academias há discursos e práticas que predominam a

partir da negatividade, onde rendimento, *performance* e saúde, devem ser conquistados e/ou superados pela dor e mérito, como o *no pain, no gain*, por exemplo. Trata-se de um corpo que precisa ser docilizado/disciplinado por coerções externas e antagônicas à liberdade.

“Ele se endurece com a dor. A vida heróica, que se esforça para permanecer ininterruptamente em contato com ela [a dor], é voltada ao enrijecimento. O rosto disciplinado é fechado” (HAN, 2021a, p. 23). Neste caso, o Outro, aquele que não se enquadra às normas sociais da instituição vigente, é interpretado como desviante, anormal ou patológico, tendo sua alteridade posta em divergência com as práticas e discursos da coerção pelo “DEVER”.

A coerção externa disciplinar das relações de poder pelo “DEVER”, por exemplo, enquadraria o corpo gordo/obeso como patológico e anormal, por não conseguir ajustar-se às normas do *fitness*. O corpo gordo/obeso é excluído, tendo poucas chances de “tentar” se enquadrar às práticas e discursos sobre emagrecimento, saúde e estética das academias de musculação.

Pela ótica do “PODER”, nas academias de musculação predominam discursos e práticas motivacionais, positivas, transparentes e pornográficas, na construção de corpos. Trata-se de um corpo que precisa ser entendido como livre para produzir estilos de vida, consumir saúde e performar transparência no que diz respeito aos hábitos saudáveis. É importante mencionar que a queda da coerção externa dominadora não leva à liberdade, pois é exatamente a produção da liberdade neoliberal que maximiza a coerção interna (microviolência).

“A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica do desempenho. A ideologia neoliberal transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho” (HAN, 2021a, p. 11-12). Neste caso, a dor é posta na contramão da negatividade do “DEVER” e na esteira da sociedade do desempenho do “PODER”. Trata-se da sociedade paliativa (HAN, 2021a), onde a dor nas academias de musculação serve ao consumo, *performance*, positividade, transparência e pornografia.

Os excessos de positividade, transparência e pornografia proliferam-se nas academias de musculação, fazendo das práticas e discursos sobre saúde e sadio algo mórbido e inanimado (HAN, 2019c). A busca incessante pela vida sadia/saudável na lógica do desempenho acaba por desencadear doença, cansaço e esgotamento mental (*burnout*). O corpo gordo/obeso, por exemplo, entraria no circuito do trei-

nador/*personal* motivacional, performando desempenho, no “desejo” de emagrecer para se enquadrar no inferno do igual.

A produção neoliberal do desejo revela a eficiência produtiva da sociedade positivada. Desempenhar uma busca irrestrita por emagrecimento torna-se viável, em um primeiro momento, por conta dos discursos motivacionais que mascaram as coerções externas disciplinares. Entretanto, por estar de mão dadas com o sentimento de liberdade, tais discursos positivados, pornográficos e transparentes, maximizam a coerção interna.

A rede de poder da positividade assume uma forma *smart*, inteligente e amigável (HAN, 2021b), se adaptando à psique e desejos do corpo gordo/obeso, em silêncio, em vez de oprimir-lo ou discipliná-lo por coerções externas. Os efeitos persuasivos deste poder sobre os corpos/gordos e obesos são depressão, ansiedade e culpabilização de si, principalmente quando as promessas de felicidade e emagrecimento não ocorrem.

A pornografia revela-se quando as buscas por saúde e emagrecimento nas academias de musculação desnudam a vida. A vivacidade dos encontros com o Outro se reduz ao valor expositivo, mercantil e de propaganda da saúde e do corpo individual. O corpo gordo/obeso excluído da sociedade do “DEVER” passa a ser “incluído e otimizado” pelo desempenho do “PODER”. Importante ressaltar que a inclusão de tais corpos se traduz em exclusão, pois o que interessa à lógica do “PODER” é o possível desempenho transparente e pornográfico e não a inclusão do Outro em sua alteridade.

De acordo com Sousa, Macedo e Mélo (2020), as exigências de atender às demandas e necessidades de produtividade e desempenho do mundo capitalista neoliberal afetam os corpos acima do peso no âmbito das academias de musculação. Tais corpos são rotulados de insuficientes ou preguiçosos quando não alcançam tais exigências.

Nas redes sociais (HAN, 2018), quando tais corpos gordos/obesos alcançam os objetivos estipulados pela sociedade do desempenho (emagrecimento, *performance* e hipertrofia) a transparência do processo (HAN, 2017b) torna-se pornográfica a partir de discursos de superação ou motivação conjugados com fotos e vídeos, principalmente pelo *instagram*. A coerção disciplinar do “DEVER” torna-se mascarada por discursos positivados de liberdade sobre cuidados com a saúde e o corpo, como se não existissem agressões ou microviolências (HAN, 2017d) pela lógica do “PODER”.

Onde está o Outro? Seja pela lógica do “DEVER” ou do “PODER”, nas academias de musculação os corpos gordos/obesos encontram-se expulsos, excluídos ou distantes do exercício da alteridade e afabilidade. As experiências corporais dolorosas e traumáticas do “DEVER” nas academias de musculação são ressignificadas e positivadas em aumento pornográfico de desempenho. A sociedade do desempenho não converge com o acolhimento da alteridade dos corpos gordos/obesos, mas com o seu fim, pois alcança-se a transparência dos corpos justamente a partir da eliminação do Outro.

MORTE DA ALTERIDADE

A morte da alteridade é desenvolvida por Han em quase todas as obras, seja pelo registro da positividade ou da negatividade, como uma forma de esquecimento/distanciamento/anulação das diferenças existentes no Outro, onde o viver é convertido em um modo de existência estritamente voltado para si. Se no registro da positividade (HAN, 2019a), a morte da alteridade encontra-se em uma interioridade recolhida para si na negação do mundo tal como ele é (transcendência); no registro da negatividade, o excesso de positividade converte o Outro num inferno do igual (morte da alteridade), espelho idêntico do “Eu” (imanência) (HAN, 2017c).

O sujeito do desempenho nas academias de musculação, entendido por Han (2021b) como *zumbis* de botox e do *fitness*, ao performar cada vez mais *performance*, despedaça-se sob a coação de ser cada vez mais produtivo e autossuficiente na busca por objetivos que se apresentam frequentemente como inconclusivos (emagrecimento, saúde e hipertrofia). Uma das características do atual modelo de sociedade pornográfica é a sensação de inconclusão (HAN, 2021c) dos objetivos, por conta da necessidade neoliberal do capital de acelerar consumo, trabalho e informações. O sujeito precisa interiorizar a lógica de insatisfação perante o próprio corpo, onde torna-se sempre necessário correr atrás dos objetivos inconclusivos.

Em outras palavras, o sujeito do desempenho torna-se incapaz de inserir-se no exercício da alteridade, pois o deslocamento à diferença do Outro fica em segundo plano em detrimento da *performance* de si mesmo, em busca de inconclusões persuasivas no que diz respeito ao corpo e à saúde. A morte da alteridade nas academias de musculação ocorre todas às vezes quando tal sujeito converte seu modo de existência à economia neoliberal capitalista, onde emagrecer, ficar belo e performar saúde e desempenho, convertem a existência do Outro ao meu

“EU”. Ou seja, a identidade corporal do que é distinto (Outro) é desnudada em pornografia e transparência para fazer sentido ao meu “EU”.

Sousa, Macedo e Mélo (2020) dialogam com tais postulados de Han quando afirmam que nas academias de musculação o isolamento, a redução de interações sociais e a contenção das sensibilidade, tornam-se características de uma sociedade que requer o tempo todo desempenho, empresário de si e autodeterminação. O corpo se insere, segundo as autoras, em um projeto de aniquilação de um senso coletivo. O campo dos afetos e pertencimento destinados apenas à produção/construção do próprio destino solitário.

EM BUSCA DO TEMPO DA ALTERIDADE

Em “Favor fechar os olhos - em busca de um outro tempo”, Han (2021c) disserta sobre as possibilidades de buscar um (O)outro tempo que não seja o da sociedade do cansaço. Há possibilidade do tempo das academias de musculação não ser o da pornografia, do cansaço e da transparência? A partir de uma de suas últimas obras traduzidas para língua portuguesa, “Louvor à terra - uma viagem ao jardim”, Han (2021d) parece nos mostrar os caminhos. Para a subjetividade do filósofo, uma viagem ao jardim estabelece-se como exercício terapêutico no cuidado com as plantas, pois o tempo das plantas é exatamente outro, onde o demorar-se em silêncio ainda prolifera-se.

Faz-se necessário acessar a subjetividade das pessoas que frequentam academias de musculação a fim de construir práticas e discursos de cuidado terapêutico perante os corpos e os Outros, na contramão dos postulados da sociedade pornográfica do cansaço. “Quando são feitas experiências, encontramos-nos com o outro; as experiências nos alteram” (HAN, 2017d, p. 63). Ao apostar na experiência como ponto de partida ao Outro (primeiro movimento) e a si mesmo posteriormente (segundo movimento), no qual o meu “EU” se modifica a partir da alteridade, Han está sustentando a possibilidade de estabelecer uma relação com o Outro na qual o “deixe estar” em sua diferença.

O retorno para si a partir do Outro pode ser um caminho para a renúncia de um si que está positivado na interioridade pornográfica e transparente. O diálogo, em termos de escuta e hospitalidade, pode ser uma forma comunicativa de acessar a diferença corporal e subjetiva do Outro no exercício da alteridade. Tratam-se de estratégias que o “EU” pode desenvolver como forma de “tempo que dou ao Outro” na renúncia do meu tempo narcisista e transparente.

A partir de Han (2021e), as academias de musculação precisam traduzir-se em ambientes *habitáveis*, lugares confiáveis que produzam sentidos, totalidade, comunidades e alianças, e principalmente técnicas simbólicas de encasamento (rituais). Rituais no sentido de memória corporal e identidade corporalizada, mas não pela via pornográfica onde todos os corpos se equivalem, pois o corpo pornográfico das academias de musculação refere-se ao significado nu, obsceno e ausente de qualquer simbólica relacional da experiência.

Os corpos conceituados como diferentes ao espaço das academias de musculação, gordos/obesos, muito magros e não simétricos, escapam aos significados nus e obscenos da pornografia quando são apreendidos por técnicas simbólicas de encasamento, como escuta e hospitalidade, que produzem sentidos de pertencimento mútuo. Tais técnicas são capazes de reconhecer o Outro em sua alteridade, sem a necessidade neoliberal de otimizá-los em termos de desempenho/*performance* ou mercadoria/consumo (vitrine de corpos).

De acordo com Han (2022), é a partir da hospitalidade que os seres humanos conseguem ser afáveis, sendo a afabilidade um movimento da liberdade corporal. Os corpos gordos/obesos, por exemplo, retiram os “véus” que cobrem seus corpos, angústias e sofrimentos, como forma de recompensa/agradecimento por movimentos da hospitalidade. Quanto tais corpos se sentem acolhidos, o exercício da escuta torna-se menos complexo e os vínculos entre diferentes corpos e pessoas (alunos e professores de Educação Física das academias de musculação) passam a ser constituídos.

As academias de musculação precisam orientar suas ações da/na perspectiva do Outro, da relação ao Outro, concedendo uma prioridade ética na escuta e resposta ao Outro (HAN, 2022). O autor adiciona que no futuro haverá provavelmente uma profissão de escutador, pois a sociedade está perdendo cada vez mais tal função. “Só o escutar traz o outro à fala. Eu já escuto antes que o outro fale, ou eu escuto para que o outro fale. O escutador convida o outro a falar, liberta-o em sua alteridade” (HAN, 2022, p. 124).

É o exercício da escuta nas academias de musculação que irá se traduzir em cuidado com o corpo do Outro na contramão do “EU” narcisista da sociedade do desempenho. Han (2022) pontua que no lugar do ego narcisista entra um desejo pelo Outro, uma admiração e obsessão que convertem-se em alteridade e afabilidade. É a partir do tempo do Outro, do exercício da escuta ao próximo, que se promove

um sentido de coletividade, totalidade e comunidade, uma forma de abandonar a produção de si mesmo nas formas de pornografia, desempenho e transparência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Byung-Chul Han estabelece os diagnósticos da sociedade do século XXI, em termos de denúncia ao capitalismo neoliberal que inculca nos sujeitos uma interioridade que convirja com auto-exploração (cansaço), transparência, pornografia, desempenho e *performance* de si mesmo. Seja pelo registro da positividade ou da negatividade, os sujeitos inserem-se no modo de vida econômico para a manutenção da própria existência, afastando/excluindo a diferença que não espelha a própria existência do “EU” individualista.

Nas academias de musculação não é diferente, pois a pornografia interiorizada como *modus operandi* do mundo contemporâneo capitalista afasta e impossibilita relações duradouras, escuta, cuidado e hospitalidade perante o Outro corpo na esteira da alteridade e afabilidade. O ser humano do século XXI, a partir de Han, (re)produz e performa a si mesmo numa busca desenfreada por autossuficiência, “liberdade”, autoafirmação e motivação.

Os exercícios da escuta e hospitalidade, na forma de cuidado com o próximo, são possibilidades de tornar o ambiente das academias de musculação mais afáveis no (re)conhecimento das dores, histórias, trajetos e desejos do Outro, ou seja, compreender o indivíduo como um sujeito biopsicossocial. Um espaço na esteira da alteridade é um espaço em que os sujeitos atuem no tempo do Outro (deslocamento ao próximo) para atuarem em seguida na (re)configuração do próprio tempo (retorno a si na contramão da reprodução neoliberal de si mesmo). É o tempo do Outro, a partir da escuta e hospitalidade, que poderá impedir uma proliferação, ou melhor, um impulso de morte (HAN, 2019b), da sociedade pornográfica que faz dos corpos vitrines nuas, lisas e expositivas de si.

REFERÊNCIAS

BARROS, E.C.F.C.; OLIVEIRA, R.V. O fenômeno das fake News em Byung-Chul Han: uma releitura de Carl Schmitt. **Revista MPC.PR**, v.8, n.14, p. 70-87, 2021.

DIAS, E.S.A.C. A educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v.29, n.112, p. 565-573, 2021.

CORDEIRO, F.A.V.; FRIEDE, R.; MIRANDA, M.G. A violência simbólica na sociedade do cansaço do século XXI. **Revista Augustus**, v.23, n.46, p. 30-53, 2018.

- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAN, B. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HAN, B. **Agonia do eros**. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- HAN, B. **A salvação do belo**. Petrópolis: Vozes, 2019c.
- HAN, B. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Petrópolis: Vozes, 2021b.
- HAN, B. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021c.
- HAN, B. **Filosofia do zen-budismo**. Petrópolis: Vozes, 2019a.
- HAN, B. **Louvor à terra**: uma viagem ao jardim. Petrópolis: Vozes, 2021d.
- HAN, B. **Morte e alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2020a.
- HAN, B. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, B. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Petrópolis: Vozes, 2021e.
- HAN, B. **O que é poder?** Petrópolis: Vozes, 2019b.
- HAN, B. **Psicopolítica**: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Ayiné, 2020b.
- HAN, B. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017c.
- HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- HAN, B. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021a.
- HAN, B. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017d.
- LONDERO, R.R. Tempo, depressão e sociedade deadline: um diálogo entre Han, Rosa e Bauman. **Ação Midiática**, Curitiba, n.17, p. 102-117, 2019.
- PALMA, M.A.M.M.; HERCULANO, V.C. A sociedade do cansaço de Byung-Chul Han: e o existencialismo da digitalização nas redes sociais. **Revista de Filosofia Temática**, Belém, v.6, n.1, p. 11-23, 2021.
- SOUSA, S.R.; MACEDO, C.G.; MÉLO, R.S. Competências ostensivas: o cotidiano de professores de Educação Física atuantes em academias de musculação. **Movimento**, Porto Alegre, v.26, p. 1-19, 2020.
- SOUZA, G.S.; SABBAG, D.M.A.; ACHILLES, D. Informação e resistência na era da sociedade da transparência: a reconstrução do ethos democrático enquanto espaço de liberdade. **Encontros Bibli**, v.27, p.1-20, 2022.

O ENVELHECIMENTO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE A NECROPOLÍTICA E A PSICOPOLÍTICA DO MERCADO *FITNESS*

Renata Ferreira Chrispino²⁰

Rafael da Silva Mattos²¹

INTRODUÇÃO

A área de atuação do Profissional de Educação Física é cada vez mais diversificada em virtude da profissionalização e especialização das atividades envolvendo atividade física e o esporte²². O mercado de trabalho na área pode ser dividido em dois grandes segmentos: um referente ao sistema de ensino escolar (licenciatura) e outro às ocupações em diferentes tipos de estabelecimentos, como: clubes esportivos, academias, empresas, centros de recreação etc. (bacharelado). Tal diferenciação, não somente diz respeito ao mundo fático, mas também foi formalizada e legalizada a partir da própria divisão entre os cursos de graduação e ratificada pela Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Dentro deste segundo segmento, que podemos denominar como Classe de Atividades de Condicionamento Físico²³ ou mesmo como mercado *fitness*, é necessário observar algumas particularidades que o campo profissional da Educação Física pode apresentar, pois em uma sociedade capitalista que valoriza essencialmente o belo, e onde permanecer jovem e saudável é um desejo que permeia o imaginário coletivo (LUZ, 2005), o corpo do profissional de Educação Física no mercado *fitness* pode ganhar além do aspecto de instrumento de trabalho, o de objeto de desejo, podendo consequentemente ser descartado quando se apresentar “desgastado”. Fato este convergente com que se convencionou chamar na literatura de necropolítica (MBEMBE, 2018), porém pouco destacado nos estudos sobre o mercado e carreira do profissional de Educação Física.

²⁰ Doutoranda em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/2410375783920645>

²¹ Doutor em Saúde Coletiva (UERJ). Professor Associado (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/8547550722276945>

²² Este ensaio faz parte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da UERJ.

²³ Forma como a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) faz referência a atividades de condicionamento físico (*fitness*) de ginástica, musculação, yoga, pilates, alongamento corporal, anti-ginástica etc., realizadas em academias, centro de saúde física e outros locais especializados. Esta classe também compreende atividades de hidroginástica e atividades de instrutores de Educação Física, inclusive individuais (*personal trainers*) (BRASIL, 2007).

Nas sociedades atravessadas pela necropolítica, não há mais ênfase na formação de exército industrial de reserva tal como no capitalismo moderno, mas em práticas deliberadas ou sutis de extermínio e morte dos indesejáveis. Diante do aumento do desemprego e da incapacidade do sistema capitalista hiperfinanceirizado em resolver esse impasse, as práticas necropolíticas se multiplicam, tais como a Reforma Trabalhista (BRASIL, 2017) e a Reforma da Previdência (BRASIL, 2019).

Fatos contemporâneos que chamam atenção com relação ao mercado de trabalho, estão relacionados as novas configurações que ele vem ganhando (ANTUNES, 2018). Na sociedade líquido-moderna, a fluidez e a flexibilidade atuam de maneira predominante, deixando para trás a lógica e preceitos de ordem e regulação da época moderna, a sólida, dando espaço ao incerto, e materializando-se enquanto sociedade de consumo e do gozo imediato (BAUMAN, 2007).

Segundo Bauman (2001) uma série de mudanças vêm ocorrendo na sociedade no que diz respeito ao mundo do trabalho, conceito que o autor denomina de trabalho líquido. Observa-se que o trabalho na contemporaneidade assume um novo papel, com novas formatações, não sendo mais caracterizado pela estabilidade ou mesmo, visto como elemento central no projeto de vida da maior parte da população. Nesse sentido, a flexibilização ganha espaço e com ela, a ampliação de trabalhos considerados como precários, além da forte presença de um discurso que preza pela valorização da subjetividade tomada a partir de um viés utilitário. Desmonta-se a sociedade do emprego e hipertrofia-se a sociedade do trabalho precarizado e uberizado²⁴ (ANTUNES, FILGUEIRAS, 2020).

Dentre alguns recentes acontecimentos que impactaram o mercado de trabalho e as relações trabalhistas, podemos destacar a Lei nº 13.467/2017, conhecida como Reforma Trabalhista. Esta lei alterou mais de 100 artigos da Consolidação das Leis do Trabalho (BRASIL, 1943) sob o fundamento de adaptação ao mundo atual do trabalho. Segundo Fonseca (2019) essas alterações foram justificadas por uma suposta obsolescência da CLT e pela necessidade de flexibilizar a legislação trabalhista para uma maior geração de empregos. Como os indicadores econômicos não ratificam essa hipótese, observa-se o propósito neoliberal de tornar o trabalhador um sujeito econômico ativo, melhor dizendo, um empresário da unidade-empresa personificada em si e por si, sendo, ao mesmo tempo, capital, produtor e fonte de renda de si mesmo (FOUCAULT, 2008). No entanto esse sujeito neoliberal que se explora voluntaria e apaixonadamente, escapa a análise foucaultiana de poder, podendo ser melhor analisado a partir das lentes da psicopolítica (HAN, 2020).

²⁴ O termo “uberização”, uma derivação do nome da plataforma de transportes Uber, é empregado como um processo no qual as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas e invisibilizadas, assumindo uma aparência de “prestação de serviços” (ANTUNES, 2020).

As recentes mutações do mundo do trabalho, com a gradativa diminuição de direitos trabalhistas e previdenciários, podem trazer graves consequências sociais e econômicas para a carreira do profissional de Educação Física. Desta forma faz-se necessário compreender de que maneira elas podem afetar a carreira do profissional de Educação Física, com o intuito de auxiliar na reflexão e ressignificação de suas práticas profissionais e da sua subjetividade. Neste ensaio, o objetivo é analisar o fator idade no mercado formal do *fitness* e possíveis consequências nas carreiras e subjetividades dos profissionais de Educação Física a partir dos conceitos de necropolítica (MBEMBE, 2018) e psicopolítica (HAN, 2020).

A BIOPOLÍTICA COMO FUNDAMENTO DA NECROPOLÍTICA

Os conceitos escolhidos para esta análise estão relacionados as técnicas de poder e modelos de governabilidade que regem a construção das subjetividades na sociedade capitalista neoliberal e são em parte inspiradas no conceito de biopolítica de Foucault discutido em seu curso no *Collège de France* em 1979 (FOUCAULT, 2008).

Nesse curso, Foucault aborda as reformas neoliberais ocorridas na Europa e nos EUA. Foucault não faz uma análise marxista do neoliberalismo, mas uma história das formas de poder. Ele coloca o foco de suas análises nas formas indiretas, sutis, pequenas, invisíveis de governo dos indivíduos.

Se o neoliberalismo não é um mero reflexo do poder capital financeiro, o que o neoliberalismo seria? Segundo Foucault (2008), um governo dos homens. Trata-se então de pensar como os mecanismos de poder agem de forma invisível para garantir a governamentalidade. Isto é, um conjunto de instituições, procedimentos, análises, reflexões, cálculos, táticas que permitem exercer uma forma de poder-saber que tem como alvo a população e que usa como instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. O grande desafio para nós é dar início a reflexões sobre essa governamentalidade no âmbito da atuação do profissional de Educação Física.

Segundo Laval (2020), os dispositivos de segurança se apresentam à nossa sensibilidade e à nossa cognição como objetos atraentes. Nesse sentido, o trabalho de “treinamento individualizado”, fruto de uma concepção celetista, tornou-se “prestação de serviço” de *personal training*, desprovido de direitos trabalhistas e previdenciários. Concepção de trabalho precarizado, mas que se apresenta pelos mecanismos de saber-poder como fluxo de renda.

Já o Camaronês Achille Mbembe, professor de História e Ciência Política nas Universidades de Witwatersrand em Joanesburgo e Duke University nos Estados Unidos, fez interpretações das obras Foucault e Agamben, e apresentou reflexões que resultaram no conceito de necropolítica. Mbembe traça um percurso histórico

de como os efeitos da escravidão e do colonialismo existentes até hoje em países periféricos, pode nos levar a compreender ações da política contemporânea e as relações de poder e controle existentes nestes contextos. Seu conceito de necropolítica define “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2018, p. 71). O autor parte do pressuposto que, a expressão máxima da soberania exercida pelo Estado, está relacionada ao poder e a capacidade de ditar quem deve viver e quem deve morrer.

A partir no conceito de biopoder, que faz a divisão entre os que devem viver e os que devem morrer, com base em pressupostos biológicos, rotulado por Foucault como racismo de Estado, Mbembe (2018) demonstra a gestão da morte se tornou uma prática necropolítica. A morte é considerada legítima pelo Estado porque ela é condição para a vida de outros. Os afetos, os pensamentos, as condutas, a criação de leis, tudo isso é espaço de exercício necropolítico.

Se o conceito de biopoder, no entanto não é suficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte, Mbembe (2018) dialoga com o conceito de Estado de exceção desenvolvido por Agamben (2007, 2010) para explicar as formas repressivas desenvolvidas pela política ocidental. Práticas sociais que sustentam as hierarquias raciais e respaldam as ações executadas pelo Estado (violência, arbitrariedade, suspensão de direitos) em nome da “segurança” e a serviço da concentração de poder, ou seja, torna legal aquilo que não poderia ser concebido como legal.

Para Mbembe (2018), o modelo capitalista faz uma distribuição desigual de oportunidades de vida e de morte e hierarquiza o valor dos sujeitos entre as vidas que valem a pena ser salvas e as que podem ser descartadas. Neste sentido este texto procura instaurar uma lógica de pensamento a partir do conceito de necropolítica e, portanto, compreender como as políticas neoliberais podem impactar o mercado de trabalho do Profissional de Educação Física.

O mercado da Educação Física, principalmente no campo do *fitness* (MATOS, 2012; SABINO, 2020) tem uma série de particularidades associadas à saúde e ao corpo. Tais particularidade, ainda que possam ser pensadas em outras categorias profissionais, são tomadas nesse texto como singularidades da Educação Física.

Com relação ao corpo, há uma preocupação com relação a funcionalidade, na medida que o trabalho exige certa capacidade físico-biológica para suportar as práticas corporais, além da própria questão estética, devido ao estereótipo de um profissional jovem, belo, sarado e motivado (LUZ, 2005; SILVA; LÜDORF, 2012; LÜDORF; ORTEGA, 2013). Desta forma, sendo a Educação Física uma profissão, na qual permanecer jovem e saudável permeia o imaginário coletivo, o envelhecimento pode ser um fator determinante no mercado de trabalho no

campo do *fitness*. Nesse sentido, esse campo permite uma interpretação *sui generis* da biopolítica e da necropolítica.

Ao observar os dados os dados da Relação Anual de Informações Sociais²⁵ (RAIS) ano-base 2019 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) referente ao mercado de trabalho formal em geral e aplicando o filtro referente a classificação nacional de atividades econômicas 2.0 (BRASIL, 2007) 93.13-1, que corresponde a Classe de Atividades de Condicionamento Físico, é possível verificar a diferença na proporção de trabalhadores acima dos 40 anos de idade. Enquanto os trabalhadores em geral somam 42%, os profissionais em atividades de condicionamento físico dentro desta faixa etária somam 22,2%, esses dados são semelhantes aos encontrados no trabalho de Proni (2010) sobre a realidade do mercado de trabalho do profissional de Educação Física. Nesse estudo, os profissionais somavam 28,9%, o que pode nos indicar uma tendência de diminuição dos profissionais mais velhos no mercado formal do *fitness*. Esse processo se assemelha a conceito de obsolescência programada²⁶, onde o mercado reduz a “vida útil” do profissional. Trata-se de um envelhecimento profissional produzido pela biopolítica-necropolítica.

O mercado do *fitness*, para lucrar, necessita de um profissional que atenda não apenas exigências técnicas, mas que se apresente como um *outdoor* e contemple as expectativas de valor preconizadas pela sociedade atual, o corpo belo e “saúdável”, que seria também o objeto de consumo, consequentemente descartado quando se apresentar “desgastado” (GUIMARÃES FILHO; MOURA; ANTUNES, 2011; LÜDORF; ORTEGA 2013; ANTUNES; LÜDORF; COELHO FILHO, 2017). Quando lemos este cenário a partir do conceito da necropolítica, podemos inferir que as práticas de saber-poder levam a uma eliminação de corpos indesejáveis no mercado *fitness*, os profissionais acima dos 40 anos de idade. Trata-se de uma colonização na qual os escravos são os “lindos” profissionais.

Assim, as políticas neoliberais baseadas na concorrência ininterrupta (FOUCAULT, 2008; LAVAL, 2020; DARDOT, LAVAL, 2015) são também políticas de morte, o mercado *fitness* altamente competitivo e desigual é marcado pelo risco de desemprego que se converte em um dispositivo de segurança de constante ameaça. Para conter este quadro de crise e garantir a manutenção da ordem social, é necessário instaurar uma política de morte, que neste se apresenta de maneira sedutora como “empreendedorismo”. A ideia de independência e autonomia que o discurso neoliberal de empreendedorismo suscita, segue uma matriz ideológica,

²⁵ A RAIS é um cadastro administrativo instituído pelo Decreto nº 76.900, de 23 de dezembro de 1975, que se constitui em fonte primordial de dados estatísticos para acompanhamento e caracterização do mercado de trabalho formal no Brasil.

²⁶ Dinâmica adotada pela indústria que reduz a vida útil do produto para incentivar a compra de um novo sem que haja um fator negativo que justifique a troca (SLADE, 2007)

meritocrata e individualista, de criação de um autoemprego, como modelo de excelência e superação, alternativa ao desemprego ou estratégia para o aumento de renda. No entanto tem como consequências o aumento da informalidade, insegurança, desregulamentação, fragmentação e negação de direitos, que repercute e acentua a precariedade da vida social.

Isto posto, outro aspecto que é possível observar durante a análise dos dados da RAIS 2019, é que enquanto a remuneração média entre os trabalhadores em geral cresce até o final da carreira, no mercado *fitness*, a partir da faixa etária acima de 40 anos, essa remuneração média tende a diminuição e estagnação. Isso pode estar relacionado ao aumento do trabalho informal ou até mesmo do abandono da profissão como relatado em algumas pesquisas (PRONI, 2010; MENDES; AZEVEDO, 2014; BOTH *et al.*, 2014; FAVATTO; BOTH, 2019).

A EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVESSADA PELA PSICOPOLÍTICA

Para analisar este cenário, o conceito de psicopolítica do filósofo sul coreano Byung-Chul Han, que atualmente leciona filosofia e estudos culturais na Universität der Künste, em Berlim, também contribui para o entendimento da governamentalidade existente no *fitness*.

O autor também retoma a biopolítica de Foucault como conceito central para pensarmos o mundo contemporâneo. O “empreendedor de si mesmo” tem suas relações com os outros e consigo mesmo baseado na concorrência. Esse modelo não é restrito a esfera econômica, mas faz parte de uma construção de uma maneira de ser e de pensar, irradiada para todos os domínios da existência, que tem como uma de suas consequências o deslocamento na noção de trabalho. Esse deslocamento é fundamentado pela teoria do capital humano, que retira do trabalhador sua concepção de mão-de-obra explorada, e o constitui como uma forma de capital.

Segundo Han (2020), Foucault vinculava a biopolítica enquanto forma disciplinar do sistema capitalista ao corporal, ao biológico e ao somático. Contudo, o neoliberalismo se aperfeiçoou e elegeu a *psique* como forma de intervenção privilegiada dos poderes e saberes. Desta forma a psicopolítica neoliberal, nova estratégia de poder, é mais eficiente, pois faz com que o sujeito se submeta voluntariamente às novas lógicas de dominação. Em vez de disciplinar, controlar e vigiar, agora a lógica é seduzir. O controle passa a ser interno e impregnado de *positividade* e não externo e dominado pela *negatividade*. O próprio profissional de Educação Física é seduzido pelas novas possibilidades de empreendedorismo.

A psicopolítica se encarrega então em fazer com que o sujeito se conforme com sua condição atual, trabalhe incessantemente e exerça um investimento sobre si mesmo construindo um novo *ethos* baseado no modelo da empresa.

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites (HAN, 2020, p. 45).

A esta racionalidade neoliberal que faz com que o sujeito se auto explore e se torne o homem da competição e do desempenho, Dardot e Laval (2016) compreendem como um novo dispositivo “desempenho/gozo”. Este dispositivo responde a urgência do momento histórico que vivenciamos. Onde “o empreendedor de si é um ser feito para “ganhar”, ser “bem-sucedido” (p. 353).

Dele exige-se que produza e goze sempre ao máximo. Ainda segundo os autores tal racionalidade “produz efeitos patológicos aos quais ninguém escapa completamente” (p. 361). O discurso do “dê o melhor de si”, “faça mais por si mesmo”, “você consegue”, discurso também apropriado pela autoajuda se naturalizou e a *performance* se tornou uma norma interiorizada. O discurso neoliberal faz o desempenho se transformar em um dever.

Um dos exemplos marcantes que temos na atualidade é o do fenômeno da uberização, uma tendência global, que muitas vezes aparece diretamente relacionada ao discurso do empreendedorismo. Essa nomenclatura não está restrita aos trabalhadores do aplicativo em questão, pois está relacionada a uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho mediado por plataformas digitais, mas não restrito a elas. Nesse sistema, o trabalhador se torna empresário de si mesmo. O que soa como autonomia em poder controlar seu horário de trabalho e salário, é apenas um processo de informalização e flexibilização do trabalho que visa inviabilizar as relações trabalhistas e transferir os custos e riscos ao trabalhador (ABÍLIO, 2020). As consultorias virtuais prestadas pelos profissionais de Educação Física, tão famosas no período de pandemia, são prestações de serviço desvinculadas do conceito histórico-social de trabalho. Não geram nenhum efeito trabalhista ou previdenciário para o profissional. Apenas entrada de fluxo de renda na lógica do empresário de si. Desaparecendo os “clientes”, desaparece a renda e o profissional retorna ao estado de “balanço patrimonial negativo”.

A princípio a sensação de liberdade de ser empresário de si, trabalhar como, onde e quando quiser, pode parecer sedutora, no entanto a racionalidade incutida pela psicopolítica, que faz com que o sujeito se explore até o limite pode trazer

inúmeras implicações psíquicas. Dentre os efeitos patológicos que Dardot e Laval (2016) atribuem a esse neossujeito, provocados pela internalização do modelo empresarial estão, o sofrimento no trabalho, devido a uma competição tão brutal, onde os indivíduos identificam suas falhas no trabalho como fracassos pessoais, vergonha e desvalorização. Além do enfraquecimento da organização coletiva de trabalho, reforçando o isolamento e as incertezas do mundo do trabalho. O diagnóstico do sujeito neoliberal é a depressão, o medo de se tornar ineficaz ou inútil, a perda de sua identidade, o isolamento e a solidão, na busca de uma ilusão imaginária de gozo total e de uma plenitude impossível. O que sobre é a fadiga de si (EHRENBERG, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados fornecidos pela RAIS 2019, foi possível constatar uma diminuição na atividade formal no campo do *fitness*, que pode estar relacionado as características da área, mais especificamente a singularidade dos fatores físico-estéticos. Uma vez que o profissional de Educação Física que atua no *fitness* é afetado diretamente pela lógica do capital, tendo seu corpo utilizado tanto como ferramenta de trabalho (máquina), quanto como objeto de desejo (modelo) para o cliente (consumidor), acaba sendo descartado ao apresentar sinais de envelhecimento, remetendo a uma dinâmica similar a obsolescência programada. Esse mecanismo se pode ser associado a uma necropolítica do *fitness*. No entanto uma outra possibilidade para a diminuição da atividade formal entre os profissionais de Educação Física no campo do *fitness* pode estar relacionada a estagnação na remuneração média nas faixas etárias acima de 40 anos, que pode consequentemente ocasionar a busca por trabalhos informais ou até mesmo o abandono do *fitness*. Neste segundo cenário necro e psicopolítica se anastomosam.

A imagem do empreendedor poderia ser ilustrada como o exemplo do homem-bomba (MBEMBE, 2018), que não usa um uniforme, não exibe nenhuma arma, mas, candidato a mártir, transforma seu corpo em máscara para esconder a arma que será detonada, e ao explodir seu inimigo, acaba explodindo a si mesmo. O neoliberalismo se isenta de todo ônus socioeconômico e o transfere para o próprio indivíduo²⁷. No entanto o mecanismo neoliberal mostra-se um sistema muito eficiente e inteligente, pois explora a liberdade ao invés da disciplina, e controlar alguém contra sua vontade não é eficaz, enquanto a exploração da liberdade gera um rendimento máximo através de um poder invisível (HAN, 2020).

²⁷ Vale ressaltar para o leitor, que uma das características da uberização atual é o tomador de serviços não se considerar “empregador” e o trabalhador não se considerar “empregado”. Todos se reconhecem como agentes econômicos, submetidos a lógica da concorrência, competindo no mercado de trabalho para gerar renda. O sistema econômico apresenta-se meramente como um intermediário para que o empresário de si possa obter renda.

A questão que fica é como escapar do necropoder, onde as “fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem”? (MBEMBE, 2018, p. 71). Como resistir a própria morte? E como escapar da sujeição à governabilidade neoliberal?

Segundo Han (2020) o que arrancaria o sujeito da sujeição seria a experiência. “Ela se contrapõe à psicopolítica neoliberal da vivência ou da emoção, que envolve o sujeito de maneira ainda mais profunda em sua subjugação” (HAN, 2020, p. 106). Para o autor a arte de viver seria uma oposição ao poder desta forma de subjetivação.

A própria prática profissional no mercado do *fitness* pode se apresentar como uma forma de despsicologização. É a soma das experiências de perda que podem permitir ao trabalhador se libertar das formas de vida colonizadoras e geradoras de morte.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time. In: ANTUNES, R. (Org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG, 2010

ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, R. (Org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R.; FILGUEIRAS, V. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação do capitalismo contemporâneo, **Contracampo**, Niterói, v. 39, n.1, p. 27-43, 2020.

ANTUNES, M. F. C.; LÜDORF, S. M. A.; COELHO FILHO, C. A. A. O trabalho do profissional de educação física com ginástica coletiva em academia. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 212-236, jan./abr. 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452**, de 1º de maio de 1943. Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 17 set. 2022.

_____. **Emenda Constitucional nº 103**. Brasília: DF, 2 de novembro de 2019. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em: 17 set. 2022.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro, IBGE, v. 28, 2007.

_____. **Lei nº 13.467**. Brasília, DF, 13 de julho de 2017. Reforma Trabalhista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 17 set. 2022.

_____. Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília-DF, Ministério do Trabalho e Emprego, 2019.

- BOTH, J. *et al.* Bem-estar do trabalhador docente de educação física da região sul do Brasil de acordo com os ciclos vitais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 77-93, 2014.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. Uma alternativa ao neoliberalismo. Entrevistados por Daniel Pereira Andrade e Nilton Ken Ota. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 275-316, 2015.
- EHRENBERG, A. **La Fatigue d'être exceptionnel**. Carnets de Santé, n. 5010, 20 mar. 2006.
- FAVATTO, N. C.; BOTH, J. Motivos para abandono e permanência na carreira docente em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 127-134, 2019.
- FONSECA, V. P. Prefácio in: KREIN, J. D. *et al.* (Org) **Reforma trabalhista no Brasil**: promessas e realidade. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2019.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 3ª ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão. 20ª ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUIMARÃES FILHO, J. C. de M.; MOURA, D. L.; ANTUNES, M. M. **Quando a beleza põe mesa**: uma análise das condições de trabalho do profissional de educação física em mega-academias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 23, n. 36, p. 197-213, jun., 2011.
- HAN, B. C. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. 7ª ed. Belo Horizonte, Editora Áyiné, 2020.
- LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Elefante, 2020.
- LÜDORF, S.M.A.; ORTEGA, F.J.G. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v.17, n.46, p.661-675, jul./set. 2013..
- LUZ, M.T. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MATTOS, R.S. **Sobrevivendo ao estigma da gordura**. São Paulo: Vetor, 2012.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1, 2018.
- MENDES, A. D.; AZEVÊDO, P. H. O trabalho e a saúde do educador físico em academias: uma contradição no cerne da profissão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, V. 28, n. 4, p. 599-615, 2014.
- PRONI, M.W. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.788-798, jul./set. 2010.
- SABINO, C. **Drogas de Apolo**: uso ritual de esteroides anabolizantes em academias de fisiculturismo – notas de uma política do corpo. Curitiba: Appris, 2020.
- SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abril-junho, 2012..
- SLADE, G. **Made to break**: Technology and obsolescence in America. Cambridge, USA: Harverd University Press, 2007.

PERSONAL TRAINERS DE MUSCULAÇÃO: NOTAS SOBRE PERFIL, ATUAÇÃO E USO DE *MARKETING* PESSOAL EM UMA CIDADE NO SUL DO BRASIL

Symom Couto Hoffmann²⁸
Gustavo da Silva Freitas²⁹

INTRODUÇÃO

No Brasil, é crescente o número de pessoas aderindo às atividades físicas, sobretudo no tempo livre, aumentando o índice de práticas constantes e padronizadas. Indicadores estimam que entre 2009 e 2019, a parcela populacional de brasileiros considerados ativos fisicamente pela adesão a práticas de intensidade leve, moderada ou vigorosa no tempo do lazer saltou de 14,7% para 39% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013; 2020). Isso se deve muito à proliferação das informações sobre os efeitos da inatividade física, havendo uma maior procura e, consequentemente, a oferta de diferentes modalidades de atividades físicas para diferentes grupos, tendo em vista os objetivos de cada um (FRAGA, 2006).

A popularização do chamado mercado *fitness* também é uma condição implicada nesse crescimento. Isto porque, segundo Bastos *et al.* (2013, p.486), há uma naturalização e disseminação de uma preocupação obsessiva com os hábitos e comportamentos voltados ao binômio saúde e estética, cuja racionalidade endereça a “adaptação a um modelo estético/moral” manifestada no compromisso com os exercícios físicos, as dietas alimentares, as alterações corporais via intervenções, o consumo de produtos e o biologicismo da existência.

A expansão das academias de ginástica é outro fator significativo a considerar. Dados da Associação Brasileira de Academias mostram que o país possuía mais de 33 mil unidades em 2019, ocupando o segundo lugar mundial em estabelecimentos deste tipo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (ACAD, 2019). Acontece que toda essa expansão trouxe consigo o alargamento de um campo de atuação profissional que se especializou na prescrição e acompanhamento de treinamentos individuais: o chamado *personal trainer*.

Este profissional também é conhecido como instrutor (NETO *et al.*, 2013); professor (LIZ; ANDRADE, 2016; CASTRO *et al.*, 2010); profissionais (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003); treinador; entre outras terminologias, mas

²⁸ Licenciado em Educação Física (FURG). CV: <http://lattes.cnpq.br/4806719401025485>

²⁹ Doutor em Educação em Ciências (FURG). Docente (FURG). CV: <http://lattes.cnpq.br/8558870632235150>

nem todas elas significam que se tenha uma formação de nível superior em Educação Física. Nesse sentido, adotaremos o termo *personal trainer* (ou apenas *personal*) por entendermos que faz mais sentido no cotidiano para designar aqueles que trabalham com a prescrição de um treinamento individual com musculação nas academias de ginástica, modalidade esta, cujo protagonismo nos espaços de malhação não é incomum. Ela, inclusive, aparece regularmente como a segunda mais praticada na última década segundo os relatórios do Vigitel, passando de 6,55% para 15,03% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013; 2020).

Diante disso é crucial que conheçamos cada vez mais quem é o sujeito que vem ocupando esse espaço, ainda mais quando estudos apontam que sua atuação pode desempenhar um papel preponderante na adesão e permanência à prática de atividades físicas (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003; CASTRO *et al.*, 2010) ou, de modo inverso, motivar o abandono ou mesmo o não retorno a elas (LIZ; ANDRADE, 2016; NETO *et al.*, 2013)³⁰. Portanto, o presente texto traz apontamentos de um estudo que teve por objetivo conhecer o perfil, características da atuação e uso do *marketing* pessoal entre sujeitos que atuam como *personal trainers* junto à musculação em academias de ginástica na cidade do Rio Grande/RS, extremo sul do Brasil.

Pode-se dizer que o *personal* atua como um professor particular que deve agir de maneira eficiente, segura, profissional e, sobretudo, ter nas suas ações um embasamento científico para otimizar os resultados de seus clientes de acordo com suas individualidades, condicionamento físico e objetivos (GOMES; CARMINHA, 2014; SANTOS; NASCIMENTO, 2018). Assim, o *personal* é considerado um vendedor, seu aluno é um cliente e seu corpo é sua empresa; onde este precisa, através de sua atuação, gerenciar-se e vender a si próprio, consolidando sua imagem frente ao mercado (BOSSLE, 2009).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo se desenvolveu na combinação de uma proposta quali-quantitativa (MINAYO e SANCHES, 1993) de caráter descritivo, utilizando um questionário misto de perguntas abertas e fechadas como ferramenta para a produção dos dados. O questionário foi aplicado individualmente em modo *on-line* utilizando a ferramenta de formulários do *Google Docs*. O *link* de acesso ao formulário foi enviado via e-mail e/ou número de telefone (*whatsapp*) aos participantes, visando otimizar o preenchimento e retorno das respostas. Este formato respeitou as recomendações

³⁰ É importante ressaltar que a terminologia utilizada pelos estudos citados não foi *personal trainer*; pois os sujeitos de suas amostras atuavam como instrutores; professores, ou profissionais de Educação Física; e não necessariamente com a prescrição de treinamento individual e personalizado (*personal trainer*).

de distanciamento social proferidas pelas autoridades sanitárias em nível mundial devido ao estado de calamidade pública provocado pela pandemia do COVID-19³¹.

O questionário foi estruturado de forma que, em seu cabeçalho, já fosse exposto o termo de autorização para que o participante consentisse o uso de suas respostas preservando o anonimato. Na sequência, foram relacionadas 24 perguntas divididas em três blocos: dados sociodemográficos (idade, sexo, estado civil, etc.); formação inicial e continuada (curso; instituição; ano de conclusão, etc.); atuação profissional (locais, renda salarial, estratégias de *marketing*, etc.).

O público-alvo da pesquisa foi composto por *personal trainers* de ambos os sexos que atuaram exclusivamente com musculação durante o ano de 2020 em quaisquer academias de ginástica da cidade do Rio Grande, com ou sem formação inicial em Educação Física – Licenciatura ou Bacharelado.

Para não causar confusão quanto à atuação e denominação, consideramos todos os sujeitos do estudo como *personais*, pois atuam como um professor particular junto à prática de musculação. São treinadores personalizados e, assim, recebem seus vencimentos dos seus clientes. Além dessa atuação particular junto aos seus clientes/alunos, alguns também trabalham como instrutores ou professores de musculação dentro das academias de ginástica nas quais são empregados. Dessa forma, também recebem vencimentos dos proprietários das academias, que são seus empregadores. Ou seja, alguns atuam profissionalmente de duas maneiras: são instrutores/professores de musculação nas academias que os contrataram, mas também são *personal trainer* fora desse expediente de serviço.

Dos 32 contatados, 13 responderam o questionário. Esse número de contatos se origina por uma amostra constituída por conveniência. Os contatos com os sujeitos aconteceram de duas maneiras: de forma direta, através de mensagem via rede social (*Instagram*) ou número de telefone (*whatsapp*); e também por intermédio dos próprios participantes da pesquisa, que indicavam outro(a) profissional que se encaixasse nos critérios estabelecidos. A perda de 19 participantes no estudo ocorreu pela não obtenção de retorno após três contatos solicitando o preenchimento do formulário³².

³¹ A pandemia do COVID-19 foi assim declarada pela OMS em março de 2020. Em escala mundial trouxe enormes consequências tais como crise econômica; fechamento de fronteiras nacionais; suspensão das atividades escolares; etc; e desencadeou um conjunto de medidas para enfrentamento, tais como distanciamento social, uso de máscaras, e instauração de *lockdowns*. Em âmbito municipal, duas medidas de enfrentamento ao vírus influenciaram as atividades das academias de ginástica: o estado de emergência pública e o *lockdown* municipal (19/03/2020), parando as atividades profissionais nestes espaços; e a inclusão, via lei municipal, das atividades dos profissionais de Educação Física como serviços essenciais (11/08/2020).

³² Creditamos tal perda às condições de vida em 2020 afetadas pela expansão da Covid-19. Ainda que os meios digitais fossem amplamente utilizados para relações sociais e de trabalho na medida em que se cumpria o distanciamento social, infere-se que a saúde mental e o aspecto motivacional estavam abalados a ponto de optar por não participar de uma pesquisa científica.

Para o processo de análise, as perguntas fechadas receberam tratamento estatístico, com tabulação das informações e posterior interpretação. Já as perguntas abertas foram submetidas à Análise de Conteúdo que, nas palavras de Oliveira *et al.* (2003), se resume em “um conjunto de técnicas de exploração de documentos, que procura identificar os principais conceitos ou os principais temas abordados em um determinado texto” (p. 5), categorizá-los e a partir daí, fazer inferências lógicas e justificadas. Conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mantivemos o anonimato dos sujeitos respondentes, identificando-os por números, sexo e idade (Ex: Sujeito 1, Homem, 24 anos).

A apresentação e análise dos dados estão divididas em duas partes. A primeira refere-se aos dados quantitativos, ou seja, contém informações que permeiam o campo sócio-demográfico; a formação acadêmica dos sujeitos; bem como questões que envolvem a atuação na área profissional. Já a segunda aborda os dados qualitativos contendo informações relacionadas à características de atuação e uso do *marketing* pessoal.

APONTAMENTOS ANALÍTICOS SOBRE PERFIL, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E USO DE *MARKETING* PESSOAL

A faixa etária da amostra atingida variou dos 23 aos 46 anos, não havendo uma grande concentração etária, pois cinco sujeitos estavam na faixa dos 20 aos 29; seis na faixa dos 30 aos 39; e dois entre os 40 e 46. Houve a predominância do sexo masculino (9) em relação ao feminino (4), corroborando com estudos feitos com público semelhante (LEAL *et al.*, 2011; SILVA, SANTOS e ARAÚJO, 2016).

No quesito formação acadêmica, chamou atenção o número significativo dos que ainda não concluíram a graduação. Quase metade (6) da amostra ainda estava cursando Educação Física, quatro possuíam graduação em bacharelado e três em licenciatura. A significativa atuação de sujeitos ainda não graduados mostra, aparentemente, uma certa preferência por parte de empregadores locais em contratar estagiários para ofertar o serviço. Isso nos leva a deduzir que, aparentemente, ser formado em Educação Física não é um dos motivos que importam a um praticante de musculação na hora de escolher um *personal trainer*. Essa inferência vai ao encontro de Almeida e Sartori (2014) que, ao perguntarem para trinta praticantes de musculação da cidade de Porto Alegre-RS o que levariam em consideração na contratação de um *personal trainer*, vinte e cinco terem respondido o conhecimento tanto teórico como prático, e não especificamente ter uma graduação em Educação Física, muito menos ter alguma especialização na área.

Ou seja, um estagiário em Educação Física e um atleta de fisiculturismo estariam aparentemente encaixados nesse perfil, cada um com seu grau de conhecimento técnico. Poderíamos também correlacionar com a ideia de que uma pessoa ainda não formada é provavelmente um sujeito com idade menos avançada, o que ajudaria a ter um corpo que se encaixasse no padrão estabelecido socialmente para a figura de um *personal trainer*, onde por vezes é a estética que se sobrepõe (TASCIN; SERVIDONI, 2005).

Por outro lado, o estudo de Anversa e Oliveira (2011) mostra que gestores de clínicas e academias de ginástica da cidade de Maringá-PR demonstraram preferência por contratar sujeitos com lastro acadêmico. Os gestores ressaltaram que “antes de se contratar um *personal trainer*, deve-se certificar de que este profissional tenha sua formação universitária em Educação Física concluída e, de preferência, o título de especialista na área” (ANVERSA; OLIVEIRA, 2011, p. 10).

Precisamos lembrar ainda que não possuir formação acadêmica específica na área não impede que se exerça a função de *personal* de forma regular desde que registrado nos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física (CONFEF/CREF). Antes da regulamentação da profissão, ocorrida em 1998, graduados e não graduados em Educação Física podiam atuar como *personal*. Aos que não detinham formação acadêmica, bastava demonstrar experiência com determinada prática para serem considerados aptos perante às academias e ao público consumidor para trabalhar. Na visão do CONFEF, atualmente, somente graduados no Bacharelado em Educação Física ou os profissionais provisionados, registrados no próprio conselho, é quem são plenamente habilitados para o exercício deste trabalho.

Outro dado que chama atenção refere-se à instituição onde os sujeitos cursaram ou estavam cursando Educação Física. Dos treze entrevistados, onze vinculavam-se à formação por ensino à distância (EaD) em faculdades privadas; com apenas dois deles ingressando em cursos presenciais na universidade pública. A prevalência por uma formação de caráter não presencial parece ser uma realidade diante de um cenário de avanço do setor privado no ensino superior, o que já fora apontado pelo Censo da Educação Superior de 2019 ao relatar que a cada 4 estudantes de graduação no país, 3 frequentam estabelecimentos privados. Fiuza e Sarriera (2013), ao tentarem identificar os motivos para adesão e permanência dos estudantes no ensino à distância, estes apontam a identificação e afinidade com o curso escolhido (13,12%), seguido pela flexibilidade (12,60%) proporcionada pelo formato. A questão financeira não está entre as maiores justificativas, chegando apenas a 1,97%, ou seja, ela é um dos fatores intervenientes, não a condição para tal. A possibilidade de estudar a qualquer tempo e lugar, o

gosto por determinada área e a não necessidade de deslocamento até a instituição igualmente pesam nesse contexto.

No que se refere à busca por aperfeiçoamento profissional na área da musculação, somente dois dos entrevistados disseram possuir especialização, o que converge com Rosa e Zago (2010), bem como Leal *et al.* (2011), em que se constatou que apenas 52,94% e 47,06% dos profissionais, respectivamente, possuíam especialização na área da musculação.

Em termos de exercício profissional, dos 13 respondentes, oito disseram atuar exclusivamente como *personal trainer* de musculação desde o primeiro momento que começaram a trabalhar na área. O tempo médio de atuação encontrado no estudo foi de 4,6 anos. Apenas um participante disse atuar há menos de um ano e, em contrapartida, dez afirmaram ter, no mínimo, três anos de experiência. A maioria (11) trabalha em até duas academias. Antes de trabalharem com a musculação todos os sujeitos foram praticantes da modalidade. Nisso, observamos um intervalo que vai de 2 a 27 anos como praticantes evidenciando uma potente ligação com os saberes advindos da experiência prévia com a modalidade³³. Por outro lado, tal amplitude temporal sugere que não há um padrão na transição que acontece de praticante a profissional.

Quando perguntados sobre os meios mais utilizados para atualização dos conhecimentos necessários à prática profissional, houve unanimidade no apontamento das produções científicas e cursos de curta duração. Além disso, 9 responderam também utilizar o *Youtube*, evidenciando a usabilidade dessa plataforma como fonte de acesso instantâneo a informações específicas ao campo de atuação dentre aqueles que circulam no segmento *fitness*, tal como os *personal trainers*. Além disso, 4 dos 13 participantes enxergam na troca de experiências diárias com colegas de trabalho um momento igualmente favorável para assimilar novos conhecimentos. Tais aspectos já haviam sido sinalizados por Silva, Santos e Araújo (2016), em que afora as publicações científicas como fonte primária (91%), os sujeitos pesquisados naquele estudo afirmaram achar valiosa a interação entre os profissionais para qualificação dos saberes.

Quanto à renda mensal recebida por cada participante, pode-se afirmar que a exclusividade no local de trabalho não impactou em um valor mais baixo. Pelo contrário, 4 dos 7 sujeitos que atuavam em apenas uma academia disseram ter renda mensal acima de R\$ 3 mil³⁴. Na outra ponta, outras 4 indicaram receber

³³ Em detalhe, 7 sujeitos tinham de 1 a 9 anos de prática de musculação; 5 sujeitos tinham entre 10 e 19 e apenas 1 sujeito tinha mais de 20 anos como praticante.

³⁴ Dos 4 apenas uma era mulher. Pela excepcionalidade levantamos outras informações que caracterizam a participante, dentre elas: possui graduação (bacharelado); a concluiu em 2012; atua como *personal trainer* em musculação há 8 anos, e em apenas uma academia; e não possui qualquer especialização na área da musculação.

entre R\$ 1 mil e R\$ 1,5 mil. Algo perceptível na construção desse cenário é a forma como os sujeitos lidam com o desenvolvimento do *marketing* pessoal, algo, segundo eles, com efeito na faixa salarial e na visibilidade do serviço prestado.

Assim, ao serem indagados como enxergavam o uso do *marketing* pessoal, notamos que não há nenhuma desconfiança por parte dos respondentes sobre a sua validade na atuação profissional. Isto é visível quando afirmam ser “uma ferramenta muito útil para a divulgação do trabalho” (Sujeito 3, Homem, 38 anos); ou, algo como “Essencial! O meio mais rápido e eficiente para alcançar as pessoas, divulgar o trabalho e dividir conhecimento” (Sujeito 6, Homem, 23 anos). Parte do grupo associou esse *marketing*, prioritariamente, à noção de carreira profissional; e outro, preferencialmente, às preocupações com a imagem corporal.

Sobre a primeira argumentação – carreira profissional –, versou-se sobre aspectos de auto-promoção, valorização profissional, mudança de *status* e credibilidade. Somos levados a inferir que estes aspectos auxiliam não só na inserção, mas, sobretudo, na consolidação da figura do *personal trainer* em um mercado de trabalho hipertrofiado. Podemos fazer essa correlação, tendo em vista posicionamentos que delegam ao *marketing* ser: “uma ferramenta capaz de transformar uma carreira comum em carreira de sucesso” (Sujeito 10, Homem, 41 anos). O *marketing*, assim, auxilia a figura do *personal trainer* a diferenciar-se no mercado de trabalho, disponibilizar novas ofertas de atendimento, captar novos clientes e estar mais perto do sucesso na carreira ao criar uma marca pessoal agregando credibilidade à sua atuação (SILVA e OLIVEIRA, 2017).

Já a argumentação que relaciona *marketing* à imagem corporal enfatiza um tipo de preocupação dos sujeitos que é com o produto a ser divulgado, reivindicando as redes sociais como plataformas fundamentais para tal. Une-se a isto, um trabalho cuja natureza, segundo eles, é muito ligada à aparência, chamando atenção para o caráter estético tanto do próprio corpo quanto de seus clientes como forma de propaganda. Um dos participantes diz “a profissão e o *marketing* estão totalmente relacionados hoje, por ser um trabalho também muito visual, onde pessoas se inspiram nos nossos resultados ou de alunos e acabam nos procurando” (Sujeito 2, Homem, 23 anos). As redes sociais, assim, assumem um papel fundamental quando o objetivo do *personal* é otimizar a publicidade de seus serviços e de sua própria imagem.

Com a ampla concorrência que o mercado vem apresentando, as ferramentas de *marketing* são fundamentais para a divulgação do trabalho. Tornar a proposta do trabalho do *personal trainer* compreensível, visível de resultados e acessível aos mais diferentes grupos de

pessoas, expande, credibiliza e comercializa o trabalho do profissional (Sujeito 13, Mulher, 31 anos).

Esse *marketing* pessoal é uma ramificação do campo do *marketing* e surge como um braço auxiliar para se perseguir o sucesso profissional, haja vista que trata dos cuidados com a imagem corporal (TASCIN e SERVIDONI, 2005). As ações podem contribuir para a fidelização dos clientes e, consequentemente, a adesão de novos, desde que este profissional tenha em mente a importância da estratégia de divulgação de seus conhecimentos (MARTINS *et al.*, 2013).

Cabe frisar, no entanto, que dentro das estratégias de divulgação também deve se levar em conta quais os meios de comunicação que o *personal trainer* pode abordar, para alcançar com maior efetividade o público-alvo (SILVA e OLIVEIRA, 2017). Nisso, percebemos que alguns participantes citam ferramentas *online* e outras *offline* como meios de comunicarem seus trabalhos.

Como percebido em excertos anteriores, as ‘ferramentas *online*’, representadas principalmente pelas mídias sociais, configuram-se como táticas encontradas pela maioria para atingirem a divulgação dos seus serviços. Para além de menções mais generalistas às “redes sociais” e à “*internet*”, houve a indicação recorrente de um aplicativo em específico como de uso estratégico: o Instagram.

É inegável que as mídias sociais fazem parte do nosso cotidiano, lançadas mão em contextos de entretenimento, trabalho ou acesso de informações. São sistemas que possibilitam aos usuários a intensa interação digital e, por isso, compreendemos o porquê do *personal* investir nelas. Como diz Spacov (2016, p. 40):

Nesse quesito vale o *Personal Trainer* conhecer seu público e focar nos locais onde irá trabalhar sua marca e posicionar-se melhor no mercado. Portanto, o *Personal Trainer* deve usar as ferramentas que as mídias sociais oportunizam para aumentar sua exposição no mercado, isso porque o número de usuário continua aumentando, o que credencia o uso dessas para consolidar sua marca e espaço no mercado.

Fica evidente que vender-se a si próprio e seus serviços requer esta exposição midiática. Como diria Bauman (2008, p. 13) sobre as configurações do consumo num mundo cada vez mais “on”, os *personais trainers* seriam “simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores”.

No entanto, percebe-se que o *marketing* não é exclusivamente dependente dessa estratégia, pois também há ‘ferramentas *offline*’ entendidas como meios de ação direta entre as pessoas de forma presencial. Analisando as respostas dos participantes, a chamada divulgação ‘boca a boca’ é a que mais representa essa categoria, que, por vezes, apareceu mesclada à estratégia anterior. Este tipo de comunicação

verbal acontece por intermédio de diferentes agentes, não limitando-se ao *personal trainer* como o único emissor. É atribuído também à figura do cliente, um papel de protagonista neste cenário de visibilidade, tal como demonstra Dos Santos (2019), em que 90% dos *personal trainers* pesquisados utilizavam seus próprios alunos como meios de propaganda, sendo que 56% a faziam em seu próprio local de trabalho.

Em nosso estudo, por exemplo, um dos sujeitos revela que a participação ativa do aluno na divulgação do serviço é parte de um plano estratégico em várias frentes:

Atualmente minha divulgação se dá pela própria interação dos alunos pelas academias que dei aulas. Apesar de ter um alcance pequeno, essa divulgação de fato está sendo bem positiva. Agora com o CREF [Conselho Regional de Educação Física] em mãos, vou de fato trabalhar mais profundamente em *marketing* pessoal através de redes sociais, divulgando meu trabalho, dando dicas de treinamento, ensinando exercícios, apresentando resultados já obtidos. Fora questões materiais como camiseta e folder. Além da criação de uma marca e logotipo (Sujeito 9, Homem, 30 anos).

A satisfação demonstrada pelos alunos através de eventuais ganhos corporais, seja em rendimento físico ou estético, torna-se matéria a ser explorada pelo *personal*. Ao evidenciarem o êxito na obtenção dos objetivos pretendidos, os alunos acabam propagandeando gratuitamente o serviço utilizado.

Antes de atuar como *personal trainer* atuava também como professora de musculação na academia, e isso fez com que os alunos admirassem meu trabalho e me procurassem para o trabalho de *personal trainer*. Hoje tenho meu próprio espaço para atendimento de *personal trainer*, faço propaganda através das redes sociais, e também os próprios alunos me promovem para outros me proporcionando mais alunos (Sujeito 8, Mulher, 28 anos).

Mesmo reconhecendo os limites de abrangência de uma comunicação ‘boca a boca’ em comparação às que acontecem via mídias sociais, chegamos à compreensão que uma teia publicitária que consolide o *personal trainer* no mercado só terá potencial de atingir um número maior de pessoas, a partir do momento em que passar a ser construída coletivamente (DOMINGUES, 2006).

Em termos de características de atuação, os entrevistados deram enfoque às diferentes dificuldades encontradas para desenvolverem seus trabalhos, as quais categorizamos em: “dificuldades experienciais”; “dificuldades remuneratórias”; e as “dificuldades pela concorrência”.

Sobre esta última, os sujeitos teceram críticas tanto aos colegas de profissão não formados (estagiários), quanto aqueles que atuam sem qualquer vínculo junto ao CREF (provisionados) quando analisam a competitividade do mercado:

Pouco tempo para muito trabalho. Exigência grande por parte dos alunos e pouca regulamentação a respeito. Também, pessoas não formadas atuando na área, infelizmente; e o marketing do físico “bom-bado” de alguns pseudo trabalhadores da área, prejudicam a atuação da grande maioria dos profissionais (Sujeito 10, Homem, 41 anos).

Além da alta competitividade, o tempo de atuação é outra variável fundamental para uma melhor colocação no mercado de trabalho e destaque profissional entre os pares. Surge com isso, a segunda categoria que criamos, a qual versa sobre as “dificuldades experienciais”, confirmada por declarações como a segue sobre adversidade na atuação como *personal*: “reter um público que até então não me conhecia. Por recém ter chegado nessa área, o reconhecimento e a visibilidade são coisas que requerem um pouco mais de tempo de atuação” (Sujeito 1, Homem, 24 anos). Já outro, atenta para o fato de que “Tem que ser paciente, leva um bom tempo (anos) até se fidelizar bons alunos e ser um *personal* bem sucedido financeiramente” (Sujeito 7, Homem, 32 anos).

E é aí que surge a terceira dificuldade, a de cunho remuneratório. Tendo sido a mais frequente quando comparada às anteriores, convergindo com os achados de D’Ávila *et al.* (2010), estas dificuldades revelam que a demanda de trabalho aumentou, mas não foi acompanhada pela valorização salarial:

Vou expor minhas percepções no que tange a realidade da nossa cidade, Rio Grande [...], nossa cidade teve um crescimento considerável de academias, e cada uma com sua estrutura e métodos, outras sem se quer estrutura e muito menos métodos. Além disso, há uma desvalorização do profissional, desde a questão salarial como também desvio de função (Sujeito 9, Homem, 30 anos).

Parte dessa desvalorização profissional é atribuída a determinadas ações de proprietários de academias que contratam a partir de vínculos informais de trabalho. Isso causa insegurança financeira ao campo de atuação pela exploração de mão-de-obra estagiária, “sendo que estes desempenham as mesmas funções de profissionais já formados e tem sua remuneração inferiorizada” (Sujeito 13, Mulher 31 anos). Além disso, a outra parte da desvalorização acontece via o público praticante de musculação. Os respondentes notam que não existe: “o interesse do aluno com o investimento para o próprio corpo. São poucos os que querem pagar a hora com o *personal trainer*” (Sujeito 6, Homem, 23 anos); por acharem de alto custo.

Encaminhando o panorama final desse estudo, diante das informações colhidas, concluímos que não é possível estabelecer uma unidade que configure o perfil de *personal trainers* que atuam com musculação na cidade do Rio Grande/RS. A multiplicidade de perfis não impediu que tenhamos encontrado algumas convergências pontuais, tal como a importância do uso do *marketing* pessoal e das mídias sociais, principalmente o *instagram*, como forma de potencializar a visibilidade e a autopromoção no meio profissional; bem como o sentimento de desvalorização profissional provocado por empregadores e público praticante.

Quanto às diferenças entre os sujeitos da pesquisa, destacam-se as dificuldades advindas do curto tempo de experiência profissional impede maior exposição no mercado de trabalho e aderência da clientela; até reclamações sobre concorrência desenfreada, inclusive com profissionais que passam ao largo de qualquer processo regulamentário.

REFERÊNCIAS

- ACAD. **Mercado mundial do fitness**: principais *players* e mudanças no *top ten*. Associação Brasileira de Academias. 2019. Disponível em: <https://www.acadbrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/03/edicao-82.pdf>.
- ALMEIDA, F. D.; SARTORI, R. F. Motivos que levariam praticantes de musculação a aderirem pelo mesmo exercício individualizado com acompanhamento do personal trainer. **Revista Digital EFDeportes.com**, Nº 194, 2014.
- ANVERSA, A. L. B.; de OLIVEIRA, A. A. B. *Personal Trainer*: competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, 2011.
- BASTOS, W. *et al.* Epidemia de fitness. **Saúde e Sociedade, São Paulo**, v.22, n.2, p.485-496, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOSSLE, Cibele. **“Personal trainer & Cia”: noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado**. 2009. 92. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BRASIL. **Censo da educação superior mostra aumento de matrículas no ensino a distância**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/censo-da-educacao-superior-mostra-aumento-de-matriculas-no-ensino-a-distancia>.
- BRASIL. ABED. CENSO EAD.BR. **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil**. 2018. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_DIGITAL_EAD_2018_PORTUGUES.pdf
- CASTRO, M. S. *et al.* Motivos de permanência dos praticantes nos programas de exercícios físicos oferecidos pelo Serviço Social do Comércio - Brasil. **Revista Motricidade, Vila Real** v.6, n.4, p. 23-33, 2010.
- D'ÁVILA, T. O. *et al.* Formação e intervenção do personal trainer em academias de Florianópolis. **Revista Digital EF Deports**, nº 141, 2010.
- DOMINGUES FILHO, L. A. **O manual do personal trainer brasileiro**. 5 ed. São Paulo: Ícone, 2006.
- DOS SANTOS, C. M. **Perfil da gestão de negócio do Personal Trainer em estúdios de Curitiba/PR**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) - Educação Física, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFP, Curitiba, 2019.

- FRAGA, A. Branco. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. São Paulo, SP: Autores Associados, 2006.
- FIUZA, P. J.; SARRIERA, J. C. Motivos para Adesão e Permanência Discente na Educação Superior a Distância. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília v.33, n.4, p. 884-901, 2013.
- GOMES, I. S.; CAMINHA, I. D. Um olhar sobre a formação e atuação profissional no Brasil: o caso dos personal trainers. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p.560-577, 2014.
- LEAL, P. H. S. *et al.* Perfil profissional de personal trainers que atuam na área de musculação na cidade de Gurupi-TO. **Revista Cereus**, n.5, 2011.
- LIZ, C. M.; ANDRADE, A. Análise qualitativa dos motivos de adesão e desistência da musculação em academias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.3, n.38, p. 267-274, 2016.
- MARTINS, L. C. V. *et al.* Personal trainers e seu marketing: Venda da imagem. In: **V Seminário de Pesquisa e TCC da FUG**, p.164-191, Goiás, 2013.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno Saúde Pública**, v.9, n.3, p. 239-262, 1993.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE**. Vigitel Brasil 2020: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE**. Vigitel Brasil 2009: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- NETO, J. B. *et al.* Motivos do abandono de academias de ginástica por universitários com sobrepeso ou obesidade. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília v.3, n.21, p. 96-104, 2013.
- OLIVEIRA, E. *et al.* Análise de Conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.
- ROSA, L. C.; ZAGO, E. **Perfil profissional do personal trainer na cidade de Videira-SC**. 2010. 13. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SANTOS, P. V.; NASCIMENTO, O. V. O Personal Trainer: Estratégias de Marketing para Retenção de Clientes. **Revista Campo do Saber**, v.4, n.2, p.16-31, 2018.
- SILVA, J. S.; OLIVEIRA, L. O personal trainer e sua qualificação profissional. **Revista Campo do Saber**, Cabelado v.3, n.2, p.114-128, 2017.
- SILVA, F. I. C.; SANTOS, A. M. L.; ARAÚJO, D. M. E. Perfil profissional do personal trainer atuante em academias de Teresina-PI. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v.10, n.61, p.634-644, 2016.
- SPACOV, Y. **O personal trainer: uso de estratégias de marketing na atividade profissional**. 2016. 79. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração - Gestão do Esporte) - Escola de Administração, da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2016.
- TAHARA, A. K; SCHWARTZ, G. M; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília v.11, n.4, p. 7-12, 2003.
- TASCIN, J. C.; SERVIDONI, R. Marketing pessoal: uma ferramenta para o sucesso. **Revista Científica Eletrônica de Administração**, v.5, n.9, 2005.

COMPREENSÕES SOBRE CORPO E ESTÉTICA: A VISÃO DE PROFESSORES/PROFISSIONAIS DE ACADEMIA DE GINÁSTICA EM UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

Tadeu João Ribeiro Baptista³⁵

Augusto César Vilela Gama³⁶

INTRODUÇÃO

As compreensões de corpo e estética são elementos fundamentais para se discutir face à relação entre professores/profissionais³⁷ de Educação Física que atuam em academias de ginástica e seus alunos. Afinal, existe aqui uma série de compreensões que passam pelo senso comum que direcionam o modo como estes dois atores compreendem o que se deseja do ponto de vista dos processos de treinamento. Ademais, existem estudos que apontam para o fato de que um grande número de alunos de academias tem como objetivo a melhoria da estética corporal em diversos aspectos como reduzir o percentual de gordura, aumentar o percentual de massa corporal, dentre outros (BAPTISTA, 2001; GAMA, 2019; ROSA JUNIOR *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2021; VIANA; LEAL; BAPTISTA, 2021).

A maneira como o corpo e a estética são pensados não estão presentes apenas na mente dos alunos de academias, mas também são demonstrados em estudos que analisam essas compreensões, com destaque para o estudo de Gama (2019) ao verificar que apenas um pequeno percentual de estudantes tem uma compreensão fora do senso comum do que seja o corpo e, principalmente, a estética, tanto entre calouros como formandos do curso de bacharelado em Educação Física.

Estas reflexões iniciais são importantes por se considerar que ao se debater as contribuições do professor/profissional que atua em academias de ginástica, tem-se como pressuposto a necessidade de uma formação ampla, de que a sua

³⁵ Pós-doutor em Educação (UNICAMP). Doutor em Educação (UFG). Professor (UFRN).
CV: <http://lattes.cnpq.br/9002864045147738>

³⁶ Doutorando em Educação Física (UnB). Bolsista da CAPES. CV: <http://lattes.cnpq.br/5978267199434260>

³⁷ Neste texto adotaremos o termo professor/profissional porque o sistema CONFEF/CREF entende que os graduados em educação física que atuam em academias de ginástica e são filiados aos conselhos devem ser denominados profissionais. Contudo, entendemos que a essência profissional de um graduado em educação física é a docência em qualquer espaço de intervenção, o que justifica em nossa compreensão o uso do termo professor. Como o foco deste texto não é discutir as diferenças e fazer análises aprofundadas sobre o tema, resolvemos utilizar a expressão professor/profissional.

intervenção não esteja restrita aos processos de prescrição do treinamento, como também, que estes professores/profissionais entendam elementos relacionados aos aspectos sociais e às múltiplas determinações sociais sobre a sua prática, por exemplo, as influências da indústria cultural que podem interferir de modo significativo nos desejos e objetivos traçados pelos indivíduos em relação ao corpo (BAPTISTA, 2001; GAMA, 2019; VIANA; LEAL, BAPTISTA, 2021).

Estas análises são importantes porque a indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) explicita, a partir dos interesses do capitalismo da qual é porta-voz, o modo de compreender e de utilizar no cotidiano as concepções que estão presentes na vida das pessoas, como as de corpo, de estética, de saúde, de atividade física, de práticas corporais, dentre outras. Devido a esta influência, as pessoas teorizam sobre estes temas sem saber que todos estes conceitos têm seus fundamentos na filosofia, na sociologia, na antropologia, entre tantos outros conhecimentos acadêmicos, científicos e profissionais.

Porém, estas concepções também têm a sua expressão no senso comum, que se desenvolve a partir de uma experiência empírica, superficial e assistemática das pessoas. Todavia, este tipo de situação não deveria acontecer com profissionais de nível superior, uma vez que eles tiveram uma formação acadêmica que se fundamenta nos conhecimentos das inúmeras ciências e do conhecimento filosófico. É a partir deste quadro que este texto se apresenta.

Em 2017, uma universidade pública realizou uma pós-graduação *lato sensu* de especialização em Treinamento de Força³⁸, cujo o público-alvo são os professores/profissionais de Educação Física que atuam em academias de ginástica. De modo diferente de outros cursos de mesmo tema, esta instituição ofertou como uma de suas disciplinas a disciplina Corpo, Saúde e Estética, tendo como ênfase discutir cada uma destas concepções e mostrar alguns impactos dos modelos de saúde e estética propostos pela indústria cultural, bem como, analisar o vínculo desta compreensão com o desenvolvimento de transtornos como anorexia, bulimia, vigorexia, entre outros.

Um dos instrumentos adotados no início das aulas dessa disciplina foi a aplicação de um questionário no qual os estudantes deveriam responder algumas perguntas sobre as suas concepções de corpo, saúde, estética, imagem corporal e predisposição para vigorexia³⁹. Assim, este estudo apresenta como problema: quais

³⁸ Curso com carga horária total de 364 horas.

³⁹ Apesar de o instrumento aplicado ter a parte dedicada à predisposição para vigorexia, este parâmetro não foi analisado neste texto.

são as compreensões de corpo, corpo belo e nível de satisfação com a autoimagem entre estudantes de um curso de especialização em Treinamento de Força que já atuam em academias de ginástica?

Como objetivo geral pretendemos identificar quais são essas compreensões de corpo, corpo belo e nível de satisfação com a autoimagem entre estudantes de um curso de especialização em Treinamento de Força e que já atuam em academias de ginástica. Como objetivos específicos temos: traçar o perfil sociodemográfico dos estudantes quanto ao sexo e à idade e analisar as concepções de corpo e de corpo belo que possuem, além de analisar o nível de satisfação com a sua autoimagem.

Esta pesquisa está dividida em dois momentos centrais. No primeiro, apresentamos os seus caminhos metodológicos, e no segundo, os principais resultados.

ENTRE O MÉTODO E A METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido tendo como método, ou seja, como paradigma epistemológico, o materialismo dialético (MARX, 2008). Este método procura compreender o objeto a partir de seus fundamentos concretos, o que significa que procuramos identificar as múltiplas determinações que influenciam as concepções de corpo e de corpo belo, a unidade no diverso.

O fato de analisar a concepção de corpo e corpo belo de professores/profissionais que atuam em academias de ginástica nos ajuda em dois aspectos. O primeiro, entender o desenvolvimento do objeto – o corpo – a partir do olhar destes pós-graduandos, em segundo, demonstrar a compreensão a partir do lugar onde a busca idealizada de corpo belo e saudável está mais idealizada, que são as academias de ginástica, de modo que estes dois aspectos também coadunam com a proposta de Marx (2008) no que tange à totalidade.

Do ponto de vista metodológico, foi feita uma pesquisa descritiva com estudo de um curso de especialização sobre Treinamento de Força, homens e mulheres, todos graduados em Educação Física no curso de licenciatura ampliada⁴⁰ ou bacharelado, e atuando em academias de ginástica em diversas atividades como musculação, treinamento funcional, ginástica, atividades aquáticas e *personal training*, os quais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando o uso dos dados coletados, desde que mantido o seu anonimato. O instrumento utilizado foi um questionário composto ao todo por 22 questões

⁴⁰ Para um melhor entendimento sobre a atuação de licenciados em academias de ginástica, indica-se a leitura da Introdução do estudo de Gama (2019).

sendo que destas, três estavam relacionadas com um Teste de Imagem Corporal adaptado de Damasceno *et al.* (2011), e o Teste de Predisposição para Vigorexia em consonância com Rodrigues, Araújo e Alencar (2008).

Para a análise dos dados, trabalhou-se a partir das fases propostas por Bardin (2011). De acordo com a autora, existem três fases para análise de conteúdo, sendo elas; 1ª) pré-análise; 2ª) descrição analítica; e 3ª) interpretação inferencial. A pré-análise, se caracteriza pela organização do material. Na descrição analítica, os materiais que constituem o corpo do trabalho são submetidos a um estudo aprofundado, orientado este, em princípio, pelos referenciais teóricos. A fase da interpretação inferencial, apoia-se nos materiais coletados a fim de se alcançar uma maior intensidade da investigação. Nesta última fase, as reflexões, a intuição e os referenciais teóricos ajudam no aprofundamento das ideias e na produção das propostas básicas e definição de categorias de análise.

Por fim, este trabalho também se apoia numa análise quanti-qualitativa a partir de Santos Filho e Gamboa (1997), muito utilizada por pesquisas no campo do materialismo dialético.

DIALOGANDO COM OS PROFESSORES/PROFISSIONAIS SOBRE CORPO E ESTÉTICA

O instrumento foi apresentado aos pós-graduandos no início da disciplina com o objetivo inicial de identificar as concepções de corpo, saúde, estética, imagem corporal e predisposição para vigorexia, antes de se fazer uma discussão mais específica sobre cada tema, no intuito de aproximar a teoria com a realidade do estudante.

A turma é composta de 32 estudantes, sendo 8 mulheres (25%) e 24 homens (75%). A média de idade da turma é de $29,3 \pm 6,4$ anos (22 – 50 anos), sendo que entre as mulheres a média é de $30,6 \pm 3,5$ anos (26 – 36 anos), e entre os homens, $28,9 \pm 7,2$ anos (22 – 50 anos). Este dado demonstra que há uma grande variabilidade na idade dos professores/profissionais que atuam em academias de ginástica e se identifica com o estudo realizado por Baptista *et al.* (2013), em que a proporção de professores/profissionais de academias de Goiânia, de acordo com o sexo era 36,36% de mulheres e 63,64% de homens. Ao se comparar os dados é possível identificar um percentual menor de mulheres nas academias de ginástica dentro dos grupos analisados. Aspectos socioculturais podem influenciar nesta análise, embora, as mulheres ainda estejam em processo de ampliação do seu espaço no mundo do trabalho.

Quanto à faixa etária, o estudo de Baptista et al. (2013) demonstra que entre os profissionais havia 72,7% na faixa etária 20 a 30 anos (adultos jovens), 27,3% entre 31-40 anos (adultos médios) e nenhum nas faixas etárias posteriores dos adultos maduros (41-50), Tardios (51-65 anos) e idosos (+65 anos). Deste modo, os dados sobre os adultos maduros divergem deste estudo, porquanto entre os pós-graduandos, têm-se dois abrangendo esta faixa etária, 47 e 50 anos, respectivamente.

Agora passamos às análises sobre corpo (Quadro 1).

Quadro 1: Concepções de corpo dos professores/profissionais*

Concepção Apresentada	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Corpo máquina, estrutura e/ou organismo	6	14	20
Expressão, representação e/ou meio de comunicação e interpretação	2	8	10
Instrumento sagrado e/ou moradia da alma/espírito	0	4	4
Relação com o meio ambiente e/ou com a natureza	1	1	2
Total	9	27	36

Fonte: Os autores. * Havia possibilidade de mais de uma resposta.

Ao analisar os dados sobre as concepções de corpo, foi possível separá-las em quatro categorias distintas, conforme apresentado no Quadro 1. A primeira com 20 menções, apresentada por 75% das mulheres (6) e 58,3% dos homens (14), se remetendo à concepção de corpo máquina, estrutura e/ou organismo. Esta categoria foi identificada a partir das seguintes verbalizações:

- “Corpo é uma estrutura formada por ossos, músculos e tudo que seja necessário para dar vida a um ser humano” (P/P-11⁴¹).
- “Corpo é a nossa máquina que merece cuidados e manutenção. O corpo pode ditar ou não o que somos, pensamos e acreditamos” (P/P-12).

Estas concepções tendem a ser bastante frequentes na Educação Física devido a influências de autores relacionados ao racionalismo, ao empirismo e ao positivismo, como são as manifestações presentes nas obras de alguns filósofos como Descartes (2005); Locke (1986); La Mettrie (1865) e Comte (1978), além de elementos presentes na fisiologia como nas obras de Andrade e Lira (2016). É importante destacar que não há necessariamente um erro nesta análise, mas sim, uma forma de compreensão do ser humano em uma perspectiva a-histórica e sem levar em consideração as determinações sociais da constituição do corpo.

⁴¹ Usaremos a expressão P/P para nos referirmos aos professores/profissionais participantes e o número (1, 2, 3, e assim sucessivamente, até 32) para identificá-los de acordo com o número estabelecido em nossa base de dados.

Na segunda categoria – expressão, representação e/ou meio de comunicação e interpretação – defendida por 31,3% dos professores/profissionais (10), sendo duas mulheres (25%) e 8 homens (33,3%), dialogam com uma perspectiva mais próxima da fenomenologia e com autores como Merleau-Ponty (2011). Algumas das verbalizações apresentadas são:

“Corpo é um instrumento de interpretação complexo, onde o sujeito o utiliza para entender e ser entendido, desde questões simples como o desejo por algo até mesmo a sexualidade” (P/P-26).

“Do ponto de vista sociológico é reflexo dos nossos comportamentos e meio de comunicação” (P/P-32).

A terceira categoria identificada foi o corpo como instrumento sagrado e/ou moradia da alma/espírito. Esta concepção parece vir de concepções da Grécia antiga, como por exemplo de Platão (2005), da Patrística como é demonstrado por Santo Agostinho (2008), da Escolástica por Santo Tomás de Aquino (s.d.) e Avicena (2011). Algumas das verbalizações nesta perspectiva são:

“É a casa da alma; moradia do espírito [...]” (P/P-9).

“Instrumento sagrado, para evoluir” (P/P-29).

Por último, embora não menos importante, a categoria do corpo como relação com o meio ambiente e/ou com a natureza. As duas verbalizações abaixo apresentam esta perspectiva:

“O corpo é a relação mais próxima do homem com a natureza” (P/P-5).

“Materialização do ser humano, resultado de um processo evolutivo advindo da interação com o meio ambiente” (P/P-16).

Estas duas verbalizações são aquelas que mais se aproximam de uma noção de totalidade, que considera o ser humano como parte da natureza, ou próximo a esta, ou o considera pela interação com o meio ambiente no processo evolutivo. Estas concepções têm leve semelhança com a discussão feita por Marx (2010) sobre a relação do corpo físico e inorgânico do ser humano e quando este autor discute a compreensão mais ampla de trabalho (MARX, 2017).

Assim, foi identificado que dos pós-graduandos que apresentaram suas concepções, apesar de não haver uma concepção de corpo que se possa denominar como errada, apenas dois, parecem se aproximar da perspectiva do corpo do ponto de vista de sua totalidade, da sua historicidade e de sua compreensão como elemento concreto.

O segundo aspecto é a concepção de corpo belo (Quadro 2).

Quadro 2: Concepções de corpo belo dos professores/profissionais

Concepção Apresentada	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Saudável e/ou ausente de doença	2	5	7
Dentro dos padrões sociais, anatomicamente simétrico e/ou com baixo percentual de gordura	3	12	15
Feliz consigo mesmo e/ou satisfação pessoal pelo seu próprio corpo	3	7	10
Total	8	24	32

Fonte: Os autores.

Os professores/profissionais apresentaram três categorias de corpo belo, conforme Quadro 2. A primeira categoria tem 25% das mulheres (2) e 20,1% dos homens (5) entendendo que o corpo belo é um corpo que se encontra saudável e/ou ausente de doença, conforme podemos observar abaixo em duas verbalizações:

“O corpo belo é um corpo saudável” (P/P-5).

“Corpo belo é um corpo onde não há doença” (P/P-15).

Associar beleza à saúde tem sido um discurso bastante difundido pelos saberes do cotidiano, no entanto, se atentarmos ao fato de que o próprio conceito de saúde advindo do senso comum, no qual saúde seria ausência de doença, acaba por desconsiderar as determinações sociais e o contexto da luta de classes, entendimento este, imprescindível para um profissional com ensino superior (BAPTISTA, 2001).

A segunda categoria é a que possui um maior número de adeptos da concepção de que corpo belo é aquele que se encontra dentro dos padrões sociais, anatomicamente simétrico e/ou com baixo percentual de gordura, ao se ter 37,5% das mulheres (3) e 50% dos homens (12) verbalizando, por exemplo, as seguintes afirmações:

“É uma forma de corpo estabelecida pela sociedade, que seria, um corpo esteticamente forte e definido” (P/P-2).

“Um corpo simétrico dentro dos padrões anatômicos de normalidade com um baixo ou normal percentual de gordura” (P/P-23).

Esta forma de concepção, segundo Gama (2019), é fruto da ideologia burguesa promovida, principalmente, pela indústria cultural, ao propagar padrões de corpo a serem alcançados em prol da produção e reprodução capitalista e, infelizmente,

bastante apoiada pelas ciências biológicas, o que vem a justificar a maioria dos professores/profissionais possuírem este tipo pensamento.

A terceira categoria apresenta 37,5% das mulheres (3) e 29,1% dos homens (7) entendendo que corpo belo é aquele que se encontra feliz consigo mesmo e/ou satisfação pessoal pelo seu próprio corpo, consoante com as seguintes verbalizações:

“Corpo belo é tudo que faz o indivíduo feliz” (P/P-19).

“Um corpo belo, para mim, é aquele que faz a pessoa ser alegre. É aquele que apresenta identidade própria” (P/P-32).

No primeiro momento, esta concepção de corpo belo pode representar uma satisfação com a imagem corporal e/ou um pensamento crítico aos padrões impostos pela cultura capitalista, onde o que importa é a própria felicidade e a do outrem, contudo, um olhar mais aprofundado nesta perspectiva nos indica que tal satisfação aconteça porque o corpo já se encontra dentro dos padrões estabelecidos socialmente ou tal felicidade esteja apenas no âmbito do “dever ser”, isto é, presente no campo metafísico do pensamento (GAMA, 2019).

O terceiro aspecto a ser tratado neste estudo será o nível de satisfação com a autoimagem dos professores/profissionais que atuam nas academias de ginástica. Antes, é importante apresentar uma definição de imagem corporal, logo, de acordo com Gama e Baptista (2020, p. 52):

A imagem corporal representa, por um lado, a identidade pessoal do indivíduo e caracteriza-se pela figura mental do corpo. Assim, associa-se essa figura a fatores psicológicos, que podem representar a satisfação e ou insatisfação pessoal. Por outro lado, a representação mental e o conceito do próprio corpo envolvem também os aspectos afetivos, sociais e físicos, os quais se manifestam durante toda a vida e sofrem várias transformações conforme vão sucedendo as experiências vividas.

Por consequência, para analisar o nível de satisfação ou insatisfação com a imagem corporal dos professores/profissionais esta pesquisa utilizou o Teste de Imagem Corporal adaptado de Damasceno *et al.* (2011). O teste apresenta uma série de 15 silhuetas masculinas e femininas que vão de um corpo obeso até um corpo com alto nível de muscularidade. As silhuetas estão numeradas de 1 a 15, onde quanto menor a numeração, maior o percentual de gordura e menor o nível de muscularidade, e quanto maior a numeração, menor o percentual de gordura e maior o nível de muscularidade, tendo a silhueta 8 como a média para ambos.

O participante da pesquisa, primeiro, deve marcar qual a silhueta – referente ao seu sexo – que se identifica com o seu próprio corpo, segundo, deve marcar qual a silhueta – referente ao seu sexo – considera como sendo a que melhor representa para si o corpo ideal.

No Quadro 3, é apresentado o nível de satisfação com a imagem corporal dos participantes da pesquisa, desde os insatisfeitos – categorizados em baixo percentual de gordura; maior percentual de gordura; baixo nível de muscularidade; e maior nível de muscularidade – e os satisfeitos com a autoimagem.

Quadro 3: Nível de satisfação com a imagem corporal dos professores/profissionais

Concepção Apresentada	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Insatisfação por ter baixo percentual de gordura	0	0	0
Insatisfação por ter maior percentual de gordura	5	2	7
Insatisfação por ter baixo nível de muscularidade	3	15	18
Insatisfação por ter maior nível de muscularidade	0	1	1
Satisfeitos com a autoimagem	0	6	6
Total	8	24	32

Fonte: Os autores.

Foi realizada uma comparação entre as silhuetas escolhidas, de maneira que se o número da segunda silhueta – como sendo a que melhor representa para si o corpo ideal – é idêntico ao número da primeira – que se identifica com o seu próprio corpo –, isso indica que a pessoa está satisfeita com a sua imagem corporal. Mas se os números escolhidos forem diferentes, analisamos o motivo da insatisfação, evidenciado que a silhueta que identifica o seu próprio corpo ao se encontrar abaixo de 8 – de 1 a 5 – foi considerado que a insatisfação da imagem corporal seja em decorrência de um maior percentual de gordura, quando a silhueta que identifica o seu próprio corpo se encontrar próximo ou igual a 8 – 6 a 10 – identificou-se insatisfação por conta de um menor nível de muscularidade, e no caso de a silhueta que identifica o seu próprio corpo se encontrar maior que 8 – 11 a 15 – o participante se mostra insatisfeito em virtude de um maior nível de muscularidade.

Para se ter uma ideia de como foram os níveis de insatisfação, ao se olhar para a silhueta das mulheres que se identificam com o seu próprio corpo, a mediana é de 6, enquanto elas consideram a silhueta 9 como sendo a que melhor representa para si o corpo ideal. Isso significa que elas gostariam de ser mais magras e com um pouco mais de massa muscular. Entre os homens, a mediana da silhueta na

qual eles identificam com o seu próprio corpo é de 10, mas consideram a silhueta 12 como sendo a que melhor representa para si o corpo ideal. Isto nos indica que os homens gostariam de apresentar um maior nível de massa muscular, ao passo que, aparentemente, o seu percentual de gordura não os incomoda.

Estes dados demonstram o nível de pressão sobre a estética corporal de mulheres, o que acontece em diversas faixas etárias, assim como, os homens tendem a apresentar uma maior insatisfação com o seu nível de massa muscular (ALMEIDA; BAPTISTA, 2016; CORADINI *et al.*, 2012; FREDERICK *et al.*, 2007).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Com a maior parte dos participantes desta pesquisa compreendendo o corpo a partir das perspectivas biologistas e positivistas ao negar o processo sócio-histórico, associadas à percepção de que corpo belo é aquele que se encontra dentro dos padrões sociais, ao mesmo tempo em que apresentam um alto índice de insatisfação com a imagem corporal, conclui-se uma carência crítica à ordem vigente.

Em síntese, este estudo identificou uma insuficiência destes professores/profissionais na apreensão das múltiplas determinações sociais do corpo subsumido ao modo de produção e reprodução capitalista, não devendo apenas o considerar como um objeto de estudo e intervenção, mas como um corpo sujeito na sua totalidade, historicidade e concreticidade, demonstrando a necessidade de uma formação mais direcionada aos aspectos vinculados à compreensão dos fatores sociais que determinam a vida humana.

Por fim, são recomendadas novas pesquisas no intuito de se aprofundar nas condições pelas quais o corpo se encontra, principalmente no campo da Educação Física, bem como, as possibilidades de ruptura e superação.

REFERÊNCIAS

- AADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, L. L. B.; BAPTISTA, T. J. R. Análise da imagem corporal de participantes de um centro de práticas corporais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 601-611, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v19i3.40432>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- ANDRADE, M. dos S.; LIRA, C. A. B. de. **Fisiologia do Exercício**. São Paulo: Manole, 2016.
- AVICENA, I. S. **Livro da alma**. São Paulo: Globo, 2011.

BAPTISTA, T. J. R. **Procurando o Lado Escuro da Lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia**. 2001. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

BAPTISTA, T. J. R. *et al.* Perfil de práticas dos professores de Educação Física relacionadas à montagem de treinos nas academias de ginástica de Goiânia. **Praxia – Revista on line de Educação Física da UEG**, Goiânia, v. 1, n. 4, p. 17-34, 2013.. Disponível em: <<https://revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/2423>>. Acesso em: 12 set. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

CORADINI, J. G. *et al.* Satisfação da imagem corporal e visão de idosas ativas sob a influência do exercício físico na sua autoimagem. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo v. 15, n. 3, p. 67-80, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15i3p67-80>>. Acesso em: 12 set. 2022.

DAMASCENO, V. O. *et al.* Relationship between anthropometric variables and body image dissatisfaction among fitness center users. **Revista de Psicología del deporte**, v. 20, n. 2, p. 367-382, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235122167009>>. Acesso em: 12 set. 2022.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREDERICK, D. A. *et al.* Desiring the muscular ideal: Men's body satisfaction in the United States, Ukraine, and Ghana. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 8, n. 2, p. 103-117, 2007. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1524-9220.8.2.103>>. Acesso em: 12 set. 2022.

GAMA, A. C. V. **Implicações sociais da formação profissional do bacharelado em Educação Física sobre a compreensão de corpo, estética e educação**. 2019. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9998>>. Acesso em: 12 set. 2022.

GAMA, A. C. V.; BAPTISTA, T. J. R. O tema “imagem corporal” nas publicações do Scientific Electronic Library Online – SciELO: revisão integrativa. **Revista Ciências em Saúde**, Itajubá v. 10, n. 1, p. 52-59, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.21876/rcshci.v10i1.836>>. Acesso em: 12 set. 2022.

LA METTRIE, J. O. de. **L'Homme machine**: avec une introduction. Paris: Galerie D'Orleans, 1865.

LOCKE, J. **Pensamientos sobre la Educación**. Tradución La Lectura y Rafael Lasaleta. Madri: Ediciones Akal, S.A, 1986.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 4. Reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. livro 1: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Rideel, 2005.

RODRIGUES, J. B.; DE ARAÚJO, F.; ALENCAR, E. F. Modelo experimental de questionário para identificação de possíveis indivíduos que apresentam indícios de vigorexia. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 2, n. 12, p. 390-395, 2008. Disponível em: <<http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/viewFile/81/79>>. Acesso em: 12 set. 2022.

ROSA JUNIOR, C. R. R. da *et al.* Insatisfação com a massa corporal e uso de suplementos alimentares em frequentadoras de academias de ginástica em Juiz de Fora - MG. **Kinesis**, Santa Maria v. 38, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2316546424160>>. Acesso em: 12 set. 2022.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. s. l.: Livros Católicos para Download, s.d.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, A. C. *et al.* Suplementos alimentares e musculação: uma análise sociocultural. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 7, n. 1, p. 148–168, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.18764/2447-6498.v7n1p148-168>>. Acesso em: 12 set. 2022.

VIANA, T.T.D.; LEAL, C. R. A. A.; BAPTISTA, T.J. R. O corpo no Instagram: um olhar sobre as postagens do mundo fitness. **Praxia – Revista on line de Educação Física da UEG**, Goiânia v. 3, p. e2021001-19, 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/11232>>. Acesso em 12 set. 2022.

OS PLANOS DE CURSO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ (1972): ENTRE A PREPARAÇÃO DO PROFESSOR DA ACADEMIA DE GINÁSTICA E UM PENSAMENTO CIENTÍFICO

Gustavo da Motta Silva⁴²
Guilherme Gonçalves Baptista⁴³

INTRODUÇÃO

No período inerente ao Governo Militar no Brasil, uma das áreas mais atingidas pela política autocrática instaurada foi a educacional (PELEGRINI, 2008). Esse momento representou uma fase de transformações tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior gerando debates em seus mais variados referenciais, como, por exemplo, os de cunho marxista (LEHER, 2010). Coincidência ou não, as traduções de Gramsci publicadas pela Editora Civilização Brasileira também ocorreram nesse período, mais especificamente no momento pós-golpe de Estado (FONTES, 2006)⁴⁴.

Sobre os desdobramentos no Ensino Superior, um aspecto bastante frisado na literatura refere-se aos incentivos à pesquisa e à criação de programas de pós-graduação (FONTES, 2006; PELEGRINI, 2008; LEHER, 2010). Aliás, a Reforma Universitária de 1968 provocou mudanças nas instituições universitárias públicas não apenas no sistema de créditos ou na organização departamental, mas na difusão de um *ethos* acadêmico pragmático (LEHER, 2010). Fontes (2006) destaca que a ampliação e expansão universitária, e, sobretudo da pós-graduação, possibilitou o aprofundamento de pesquisas e debates teóricos que inclusive se mesclavam com questões políticas.

No caso específico da Educação Física, Pelegrini (2008), que investigou o desenvolvimento/criação da pós-graduação na área⁴⁵, comenta que as linhas de pesquisa para pós-graduação alcançaram uma posição hegemônica, uma vez que houve a constituição de um corpo acadêmico afinado com o projeto societário do

⁴² Doutor em Educação (PUC-Rio. Professor (SME / Rio de Janeiro - RJ e de Duque de Caxias - RJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/3624979503444152>

⁴³ Doutorando em Educação (UFRJ). Professor EBTT (IFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/1673877637086250>

⁴⁴ A primeira obra publicada de Gramsci no Brasil foi o livro “Concepção dialética da história”, a primeira edição do original “Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce” (COUTINHO; KONDER, 2004).

⁴⁵ A UFRJ foi a terceira Universidade do Brasil a fundar um curso de mestrado em Educação Física, antes dela apenas a Universidade de São Paulo (USP), em 1977 e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1979 (PELEGRINI, 2008).

Regime Militar. O autor identificou que as principais temáticas que compuseram as primeiras dissertações no final da década de 1970 e nos anos 1980 eram em sua maioria voltadas para as áreas biomédica e esportiva.

Destarte, pretende-se analisar os planos de curso da EEFD de 1972, sobretudo nos aspectos voltados para a saúde e o esporte, em sua relação com um pensamento científico hegemônico e ideológico inerentes ao período da Ditadura Militar.

Tais aspectos e perspectivas são significativos para cotejar o processo de formação docente na EEFD à época⁴⁶, os referenciais hegemônicos na Educação Física e o projeto societário vigente. Afinal, esses elementos impactariam diretamente nas ações e estratégias adotadas pelos professores em sua atuação profissional, com destaque aqui para os atuantes em academias de ginástica. Cabe acentuar que as academias se proliferavam na segunda metade do século XX, a partir da influência crescente de uma cultura *fitness* (FURTADO, 2009), embora a sistematização das práticas ginásticas já se fizesse presente desde o século anterior. Portanto, lançar olhares para os planos de curso, notadamente a respeito do tema saúde e esporte e relacionados ao projeto societário do Regime militar, subsidia a reflexão sobre determinados olhares cristalizados ou em confronto durante a formação profissional, que possivelmente adquiririam notoriedade nos diferentes espaços das práticas ginásticas.

O referencial teórico central desse trabalho foi caracterizado pelas categorias de hegemonia e ideologia presentes nos estudos de Gramsci, além de nove referenciais complementares: Buci-Glucksmann (1980); Boron (2006); Fontes (2006); Leher (2010); Grunennvaldt (1997); Dantas Junior (2005); Pelegrini (2008); Alves (2012). Optou-se por esses autores por dialogarem diretamente com as categorias mencionadas ou debaterem aspectos relacionados ao período do Governo Militar.

Sobre a categoria hegemonia, Buci-Glucksmann (1980), ao debater a hegemonia de classe, aponta para dois aspectos. O primeiro deles é que a constituição de um aparelho de hegemonia não se reduz de forma exclusiva ao momento superestrutural, o qual a superestrutura “reproduz” as relações de produção, pois o aparelho de hegemonia está associado a um duplo funcionamento da sociedade civil. Já o segundo aspecto se refere a um aparelho de hegemonia que exerce domínio, dependendo diretamente do grau, do tipo de desenvolvimento capitalista e de fatores nacionais específicos.

Para Alves (2012), quando Gramsci se debruça sobre a hegemonia de classes não é negado que o Estado capitalista baseie seu poder através da força e repressão

⁴⁶ A EEFD é sucessora da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), fundada em 1939, A ENEFD foi a primeira escola civil da área ligada a uma universidade no Brasil, sendo um mote importante para o desenvolvimento da área no país.

para obter o consenso, entretanto, reconhece que o próprio Estado que se utiliza dessa força e reprime, por outro lado, também permite que grupos subalternos se organizem politicamente. Segundo Buci-Glucksmann (1980), em sentido complementar, a hegemonia da classe dominante “passa pela ‘combinação da força e do consenso’, combinação cujo ‘termômetro’ é a opinião pública” (p. 142).

Quanto à categoria ideologia, esta é vista por Gramsci como “uma concepção de mundo manifesta, na arte, no direito, na vida econômica e na política” (DANTAS JUNIOR, 2005, p. 38). Alves (2012) cita, ainda, que embora seja considerado um fator de direcionamento e organização dos indivíduos, Gramsci rompe com um reducionismo sobre essa categoria ao privilegiar uma articulação política e possibilitando a disputa por hegemonia. Assim, a categoria de ideologia concebe-se como um instrumento que mantém ou modifica condições de dominação, podendo organizar a classe dominante ou dominada, guiando intelectual ou moralmente os indivíduos (ALVES, 2012).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus documental* foi formado por 16 planos de curso das seguintes disciplinas: Anatomia I e II, Atletismo I (masculino e feminino), Atletismo II (masculino e feminino), Biologia para Educação Física, Biometria, Estudos Brasileiros, Fisiologia, Informações Gimno-Desportivas (feminino), Natação I e II, Natação Sincronizada, Primeiro Socorros, Saltos Ornamentais.

Esses planos de curso foram divididos em três categorias temáticas: disciplinas biomédicas (5 planos de curso), voltadas para os aspectos biomédicos e biológicos; disciplinas teórico-práticas (10 planos de curso), relacionadas a conteúdos esportivos; e a disciplina obrigatória do Regime (1 plano de curso), pois foi introduzida pelo Regime Militar.

Os 16 planos de curso foram problematizados a partir de quatro pontos: objetivo do curso, programa da disciplina, apresentação e modelo de escrita, bibliografia utilizada. Isso possibilitou analisá-los integralmente e de uma forma que facilitasse a comparação e discussão de determinados aspectos.

OS PLANOS DE CURSO DA EEFD E OS BASTIDORES DA PRÁTICA: O GOVERNO MILITAR E UM PENSAMENTO CIENTÍFICO HEGEMÔNICO E IDEOLÓGICO

Com relação aos planos de curso, o primeiro ponto a ser discutido se refere aos objetivos gerais de cada disciplina. De uma forma geral, as disciplinas apre-

sentavam uma redação cristalina sobre o(s) seu(s) objetivos(s), variando apenas de acordo com a sua área de concentração.

As disciplinas biomédicas tinham como objetivo principal introduzir aspectos relacionados ao sistema locomotor, características morfofuncionais de interesse na prática desportiva e noções biológicas do corpo humano. Em outras palavras, essas disciplinas visavam uma articulação entre os conhecimentos advindos das Ciências Biológicas e os da Educação Física, através de aulas teóricas e práticas. Foi possível identificar também que, embora houvesse planos de curso bem elaborados, como de Biometria⁴⁷, outras disciplinas apresentavam planos incompletos, como foi o caso de Socorros Urgentes, que sequer apresentou o objetivo do curso.

As disciplinas teórico-práticas, assim como as biomédicas, previam um curso ministrado através de aulas teóricas e práticas. Porém, em todos os casos, a carga horária para aulas práticas era predominante no curso. Essas disciplinas apresentavam como objetivo (s) principal (ais) o estudo da técnica, o aperfeiçoamento de determinados estilos, bem como introduzir a regulamentação oficial de cada esporte e trabalhar bases de treinamento específicas. Com relação às particularidades, salienta-se a preocupação com a parte profissional, no caso da disciplina Informações Gimno-Desportivas, e com a parte física e moral, no caso da disciplina Saltos Ornamentais.

Sobre a disciplina obrigatória do Regime, o objetivo central era “aproximar” os alunos de uma visão geral dos problemas brasileiros⁴⁸. Porém, foram notórios alguns desvios na sua inserção no currículo e na formulação do curso.

Analisando especificamente a divisão e apresentação dos conteúdos a serem trabalhados, quase todos os planos procuravam prever e planejar suas aulas da disciplina. Alguns foram mais organizados, enquanto outros estavam com a apresentação incompleta. Nesse ponto, as disciplinas biomédicas em sua totalidade apresentavam os conteúdos de forma nítida, resumida e em tópicos, facilitando a compreensão do que seria trabalhado. A disciplina que exibia melhor organização, como já destacado, era Biometria, sobretudo por ser a única a prever uma avaliação do curso de maneira gradual⁴⁹.

As disciplinas teórico-práticas também exibiam um plano de curso dividido em tópicos e descritivo, ressaltando, na maioria dos casos, os movimentos e ati-

⁴⁷ A disciplina apresentou um programa detalhado e didático, procurando prever todos os aspectos do curso.

⁴⁸ O curso de Estudos dos Problemas Brasileiros foi instituído na UFRJ no início da década de 1970 sendo pautado nos termos do Decreto-lei nº 869/1969 que em seu artigo terceiro, inciso dois, estabelecia que no Ensino Superior e pós-graduado, a Educação Moral e Cívica seria realizada como complemento na forma de Estudos dos Problemas Brasileiros. Para mais informações, ver o acervo online da Biblioteca Pedro Calmon: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ: <http://biblioteca.forum.ufrj.br/index.php/colecoes/estudos-de-problemas-brasileiros>.

⁴⁹ As outras disciplinas biomédicas também apresentavam diretrizes para a avaliação do curso, mas não com a organização da disciplina Biometria.

vidades previstas para cada aula. Algumas peculiaridades dos planos, que fugiam da característica de repetição de movimentos, eram, por exemplo, a intenção de articular os conteúdos com outras disciplinas do currículo⁵⁰, além de uma preocupação em preparar o futuro professor de Educação Física para trabalhar em determinados segmentos da escola⁵¹. Ainda foi possível perceber em algumas disciplinas teórico-práticas uma ênfase em trabalhar determinados aspectos morais do ser humano através do esporte, como a ação da atividade física relacionada a padrões físicos e morais⁵².

Já a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros apresentava um plano de curso generalista e inacabado. Generalista por apresentar uma disciplina formada por meio de palestras isoladas e por conteúdos diversos. Inacabado por não apresentar todos os temas e atividades que seriam ministradas, demonstrando ser o plano de curso com mais “falhas” dentre os analisados.

Ao comentar alguns pontos apresentados até agora, é possível notar duas formas de pensar a Educação Física: uma delas em sua relação com a área Biomédica e a Medicina Esportiva, que continuavam sendo conteúdos identificados como importantes dentro do curso, e outra relacionando a parte prática e desportiva, visando à formação do professor de Educação Física.

Sobre o primeiro ponto, Baptista (2015) detectou que o embasamento científico pautado nos saberes biomédicos foi um atributo que acompanhou a Educação Física nos anos 1970 e 1980. Nesse sentido, Go Tani acredita que os pesquisadores da área tinham mais voz na fisiologia e medicina, por exemplo, do que nas Ciências Humanas e Sociais (SOUZA, 2018).

Tal fato, possivelmente, impactava na formação do professor em uma perspectiva de valorização dos olhares biomédicos frente aos objetos de estudo da área, notadamente numa visão anatomofisiológica do corpo. Vale lembrar que o corpo passou a ser uma categoria no campo científico, abrangendo inúmeras possibilidades de estudo, ao longo das décadas de 1970 e 1980 e, obviamente, cada área se apropriou dessa categoria com linguagens e conhecimentos próprios (VIGARELLO, 2003). Ao mesmo tempo, as linguagens construídas no campo da Educação Física se espalhavam para os espaços de atuação profissional, incluindo as academias de ginásticas, embora seja relevante situar que tais processos não são monolíticos.

Já sobre o segundo, percebe-se um possível uso do esporte como alternativa para distrair as massas e como meio de desmobilização e despolitização social

⁵⁰ Conforme pôde ser visto nas ementas das disciplinas Atletismo I e Natação II.

⁵¹ Algumas dessas concepções surgirão com mais força no final da década de 1970 com as propostas de reformulação curricular dentro da EEFD (BAPTISTA, 2017).

⁵² As disciplinas Informações Gimnico-Desportivas e Saltos Ornamentais foram as únicas que apontaram esse conteúdo na ementa.

(ROSA, 2006; PELEGRINI, 2008), algo já bastante debatido na literatura. Considera-se também a escolha do esporte pelo Governo militar como uma prática essencial para a vida humana (PINTO, 2003). Por ser um fenômeno cultural de massa, o esporte demonstrava ser uma possibilidade educacional privilegiada (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001)⁵³.

Embora as disciplinas teórico-práticas analisadas apresentassem um programa que estimulasse a repetição de movimentos e a prática do esporte nas aulas, algumas peculiaridades foram notadas, tal como a preocupação em preparar o futuro professor e articular os conteúdos ministrados com outras disciplinas do curso. Valente (2010) destaca ainda que as técnicas de trabalho de um professor não se resumiam necessariamente a um tecnicismo, característica que pôde ser visualizada na leitura dos planos de curso, ou seja, a técnica poderia ser o aspecto mais importante do curso, mas não parecia ser a única preocupação dos docentes ao elaborar o plano.

Sobre a visão de uma prática esportiva voltada para uma conotação moral, também identificada em algumas disciplinas, havia uma prática que provavelmente buscava moldar ou disciplinar os corpos, inclusive a partir de gestos de exercícios de ginástica. Todavia, diferentemente de Valente (2010), que pontua a década de 1980 como um momento de preocupação em romper com uma formação técnica e estabelecer uma mais preocupada com a formação profissional, observam-se indícios de algumas dessas preocupações já no início da década de 1970.

Com relação à disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros, a análise do plano de curso oferece ainda mais indícios de que a mesma provavelmente não conseguia “colocar em prática” seus principais objetivos. Sendo assim, cabe questionar: como uma disciplina com objetivos altamente peculiares no Ensino Superior apresentava-se de maneira tão desorganizada? Se sua meta era preparar mão de obra para se adequar ao avanço do país (ROSA, 2006), talvez devesse se preparar melhor para tal empreitada.

O terceiro ponto de análise dos planos de curso, relacionado à apresentação e ao modelo de escrita, fez transparecer outra prática da EEFD que parecia não ocorrer da maneira como deveria: a avaliação e validação dos planos de curso. A apresentação, de modo geral, não exibia problemas, pois os planos de curso eram bastante diretos quanto a seus objetivos e propostas, porém o modelo de escrita foi um ponto delicado na análise.

Em todas as três categorias, identificou-se uma grande quantidade de erros de datilografia, acentuação e ortografia, indicando dois aspectos preocupantes: o

⁵³ Especificamente no caso da Educação Física Escolar, onde muitos professores formados na EEFD iriam lecionar, a literatura também ressalta a ênfase, no período do Governo militar, das aulas voltadas para a prática esportiva baseada em “resultados quantificáveis” (ROSA, 2006, p. 58), como a aptidão física, o treinamento desportivo (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001), a biomecânica e a fisiologia (PELEGRINI, 2008).

primeiro deles é o fato de que diversos docentes de um curso superior vinculado a uma Universidade Federal apresentavam problemas básicos de escrita e concordância. Outro aspecto é que esses planos de curso pareciam ser aprovados de forma aligeirada ou, até mesmo, depois de já estarem em prática⁵⁴.

O último ponto dos planos de curso a ser discutido diz respeito às bibliografias utilizadas e/ou sugeridas pelas disciplinas, aspecto destacado em alguns estudos sobre a Educação Física no período da ditadura militar (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003; PINTO, 2012). No que tange às bibliografias utilizadas para fundamentar as disciplinas ou indicadas aos alunos, dos 16 planos investigados, sete não apresentavam lista de referências bibliográficas.

Um dado relevante é o fato de cinco das seis disciplinas biomédicas analisadas não apresentarem lista de referências, o que, sem dúvida, é um aspecto peculiar, uma vez que a área biomédica, como já apresentado, pautava cientificamente a Educação Física de uma forma geral e a própria EEFD desde sua criação, em 1939. A única exceção foi o plano da disciplina Biometria, que tinha uma lista com 12 referências⁵⁵ bibliográficas, utilizando artigos de revistas científicas especializadas.

Em contrapartida, nas disciplinas teórico-práticas, apenas um plano de curso não possuía referência bibliográfica. Nos demais, grande parte das referências era estrangeira, oriunda de países como Estados Unidos, Dinamarca, Colômbia e França⁵⁶.

Já a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros não apresentava nenhuma lista de referências, algo compreensível para uma disciplina organizada em ciclo de palestras e que sequer indicava um professor para ministrá-la. Cabe apenas especular se a Câmara de Estudos Brasileiros preparava os docentes da disciplina a partir de uma indicação de referências e, em caso positivo, quais referências seriam essas.

Quanto às referências bibliográficas, Pinto salienta (2012) que elas ajudam a “constituir uma ambiência acadêmica” (p. 73), pois fazem parte de um conjunto de fontes que aproximam o estudo aos objetivos, conteúdos e métodos que estariam presentes no curso de formação de professores. Assim, foi possível identificar que na década de 1970, embora as disciplinas biomédicas tenham apresentado uma baixa fundamentação teórica em seus planos de curso, as disciplinas teórico-práticas demonstraram uma relativa preocupação em respaldar os conteúdos ministrados⁵⁷.

⁵⁴ Ao analisar o caso específico da EEFD, Silva (2013) identificou algumas aprovações de planos de curso ocorridas de forma muito rápida nas reuniões de Conselho Departamental e, por falta de documentação, desenvolveu a hipótese de que eles nunca tenham sido aprovados formalmente.

⁵⁵ Dessas 12 referências, nove eram nacionais e três eram oriundas dos Estados Unidos.

⁵⁶ Cabe destacar a presença da obra da professora Maria Lenk em Natação I e II, sendo, inclusive, a única obra nacional presente nas duas disciplinas.

⁵⁷ Ao analisar o caso da EEFMG, Pinto (2012) também percebeu uma maior cientificidade presente nas disciplinas esportivas do curso na década de 1970.

De uma forma geral, esse pensamento científico foi hegemônico, pois embora fosse latente a ênfase biomédica e esportiva nos conteúdos da Educação Física, os professores tiveram a oportunidade de se organizar entre si⁵⁸, apresentando aspectos que destoavam, como por exemplo, a aplicação dos conteúdos em uma aula, ou o desenvolvimento de certas metodologias para o trabalho com as crianças. Esse pensamento científico também possuía aspectos ideológicos, pois visava manter uma forma de conhecimento dominante, organizando intelectualmente os conhecimentos do curso de formação de professores em Educação Física.

Ao analisar a categoria de hegemonia no âmbito educacional, Dantas Junior (2005) afirma que “Gramsci dedica-se a desnudar o sistema educacional como espaço de efetivação das relações sociais hegemônicas, constituindo-se, então em aparelho de hegemonia” (p. 40). Especificamente na realidade brasileira durante o período do Governo Militar, Fontes (2006) pontua que a política desse período aprofundou aparelhos privados de hegemonia em grande parte ligados aos próprios setores dominantes.

Ainda no que se relaciona a essa discussão, Grunennvaldt (1997) comenta que os efeitos da hegemonia podem transcender e/ou abranger os efeitos das esferas dos indivíduos e das instituições, no âmbito local, regional, nacional e até mesmo internacional. Parece que especificamente na EEFD, esses efeitos tanto transcenderam quanto abrangeram os indivíduos e a própria Instituição, uma vez que o pensamento científico identificado na instituição, estava relacionado a aspectos intra/extra-institucionais.

Logo, através de tudo que foi apresentado e problematizado, pretende-se ressaltar que a própria ciência para Gramsci era vista como uma categoria histórica, ou seja, um movimento que está em contínua transformação (GRAMSCI, 1984). Para o pensador italiano, a ciência representa uma superestrutura, uma ideologia, jamais se apresentando como uma nua noção objetiva, mas sempre revestida de uma ideologia.

É relevante notar ainda que esses retratos tanto na esfera institucional quanto individual não só evidenciavam discursos e práticas presentes na formação do professor de Educação Física que atuaria com as práticas ginásticas, como igualmente indiciam um projeto societário sólido que atravessou o campo das Ginásticas em suas diferentes dimensões, em aspectos morais, de busca da máxima eficiência e da resistência orgânica. Esses atravessamentos se deram, principalmente, a partir de um pensamento científico hegemônico e ideológico, maquiado por uma forma de conhecimento predominantemente biológica e esportivizante sobre o corpo e suas diversas manifestações.

⁵⁸ Salientam-se aqui as contribuições de Alves (2012) para a compreensão da categoria de hegemonia a partir do viés gramsciano.

CONCLUSÕES

Portanto, através desse trabalho, foi possível discutir alguns aspectos relacionados aos planos de curso de algumas disciplinas da EEFD no período do Governo Militar, sobretudo daquelas com aspectos voltados à saúde e ao esporte. Sendo assim, constatou-se que mesmo com os inúmeros problemas identificados nos planos de curso, havia a presença de um pensamento científico hegemônico e ideológico.

Percebeu-se também que, embora os conteúdos biomédicos e esportivos aparecessem como predominantes na área durante o período em tela, havia outras práticas que extrapolavam esses conteúdos, tal como a preocupação com a moralidade. Nesse sentido, destaca-se a solidez do pensamento científico hegemônico e da ideologia vigente durante o Regime militar, que igualmente se manifestava na perspectiva da construção do conhecimento acerca dos corpos nos mais variados espaços de formação do professor de Educação Física, aqui em destaque as academias de ginásticas e os exercícios de ginásticas.

Destaca-se que esta não é a única visão acerca do tema e reconhece-se a necessidade de outros estudos acerca da instituição e do período em questão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. A concepção de ideologia em Althusser e Gramsci: complementações e/ou divergências?. In: **36º Encontro Anual da Anpocs**, 2012, Água de Lindóia. Programas e Resumos 36 Encontro Anual da Anpocs, 2012.
- BAPTISTA, G. A reformulação curricular na EEFD/UFRJ-UFRJ (1979-1985): notas sobre os impactos no perfil profissional. In: ANACLETO, F.; SILVA, G. da M.; SANTOS, J. H. (org.). **Educação Física e interfaces com a história, o currículo e a formação profissional**. Editora CRV, Curitiba, v. 33, 2017, p. 83-110.
- _____. **A Formação de Professores na Escola de Educação Física e Desportos de 1979 a 1985: a educação do corpo e os territórios de diálogo**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- BORON, A. Filosofia Política e Crítica da sociedade Burguesa: O legado Teórico de Karl Marx. in: BORON, A. **Filosofia Política Moderna: De Hobbes a Marx**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias – CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política - FFLCH – Universidade de São Paulo, 2006.
- BUCI-GLUCKSMANN, C. A problemática gramsciana da ampliação do estado. In: BUCI-GLUCKSMANN, C. **Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da Filosofia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 97-122
- COUTINHO, C.; KONDER, L. Nota sobre Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Editora Civilização Brasileira, 1984.
- DANTAS JUNIOR, H. Estado, educação e hegemonia: reflexões teórico-metodológicas da filosofia da práxis de Antonio Gramsci. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 20, p. 28 – 44, 2005.
- FONTES, V. A sociedade civil no Brasil Contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980. In: LIMA, J.; NEVES, L. **Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

FURTADO, R. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n.1, p.1-11, 2009.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Editora Civilização Brasileira, 1984.

GRUNENVALDT, J. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época**. Sergipe: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, 1997.

LEHER, R. 25 anos de Educação Pública no Brasil: notas para um balanço do período. In: GUIMARÃES, C.; BRASIL, I.; MOROSINI, M. **Trabalho, Educação e Saúde: 25 anos de formação Politécnica no SUS**. Rio de Janeiro: EPSJV(Fiocruz), 2010.

PINTO, J. **Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: Uma Leitura a Partir da Revista de História em Quadrinhos DEDINHO (1968-1974)**. Minas Gerais: Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. **Memórias de professores/as de educação Física sobre formação e práticas pedagógicas (1950 a 1970)**. Minas Gerais: Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

PELEGRINI, T. **Educação física, ciência e hegemonia: uma análise das políticas públicas para o ensino superior e para a pós-graduação (1969-1985)**. Maringá: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, 2008.

ROSA, J. **Nas Vozes de um Mesmo Tempo: A Educação Física Institucionalizada no Período da Ditadura Militar em Cacequi - RS**. Santa Maria: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

SILVA, G. **A Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ no Período do Governo Militar (1968-1979): o curso de formação de professores e sua “invenção”**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, J. Trajetória intelectual e (dis)posições epistemológicas no campo da Educação Física – Entrevista com Go Tani. **Journal Of Physical Education**, Maringá, v.29, p.1-23, 2018.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A construção dos currículos escolares de educação física: relações entre o planejamento tecnocrático e a experiência dos professores. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M.; RANZI, S. (Orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista, Edusf, 2003.

_____. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a Experiência Cotidiana de Professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: Entre a Adesão e a Resistência**. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

VALENTE, K. **A reforma curricular de 1987 e sua configuração na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Um olhar histórico-cultural**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

VIGARELLO, G. A história e os modelos do corpo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 21 (41), p. 21–29, 2003.

MÃES PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O MERCADO DE TRABALHO NO CAMPO DO *FITNESS*

Joana Delfino de Abreu⁵⁹
Rafael da Silva Mattos⁶⁰

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços que ocorreram com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2019) afirma que, por hora trabalhada, as mulheres recebem cerca de 17% a menos com relação aos homens da mesma idade e nível de escolaridade.

A participação de mulheres no mercado de trabalho chega a pouco mais de dois terços da participação masculina e as taxas de desemprego são maiores para elas. Destaca-se que a crise sanitária ocasionada pela pandemia do Covid-19 agravou a situação de desigualdade perante o mercado de trabalho. Segundo dados da OIT (2021), houve uma diminuição de 9,4% do emprego das mulheres, com relação aos homens que tiveram 7,0% de diminuição.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) demonstram que no segundo trimestre de 2021, a taxa de desocupação dos brasileiros foi estimada em 14,1%. Sendo as mulheres, a maioria da população com idade de trabalhar, com 14 anos ou mais, representando 53,2% dessas pessoas no segundo trimestre de 2021 em comparação aos homens.

O ordenamento jurídico brasileiro estabeleceu normas de proteção ao trabalho das mulheres, visto que as desigualdades de gênero relacionadas ao acesso ao mercado de trabalho são históricas.

Art. 5º Constituição Federal. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Art. 373-A. CLT. Ressalvadas as disposições legais destinadas a corrigir as distorções que afetam o acesso da mulher ao mercado de trabalho e certas especificidades estabelecidas nos acordos trabalhistas, é vedado:

⁵⁹ Mestranda em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/6563852123820456>

⁶⁰ Doutor em Saúde Coletiva (UERJ). Professor Associado (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/8547550722276945>

III - considerar o sexo, a idade, a cor ou situação familiar como variável determinante para fins de remuneração, formação profissional e oportunidades de ascensão profissional;

Parágrafo único. O disposto neste artigo não obsta a adoção de medidas temporárias que visem ao estabelecimento das políticas de igualdade entre homens e mulheres, em particular as que se destinam a corrigir as distorções que afetam a formação profissional, o acesso ao emprego e as condições gerais de trabalho da mulher.

Art. 377. CLT. A adoção de medidas de proteção ao trabalho das mulheres é considerada de ordem pública, não justificando, em hipótese alguma, a redução de salário

Duarte e Spinelli (2018) demonstram que o mercado de trabalho gerencia uma tripla desigualdade perante as mulheres: a desigualdade salarial⁶¹, a dupla jornada⁶² e o assédio⁶³.

Silva *et al.* (2021) revelam, em seu estudo com professoras, que 99,9% das entrevistadas afirmaram que houve um aumento do trabalho como mãe e professora durante a pandemia da Covid-19 e 90% dessas mulheres perceberam maior sobrecarga de trabalho durante a pandemia.

Além de todos os obstáculos que são enfrentados pelas mulheres, as novas relações de trabalho, como as plataformas digitais e o processo de uberização⁶⁴, resultam não só em precarização do mercado de trabalho para grupos sociais mais vulneráveis, tal como as mulheres.

Scasserra e Partenio (2021) apontam que muitas mulheres, em inúmeros casos, abandonam seus empregos formais, para conciliar a vida profissional em empregos informais mais precarizados com as atividades domésticas como os cuidados com filhos e, em muitos desses casos, sendo as principais responsáveis pelas suas rendas familiares.

Para Bourdieu (2010) as próprias mulheres reproduzem essas situações de preconceito quando reiteram essas condições de desigualdades, quando exercem profissões ou funções historicamente construídas como tarefas femininas e quando se culpabilizam por não terem tempo o suficiente para o cuidado com os filhos e afazeres domésticos, por estarem dividindo seu tempo com o trabalho formal.

⁶¹ Desigualdade salarial é definida como a diferença salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma função e possuem a mesma fonte pagadora. Quando homens recebem mais que as mulheres pelo mesmo trabalho que ambos exercem (NAHRA e COSTA, 2020).

⁶² Dupla jornada ocorre quando a mulher mesmo inserida no mercado de trabalho, continua fazer os trabalhos domésticos, sobrecarregando-se (FRANÇA e SCHIMANSKI, 2009).

⁶³ Assédio é qualquer comportamento frequente de uma pessoa na intenção de desequilibrar emocionalmente outra pessoa, por meios de palavras, gestos, atos ou até mesmo ignorando-o. Gerando diminuição da autoestima do sujeito ou quaisquer outras formas de tensão e desgaste no equilíbrio emocional (DELGADO, 2019).

⁶⁴ Uberização é um processo de trabalho por meio das plataformas digitais, que individualizam as relações de trabalho e que aparentam a prestação de serviços (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2020).

Destaca-se também a precarização que o mercado de trabalho da educação física sofre com o passar dos anos, pois é marcado por baixa remuneração e informalidade. Fonseca e Souza Neto (2020) em seu estudo demonstraram que o mercado de trabalho do profissional de educação física tem um aspecto constante na idade dos profissionais atuando, com idade média entre 25 e 39 anos, que aponta a profissão como pertencente a profissionais jovens, trazendo instabilidade e receios para os profissionais quando envelhecem. Também indicam que o campo do *fitness* se configura como campo de menor remuneração, fortalecendo a hipótese dos autores, que ao longo prazo, os profissionais deste campo buscam migrar para outra área de atuação em busca de estabilidade financeira. Destacam que a jornada de trabalho é maior para as profissionais de educação física mulheres do que em comparação com os profissionais homens e, que mesmo com essa diferença de trabalhar mais, nos mesmos setores de atuação e, com as mesmas formações, as mulheres recebem cerca de 18% menos que os homens com relação a remuneração.

Assim, neste ensaio, procuramos discutir o mercado de trabalho no campo do *fitness* para mulheres profissionais de educação física, sobretudo mães.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram gravadas. A amostra do estudo foi composta por quarenta mulheres, profissionais de educação física, com idade média de 39,5 anos e desvio padrão 8,1. Sendo trinta e quatro mulheres (cerca de 85% da amostra) casadas ou vivendo em união estável, três mulheres (cerca de 7,5% da amostra) solteiras, uma mulher viúva, (cerca de 2,5% da amostra) e duas mulheres divorciadas (cerca de 5% da amostra). Sendo trinta e seis mulheres (cerca de 90% da amostra) moradoras do estado do Rio de Janeiro e quatro moradoras dos seguintes estados: São Paulo (duas mulheres – cerca 5% da amostra) e Goiás (uma mulher – 2,5% da amostra). Além de uma moradora de Brasília, no Distrito Federal, (2,5% da amostra). A renda mensal média da amostra é de nove salários mínimos. Quinze mulheres da amostra possuem pós-graduação *lato sensu* (cerca de 37,5% da amostra) e doze mulheres possuem pós-graduação *stricto sensu* (cerca de 30% da amostra), sendo dez dessas mulheres, mestres e duas doutoras.

Foram selecionadas inicialmente por conveniência e, por conseguinte, pelo critério bola de neve ou *snowball* (VINUTO, 2014). Os critérios de inclusão da amostra foram: gênero feminino; graduadas em educação física; exercendo atividade profissional remunerada com ou sem vínculo empregatício; mães.

No decorrer do distanciamento social, ocasionado pela pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas através de plataformas digitais, tais como: *Google Meet*, *Zoom*, videochamadas, *Whatsapp*, *Skype*, entre outras.

As entrevistas semiestruturadas envolveram perguntas sobre a trajetória Profissional e Acadêmica. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa a partir da Análise do Discurso⁶⁵ (ORLANDI, 2005). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Pedro Ernesto⁶⁶, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro do grupo das profissionais de educação física investigadas, 42,5% das mulheres entrevistadas atuam no campo do *fitness*. Existe uma preferência das profissionais de educação física pelo campo do *fitness*⁶⁷ para a atuação laboral e desenvolvimento da carreira logo no seu início, pois as academias oferecem maiores oportunidades de trabalho e flexibilização da jornada de trabalho. Isso contribui para que as mulheres possam ter diferentes vínculos de trabalho e aumentem a própria renda. À medida que se ampliam as tarefas domésticas e maternais, tendem a migrar para outras atividades profissionais diferentes do *fitness*.

Acentua-se, sobretudo a partir da pandemia do COVID-19, a existência dos teletrabalho⁶⁸ e do *home office*⁶⁹, na qual os profissionais do *fitness* atendem alunos/clientes como *personal trainer* e o discurso de empreendedorismo como forma de ascensão de carreira, incentivado pelo neoliberalismo, construindo a imagem do profissional como seu próprio chefe, onde este assume a responsabilidade e os riscos do seu próprio (in)sucesso. É possível identificar o empresário de si discutido por Foucault (2008).

As mulheres entrevistadas nessa pesquisa relatam que o campo do *fitness* é uma área de fácil acesso para o ingresso ao mercado de trabalho. Muitas dessas mulheres iniciaram suas carreiras profissionais no *fitness* pela alta demanda de empregos. Como podemos observar pelos relatos a seguir:

“De início comecei trabalhando com a academia, que é a nossa fonte de renda mais rápida, que tem mais oferta no mercado de trabalho [...]” (35 anos, um filho).

⁶⁵ A análise do discurso busca compreender a língua enquanto produto do trabalho simbólico, concebida pelo trabalho humano e social, construída pelo homem e sua história. (ORLANDI, 2005).

⁶⁶ Este ensaio faz parte da uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da UERJ, aprovada no Comitê de Ética do Hospital Universitário Pedro Ernesto - nº 58289522.0.0000.5259

⁶⁷ Campo do *fitness* para Motta e Moraes (2017) é definido como o mercado de academias de musculação e ginásticas. Para Luz (2005), as atividades físicas da atualidade nas academias estão diretamente ligadas à estética corporal, buscando adequar o corpo dos indivíduos para aderirem a uma forma condizente com a cultura padrão. Mattos (2012) afirma que os alunos se matriculam em academias de ginástica e musculação e passam a cultivar o corpo na busca de obter recompensas sociais, através das modificações estéticas.

⁶⁸ Teletrabalho é todo o trabalho executado com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação, realizado em outro ambiente de trabalho, fora da entidade empregadora (OTI, 2020).

“Considera-se teletrabalho a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo” (BRASIL, 2017 Art. 75-B).

⁶⁹ *Home Office* é uma modalidade de Teletrabalho realizada no próprio domicílio (ZERBINI e ZERBINI, 2020).

“Comecei pela área *fitness* que é o bacharel, e me formei realmente dentro dos quatro anos e já comecei direto na área, assim muito rápido. E inicialmente eu fui muito bem assim, menos de três meses eu já consegui um salário bacana assim, tipo assim, eu tava ganhando mais de três mil reais, rápido” (30 anos, dois filhos).

“Depois que me formei eu comecei a trabalhar na academia, primeiro só para mulheres, é daí eu trabalhei lá como *personal*, treinamento funcional um tempo. (36 anos, um filho, profissional de educação física).

Entretanto mesmo o campo do *fitness* sendo uma área de ampla oferta de trabalho, as mulheres entrevistadas relatam a precarização desta área do mercado de trabalho dos profissionais de educação física, como as baixas remunerações específicas deste campo, como podemos ver nos relatos a seguir:

“Não sei se você é dona de academia tá, mas como é essa academia questão financeira de quanto paga para o professor, de quanto paga para o estagiário, acho um absurdo, entendeu?” (Mulher, 33 anos, um filho).

“Porque a gente ainda é muito desvalorizado, assim, o profissional de educação física é muito desvalorizado e você vai, você estuda para caramba, para você ganhar dez reais hora aula, assim ainda existe isso. [...] a desvalorização incrível assim” (Mulher, 36 anos, uma filha)

“Você vê professores ganhando doze reais hora aula, quinze reais hora aula o que é um absurdo, então isso se deu por esse processo seletivo que eu passei e, hoje eu consigo dar uma vida mais tranquila.” (Mulher, 35 anos, um filho).

“Fui primeiro para academia de ginástica e aí é quis trabalhar com coletiva, porque era área que pagava mais, frente da musculação, aí já fui admitida na academia que eu era estagiária, e aí fui fazendo vários cursos de dança, curso de *pilates*, curso de *jump*, curso de *spinning* para poder não ficar focada em somente uma área, para eu conseguir ganhar um pouco mais, porque você sabe que em academia de ginástica a gente ganha muito pouco” (Mulher, 35 anos, um filho).

Entretanto, algumas mulheres apontam características que o campo do *fitness* possui diferentemente de outras áreas. Como a flexibilização das jornadas de trabalho, a possibilidade de empreender como *personal trainer* ou consultor *online*, possuir sua própria empresa no ramo, fazer seu horário de trabalho, ou até mesmo levar seus filhos para o local de trabalho. Observamos à lógica neoliberalista, do sujeito empresário de si, nas falas das entrevistadas (FOUCAULT, 2008).

“Hoje eu dou um *personal*, terça e sexta, muito cedo, porque eu tenho que ir para o outro trabalho. Só que assim, eu dispenso pessoas nos outros dias, porque eu tenho que tá no outro trabalho. [...] Então assim, se eu tiver tempo de planejar, estudar, estudar mais, tá em casa focada

[...] trabalhando de casa e trabalhando para mim, sabe.”(Mulher,33 anos, um filho).

“Por ser autônoma, porque assim, eu sou contratada da academia, mas o meu horário hoje sou eu quem faz. Entãoàs vezes, por uma eventual doença, alguma situação, ou a criança ficou doente, então eu consigo reorganizar os horários para poder fazer, cumprir aquela meta de cada aluno.” (Mulher, 32 anos, uma filha).

Analisamos que a dupla jornada feminina interfere diretamente nas escolhas profissionais e na saúde da profissional de educação física, interferindo na ascensão de carreira. Fato que pode ocorrer pelas frustrações da baixa remuneração⁷⁰ e por não alcançar estabilidade financeira dentro da sua área de formação. Como observamos no relato da entrevistada a seguir:

“Eu achei que eu tendo filho cedo, talvez... eu dentro da minha loucura, eu achei que se eu tivesse filho cedo, antes de ganhar muito dinheiro, estar ganhando sei lá dez mil por mês, com uma porrada de *personal* e tudo mais ia ser melhor, entendeu? Porque obviamente quando você vira mãe e a maior renda da área *fitness é personal*, isso ia cair, então eu pensei, vou fazer, vou aproveitar aqui que eu tenho os meus míseros três mil e ter, ser mãe logo, porque depois eu posso ir subindo de novo, mas essa subida não ocorreu, entendeu? Então não sei, sinceramente não sei. Então ainda não sou feliz na área, mas também acho que tem tempo. Ainda estou nova e não quero mais filhos também” (Mulher, 30 anos, dois filhos).

Quando questionadas sobre a sua rotina de afazeres domésticos e profissionais, a maioria das mulheres responderam com palavras como “Loucura”. E quando argumentadas sobre o seu trabalho interferir no tempo de qualidade com a sua família, a prevalência das respostas eram afirmativas como podemos observar no relato a seguir:

“Sim, com certeza. Porque você às vezes está tão cansada que um momento que, poderia está saindo, um momento de lazer, você só quer dormir. Só quer chegar, estar em silêncio em sua casa, você só quer dormir. Você não quer conversar, você não quer nem sair. Você só chega e, eu preciso dormir. Eu faço as coisas aí da rotina, e aí, o tempo que sobra você quer dormir. Isso aí é uma sobrecarga assim, que o corpo sente muito.” (Mulher, 39 anos, duas filhas).

Encontrando-se dificuldades em conciliar as funções maternas e domésticas com pretensões de carreira. Como é identificado no relato a seguir:

⁷⁰ Segundo o Sindicato dos Empregados de Clubes Esportivos e em Federações, Confederação e Academias Esportivas no Estado de São Paulo (Sindesporte, 2021), o piso-salarial do profissional é de R\$ 1.363,73 mensais para 220 horas, sendo o valor da hora (60 minutos) R\$ 6,20.

“Então, já pensei em fazer fisioterapia, por conta da demanda com os idosos. E aí o que é mais difícil é o tempo, porque com criança pequena, as nossas prioridades mudam. Então, por exemplo, eu adiei um planejamento de fazer uma pós-graduação. Procurei, procuro fazer cursos durante a prática, durante os anos assim, desde que me formei, fui fazendo uma formação extras, cursos extras. Me formei no curso de pilates, depois em um de movimento, numa clínica de movimento e, mas assim, eu já pensei em fazer uma graduação em fisioterapia para poder melhorar o meu atendimento com essa parte de idosos. Abri um pouquinho o leque também.” (Mulher, 32 anos, uma filha).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o campo do *fitness* parece ser a entrada para o mercado de trabalho para as mulheres recém-formadas na graduação de educação física, por ser uma área de ampla demanda de vagas e flexibilização da jornada de trabalho. Por outro lado, o campo do *fitness* é marcado por baixa remuneração e alguns processos de precarização que prejudicam o desenvolvimento profissional das mulheres. Muitas mulheres optam por este campo, pelo gosto interiorizado da cultura patriarcal androcêntrica, por ser um campo que em abstrato facilitaria conciliar as funções maternas, domésticas e as funções profissionais.

As escolhas dessas profissionais podem perpassar pelo critério da maternidade, onde as mulheres buscam atender as demandas dos filhos e, desta maneira, desenvolvem suas pretensões de carreira em prol dos cuidados maternos. Contudo, essa hipótese ainda precisa de maiores aprofundamentos e esclarecimentos.

Alguns traços da precarização do mercado de trabalho do profissional de educação física são vistos como benefícios para conciliar a carreira à maternidade, como, por exemplo, a possibilidade de empreender com seu próprio negócio, e também a possibilidade de levar seu filho(a) para o ambiente de trabalho.

Além disso, identificamos a preocupação com relação ao fator envelhecimento e a continuidade delas neste campo, este que é característico de profissionais mais jovens. A instabilidade do vínculo trabalhista, a baixa remuneração, e a dupla jornada são características que influenciam diretamente a carreira e o sucesso das profissionais de educação física mães que nele atuam.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9 ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL, ART 5, I, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL, **LEI N° 13.467 ART.443** °Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei n° 5.452, de 1° de maio de 1943, e as Leis n° 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de

maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL, **LEI N° 13.467 ART.443** °Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei n° 5.452, de 1° de maio de 1943, e as Leis n° 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 10 set. 2022

DELGADO, M.G. **Curso de Direito do Trabalho**. 18ª ed. São Paulo, LTr, 2019.

FILGUEIRAS, V; ANTUNES, R. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, 2020.

FONSECA, R. G.; SOUZA NETO, S. de. Educação física, profissionalização e mercado de trabalho: uma análise sobre o projeto profissional. **Movimento**, Porto Alegre v. 26, p. 1-16, 2020.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

FRANÇA, A. L. D; SCHIMANSKI, E. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. **Emancipação**, Ponta Grossa v. 9, n. 1, p. 65-78, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Indicadores do IBGE **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Divulgação Especial Medidas de Subutilização da Força de Trabalho no Brasil** 2º trimestre de 2021 Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_202102_trimestre_novos_indicadores.pdf Acesso em: 10 set. 2022.

MATTOS, R. S. **Sobrevivendo ao estigma da gordura**. Vetor Editora, 2012.

MOTTA, E. M.; MORAES, M. C. B. Proposta de Atributos de Serviços e de Indicadores de Desempenho para Academias Fitness. **PODIUM Sport, Leisureand Tourism Review**, v. 6, n. 1, p. 124-145, 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DOTRABALHO Policybrief: Building forwardfairer: Women'srightstoworkandatworkatthe core ofthe COVID-19 recovery. 2021 Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/policy-brief-building-forward-fairer-women-s-rights-work-and-work-core-covid-19>. Acesso em: 10 set. 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Panorama Laboral Temático 5: Mujeresenel mundo deltrabajo. Retos pendientes hacia una efectiva equidade en América Latina y el Caribe**. Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2019. Disponível em: https://www.ilo.org/americas/publicaciones/WCMS_715183/lang--es/index.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes. 2005.

SCASSERRA, S; PARTENIO, F. Precarización del trabajo y estrategias de trabajadoras en plataformas digitales: trabajo desde el hogar, organización sindical y disputa por derechos en el contexto de la pandemia del Covid-19, **Sociologias**, Porto Alegre, n. 57, p.174-206, 2021.

SILVA, C. L. *et al.* O trabalho docente de mães professoras durante a pandemia da covid-19. In: SILVA, M. C. O; SIQUEIRA, L. F. S. Org(s) **Maternidade, aborto e direitos da mulher**, São Luiz: Expressão feminista, 2021, p. 84-94.

SINDICATO DOS EMPREGADOS DE CLUBES ESPORTIVOS E EM FEDERAÇÕES, CONFEDERAÇÃO E ACADEMIAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO – **Convenção coletiva de trabalho 2021/2022**. 2021 Disponível em: <http://www.sindicatodasacademias.org.br/noticias/assinada-convencao-coletiva-20212022-com-o-sindesporte>. Acesso em: 10 set. 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Tematicas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ATIVIDADE FÍSICA, CORPO E SEXUALIDADE EM MULHERES DA TERCEIRA IDADE

Mirela Berger⁷¹

INTRODUÇÃO

Esse capítulo visa fazer algumas correlações entre atividades físicas (dentro ou fora de academias de ginástica), percepção e aceitação/negação da aparência física e a relação de ambos esses aspectos com a sexualidade de mulheres com mais de sessenta anos.

Trata-se de um capítulo ancorado em entrevistas semi-estruturadas com 80 mulheres⁷², parte delas de classe média alta e parte de classe média baixa, em diversos espaços de manejo corporal, quais sejam:

- a academia de ginástica Cia Athletica situada no shopping Morumbi, bairro do Morumbi, São Paulo.

- o programa *Platinum*, especialmente voltado para o público com mais de 60 anos, na já citada Cia Athletica.

- o projeto Afromix, situado no Centro de Convivência Natália Rosemberg, bairro Campo Limpo, São Paulo.

Para o escopo desse artigo analisarei só esses três espaços, pois são os que envolvem práticas de atividades físicas.

Antes de desenvolvermos os tópicos de nosso interesse, cabem três considerações: a) o universo pesquisado, importante para sabermos o local de fala de cada mulher, b) o porquê da escolha desse universo, c) a metodologia de pesquisa. Vamos a eles:

a) Universo Pesquisado

- dez mulheres do programa *Platinum*: Sushine, (73 anos), Hortênsia (70 anos), Tulipa (60 anos), Begônia (75 anos), Jasmim (65 anos), Dior (80 anos) e Pandora (66 anos).

⁷¹ Doutorado em Ciência Social (USP). Pós-doutorado em Antropologia (UNICAMP).
CV: <http://lattes.cnpq.br/2333544455709846>

⁷² Todos os nomes das mulheres são fictícios.

- sete mulheres da Cia Athletica: Estrela (65 anos), Serena (60 anos), Solar (60 anos), Fortaleza (64 anos), Sol (62 anos), Bruma (68 anos) e Mar (69 anos).

- nove mulheres do Afromix: Orvalho (60 anos), Petúnia (70 anos), Iasmim (65 anos), Crisântemo (78 anos), Claire (70 anos), Isolda (73 anos), Shiraz (73 anos), Afrodite (75 anos) e Fogo (60 anos).

b) o porquê do universo escolhido: Quem trabalha com pesquisa empírica sabe que uma das coisas mais difíceis é encontrar “espaços” que aceitem a proposta de trabalho. Tentei vários campos, desde que ao menos um fosse destinado à mulheres de alto potencial econômico e o outro, à mulheres de baixa renda. Muitos não colaboravam, não havia mulheres idosas o suficiente, aconteceram empecilhos colocados pela direção dos mesmos. Então, os espaços escolhidos foram os que se mostraram mais abertos e fecundos à pesquisa.

c) A metodologia de pesquisa: Além de um roteiro de entrevistas semi-dirigidas e da gravação e transcrição de todas as entrevistas na íntegra, contei também com os fiéis escudeiros de quem se lança na pesquisa de campo: o velho e bom diário de campo, a sempre eficaz observação participante e, sobretudo, o olhar atento de quem tenta ler nas entrelinhas.

CENÁRIOS, PERCEPÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADES

Desde o início, estava claro que o marcador “Classe Social” seria muito significativo. Todos nós vivemos nossas vidas de acordo com as possibilidades que nos são oferecidas e elas passam pela clivagem da classe social, que já se coloca no próprio cenário onde as tramas aqui narradas se desenrolam.

Começando pelo primeiro cenário, a academia de ginástica Cia Athletica. Trata-se de uma academia para um público alvo abastado, os valores de agora começam em 500,00 (natação e outras atividades são pagas à parte). A etnografia mostrou que geralmente, não é só a mulher que frequenta a academia, os (as) filhos (as) e os maridos são incentivados a ir. A academia abrange três andares do shopping Morumbi e pode ser vista pelo público por uma das entradas, na verdade ela atrai muita atenção do público, que diminui o ritmo do andar para ver as piscinas, todas com teto solar e amplas vidraças, ou para ver as salas de musculação, que também podem ser observadas de vários ângulos.

O chão da academia é, em toda a sua extensão, de granito e as estruturas feitas em ferro com revestimento de vidro. Na época, possuía recepção, várias salas de ginástica, loja de roupas, restaurante de grife, lanchonete, espaço para musculação, *spinning*, uma grande área para atividades aeróbicas com dezenas de aparelhos, dois vestiários femininos e dois masculinos, saguão com televisão, brinquedoteca, área das piscinas, sauna seca, espaço de estética, *sollarium*, nutricionista e fisioterapeuta.

Por se situar dentro do shopping Morumbi, também conta com toda a infraestrutura do mesmo, e a cia Athletica se coloca como uma espécie de “clube” dentro do shopping, um espaço para treinar mas também para ver e ser visto (é comum que os frequentadores andem pelo shopping com roupas de ginástica).

Todos os espaços são frequentados pelo público da terceira idade, o único diferencial é que durante os horários do programa *Platinum*, uma das salas é equipada com barras para facilitar o equilíbrio.

O padrão básico de vestuário é *shorts* ou bermudas com camiseta para os homens. Não são perceptíveis grandes diferenças entre idosos e jovens: ambos procuram usar roupas de grife. A grande diferença é que os mais jovens procuram por camisetas que marquem mais o corpo, enquanto os idosos preferem as mais largas. Já as mulheres usam *shorts* ou bermudas de *lycra* e *tops*.

Tanto para homens quanto para mulheres parece vigorar uma regra implícita: quanto mais “malhado” o corpo estiver, menor pode ser o tamanho das peças e mais justa a camiseta, que é totalmente dispensável no caso das mulheres “saradas”.

De início imaginei que as roupas das mulheres mais velhas fossem diferentes das roupas das mulheres mais jovens, mas isso não é totalmente verdadeiro, depende de alguns fatores: 1. Como já foi citado, a aparência física que determina as roupas, então a regra é a mesma tanto para as mais jovens quanto para as mais idosas, quando mais em “forma” o corpo estiver, menor e mais justa a roupa. Por exemplo, as mulheres com mais de sessenta anos reparam muito na moda e não hesitam em usar macacões de uma determinada marca que tem cós mais baixo e requer até calcinha “fio dental”, se elas consideram que seu corpo está “malhado” o suficiente o fazem sem pudores assim como as mulheres mais jovens; 2. Há uma grande diferença, visível a olho nu entre as mulheres acima de 60 anos que frequentam o programa *platinum* e as que não o fazem. As primeiras são bem mais discretas quanto à vestimenta: é sempre *legging*, *top* e camiseta por cima, elas não usam *shorts* e não mostram a barriga.

Roberto Cardoso de Oliveira mostrou que a identidade social tem um conteúdo de comunicação, uma vez que supõe relações sociais e um código de categorias para orientar o desenvolvimento dessas relações. A identidade social é assim dimensionada no contexto das relações sociais, consistindo em formas de classificação que organizam as interpelações entre pessoas e grupos. Ela supõe a noção de grupo social, uma vez que se afirma por oposição e não isoladamente. O caráter contrastivo da identidade baseia-se em valores vivenciados pelos indivíduos em interação. Como representação, uma identidade qualquer aparece como uma opção e uma escolha dentro de uma gama de outras possíveis (OLIVEIRA, 1976).

Nesse mesmo sentido Barros (2006) afirma que pensar na velhice em termos de identidade social permite perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma autoatribuição concomitante da identidade etária separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade. No entanto, na prática, esse esquema teórico sofre variações, pois a identidade sofre, ela própria, valoração por parte dos grupos e/ou indivíduos em interação social, e as características a ela atribuídas são também mal ou bem valorizadas.

Talvez por isso se explique o fato de que a juventude interna citada pelas minhas entrevistadas tem seus matizes e é bem marcada entre as mulheres do Programa Platinum e da Cia Atlética, no geral. Como já mencionado, as roupas das primeiras são mais discretas. Parece-me que ao aderirem a um programa eminentemente voltado para idosos e idosas, incorporam essa identidade e a vinculam à uma etapa da vida em que, embora jovens por dentro e até por fora, devido ao “pique” para essas atividades, devem valer-se de certa discricção. Como as roupas comunicam mensagens simbólicas, essas mulheres, ao vestirem-se para a “malhação”, tentam, ao mesmo tempo, expressar ao mesmo tempo uma consciência da idade e do que se julga ou não apropriados para elas, mas sem perderem parte do espírito jovem. Não querem se confundir com as mulheres da faixa etária de 30 a 50 anos, mas também não querem parecer “velhinhas”, como me disse Energia, de 72 anos, “abrigo de moletom eu não uso, é coisa de velha”.

Já as outras mulheres, de fato, constroem-se, até na aparência, como “outras”. Não aceitam de modo algum a identidade de “velhas” e se recusam a qualquer atividade voltada ao programa Platinum.

Voltando à descrição do cenário, o ambiente da academia é todo decorado com faixas e cartazes incentivando a prática de exercícios físicos e reforçando a ideia de que a Cia Atlética é um local especial, um clube para pessoas que par-

tilham o mesmo estilo de vida, cujo valores são estar em “forma”, alimentar-se de maneira saudável, respeitar os colegas e os treinadores. Há também muitos cartazes incentivando a adesão ao programa Platinum e fotos dos que dele participam.

Um ponto interessante e que permeará toda a análise é a ideia do “lazer”: tanto na academia, quanto no Afro Mix, fazer exercícios não é o único mote, é preciso “se divertir”. O lazer é entendido, aqui, como a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELINO, 2002).

No caso da Cia Atlética, festas são comuns e sempre acontecem nas datas comemorativas.

Também ocorrem festas fora da academia, como “amigo secreto” no Natal, reuniões nas casas das participante, festas em danceterias. Para os idosos, além de mesa de frutas, há diversas excursões, sessões de cinema (sendo que participei de algumas), almoço no restaurante da academia ou nos restaurantes do shopping.

O lema é socializar-se, não apenas no ambiente da ginástica, mas sim sair, não ficar em casa e a academia facilita e incentiva um estilo de vida ativo, descontraído e divertido.

Já no Centro de Convivência “Natália Rosemburgo”, a diferença é sensível. A dirigente, Cleusa e suas auxiliares fazem de tudo para tornar o espaço agradável e aconchegante, mas a falta de recursos e de apoio dos órgãos públicos é evidente. Tudo é improvisado e longe, geográfica e simbolicamente, das salas espelhadas da Cia Athética.

Descreverei apenas o espaço onde acontecem as atividades físicas, no caso, o projeto “AfroMix”.

Enquanto a Cia Athletica tem dezenas de salas, o centro Natália Rosemburgo conta com um pequeno pátio, com uma arquibancada de madeira e um tablado de madeira usado para as aulas.

O projeto AfroMix mistura exercícios físicos com danças (afro, axé, sertaneja, etc), são dois professores (as) no tablado fazendo as coreografia e as demais mulheres tentando reproduzir.

As aulas ocorrem todas as quartas e sextas, das 9:30 às 10:30. As próprias participantes chegam mais cedo, por volta das 8:30 e fazem um mutirão: varrem

o espaço, arrumam a arquibancada, montam e testam o som, organizam tudo para os professores. Estando frio ou calor, por volta das 9:00, o espaço começa a ser preenchido por mulheres (nunca vi um homem participando), em geral, com calça *legging*, tênis ou outro sapato confortável e camisetas largas, algumas com estampas do projeto AfroMix. Como o corpo é sempre um corpo de classe, ou seja, permeado pela classe social, as mulheres desse espaço nunca ficam sem camiseta, não há, como na Cia Atlética, uma tentativa de diferenciação social por meio do corpo.

As mulheres levam também uma garrafinha de água e uma toalhinha para enxugar o suor.

Começa com um leve alongamento e depois vêm as coreografias de sertanejo, forró, axé e outros ritmos.

A consciência e a mobilidade social são variadas: a maioria tem dificuldades, principalmente as com sobrepeso, mas isso não importa e todas são bem animadas. O conceito de lazer se faz presente mais uma vez, porque o importante é se distrair e não “copiar os professores”. Todas se abraçam e se beijam, sem dúvida, o projeto fornece um momento importante de sociabilidade, pois novamente, o marcador de classe se faz presente: logo após a aula, é hora de limpar rapidamente o espaço e partir para casa, para os afazeres domésticos. Ao contrário das mulheres da Cia Atlética e do Programa Platinum, elas não tem tempo nem recursos financeiros para almoçarem juntas, ir ao cinema...Algumas encontram tempo para o baile da Lua, à noite, mas não abordaremos esse espaço no escopo desse capítulo.

SEXUALIDADE, ATIVIDADE FÍSICA E APARÊNCIA

A intenção aqui será correlacionar os aspectos sexualidade, atividade física e aparência na fala de mulheres mais velhas.

Mas antes, precisamos tecer algumas breves considerações sobre a forma como entendemos a palavra “sexualidade”.

Falar de sexualidade é uma tarefa muito complexa. No entanto, desde Foucault, em especial nos três volumes da História da Sexualidade, sabemos que ela é um importante dispositivo de ordenação do mundo e da constituição de sujeitos. Em A vontade de saber, Foucault afirma que o que lhe parece essencial é: “A existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de certa felicidade estão ligados entre si”. (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Ele refuta a tese de uma “hipótese repressiva” sobre a sexualidade e que, em vez de um discurso repressivo sobre o sexo, o que se constituiu a partir da Idade Moderna foi uma “Vontade de Saber”:

Ora, uma primeira abordagem feita desse ponto de vista parece indicar que , a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um processo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um processo de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação de sexualidades poliformas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou em construir uma ciência da sexualidade” (FOUCAULT, 2010, p. 18 e 19).

Foucault define sexualidade da seguinte maneira

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande da superfície em que a estimulação dos corpos, a incitação ao discurso, a intensificação dos prazeres, a formação dos conhecimentos, o esforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1990, p. 117).

Outro autor que vai enfatizar a importância da sexualidade na contemporaneidade é Bozon (2004). Ele se pergunta logo na introdução do seu livro o que um ponto de vista sociológico pode acrescentar à sexualidade e responde afirmando que a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana:

Como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável a coordenação de uma atividade mental, com uma atividade corporal, apreendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida que as ‘incorpora’ e as representa. Assim, na maioria das sociedades, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também da ordem das gerações (BOZON, 2004, p. 95).

Mais à frente, ele volta a insistir na relação entre sexualidade e subjetividade: “Nas sociedades que elaboraram um domínio da intimidade e dos sentimentos

peçoais, a sexualidade tornou-se uma das experiências fundamentais para a construção da subjetividade e da relação consigo mesmo” (BOZON, 2004, p. 95).

Feitas essas considerações, vamos ver como as mulheres por mim entrevistadas pensam a relação entre sexualidade, atividade física e aparência. Eu perguntei a elas sobre a importância da ginástica e se ela interfere na aparência e na sexualidade:

“Ah minha filha, eu sou tão viciada em ginástica que para mim interfere em tudo. Você sabe que eu já venho toda combinando, até macacão eu uso e meu marido acha muito erótico. Eu tenho muito mais pique sexual, a ginástica me faz dar de dez a zero em muita menina”. (Estrela, 60 anos, Cia Atlética).

“Eu faço alongamento, musculação, esteira e só. Ah, é fundamental fazer atividade física. Porque sem atividade física não dá para ficar, a gente se sente muito mal, sem disposição para as atividades do dia a dia. Além de ser importante para a minha autoestima, eu me sinto com menos idade! Você sabe que interfere até no sexo, a gente fica mais disposta”. (Jasmim, 65 anos, Platinum).

“A ginástica é bom para tudo, isso aqui é primordial, até do ponto de vista sexual dá mais segurança, mais disposição”. (Begônia, 75 anos, Platinum).

“Eu acho que sim. A gente se sente mais sexy”. (Pandora, 66 anos, Platinum).

“Totalmente, em muitos aspectos, eu me sinto mais vaidosa, mais atraente, tenho mais pique, mais energia e realmente a dança mexe com a sensualidade da gente” (Mar, 69 anos, Cia Atlética).

“Acho importante fazer ginástica, interfere, eu tenho notado muita coisa boa. Então, depois que eu estou fazendo a ginástica eu sinto mais tesão!” (Afrodite, 75 anos, AfroMix).

“Eu adoro, eu adoro participar do AfroMix. Fica mais animada. Até para paquerar. Cê sabe que eu fico mais assanhada nos dias de AfroMix”. (Fogo, 60 anos, AfroMix).

Todas as entrevistadas que se dizem com vida sexual foram enfáticas quanto ao papel positivo da ginástica na sexualidade. A equação é simples: ginástica = melhor aparência = melhora na autoestima = mais confiança = mais ânimo = sexo melhor.

Como ressaltam muitas mulheres, a ginástica faz com que a mulher se volte mais para seu próprio corpo, avalie-o, compare-o com o corpo das outras e perceba o que pode ser melhorado. Associando esses fatores com os hormônios

que o exercício libera, a disposição sexual aumenta. Como o exercício da sexualidade está profundamente ligado com a autoestima, isso faz com que as mulheres se sintam mais atraentes para os seus parceiros e mais confiantes para o sexo e também para brincar com ele.

Fazendo aula com elas, no programa Platinum, durante quatro meses, percebi, em muitos momentos, um tom jocoso, sexualizado. Exercícios de flexibilidade com uso de bastões é um caso clássico, como o objeto é fálico, muitas brincavam “Oba, hoje é dia de pegar no pau!”, elas riam, “Ih, se esse pau escapa da mão e cai no lugar errado”. Outra fonte de risadas eram os exercícios de alongamento para a parte interna da coxa, que, em geral, é feito com a pessoa deitada de costas, elevando as duas pernas e abrindo-as ao máximo. Essa postura sempre gerava comentários maliciosos referentes às posições sexuais.

Ou seja, independentemente de se dizerem ativas ou não sexualmente, não deixavam de brincar com a sexualidade. Em uma aula especial, em que a professora de dança do ventre, Ana Maria auxiliou-nos com as *performances* da dança, os movimentos pélvicos deram o que falar.

Já entre as mulheres do AfroMix, a conduta sexualizada aparecia nas roupas justas, no modo de dançar, procurando sempre fazer movimentos harmônicos, no fato de que se maquiavam e estavam repletas de acessórios, mesmo para fazer ginástica, mas elas não conversavam entre si, devido ao barulho intenso e, assim que a aula terminava, a quadra estava tão vazia que seria impossível acreditar que minutos antes, estava borbulhando com músicas *sexys* e mulheres dançando coreografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que muitas das mulheres entrevistadas são unânimes em dizer que a ginástica melhora a postura e o controle do corpo, fornece mais equilíbrio, flexibilidade e que, ao poderem fazer esse manejo da postura, parecem mais magras, mais altas, mais elegantes e principalmente, menos “encarquilhadas”: mesmo as dores que podem curvar o corpo são minimizadas e, conseqüentemente, elas conseguem se apresentar melhor para os outros e para si mesmas.

Também associam, como já vimos, o exercício da ginástica com o exercício da sexualidade, pois sentem mais vigor, melhoram a autoestima e liberam hormônios.

Todas sabem a importância de cuidar do corpo e da aparência em geral e reiteram isso, pois sabem que ele não é um elemento estanque, está em constante

processo de fabricação e há uma responsabilidade individual de cuidar dele da melhor maneira possível e de amá-lo, para que possam amar aos outros e a si mesmas.

Giddens comenta a esse respeito: “Nos ambientes pós-tradicionais da alta modernidade, nem a aparência, nem a postura podem ser consideradas definitivas; o corpo participa de maneira muito direta do princípio de que o eu deve ser construído” (GIDDENS: 1997, P. 96).

Todas as mulheres entrevistadas se referem ao cuidado constante que se deve ter com a alimentação, com os tratamentos estéticos, com as plásticas, e, quando esses dois últimos recursos não são possíveis, a ênfase recai nas roupas, na escolha dos acessórios, nas cores e no ato de pintar o cabelo.

Analisando suas falas, parece significativa a observação de Giddens (1993, p. 96) “A aparência vira um elemento central do projeto reflexivo do eu”.

Concluindo, minha pesquisa mostrou uma relação significativa entre cuidar do corpo, seja na academia, seja no centro de convivência Natalia Rosemburgo e o exercício da sexualidade. Cuidar de si, aceitar-se, exercitar a sexualidade e descobrir as vantagens de ter mais de 60 anos as coloca muito mais no domínio dos ganhos do que das perdas e é fundamental para que os anos futuros sejam vividos com sabedoria e felicidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, M.L. de “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”, in: BARROS, M.L. de (Org). **Velhice ou Terceira Idade: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro, editora FGV, 2006.

BOZON, M. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1990.

GIDDENS, A. **As transformações da intimidade**, São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**, Oieras: Celta, 1997.

MARCELINO, N.C **Lazer e Educação**, Campinas: Editora Papirus, 2002.

OLIVEIRA, R.C. **Identidade, etnia e estrutura social**, São Paulo, Editora Pioneira, 1976.

Nota: parte desse texto foi originalmente publicado no livro *Corpo, Sexualidade e Erotismo em mulheres da terceira idade: o renascer da fênix*.

AS SETORIZAÇÕES DE GÊNERO EM UM ESPAÇO DE MUSCULAÇÃO DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO

Erik Giuseppe Barbosa Pereira⁷³

INTRODUÇÃO

Atualmente, o que entendemos por práticas corporais, exercício físico ou lazer está intimamente ligado às mudanças nos processos civilizatórios. Na Idade Média, a Europa Ocidental padecia com a crescente pressão social sobre as pessoas, há também a preparação e aprimoramento do “saber viver” e dos códigos sociais que exercem um “autocontrole” rigoroso, uniformizado, continuado e amenizado de seus anseios e condutas (ELIAS, 1994).

Com essas mudanças, o uso social do corpo aparece como símbolo para a gestão de conflitos na vida coletiva e passa a ser capaz de representar diversas formas de identidades e de arranjos sociais. Assim, para se reafirmarem nesse processo, emergem as práticas corporais coletivas (DUNNING e MAGUIRE, 1997) e os exercícios físicos⁷⁴ utilizados para demarcar as diferenças de *status* sociais. Elias (1994) enfatiza que os costumes e práticas evoluíram com as mudanças na sociedade, mostrando uma ligação entre a prática dos esportes e o controle corporal.

Em geral, aceito a ideia de que as configurações modernas do Esporte apareceram na Inglaterra e se organizaram, segundo, Dunning e Maguire (1997), em duas grandes etapas: 1- no século XVIII em que o caráter e os hábitos da classe dominada pelos grandes latifundiários mudaram; 2- no início do século XIX, quando a crescente divulgação de manuais médicos chama a atenção para as vantagens físicas, éticas e morais do Esporte, pois se observa a multiplicação de professores de e nas ginástica/s.

Já em 1989, Messner afirmava que o Esporte teria surgido, para as mulheres, no final do século XIX na Europa e Marie Del Priore (2000) aponta que essa prática era uma novidade que se apresentava como depravada, decadente e até perversa. Nesse período, já se contestava toda atividade que pudesse mudar

⁷³ Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Professor adjunto IV (UFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/2639550563831479>

⁷⁴ Para esse texto, entenderemos exercício físico como “um tipo de atividade física planejada, estruturada e repetitiva que tem o objetivo de melhorar ou manter as capacidades físicas e o peso adequado (BRASIL, 2021, p. 9).

o feminino do papel de “mãe dedicada ao lar”. Diferentemente dos homens, os exercícios físicos destinados às mulheres eram prescritos por médicos com objetivos de fortalecimento/manutenção da saúde reprodutiva e o embelezamento de seu corpo (VERTINSKY, 1990). Para os homens, os exercícios físicos eram vistos como fonte de masculinidade (MESSNER, 1989), antagônico ao feminino e que deveria remeter a definição de seus músculos expedindo à ideia de poder e domínio do corpo masculino. Vertinsky (1990) assegura que essas diferenças biológicas entre homens e mulheres foi empregada pelos profissionais da saúde para justificar as distinções nas práticas de exercícios físicos, revelando que não era um posicionamento neutro, mas sim investido de valores e significados diferentes.

No Brasil de 1850, essas práticas corporais surgem nos colégios da Corte iniciadas pelos imigrantes, onde o aprendizado Educação Física é obrigatório, justamente no momento de grandes mudanças sociocultural e econômicas (RAMOS, 1982). Essas práticas eram prescritas por médicos que levavam em consideração o gênero e a idade das crianças para o enfrentamento da desocupação infantil, considerado prejudicial ao crescimento e desenvolvimento físico, moral e sexual das crianças (GUTIERREZ, 1985).

O século XX foi marcado por diversas transformações sociais, culturais e políticas que afetaram a forma como as pessoas vivenciam sua sexualidade e sua identidade de gênero. Com o aumento da liberdade sexual e o surgimento do movimento feminista, gay e os de direitos LGBTQI+, as pessoas passaram a expressar sua sexualidade e sua identidade de gênero de forma mais fluída. Esses movimentos foram acompanhados por mudanças nos padrões de comportamento e nas normas sociais que regulam a forma como as pessoas podem se relacionar com o corpo e com o gênero (SCOTT, 1995).

No universo das práticas corporais, o exercício físico e as identidades de gênero no Brasil do século XX estão intimamente ligadas. O exercício físico é/foi um importante meio de expressão da identidade de gênero e, como tal, ela desempenha/ou um papel significativo na construção da identidade de corpo e de gênero (NUNES e RUBIO, 2008).

Ultimamente, o uso do corpo nos exercícios físicos é constituído por configurações peculiares em que pessoas adotam um código de bons costumes determinados por um referido grupo social (LE BRETON, 2000). Nesse caso, o corpo nessas associações, se torna generificado uma vez que existe reducionismo no que diz respeito aos atributos morais das propriedades físicas conectadas ao homem

e à mulher. No clássico de Bourdieu (2002), o autor nos atenta para relação entre o ser homem e o ser mulher e seus binarismos inscritos nos corpos.

Nesse contexto, aproveito para debater espaços em que corpos masculinos e femininos são dispostos e pensados na cultura das academias de ginásticas. Embora a tese de Alan Silva (2014) seja um bom exemplo de estudo que se dedicou empreender forças etnográficas no espaço das academias de ginásticas no município do Rio de Janeiro, ainda persiste a ausência de pesquisas sobre esses espaços onde o corpo é exposto e que se inclinam com um dos marcadores sociais da diferença: o de gênero.

Assim sendo, a partir do exposto, o meu objetivo foi refletir, sob a ótica das relações de gênero, a distribuição de setores, aparelhos e equipamentos no espaço de musculação de uma academia de ginástica da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Busco resposta/s para a seguinte pergunta: sob a perspectiva das discussões das relações de gênero, como é pensado a distribuição de setores, aparelhos e equipamentos de musculação de uma academia de ginástica?

TRAÇOS METODOLÓGICOS

Inserido em uma perspectiva, estruturalista (TRIVIÑOS, 2015) esse texto é do tipo qualitativo e de caráter descritivo (GOELLNER *et al.*, 2010). Para esses/as autores/as, este tipo de pesquisa tem relação íntima com a subjetividade, com as relações de poder/hierarquia entre os sujeitos e com as pressões sociais existentes. A autoria vai além quando

Também coloca a relação epistemológica, ao mesmo tempo uma relação de poder, sujeito-objeto de investigação em níveis de simetria aceitáveis, diferentemente de outros desenhos metodológicos, que a instrumentalizam de modo perverso, transformando o objeto de investigação e seus colaboradores de um estudo em função dos objetivos do pesquisador (p. 382).

Para descrever a realidade cultural investigada, registrei, através de 2 (duas) fotografias, uma visão de mundo sem recorte, centrada no tempo e no espaço, representada aqui pela academia “Nossos corpos”⁷⁵.

A academia⁷⁶ é localizada no bairro de Irajá, Zona Norte do Município do Rio de Janeiro e foi fotografada, pessoalmente, no dia 23 de setembro de 2022. A

⁷⁵ Para resguardar o nome social da academia, utilizo um título fictício.

⁷⁶ Essa é uma das 6 (seis) unidades da rede da academia que, exceto a que se localiza no Centro do município de Duque de Caxias, todas as outras se localizam no subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro. A unidade fotografada está loca-

escolha por essa academia, ao mesmo tempo que foi particular (local de meu treinamento pessoal), também houve influência do olhar de pesquisador para o objeto de estudo e do caso: a distribuição de setores, equipamentos e aparelhos de musculação.

Considerando os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2000: 1- Longevidade - Vida longa e saudável; 2- Educação; Acesso ao conhecimento e; 3- Renda - Padrão de vida, Irajá ocupa a 96ª posição entre os bairros do município do Rio de Janeiro com 0,789⁷⁷, fator considerado médio (AMORIM e BIANCO, 2003).

A academia possui, por volta de 300m², divididos em 2 pavimentos (o primeiro, a sala de musculação e, o segundo a sala de aulas coletivas e a sala de equipamentos voltados para o treinamento aeróbio).

Até o presente momento, estão matriculados/as cerca de 750 praticantes entre homens e mulheres que investem R\$110,00 (cento e dez reais) na mensalidade, em sua maioria: sem número de inadimplentes; cisgênero; na faixa etária entre 20 e 40 anos de idade; equidade de raça/etnia (negros, brancos e indígenas e pardos); sem desistências e; por volta de 30 praticantes utilizam os serviços personalizados dos professores de Educação Física. A equipe técnica é composta por 1 coordenador, 15 professores de Educação Física (1 mulher cis e 14 homens cis) e 2 recepcionistas e 1 auxiliar de serviços gerais⁷⁸.

Pesou, na escolha de minhas análises, o processo de interpretação/leitura no registro visual defendido por Loizos (2011, p. 148) que:

A interpretação exige uma leitura tanto das presenças quanto das ausências de um registro visual, e algumas das ausências podem ser explicadas pelas características de custo ocasional (quem carrega a câmera, quando, onde e por quê?), a homogeneidade das imagens registradas deve comportar um peso semântico.

AS IMPRESSÕES

Para organizar e ordenar meus registros visuais, preparamos os achados em 2 (dois) setores: Setor 1- de membros inferiores e; Setor 2 - de membros superiores.

lizada no centro comercial do bairro, próximos a/à/ao: 2 (dois) Supermercados, várias farmácias, grande praça pública, famoso cemitério, uma Unidade de Pronto-Atendimento (UPA), 3 (três) postos de gasolina, várias linhas de ônibus, Nave do Conhecimento, 1 km da estação do metrô, 2 km da Central de Abastecimento do Rio de Janeiro (CEASA).

⁷⁷ Segundo os critérios estabelecidos pelo IBGE, esses variam entre zero até 1, sendo considerado: baixo - Entre 0 e 0,499; médio - De 0,500 a 0,799 e elevado - Igual ou acima de 0,800.

⁷⁸ Agradeço, de antemão, ao professor Deivid Braz (professor e coordenador da e na academia) que concedeu essas informações.

Setor de membros inferiores

Setor 1 – 20 aparelhos (placas e anilhas) de membros inferiores distribuídos em aproximadamente 30% do espaço total da sala de musculação.

Foto 1- do setor de membros inferiores



Fonte: autor

A foto 1 foi extraída na perspectiva de dentro para fora da academia e nela podemos ver que o setor se resume aos aparelhos de membros inferiores e que estão de frente para rua. Ao fundo da foto é possível ver que a frente da academia é toda em vidro, ou seja, todos/as de fora sabem o que ocorre no primeiro setor da academia.

Estudos como os de Jaeger (2007), Santos e Salles (2009), Jaeger e Goellner (2011), Silva (2014), Silva e Ferreira (2016) e Berté e Goellner (2020) se inclinaram a estudar o feminino e o masculino no universo da musculação. Nessas pesquisas foi possível perceber, de forma direta e indireta, uma preocupação em um corpo não poder se assemelhar com o outro. O corpo feminino é antagônico ao corpo masculino e, consequentemente, os exercícios físicos como fontes de inspiração devem ser diferentes.

Nesse setor da sala, o espaço corresponde a 30% da sala de musculação, sua aparelhagem e equipamentos se voltam aos exercícios de membros inferiores. Entra em minha apreciação, o foco do setor em congregar e mobilizar exercícios que envolvam musculaturas da coxa, glúteos e abdome.

Conseguir perceber também que a exposição do corpo, nesse caso o feminino, nesse setor é alvo comercial, uma vez que fica de frente para a rua e visível aos olhos do público externo. Inconscientemente, esse corpo deve servir como modelo/padrão, deve ser consumido e vendido. Todos esses requisitos fazem jus ao corpo sensual e erótico, predominante nas mulheres e percebido no fundo da fotografia onde é possível perceber a faixa de vidro da academia.

Ao que tudo indica, ainda persiste o pensamento defendido nos estudos de Fleck e Kraemer (2006) e Guedes, Souza Junior e Rocha (2008) em que o corpo feminino renuncia os exercícios de aparelhos e/ou exercícios de musculação que envolvam os membros superiores, reforçando a visão generificada, binária e fragmentada de corpo, originária das relações socialmente construídas, em que as mulheres reportam às narrativas de uma feminilidade única: delicada, vulnerável e fraca. A ideia de que treinar a musculatura de membros superiores vai deixá-las “grandes e fortes” como os homens, ainda é uma realidade construída socialmente e muito presente nos setores da academia.

Setor de membros superiores

Setor 2 – 29 aparelhos (placas e anilhas, sendo 3 multi estações), pesos livres (halteres de barra curta, média e longa), bancos e cavaletes de membros superiores, todos distribuídos em 70% da área total da sala de musculação.

Foto 2- do setor de membros superiores



Fonte: autor

A foto 2 foi extraída na perspectiva de cima para baixo, a partir da sala de atividades aeróbias. Na imagem, pude perceber que o setor se resume aos aparelhos de membros superiores e está localizado do centro até o fundo da academia e longe dos holofotes do público externo.

As pesquisas de Hansen e Vaz (2006), Malysse (2007), Machado e Devidé (2007), Lessa, Furlan e Capelari (2011) e Fontoura e Lopes (2012), vislumbram a aversão que o corpo masculino tem em realizar exercícios de membros inferiores, reforçando a ideia e a imagem social e cartesiana de corpo, em parte fruto das conexões sociais que classificam e categorizam os papéis sociais ditos masculinos e os ditos femininos. Sendo assim e de certa forma, pude entender que essa perspectiva vai ao encontro de como o setor fotografado é organizado, ou seja, para esse espaço é prevalente o conjunto de aparelhos e equipamentos destinados, ao que tudo indica, para os homens.

Pude apreender que esse setor, correspondente à 75% do espaço da sala de musculação, diz muito sobre masculinidades, nesse caso a hegemônica (CONNELL, 2003). Esse espaço faz referência às condutas e características tradicionais relacionadas ao homem com “H maiúsculo”. Notei que a distribuição dos aparelhos e setores seguem essa lógica de masculinidade, agregando ao homem os exercícios que treinam os membros inferiores, caso contrário podem colocar em dúvida sua masculinidade.

Nesse momento do texto, recorro novamente à tese de Silva (2014) para tentar justificar que essa distribuição pode ter fundo na categoria “classe social”, uma vez que perfis socioeconômicos e culturais podem sugerir o formato com que o masculino e suas masculinidades são fabricados socialmente.

CONSIDERAÇÕES

Quando fui convidado para compor a obra, confesso que não acreditava que poderia colaborar no avanço sobre a ementa da obra, pois acreditava que, desde o início dos anos de 2000, o assunto já estava esgotado. No entanto, no intuito de trazer uma “experiência pessoal”, apreendi que esses assuntos não conseguem alcançar, de forma direta e prática, as quadras, os campos, as piscinas, os espaços “fitness”, as áreas de lazer e/ou as aulas de Educação Física escolar. Ficou evidente, em minhas análises, que esse debate se restringe às prateleiras e aos discursos epistemológicos e acadêmicos nos congressos e nas salas de aula das universidades.

Na tentativa de alcançar o objetivo do texto, pude inferir que há uma predominância de área, equipamentos e aparelhagem em uma maior de membros superiores do que aparelhagem para membros inferiores, pois a literatura já exposta acima alerta para que a musculatura dos membros superiores são atributos masculinos enquanto os músculos dos membros inferiores, são propriedades do que se espera ser feminino.

Existe uma lógica (e espero que seja inconsistente) binária, sexista e generificada de se pensar, de distribuir e de organizar o espaço da sala de musculação. Essa lógica simbólica ordena, de certa forma, os corpos de homens e de mulheres nas práticas dos exercícios.

Esses espaços são hegemônicos e devem respeitar e legitimar essa lógica e norma bem demarcada e dividida em seus setores. Posso declarar, também, que a distribuição dos setores e aparelhos revelam aspectos de gêneros e *locus* sociais para homens e para mulheres bem definidos, reforçando e se alinhando aos binarismos e identidades de gênero tradicionais e hegemônicos.

Reconheço a limitação do estudo e vejo a sutilidade que dualizam os setores na sala de musculação visualizada e, conseqüentemente, os aparelhos e ditos apropriados aos homens e às mulheres, suas expectativas e compreensões nas modificações em seus corpos. Posso ir além, minha reflexão atinge narrativas e *status* sociais sobre a Educação Física, o Esporte e o corpo.

Enfim, recomendaria a exploração de estudos que contemplassem atores sociais envolvidos nos bastidores que pensam o ambiente físico do “*fitness*”, tais como gerentes, administradores/as, coordenadores/as técnicos, arquitetos/as, engenheiro/a e profissionais do marketing.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Érica; BIANCO, Mauricio. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na cidade do Rio de Janeiro. Coleção Estudos da Cidade: **Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro**, Secretaria Municipal de Urbanismo, Instituto Pereira Passos, Diretoria de Informações Geográficas, 2003.

BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Produzindo feminilidades: a percepção de boxeadoras sobre suas transformações corporais. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, e3154, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia de Atividade Física para a População Brasileira**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DEL PRIORE, Marie. **Corpo a corpo com a mulher**: uma pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DUNNING, Eric e MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feminista**. Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

FLECK, Steven; KRAEMER, William. **Fundamentos do treino de força muscular**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONTOURA, Wagner Magnus; LOPES, Carla Pinheiro. Relação entre trabalho de membros superiores e inferiores em homens praticantes de musculação. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 41-46, 2012..

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Pesquisa qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 21, p. 381-410, 2010.

GUEDES, Dilmar Pinto; SOUZA JUNIOR, Tácito Pessoa; ROCHA, Alexandre Correia. **Treinamento Personalizado em Musculação**. São Paulo: Phorte, 2008.

GUTIERREZ, Washington. **História da Educação Física**. Coleção: ESEF-IPA. Editora: IPA, 1985.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandes. “Sarados” e “gostosas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, Porto Alegre v. 12, n. 1, p. 133-152, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LESSA, Patricia; FURLAN, Cássia Cristina; CAPELARI, Julia Bellini. Pedagogia do corpo e construção do gênero na prática de musculação em academias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 23, n. 37, p. 41-50, 2011..

LOIZOS, Peter. Víde, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKEL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 9.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 137-155.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis v. 19, p. 955-976, 2011.

JAEGER, Angelita Alice. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, Silvana Vilodre e JAEGER, Angelita Alice. **Garimpando memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. p. 130-147, 2007.

MACHADO, Leonardo Paula; DEVIDE, Fabiano Pries. Representações de homens e mulheres sobre a prática da musculação em academia. **Efdeportes: Lecturas, Educación Física y deportes**. Buenos Aires, ano 12, nº 111, 2007.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego. In: Goldenberg, Mirian (Org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record; 2007. v. 2, p. 79-137.

MESSNER, Michael. Masculinities and Athletic Careers. **Gender & Society**, 3, p. 71-88, 1989.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Katia. O currículo (s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**, Porto Alegre v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na História e na Arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982.

SANTOS, Sandra Ferreira; SALLES, Adilson Dias. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 87-102, 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.1-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Alan Camargo. **“Limites” corporais e risco à saúde na musculação**: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva; 2014.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no “limite” das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo. Atlas, 2015.

VERTINSKY, Patricia. **The Eternally Wounded Women**: Women, Doctors and Exercise in the Late Nineteenth Century. New York: Manchester University Press, 1990.

“É HOMEM OU MULHER?!”: SOBRE FEMINILIDADES CULTURISTAS

Leandro Teófilo de Brito⁷⁹
Simone Freitas Chaves⁸⁰

INTRODUÇÃO

Somos mulheres de muitas formas e jeitos, somos mulheres de diferentes raças, idades, classes, orientações sexuais; de diferentes culturas, religiões; talvez até seja possível dizer que somos mulheres de diferentes tempos, ainda que estejamos todas vivendo numa mesma época. Essas distintas posições supõem e constroem uma diversidade de destinos ou expectativas, restrições e interditos, possibilidades e projetos. As formas de enfrentamento ou os modos de subordinação a essas circunstâncias certamente são múltiplos.

(Guacira Louro)

O corpo é algo produzido na e pela cultura e tal compreensão é tida como um desafio, justamente porque rompe com um olhar naturalizado e voltado, res-tritamente, aos aspectos biológicos, para se pensar o corpo como um construto histórico e social. Assim, reconhecemos que são conferidos ao corpo diferentes marcas, em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, atravessados por grupos sociais, étnicos e pelas diferenças de gênero. A corporeidade humana diz respeito ao fenômeno social, cultural e simbólico, entendido por representações e imaginários, que propagam significações de nossas existências individuais e coletivas e o corpo, socialmente, produz sentidos continuamente e insere os sujeitos, de forma ativa, num mundo permeado pelo social e pelo cultural (LE BRETON, 2007).

A construção das identidades sociais tem particular aproximação com o corpo, sobretudo pela centralidade e evidência que adquiriu na cultura contemporânea; poderíamos ainda problematizar se seria possível a profusão destas discursividades desreferencializada de um corpo que encarna o sujeito.

Nessa articulação corpo/identidade, consideramos um amplo contexto contemporâneo das sociedades ocidentais capitalistas, que toma o corpo como

⁷⁹ Doutor em Educação (UERJ). Professor Adjunto I (UFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/9674382999196554>

⁸⁰ Doutora em Educação Física e Cultura (UGF). Professora Associada IV (UFRJ).
CV: <https://lattes.cnpq.br/7742374284526890>

mercado, desde a produção simbólica da publicidade e das diversas mídias, aos investimentos da indústria da beleza, saúde, moda, que impõem o enquadramento dos sujeitos em padrões corporais legitimados socialmente. Neste enredamento, emergem também os contradiscursos que tomam o corpo como espaço de rebeldia, transgressão, território de experimentação, da arte e do desvio das amarras fixas e arbitrárias. Tais processos, recorrentemente, são significados por atravessamentos de gênero, raça, classe, geração, entre inúmeras outras identificações. O corpo, nesse entendimento, é uma construção identitária pautada em aspectos discursivos cuja multiplicidade de “verdades” que o compõe, do subjetivo ao político, mergulham esses fenômenos em uma teia de complexidade.

Em conformidade com Hall (2006), sabe-se que o sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas uma identidade fragmentada e até mesmo contraditória em certos aspectos. As mudanças estruturais e institucionais fizeram com que as identidades entrassem em colapso, onde o processo de identificação, projetado nas identidades culturais, se tornasse provisório, variável e problemático. Dessa forma, os sujeitos assumem socialmente diferentes identidades em diferentes momentos da vida, sendo empurrados a diferentes direções de modo que suas identificações tornem-se continuamente deslocadas. A concepção de identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente não é concebível, pois à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, surgem variadas identidades, com as quais podemos nos identificar, nem que seja apenas por um período curto.

Quando se fala da articulação entre corpo e identidade, as questões de gênero ganham centralidade. Entendendo que o gênero dá sentido à condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos, que não é algo que está dado, mas construído por processos sociais, culturais e históricos e que marcam os corpos. Assim, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero são inscritas nessa corporificação (GOELLNER, 2010). Este capítulo busca analisar discursos de uma mulher culturista e problematizar em suas enunciações tensões, permanências e resistências aos sentidos que ela atribui à sua expressão de feminilidade. Desse modo, entendemos que essa mulher, em alguma medida, resiste aos modelos normativos do feminino presentes na sociedade.

Assim, para discutir o enquadramento essencialista que atribui à categoria mulher uma identidade fixa, dialogaremos com a noção de gênero cunhada pela teórica feminista Judith Butler. A autora, em seus escritos, articula ao gênero as categorias sexo e sexualidade, pois desenvolve e fundamenta suas críticas em direção

à fixidez do par binário sexo/gênero, contestando a premissa de que o sexo é natural e o gênero é cultural e que eles coexistem numa relação necessariamente mútua, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restringido. Butler (2015, p. 26) afirma então que “não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos”, assim, tal abertura possibilita que “homem e masculino podem, com facilidade, significar tanto um corpo feminino e masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino”.

Nessa discussão, é denunciada pela teórica a arbitrariedade da coerência sexo-gênero-desejo, que considera apenas como inteligíveis corpos que mantêm a continuidade entre tais categorias, como, por exemplo, vulva-feminino-heterossexualidade, pois: “a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de identidade não possam “existir” isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” e nem do “gênero”” (BUTLER, 2015, p. 44).

O gênero nessa discussão proposta por Butler (2015) será considerado como uma contínua repetição do corpo por falas, atos e gestos que, com base nas normas da heterossexualidade reprodutora, busca enquadrar os sujeitos em modelos binários, coerentes e inteligíveis do masculino e do feminino. Por essa proposição, ela reconhece o gênero como performativo: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2015, p. 69). Esse processo é contingente e precário, o que denota as possibilidades de fracasso nas tentativas de normatização da identificação do masculino e do feminino entre os sujeitos.

Na sequência, abordaremos os caminhos metodológicos e a produção dos dados por meio de uma entrevista com uma mulher culturista para discutirmos os sentidos atribuídos à feminilidade em suas vivências com o referido esporte.

DAMAS DE FERRO: PERFORMATIZANDO O FEMININO NO CULTURISMO

O corpus discursivo utilizado neste trabalho resultou de uma das entrevistas realizadas com atletas mulheres de culturismo, para uma pesquisa que visava compreender a construção e os sentidos de “ser mulher” neste universo. O material foi gravado e transcrito posteriormente com termo de consentimento

assinado pelas participantes e a garantia da não identificação, tendo em vista que um dos eixos da pesquisa também tratava do uso de substâncias ilícitas para desempenho. A atleta de 51 anos, competia na categoria *bodybuilder*, não possuía um relacionamento estável e era proprietária de uma academia com o perfil de culturismo na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, região em que também residia. Atualmente não possui mais a academia e possui renda proveniente de aposentadoria de um salário-mínimo.

As condições de produção do discurso são consideradas e compreendidas tanto no âmbito do sujeito e do seu contexto imediato quanto em uma concepção ampliada, no contexto sócio-histórico e ideológico em que se insere. No caso da pesquisa, a produção discursiva das mulheres culturistas apresenta tensões e deslizaamentos que dialetizam aproximações e rupturas com os signos e estereótipos do feminino. Em que pese analisarmos, neste trabalho, o discurso de somente uma atleta, consideramos que ele se constitui na mediação com este grupo social, ecoando representações circulantes no interior deste.

Os sentidos sociais do corpo são construídos pela linguagem, que não apenas reflete o que está dado, mas cria o existente pelo poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir o que se considera como normal, anormal, belo, jovem, saudável, entre outras atribuições que, cabe colocar, não são universais e nem mesmo fixas (GOELLNER, 2010). Essa construção de aceitação/repulsa pela presença se expressa no discurso:

Ah, no começo eu ficava chateada, mas depois, depois o pessoal começou a se acostumar. Porque quando eu comecei, era, não tão normal igual é agora [pausa]. Antigamente era pior, o preconceito era pior, mas agora eu tiro de boa, o pessoal daqui todo mundo me conhece. Mas no começo era chato, você passava perto de um colégio assim, “ali, ali” as crianças ficavam cutucando, “é homem ou mulher, que não sei quê”. Aí passava na rua, quando é época de campeonato a gente fica muito diferente, o corpo fica bem frisado né, aí minha barriga tava “secona” assim, passou uma mulher deste tamanho, “nossa alá que horror, nunca ou querer ficar igual essa mulher” ... falei, gente não vai querer ficar porque não consegue, a pessoa quer só comer [risos]. Aí dava raiva [pausa], a pessoa falar que... que ela não gostou, tudo bem. Ah, mas falar que nunca quero ficar, que essa mulher é horrorosa, parece um homem. Então tipo assim, eu sempre quando eu saio, eu boto uma roupa bem feminina. Aí sempre usei roupa feminina, sempre andei maquiada...

A entrevistada destaca o estranhamento que vivia nos espaços em que circulava, dado o seu corpo não se enquadrar num modelo de feminilidade normativo que, de um modo geral, não era aceito pelas pessoas. Nesse contexto, a culturista buscava, possivelmente pressionada pelas normas sociais, expressar sua corporalidade por meio de uma performatização de gênero próxima das normas, quando afirmou usar roupas mais femininas para sair. Desse modo, a regulação do corpo da entrevistada é atravessada por sentidos sedimentados socialmente que significam o feminino como fraco, frágil e discreto.

O questionamento recorrente da fala “é homem ou mulher?” expressa a permanente construção do “masculino e feminino” pelo uso de signos e pelo *design* corporal como um vasto campo de experimentação. Na compreensão deste corpo provisório a ser continuamente redefinido, esses signos se intercambiam, deslizam e asseguram vestígios de si por uma identidade flutuante.

Esse corpo feminino que é performatizado pela culturista é tido como dissidente e, obviamente, essa leitura pode ser realizada pelos aspectos históricos. Discursos circulantes no século XIX, e que ainda hoje apresentam rastros na sociedade, afirmavam que as atividades físicas e esportivas não eram recomendadas às mulheres por ser prejudicial a uma suposta “natureza feminina”, interpretada pelas justificativas biológicas para preservar uma maternidade sadia, como apontou Goellner (2010). Entretanto, já naquela época, como destacou a autora, as fronteiras dessa interdição eram constantemente rompidas, pois mulheres do campo e da cidade experienciavam diferentes práticas corporais, que eram relacionadas às demandas, sobretudo, de trabalho, tais como carregar peso, limpar, fazer longos percursos a pé e atuar nas colheitas, e que não fizeram essas mulheres sucumbirem às exigências das demandas físicas: “seus corpos colocaram em tensão diferentes possibilidades de viver o ser mulher, portanto, podemos ler neles formas de romper com determinados essencialismos atribuídos por cada cultura e por cada contexto histórico” (GOELLNER, 2010, p. 32).

Damos continuidade à discussão por um outro trecho da entrevista:

[...] quando eu não tinha silicone... era pior. Porque ficava igual homem mesmo. Eu botava uma regata, ficava aquele peito amassado de homem. Ficava aquele corpo de homem com a cabeça de mulher [pausa]. Aí eu tinha muito preconceito... [pausa prolongada]. Aí depois que eu botei (silicone) aí o olho já, o foco já fica em outro lugar [risos], mas é [risos]. Aí parece, deu a impressão que o ombro diminuiu, não é que diminuiu... mas é que o peito, ele... deu um equilíbrio [pausa].

Quando eu fui botar silicone o médico até falou pra mim, eu ia botar pouquinho, ele falou não se eu fosse você botava logo um grande, porque você é musculosa e no seu corpo não vai aparecer nada. Aí eu fiquei superfeminina, tô sempre supersatisfeita... as pessoas gostam!

Nesta enunciação, a entrevistada reitera sua tentativa de enquadramento nas normas ao rememorar o procedimento de colocação de um silicone nos seios que, conforme sua fala, a deixou mais feminina e as pessoas ao seu redor aprovaram. Retomamos as teorizações de Butler (2015) para a análise desse trecho: a concepção do gênero como “pré-discursivo”, interpretação que faz com que uma suposta “natureza sexuada” ou um “sexo natural” sejam mobilizados na tentativa de estabilização dos sentidos sociais do masculino e do feminino se mostra presente na fala da culturista, pois ela reafirma a necessidade de enquadramento de sua corporalidade mais próxima de uma feminilidade normativa, em alguma medida, fixando os sentidos do “ser mulher” socialmente. Ainda que também reconheça que sua performatização de feminilidade no contexto esportivo rompa com os padrões de gênero, paradoxalmente busca uma identificação feminina nas normas fora desse contexto.

“O corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. [...] Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero (BUTLER, 2015, p. 30).

Nesse sentido, a culturista busca fugir do enquadramento social de seu corpo na abjeção, que se refere “aquilo que foi expelido do corpo, descartado como um excremento, tornado literalmente “o outro”” (BUTLER, 2015, p. 230), uma matriz que produz seres que não alcançam o estatuto de sujeitos, ainda que esse signo do “inabitável” e do “não vivível”, impostos sobre os corpos abjetos, os circunscrevem num certo domínio de sujeito que também reivindica a vida social e o reconhecimento pela ruptura com as normas, tal como ocorre com a entrevistada. A ininteligibilidade da corporalidade da culturista a colocou nessa zona de não reconhecimento social e por isso a negociação por uma feminilidade “ideal” parece ser permanente em sua vida.

Vejam os como esse jogo de deslizamentos entre uma feminilidade normativa e a sua transgressão aparece na esfera das relações íntimas como um capital simbólico:

Eu já conheci várias paqueras assim, não cheguei a sair, cá pra nós [risos] [pausa]. Tinha homem que ficava conversando comigo um tempão depois vinha me perguntar se eu dava porrada [pausa]. Perguntava se eu podia pisar em cima do “negócio” dele... tinha uns que falavam se eu fazia isso e aquilo, coisas horríveis. Acha que só porque a mulher é forte acha que a mulher faz tudo. Pô, se você quer apanhar, quer que a mulher enfie um troço em você porque que não arruma um homem? Eu falei assim mermo [risos]. Eu sou forte, sou assim, mas eu sou bem feminina, eu gosto de coisas de mulheres [pausa prolongada]. Mas tem muitos que tipo assim... tem tara de sair com uma mulher forte pra saber como é que é, se é igual a todas elas, todas as outras. Vai pegar só algumas diferentes [risos], com um apetite extra.

Halberstam (2008), ao abordar a masculinidade em corpos de mulheres, afirma que a masculinidade não pode ser identificada apenas a sujeitos que nasceram com pênis, isto é, sua atribuição de maneira restrita a corpos sexados, pois a masculinidade feminina é uma construção real – ainda que abjeta – que contesta o determinismo biológico inscrito em corpos de mulheres, além de deslocar o sistema sexo/gênero. Em sua fala, a culturista aborda como sua corporalidade – que pode ser lida como uma masculinidade feminina – afeta suas relações afetivo-sexuais, pois o imaginário social a interpreta como uma pessoa que pode proporcionar vivências sexuais múltiplas e dissonantes aos homens.

Recuperamos em Butler (2015) a chamada “inteligibilidade de gênero”, que diz respeito a coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, ou seja, uma pessoa que nasceu com vagina precisaria performatizar um gênero feminino e manter uma relação e expressar um desejo heterossexual para seu pleno reconhecimento social. Nesse contexto, parece que a corporalidade dissidente da culturista desloca em parte esses sentidos, pois para esses homens que a desejam, sua heterossexualidade ainda estaria em jogo, mas a ambiguidade entre feminino e masculino performatizado em sua corporalidade afetaria suas possibilidades de vivência sexual, fato que é contestado por ela na frase “Eu sou forte, sou assim, mas eu sou bem feminina, eu gosto de coisas de mulheres”.

IDENTIDADES EM DISPUTA: TRANSGRESSÃO, RUPTURAS E PERTENCIMENTO AO FEMININO

O corpo da mulher culturista assume um signo ostentatório de transgressão de fronteiras do cárcere da anatomia como destino, encarnando uma representação sempre provisória de si, traço singular de uma moral da aparência no contemporâneo. Experencia os desafios e tensões dos desvios de uma normatividade feminina buscando pertencimento aos signos desta, como o uso do silicone para destacar os seios. Paradoxalmente, seduz pela ambiguidade da aparência no jogo do sexo, dando pistas de um território pouco explorado nas pesquisas com esse grupo social.

A performatização da feminilidade da culturista, conforme suas narrativas, participa desse jogo de disputas entre o deslocamento e a normatização de sentidos sobre o feminino. A culturista entrevistada compreende que sua corporalidade, vista como dissidente, ressignifica os sentidos circulantes do feminino, mas também a coloca numa condição de ininteligibilidade social fora dos espaços de competição, situação que, em alguma medida, a incomoda. Nesse contexto, interpretamos que as academias de ginástica contribuem com um movimento de visibilidade de outras feminilidades na sociedade, mesmo nesse cenário de disputas narrado pela culturista entrevistada.

Para além dos espaços circunscritos, em que o corpo da mulher culturista é um capital simbólico, a circulação na vida pública traz sempre um campo de incertezas, pelo deslizamento e esfumaçamento da fixidez homem/mulher e suas repercussões. Como identidades que se constroem dissonantes de um padrão genérico, há uma preocupação em assegurar vestígios de sensualidade do feminino.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HALBERSTAM, J. **Masculinidad femenina**. Barcelona: Egales, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- LOURO, G. L. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys Estudos Feministas (online)**, v. 10, 2006.

A ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO E A APRENDIZAGEM SOBRE ANABOLIZANTES: PRIMEIROS PASSOS DO PROCESSO DE AUTOFORMAÇÃO DE FISCULTURISTAS

Eduardo Pinto Machado⁸¹
Alex Branco Fraga⁸²

Uma academia de musculação é muito mais que um prédio com aparelhos específicos para o desenvolvimento físico. Ela não se resume, portanto, à sua estrutura física, pois congrega um conjunto de significados que se estende às outras esferas da vida, como, por exemplo, as redes de sociabilidades e outros espaços construtores de identidades.

Inegavelmente, muitas pessoas praticam musculação pelos benefícios que esta prática traz à saúde. Entretanto, o que nos motivou a pesquisar acerca das academias de musculação foram aqueles sujeitos que frequentavam estes espaços na busca do “um centímetro a mais de braço”, do “abdômen tanquinho” e até mesmo a “ficar monstro”, no sentido de se dotar de um corpo com uma hipertrofia muscular descomunal.

Este texto é o desdobramento de um capítulo de uma dissertação de mestrado (MACHADO, 2015), a qual buscou compreender o processo de aquisição, elaboração e compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre estudantes de graduação em Educação Física. De modo específico, aqui pinçamos um achado empírico importante: a academia de musculação como um ambiente de aprendizado sobre a utilização de anabolizantes.

Buscamos, neste texto, compreender de que maneira o espaço da academia de musculação se configurou como um lugar de intercâmbio de conhecimentos sobre a utilização dos anabolizantes, bem como analisar os laços de pertencimento e sociabilidades que são gerados a partir da interação dos praticantes de musculação dentro desses espaços.

⁸¹ Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Atleta de fisiculturismo.
CV: <http://lattes.cnpq.br/8552961506497395>

⁸² Doutor em Educação (UFRGS). Professor Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (UFRGS).
CV: <http://lattes.cnpq.br/0637002618453894>

A parte mais densa do material empírico que aqui discutimos foi obtida a partir de entrevistas episódicas realizadas com seis praticantes de musculação⁸³ que eram detentores de expertise reconhecida entre os pares, bem como também estavam cursando a graduação em Educação Física: Rogério, à época com 28 anos, *powerlifter* e com alguma experiência no mundo dos anabolizantes; Acetrem, à época com 22 anos, autointitulado “aprendiz de marombeiro”, por ser iniciante na prática da musculação mas já buscar alguma forma de aprimorar o físico pela via medicamentosa; J.Kiss, à época com 26 anos, competidora de fisiculturismo na categoria *bodyfitness* e com uma larga experiência na rotina de treinamentos em academia de musculação e nas práticas bioascéticas do fisiculturismo; João Cézár, à época com 35 anos de idade, competidor de fisiculturismo profissional e *coach* deste esporte, detentor de uma experiência superior à vinte anos em diversas academias de musculação; Johnhy, à época com 25 anos, com ampla entrada em diversas academias de musculação por ser árbitro de fisiculturismo; e Big Randy, à época com 28 anos, competidor de fisiculturismo amador, *coach* do esporte e pesquisador pós graduado na temática da bioquímica do exercício.

Os entrevistados descreveram que o aprendizado sobre a utilização de medicamentos anabolizantes na maioria das vezes era visto como algo considerado “proibido” frente aos elementos éticos e jurídicos e envolto em um clima de clandestinidade no aprendizado sobre como obter um *enhancement* corporal a partir do uso de hormônios anabolizantes. Para tanto, os relatos indicam que foi necessário “aprender a tomar bomba”, sobretudo, com os mais experientes nas academias de musculação, os quais já eram peritos nas modificações do próprio corpo a partir de rotinas bioascéticas.

“NA ACADEMIA SE FABRICA O QUE VOCÊ QUER VER NA RUA”⁸⁴: O APRENDIZADO SOBRE “TOMAR BOMBA” NA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO

Cesar Sabino (2004), em sua tese de doutorado intitulada “O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas”, descreve a academia de musculação como um local em que há uma organização social específica, além de ser um espaço

⁸³ Os nomes aqui mencionados são fictícios, a fim de manter o sigilo da identidade dos participantes do estudo. Todos eram (ou haviam sido) estudantes de um curso de Educação Física de uma Universidade pública federal.

⁸⁴ Trecho da música “Quer Tomar Bomba?”, analisada por Silva e Ferreira (2020). Os autores ainda mencionam que “Eventualmente, quando tocava alguma música relativa aos anabolizantes na academia, os homens comentavam ou especulavam se determinado aluno experiente, avançado ou veterano, usuário de anabolizantes, estava chegando ao estabelecimento.” (SILVA, FERREIRA, 2020)

onde ocorrem trocas de experiências sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes. Este universo das academias de musculação como um espaço de intercâmbio de conhecimentos sobre a utilização dos anabolizantes, percebido por Sabino (2004), é de certo modo referendado na fala de nossos entrevistados e é sobre este local que pretendo debruçar nossa análise sobre como se aprende a “tomar bomba”.

Por meio das falas de nossos entrevistados foi possível entender a academia de musculação como sendo a primeira dimensão de aprendizagem fora do ambiente formal de ensino, principalmente, baseado na ideia de um percurso cronológico do sujeito que busca modificar o corpo pela prática da musculação. Acetrem relatou que o aprendizado na academia de musculação funcionava da seguinte forma:

[...] o cara faz do corpo dele um laboratório de pesquisas e começa a ver... Principalmente antigamente, quando não se tinha tanto conhecimento isso acontecia...[...] **antigamente era assim: as pessoas ouviam o que um falou na academia e iam testando em si... e um passando pro outro...**[...]

O participante João Cezar, mais velho que Acetrem, também relatou como ocorriam os aprendizados não só sobre a utilização de anabolizantes com fins de *enhancement* corporal, mas também sobre os diversos procedimentos bioascéticos, principalmente no que tange às dietas pré-competição:

[...] quando eu comecei nem *Internet* tinha. [...] as informações vinham através de livros ou experiências práticas com os caras mais velhos da academia... como tudo na vida a gente deve montar um case de informações e extrair quais delas tem mais evidências, um grau melhor de evidências...[...]

A existência das “experiências práticas” relatadas por João Cezar e o “corpo como um laboratório de pesquisas” relatado por Acetrem convergem rumo à relevância da academia de musculação como um local em que há um intercâmbio de saberes e competências dentro de uma biossociabilidade.

Por sua vez, o participante Johnhy se mostrou preocupado com a disseminação dos anabolizantes entre os praticantes de musculação, a ponto de manifestar seu posicionamento da seguinte maneira:

[...] Isso é um perigo! Eu acho isso muito perigoso, cara... eu acho que falta um rigor... um controle maior nas academias... ou a questão de tentar orientar melhor as pessoas para a utilização de esteroides, os malefícios [...]

É perceptível a falta de controle sobre a utilização dos anabolizantes nas academias de musculação. Muitas academias de musculação vendem o *enhancement* da mercadoria “corpo” por duas vias: a primeira, “no suor”; a segunda, por meio do “algo mais” que é o medicamento anabolizante. Por meio das academias de musculação, estas substâncias potencializadoras da musculatura podem chegar de forma mais fácil e direta às mãos dos aprendizes que não sabem as formas que tais drogas atuam no organismo e sequer sabem as estratégias de combater os efeitos colaterais.

DE APRENDIZES A EXPERTS: AS BIOSOCIABILIDADES BASEADAS EM CRITÉRIOS CORPORAIS DE HIPERTROFIA MUSCULAR E NA PERITAGEM SOBRE O PRÓPRIO CORPO

Nas academias de musculação é possível identificarmos redes de sociabilidades baseadas em preceitos corporais, as quais chamamos de biossociabilidades (RABINOW, 1999; ORTEGA, 2008). Essas biossociabilidades seriam redes de sujeitos segregados com base em elementos biológicos, principalmente, neste caso, em elementos estéticos, como a hipertrofia muscular e a redução da gordura corporal (ou a busca por estes elementos).

Se formos à base teórica, o conceito de biossociabilidade desenvolvido por Rabinow (1999) toma o conceito de biopoder foucaultiano como elemento central de sua discussão. Paul Rabinow insiste, também, na necessidade de repensarmos como caracterizar este conceito *bios* na sociedade contemporânea. Rabinow (1999) desenvolve sua teorização sobre biossociabilidade em um nível genético, “alélico e cromossômico” (RABINOW, 1999), diferentemente do que trazemos como os agrupamentos sociais que surgem nas academias de musculação, os quais se baseiam em biossociabilidades arraigadas em preceitos macros, como a busca por um corpo hipermusculoso e com o mínimo de gordura possível. Arelado ao conceito de biossociabilidade, surge o conceito de bioidentidade (ORTEGA, 2008), que consiste na identidade somática deste sujeito, baseada sobremaneira nas sujeições e sacrifícios pelos quais passou este sujeito na forja de seu próprio corpo.

Podemos considerar que quando o sujeito administra em si mesmo tais rotinas corporais sacrificantes (bioasceses), ele gradativamente vai se tornando *expert* na modificação corporal de si mesmo (MACHADO, 2020). Na academia encontramos tais *experts*, sobretudo dentre os praticantes “mais velhos” de musculação. Esses são possíveis detentores de uma “*expertise* prática” e estão no alto da hierarquia existente na teia de conhecimentos sobre a busca pela hipertrofia muscular a partir

não somente da prática de rotinas de exercícios com pesos, mas também pela prática de sacrifícios corporais (bioascese) dentro e fora da academia de musculação.

Estas práticas bioascéticas consistem em processos de subjetivação, na maioria das vezes socialmente tidos como radicais, nos quais a formação da identidade do submetido à prática está estritamente ligada às decisões sobre o estilo de vida desta pessoa, sobre o disciplinamento de seu corpo e acerca do governo sobre si mesmo. O próprio processo bioascético é, em si, um processo somático, do corpo pelo corpo. Desta forma, o bioasceta pode conviver diretamente com os riscos sobre a manipulação do próprio corpo.

Passar fome, passar sede, saturar a alimentação. Francisco Ortega em suas discussões intitula esse tipo de experiência como uma forma de ascese contemporânea, ou bioascese (ORTEGA, 2003; 2008). Para Ortega, a dieta e o *fitness* seriam dois elementos básicos deste processo chamado “reflexividade corporal”, no qual os alimentos consumidos implicam no reflexo de um “estilo de vida”, de forma que eles também refletem nas modificações do próprio corpo. A ascese clássica consistia nos “exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto por conhecer as práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser”, visando à singularização e à demarcação (FOUCAULT, 1984), como, por exemplo, os eremitas que passavam dias jejuando no deserto na busca de uma “elevação espiritual”, ou mesmo o celibato sacerdotal da Igreja Católica. De forma diferente, a bioascese não se baseia no “sacrifício na busca da elevação espiritual” como a ascese clássica, mas no “sacrifício pela modificação corporal”. O corpo é o fim, e não se busca mais – apenas – a elevação espiritual.

Dentre estes sacrifícios corporais bioascéticos vale destacar aqui a utilização de hormônios potencializadores da hipertrofia muscular, os anabolizantes, popularmente conhecidos como “bombas”. Uma questão que emerge, de modo a ser o fio condutor deste texto é: como se aprendia a “tomar bomba” na época pré-*Internet*, antes do surgimento das redes sociais virtuais? Como os sujeitos sabiam o que fazer (e como fazer com menos riscos e da melhor forma possível) em uma época em que ou não havia *Internet*?

Como mencionamos, era na academia de musculação que se aprendiam não só as rotinas avançadas com pesos, mas também as rotinas sobre hormonização, a partir da tentativa e erro. Ou seja, os praticantes de musculação que almejavam uma hipertrofia muscular pela via medicamentosa tornavam seu próprio corpo um

laboratório de pesquisas ambulante a partir da orientação dos mais experientes naquelas rotinas; daqueles que já haviam testado em si mesmo tais práticas arriscadas.

Nikolas Rose (2013) denomina de *experts* aqueles sujeitos que detêm um conhecimento mais sofisticado sobre as variáveis envolvidas no processo de aprimoramento corporal, seriam os peritos da vida em si mesma: seres que experimentam a si mesmos de novas maneiras como criaturas biológicas. Tal *expertise*, no caso dos praticantes de musculação aqui estudados, pode se dar, por exemplo, no controle das variáveis envolvidas na capacidade autônoma de modificação do “envelope corporal”.

Para Rose (2013), no nível da *expertise* que se manifestam as novas formas de autoridade do biopoder contemporâneo. Uma *expertise* que vai além de um diagnóstico médico, além do tratamento de doenças... Ela chega a atingir a peritagem sobre o modo de governar a biologia do corpo vivente orgânico. Esses praticantes de musculação que sabiam quais as melhores estratégias para “ficar mais fortes” seriam os peritos somáticos da contemporaneidade, predicado que não se restringe apenas aos profissionais da medicina, de modo que conseguimos identificar a existência destes “conselheiros” em diversos ambientes. Estes são reconhecidos frente aos pares por serem detentores de determinada *expertise*.

Tal *expertise*, na prática, era o catalizador do processo de *enhancement* corporal. Aqui entendemos *enhancement* como o processo de aprimoramento corporal com a adoção de tecnologias que melhoram o desempenho deste corpo (ROSE, 2013).

O processo de *enhancement* pode se dar em nível molecular a partir, por exemplo, da escolha de gentes com determinadas características pré-selecionadas a fim de atingir um objetivo, mas também pode ocorrer em níveis biologicamente “maiores”, como a partir da manipulação dietética de macronutrientes (proteínas, carboidratos, gorduras) com vistas à mudança na silhueta corporal, a partir de rotinas de treinamento que promovam a hipertrofia muscular ou a perda de gordura, ou a partir de terapias medicamentosas. Todos os elementos que busquem um replanejamento biológico da vitalidade são potencializadores de um *enhancement* corporal (ROSE, 2013).

Os fisiculturistas, que são potenciais detentores dos conhecimentos sobre a utilização dos anabolizantes, não ficam nas academias de musculação falando sobre a utilização de tais hormônios. Pelo contrário, como relata o participante Johnhy:

[...] o fisiculturista é bem mais retraído... ele é um atleta e fica na dele. [...] O marombeiro quer ser o fisiculturista... quer imitar... mas se chamam para uma cervejinha no final de semana ele vai... já o

fisiculturista é um atleta mesmo... ele segue a risca aquilo ali... ele tem um amor por aquilo ali... a vida dele é aquilo ali... e são humildes... principalmente os *bodybuilders*, cara... é uma humildade que chega a assustar... tu olha o cara... pô, o cara é “desse tamanho” [abrindo os braços] e com uma humildade... [...] Entrevistado: Johnhy

Para nós causou certa estranheza este significado de “marombeiro” empregado pelo Johnhy, pois não víamos o termo ‘marombeiro’ com um teor pejorativo. Ao digitarmos ‘marombeiro’ no buscador do *Google*, encontramos logo de cara a seguinte acepção no *Dicionário inFormal*⁸⁵: “aquele que pratica musculação, marombado, malhado. Sarado, musculoso, forte;” e ainda inclui uma frase para exemplificar tal denominação no cotidiano: “Quando a turma dos marombeiros chega, ninguém mexe com eles”. César Sabino (2004) descreve, etimologicamente, a origem da palavra “maromba” como sendo a vara com que o artista que anda sobre a “corda bamba” se equilibra. Comparativamente, o praticante de musculação que empunha a barra com halteres (removíveis ou não) é associado à imagem do equilibrista sobre a corda bamba, que por analogia passou a ser chamado de “marombeiro”.

Acetrem, aponta que a diferença entre o marombeiro e o fisiculturista é não se restringe apenas a utilizar ou não o anabolizante, mas está baseada, sobretudo, na relação entre o sujeito e o hormônio, com basea na peritagem do primeiro sobre o segundo. Da mesma forma que Sabino (2004; 2005), Acetrem aborda a utilização do anabolizante e a relação de peritagem do sujeito com tal fármaco como um “marco social”, um rito de passagem entre as (sub)biossociabilidades⁸⁶ marombeiro e fisiculturista (*bodybuilders*).

Sabino (2004; 2005) considera que o anabolizante consiste em um rito interno dentro da “categoria” marombeiro. Aquele que utiliza o anabolizante altera seu status na hierarquia de papéis interna ao grupo. Inspirado em Rose (2013), dá para afirmar que o marombeiro passa de um mero “paciente” ativo sobre o próprio corpo a uma categoria de administrador ativo das políticas da própria vida, mesmo que este lado “ativo” seja caracterizado por uma servidão aos ensinamentos de uma outra pessoa.

O início do consumo de anabolizantes pode ser considerado um rito que consagra a diferença, instituindo-a. Este rito ressalta a linha de passagem entre um status - o de indivíduo comum - para a condição

⁸⁵ Endereço eletrônico: <http://www.dicionarioinformal.com.br/marombeiro/>

⁸⁶ Inseri entre parênteses o prefixo (sub), pois em certos momentos os considero como membros de uma mesma biossociabilidade mais ampla, mas em outras situações percebo diferenças entre tais grupos, principalmente após a realização das entrevistas.

de aspirante a outra posição superior. O que deve ser destacado é que a hierarquia de papéis nas academias de musculação se inscreve no corpo através da forma que este gradativamente adota, isto é, a mudança física fabricada significa mudança de status pois esta traduz a aquisição de capital de competência - onde comprar as drogas, como utilizá-las, com quem, quais os efeitos de cada uma, para qual objetivo cada uma delas se presta -, além de capital corporal. (SABINO, 2004, p. 128-129)

É possível considerar que os marombeiros e fisiculturistas dividem entre si características próprias, que os fazem detentores de bioidentidades semelhantes, mas não idênticas. Esta segregação entre marombeiros e fisiculturistas é perceptível na academia de musculação. Grupos que ora parecem dividir uma mesma biossociabilidade, ora não. Também nos apoiamos na narrativa da participante J.Kiss, para identificar esta segregação interna nesta biossociabilidade:

[...]um fisiculturista é aquele que tem aquela cultura de vida[...] alimentação, a dieta o treino. Só que ele também não tem muita escolha. Ele tem que fazer aquilo. Ele não tem opção de não fazer aquilo, de boicotar a dieta, o treino, para chegar no resultado que... tipo, tudo que ele fez durante aquele período vai dar um resultado no dia da competição, no palco... o marombeiro faz a dieta, só que não tem a obrigação... no momento em que ele quiser tomar uma cerveja com os amigos, comer uma pizza, ele vai... porque ele não tem aquele compromisso... de repente ele até leva à sério, mas a visão ainda é diferente um pouco...[...] **geralmente as pessoas que competem elas são mais resguardadas na academia que os marombeiros... os marombeiros querem se aparecer, eles querem mostrar que fazem aquilo...** eles querem mostrar no *Facebook*... o atleta é mais reservado. [...] Entrevistada: J.Kiss

O lado “resguardado” dos fisiculturistas é, possivelmente, um potencializador desta *vontade de saber* por parte dos iniciantes-aprendizes que estão na academia de musculação. Esta relação de poder e dominação hierárquica que se manifesta implicitamente na relação entre o fisiculturista e o iniciante tem um ar de um incitamento, uma provocação ao estilo “será que um dia você consegue ficar do meu tamanho? Eu não vou te contar qual o segredo”. Configura-se, então, um jogo complexo de vontades que se impõem, sobretudo entre fisiculturistas (resguardados) e iniciantes (em busca do aprendizado).

REFLEXÕES FINAIS: A ACADEMIA COMO UM ESPAÇO DE BUSCA PELO *ENHANCEMENT* CORPORAL

A academia de musculação, portanto, pode ser um primeiro passo na formação do aspirante na utilização dos hormônios anabolizantes com fins de *enhancement* corporal. Este não é o “mais seguro” dos passos, pois as pessoas que disseminam seu conhecimento na academia de musculação aprenderam, sobretudo, na tentativa e no erro. E o erro, nestes casos, pode custar caro.

Nas falas dos participantes sempre ficou nítido o seguinte percurso: o sujeito, primeiramente, vai à academia e após as frustradas tentativas de conseguir um corpo hipertrofiado sem a ajuda de medicamentos, ele começa a arquitetar mecanismos para conseguir esta modificação corporal de forma mais fácil e rápida. É aí que entram os anabolizantes; como “facilitadores” do processo de hipertrofia muscular, ou ainda, ferramentas catalisadoras de um processo de *enhancement* corporal.

Portanto, há, mesmo que os envolvidos não façam ideia, uma disputa latente entre os fisiculturistas (por meio da detenção de um saber clandestino sobre o anabolizante) e os aprendizes (que buscam ainda mais ferramentas que os possibilitem a obtenção desta *expertise* sobre o próprio corpo), de modo que ambos compartilham o mesmo espaço de trocas de conhecimentos: a academia de musculação.

A academia de musculação, entretanto, não é uma dimensão única de aprendizagem sobre a utilização de anabolizantes. Identificamos a existência de um fluxo formativo contínuo, que passa gradativamente pelos conhecimentos adquiridos nas dimensões de aprendizagem *academia de musculação*, pelo aprendizado na *Internet* e a partir do aprendizado obtido com *coaches* do esporte, de modo que é possível perceber uma rede de relações bastante articulada. Uma espécie de encadeamento e interdependência das aprendizagens e competências adquiridas na busca da proficiência sobre o uso do anabolizante com fins de *enhancement* corporal.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

MACHADO, E.P. “**Segue o plano!**”: a relação de autoridade/obediência entre *coach* e pupilo no processo de construção corporal do fisiculturista. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. UFRGS, 2020.

MACHADO, E.P. **De aprendiz a coach**: o aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2015.

MACHADO, E.P. **Ratos de Academia On-Line**: Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFUGRS. 2009.

MACHADO, E.P.; FRAGA, A.B. Anabolizantes na graduação em educação física: um dilema ético-sanitário entre estudantes que praticam fisiculturismo. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, 2020.

MACHADO, E.P.; FRAGA, A.B. Ratos de academia on-line debates sobre musculação em um fórum virtual. **Rev. bras. ciênc. mov.**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 141-150, 2017.

ORTEGA, F. Do corpo submetido à submissão ao corpo. *In*: ORTEGA, F. **O corpo incerto**: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORTEGA, F.J.G. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003.

RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia a biossociabilidade. *In*: BIEHL, J.G. (Org.). **Antropologia da razão**: ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999, p. 135-157.

ROCHA, N.S. **“O que eu trabalho hoje, é com vídeos”**: A construção da carreira de Youtuber a partir da análise de vídeos *Draw My Life*. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Administração, UFRGS, 2017.

ROSE, N. **A política da Própria Vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SABINO, C. O uso ritual de esteroides anabolizantes em academia de musculação: Uma abordagem antropológica. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-16, janeiro/junho 2005.

SABINO, C. **O peso da forma. Cotidiano e uso de drogas entre Fisiculturistas**. 01/04/2004 366 f. Doutorado em Sociologia e Antropologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Biblioteca Depositária: IFCS, SIBI.

SABINO, C. **Os marombeiros construção social de corpo e gênero em academia de musculação**. 01/01/2000 198 f. Mestrado em SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, 2008.

SABINO, C.; GAMA, D.; GRIVET, E. RETONDAR, J.J.M.; CASTRO, J.B.P.; MATTOS, R.S.; ESPÍRITO SANTO, W.E. Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 97-113, 2019..

SILVA, A.C.; FERREIRA, J. “Homens bombados e embalados”: masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 25, n. 267, p. 2-20, 2020..

CONSUMO DE DROGAS EM UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA DO RIO DE JANEIRO: UMA MICRORREALIDADE DE HOMENS GAYS

Rafael Marques Garcia⁸⁷

INTRODUÇÃO

As mensagens de obsessão pelo corpo na atualidade se apresentam de diversas formas e nos impactam de inúmeras maneiras (MALYSSE, 2007). Para facilitar e/ou acelerar o processo de constituição de um corpo dito belo, pode-se fazer uso de diversas substâncias, tais como diuréticos, estimulantes e anabolizantes esteroides (IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009). É importante lembrar que a noção de beleza para determinados corpos advém da relação entre a cultura, o espaço e o tempo ao qual estão inseridos, podendo ser diferente de acordo com contextos e relações diversas (VIGARELLO, 2005).

Pereira e Ayrosa (2012a) sinalizam que a cidade do Rio de Janeiro é particularmente ímpar nesse sentido, uma vez que a cultura de vida carioca parece se imbricar ao culto ao corpo de seus habitantes. Os autores sinalizam que para os homossexuais cariocas, essa noção parece reforçar ainda mais uma ideia estética que se traduz no valor de sua identidade, fazendo dessa região espaço de forte apelo social a um modelo de corpo *gay* com estética e significados próprios. Parece haver mais valor àquele corpo másculo, jovial, dotado de uma hipermasculinidade e aparentemente dito saudável (PEREIRA; AYROSA, 2012a).

Sabendo que esses valores e sentidos são culturalmente estabelecidos e recaem sobre o uso do corpo, Sabino (2007) observa que o uso de substâncias anabólicas por homossexuais se traduz em motivações que orientam a busca por um estilo de vida sexualmente ativo e/ou afetivo, bem como a uma ideia de pertencimento a uma estrutura hierarquizada de prestígio e valor. Somado a isto, diversos discursos são formulados a partir das interações estabelecidas entre o consumo de uma substância, o corpo do homem *gay* que as consome, o espaço onde é consumida e quais efeitos ela promove tanto a curto quanto longo prazo (PEREIRA; AYROSA, 2012b).

⁸⁷ Doutor em Educação Física (UFRJ). Professor adjunto (UFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/3780692797773955>

Entendendo as complexas relações existentes entre as subjetividades humanas e as interações sociais (VELHO, 1998; BECKER, 1996; 2008; 2011), as academias de ginástica irrompem nesse cenário como espaço para não apenas treinar o corpo, mas também para exibi-lo, além de configurar-se como um espaço de relações sociais múltiplas (GONTIJO, 2007; SILVA, 2017). Ficam evidente características como o capital do corpo e o poderio simbólico que determinados ideais de beleza se manifestam nesses espaços através da própria prática, de conversas, partilha e até mesmo de um mercado de substâncias que facilitam esses processos (SABINO, 2007). Para Silva (2017, p. 49), “as academias são locais privilegiados para se analisar as questões relativas à hipervalorização do corpo”.

Neste estudo⁸⁸, focalizo seis sujeitos que se identificam como homens homossexuais de classe média/alta residentes no Rio de Janeiro/RJ que fazem uso de drogas (i)lícitas para auxiliar na constituição de seus corpos. Tenho por objetivo compreender os sentidos discursivos do consumo dessas substâncias através da seguinte questão: quais são as representações atribuídas às ditas substâncias durante o processo de constituição dos corpos dos interlocutores? Conforme pontua Velho (1998), é crucial compreender que coexistem inúmeros mundos das drogas com diversos sentidos a depender das interações sociais dos grupos que as utilizam. Ressalto que o uso de drogas na contemporaneidade não é exclusivo de um grupo social, passando por diversas camadas de classe, raça, gênero, orientação sexual, entre outros marcadores. Nesse sentido, essa empreitada analisa uma microrrealidade contextualizada, que não deve ser generalizada a todo o público *gay*.

Para desenvolver a pesquisa, optei por uma abordagem qualitativa, sendo realizada de forma encoberta, e tipificando-se como etnográfica. Inspiro-me em Geertz (1989) para situar a etnografia enquanto uma modalidade de investigação extremamente profícua e enriquecedora, uma vez que se propõe a estudar de maneira aprofundada certo grupo, povo, costume, hábito e/ou manifestações culturais, buscando entender o significado da adoção de certas práticas, sobretudo o simbolismo que elas apresentam e como são acionadas, (re)transmitidas e cultuadas nos universos pleiteados.

Conforme Geertz (1989) destaca, ousar-se sob uma investigação de cunho etnográfico é aprofundar-se no estudo denso de alguma cultura e/ou grupo social, trazendo à tona as possibilidades de leitura que se mostram possíveis sobre essas atividades culturais. Para tanto, foi necessária a adoção de determinadas medidas

⁸⁸ Aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro – HUCFF/UFRJ, sendo o número do parecer 3.801.620, CAAE 26649419.8.0000.5257 e protocolo 434-19.

para promover a confiabilidade dos achados e garantir que o máximo possível pôde ser extraído para análise, como o estabelecimento de vínculo com os interlocutores, observação atenta à ocorrência dos eventos, descrição detalhada dos mesmos e um tempo considerável no “ambiente natural” do estudo. Ciente de que a temática é sensível e cercada de julgamentos morais, optei por desenvolvê-la de forma encoberta, sem que os interlocutores soubessem de sua execução para não prejudicar os dados apresentados.

Acompanhei os sujeitos ao longo de trinta sessões de treino em uma academia de ginástica em Ipanema/RJ⁸⁹. Minha entrada em campo foi facilitada por já fazer parte da rede de interações dos interlocutores e apresentar características sociais em comum com eles, a saber: ser homem, homossexual, branco, jovem e frequentador de academias de ginástica, tornando-se aos olhos alheios mais um dentre tantos que se engajam em exercícios físicos em academias. Deste modo, através da técnica de observação participante, registrei os eventos no aplicativo de notas de meu celular, que foram posteriormente analisados pela técnica de análise de discurso (ORLANDI, 2011). Devido à proximidade com os pesquisados, inspirei-me em Velho (1998) e Minayo (2021) para exercer a reflexividade, a fim de que pudesse me envolver e distanciar das práticas do grupo ao qual me propus a investigar, evitando assim uma interpretação equivocada do fenômeno. Logo, friso que esse texto é apenas uma discursivização dos eventos captados, dentre tantas outras, que não deve ser generalizada, mas sim tensionada e ampliada.

A noção de “discurso” aqui empregada é demarcada por valores e sentidos de seus enunciadorees, e através dela “[...] se explicita o modo de existência da linguagem que é social” (ORLANDI, 2011, p. 19). Valoriza-se o contexto sócio-histórico, a cultura, as relações sociais e a maneira como juízos e sentidos são empregados às linguagens, sejam explícitas ou não. Destarte, à luz de Becker (1996; 2008) e Velho (1998), para além de evidenciar os discursos, é primordial compreender que estão embebidos em concepções ideológicas e particulares de seus depoentes, mas que conversam indubitavelmente com as camadas externas a eles e, assim, tornam-se capazes de expressar o que são, como e por que o são.

⁸⁹ Bairro pertencente à zona sul do Rio de Janeiro, considerada nobre e habitada, em maioria, pela classe média/alta. O bairro de “Ipanema passou a ser considerado o ‘bairro de elite’ da Zona Sul carioca, em substituição a Copacabana, que perdeu esse posto após se tornar uma região de frequência mais popular” (RIBEIRO, 2015, p. 10).

DESENVOLVIMENTO

Nas sessões de treinamento observadas, percebi que os seis sujeitos da pesquisa faziam uso de diversas substâncias para aperfeiçoar seu rendimento no momento de treino, dentre esteroides anabolizantes e suplementos alimentares, mas a que mais se destacou foi a cocaína, que era consumida dentro da academia logo antes dos treinos.

Sempre ao chegar, o grupo se dirigia aos vestiários para guardar mochilas e para se reunir na última cabine de banho, mais distante do fluxo de pessoas, onde aspiravam as primeiras carreiras de cocaína para malhar. Enquanto isso, um deles sempre ficava do lado de fora mexendo na bolsa e simulando que procurava algo entre seus pertences, mas sua intenção era sinalizar quando os colegas poderiam sair da cabine sem serem vistos, batendo três vezes na porta. Nesse momento, um deles saía e trocava de lugar com o colega que estava vigiando. Após mais alguns segundos, todos saíam da cabine “colocados”⁹⁰ e se dirigiam para a sala de musculação, prontos para treinar. As justificativas desse consumo eram diversas, como podemos notar nas falas de Apolo⁹¹, Perseu e Aquiles:

Apolo: É um turbo, assim eu consigo me dedicar mais e trincar. Daqui a um mês tem a Odisseia⁹² e eu preciso chegar sequinho, mas aí tem que tomar cuidado, porque se não comer bem eu perco massa magra. Isso que é foda, porque o padê tira toda a fome, mas aí preciso comer feito um cavalo para preservar os músculos... Uó.

Aquiles: Se não der um tiro eu não consigo treinar. Nem que seja um tirinho pequenininho só. Se não fizer fico me arrastando, puxo nem metade do que eu consigo, fica chato. Não gosto de treinar assim.

Perseu: Chega uma hora que fico zonzo, enxergo mais nada, parece que vou desmaiar, o coração pulando para fora da boca, mas é assim que eu gosto, essa sensação na beira do abismo, sobe um calor todo na cabeça... Se eu estivesse puro chegaria nem perto.

Como se percebe, o consumo da cocaína (nomeada pelos sujeitos de “padê”) era realizado com fins de se aumentar o desempenho dos praticantes e auxiliar na

⁹⁰ Termo utilizado pelos próprios sujeitos para substituir a noção de que uma pessoa, ao consumir determinada droga, esteja drogada, passando a estar então colocada. A estratégia de suavização do termo para distanciar-se de um quadro estigmatizado será problematizada ao longo do texto com base em Becker (2008; 2011).

⁹¹ Nomes fictícios para preservar o anonimato dos pesquisados.

⁹² Nome fictício, refere-se a um festival de música eletrônica voltado para o público *gay* e que reúne um grande número de homossexuais do Brasil e de outros países.

conquista de um corpo definido e com baixas taxas de gordura, ainda mais próximo de um determinado evento. A ausência da substância sinalizava um corpo fraco e sem energia para a realização do treino do dia, sendo condicionada então a um bom desempenho. Os efeitos provocados pela droga ainda eram excitantes para Perseu, que gostava de estar “no limite”, muito embora a noção do que seja esse limite não fique clara e atue primordialmente como um campo simbólico do que se estima do desempenho (SILVA, 2017).

Conforme Le Breton (2003), a conduta de risco, amplamente disseminada e aceita no universo das masculinidades, transfigura-se como aventura, gerando sensações satisfatórias principalmente quando o perigo é experienciado e superado. Para Perseu, tornou-se indissociável o treinamento sem o risco, de modo que o perigo da morte é ressignificado e sobrepujado através da metáfora “na beira do abismo”, isto é, chega-se muito perto desse lugar de ameaça à vida, mas consegue-se superá-la e a cada nova vitória, mais excitante se torna experienciá-la, já que “estar puro” impediria essa deflagração.

A cocaína acabava por desencadear reações esperadas ao grupo, como euforia, maior disposição e aumento da libido, todavia, trazia também efeitos “outros”, como a irritabilidade, impaciência e, ao fim do efeito, uma sensação de letargia.

Perseu: Bateu, bateu, não fala comigo agora não. Já tô puto com essa vagabunda aqui que não sai do equipamento, arrombada do caralho, atrapalhando meu treino... E ainda fica no celular, vadia desgraçada! Porra!

Apolo: Aquela gorda filha da puta que não libera o aparelho, estou de saco cheio, ela nem tinha que estar aqui. Só atrapalha minha onda, aí eu fico aqui fazendo o que? Tinha que ser gorda, horrorosa!

Ajax: Vou ter que subir e dar mais um tirinho, já estou ficando lesado.

Aquiles: Só tem deus grego aqui, vai tomar no cu. Depois vamos todos para a praia. A gente malha para isso né, chegar lá e chamar atenção, conseguir viçar fácil-fácil. Ainda mais cheio de padê, um tesão da desgraça e cheio de macho, tem como resistir?

Embora sejam ambíguas, essas sensações acabam por ser ressignificadas pelos pesquisados, de modo que sejam compreendidas como agradáveis. Assim, Becker (2008, p. 65) explica que o consumo se torna contínuo, já que as sensações tidas como desagradáveis precisam passar por uma redefinição: “O prazer é introduzido

pela definição favorável da experiência que uma pessoa adquire de outras. Sem isso, o uso não prosseguirá”.

A irritabilidade e impaciência eram dirimidas através de falas grosseiras e xingamentos direcionados às mulheres com corpos diferentes, uma possível estratégia para lidar com a impossibilidade de continuidade da prática de exercícios e reflexo de um corpo que não lhes desperta o desejo de consumo. Percebo que modelos de corpos alheios àquele cultuado/consumido pelo grupo era condenado e ojerizado, sendo interpretado como indigno de pertencimento naquele espaço. Nesse sentido, o corpo gordo da mulher estava cercado de xingamentos e zombaria, deflagrando que a gordura e a feminilidade pertenciam a um universo outro distante. Essa percepção faria com que existisse um sentimento de abjeção à presença daquele corpo, que era exacerbada quando ocupasse um dos aparelhos que o grupo gostaria de utilizar. Em outras palavras, “existe uma espécie de etiquetas corporais implícitas de acordo com o que o sujeito deve se enquadrar, ou melhor, há códigos de um saber-viver aceitos socialmente com/para o corpo” (SILVA, 2017, p. 40).

Outra sinalização aponta para a expressão “deus grego”, popularmente acionada para se referir a corpos masculinos considerados belos. Vigarello (2005) explica que a noção de beleza masculina parte de uma representação de força e poder traduzidos em meios de impressionar. Fazia parte da rotina dos praticantes esse culto à hipervirilização e hipermasculinidade, tanto na esfera física quanto simbólica. Cultuavam-se esses ideais através do treinamento intenso por eles realizado, mas também pelos pensamentos e representações que eram atribuídos aos portadores desses corpos, que seriam os responsáveis pelo desejo de consumo do macho⁹³. Essa característica já foi exacerbadamente discutida pela literatura (GONTIJO, 2007; PEREIRA; AYROSA, 2012a, 2012b; REIS, 2013; RIBEIRO, 2015). A hipersexualização, atrelada ao aumento da libido provocado pela cocaína, fazia com que práticas ou pensamentos sexuais estivessem sempre presentes na rotina das academias, como se percebe na fala de Aquiles: “Gente, vou aguentar não, aquele moreno ali não para de apertar a neca e eu já tô todo ataçado, vou bem subir com ele”.

“Apertar a neca” significava segurar o pênis sobre o *short*/bermuda, um código convidativo para a realização de práticas sexuais. “Subir” significava ir ao vestiário e consagrar essas práticas dentro das cabines, o que era comum naquela academia

⁹³ Conforme sinaliza Sabino (2007, p. 149), “A nova economia libidinal potencializa as paixões e é estabelecida pela lógica do consumo”. O uso de cocaína e de anabolizantes nesse contexto concretiza “estratégias instrumentais de manutenção do corpo considerado veículo do prazer e da auto-expressão, corpo produzido por uma sociedade individualista e racionalizante – e que a produz”. Sabino (2007) sinaliza que em uma parte do mundo *gay* o consumo dos corpos pauta-se pela lógica do gozo sexual, o mercado do orgasmo, tendo o corpo papel importante para atrair parceiros.

de ginástica. Durante as atividades de uma das sessões observadas, Odisseu trocou olhares com outro rapaz, igualmente forte, e tão logo se comunicaram com gestos sutis, subiram para os vestiários onde permaneceram por cerca de dez minutos. Odisseu retornou ao salão de ginástica minutos depois e, rindo, falou brevemente para Aquiles: “Ele acabou comigo, cheguei a ficar tonto”.

A prática sexual sob efeito de drogas é chamada de *chemsex*, que visa facilitar o início do ato ou prolongá-lo, intensificando a experiência. Em revisão de literatura, Maxwell, Shahmanesh e Gafos (2019) sinalizam que as principais drogas utilizadas para essa vivência são a mefedrona, metanfetamina e GHB/GBL. Em menores proporções, usam-se cocaína e ketamina, evidenciando que a escolha pelas substâncias “[...] varia entre os países e entre as subculturas dentro desses países ao longo do tempo” (MAXWELL SHAHMANESH; GAFOS, 2019, p. 75, tradução nossa)⁹⁴.

Odisseu e Aquiles parecem compartilhar dessas ideias e vivências quando trocam informações sobre seus feitos e Aquiles menciona que “malha para isso”, para “chegar lá e chamar atenção, conseguir viçar fácil-fácil”. Viçar nesse contexto significa atrair olhares, paquerar e realizar atos sexuais com terceiros, que estaria em voga “ainda mais cheio de padê, um tesão da desgraça e cheio de macho”. Pelo exposto, a cocaína aumenta o desejo sexual que, atrelado à oportunidade e ao interesse de outrem, materializa-se em *chemsex*. Este, por sua vez, potencializa as sensações e experiências do ato sexual, levando o prazer sexual ao êxtase do gozo concomitantemente com a morte do tesão: “Ele acabou comigo, cheguei a ficar tonto”.

Pela expressão facial de Odisseu no momento da fala, percebi que as sensações de sua experiência foram tão exacerbadas que rememorá-las pelas palavras trazia-lhe mais uma satisfação. Contudo, há de se destacar que ao subir para a prática, Odisseu muito provavelmente consumiu mais cocaína pois, ao descer e conversar com Aquiles, estava visivelmente eufórico e mais agitado. A satisfação parecia ser o resultado das múltiplas experiências que Odisseu vivenciou e/ou estava experimentando no momento de sanar seu tesão.

Como se vê, o olhar de consumo aos prazeres do corpo *gay* fazia parte do estilo de vida desses sujeitos, borrando a noção de que seriam práticas exclusivamente realizadas na academia de ginástica, nas praias ou nas festas. Fica confuso estabelecer um local para realização dessas práticas, sendo uma relação simbiótica

⁹⁴ O termo “subcultura” foi traduzido de “sub-culture”, porém seu uso ainda gera debates, já que é utilizado para identificar um grupo que realiza e/ou cultua algum tipo de prática social contranormativa, mas também para cristalizar a compreensão dinâmica e fluida entre aquilo que seria típico e atípico de forma ininterrupta (VELHO, 1998).

construída entre esses espaços, ou seja, o que estava em evidência era o corpo *gay* esbelto com tesão e à procura de machos para consumi-los ou por eles ser consumido (SABINO, 2007). Isso representaria parte importante das ações analisadas nesta microrrealidade, sendo possível associar suas práticas cotidianas a elementos que se voltassem para essa problemática. Tal como apontou Silva (2017, p. 176):

[...] o corpo nas academias ou na musculação não era um fim. Tais espaços eram um processo de construção da vida daqueles sujeitos que anseiam negar, reafirmar ou ressignificar as suas visões de mundo encarnadas em suas múltiplas e temporárias identidades constituídas em interações sociais cotidianas.

Essas interações corporais se traduziam na territorialização de espaços, que ficava evidente quando os pesquisados expunham que havia um trajeto a ser realizado antes ou depois da malhação para se evidenciar pelo/através do corpo aquilo que se havia conquistado na academia. Ao final dos treinos, era muito comum que os rapazes se dirigissem para a praia de Ipanema, próximo à Rua Farne de Amoedo, que surge na “[...] ‘subcultura *gay*’ como um espaço frequentado por *barbies*” (RIBEIRO, 2015, p. 30). Fortes, musculosos e esbeltos, corpos de *barbies*⁹⁵ reúnem capital social, de gênero e de classe, ilustrando o valor da identidade *gay* nesse grupo (GONTIJO, 2007; MALYSSE, 2007; SABINO, 2007). “Todas essas ideias convergem para a noção de que os sujeitos em suas relações sociais definem determinados tipos de aparências corporais a partir das suas inserções e interações no mundo” (SILVA, 2017, p. 41).

Já ao sair da academia, despiam-se na calçada e de sunga terminavam o trajeto até as areias. No caminho, não era raro cruzarem-se com conhecidos ou paqueras, trocando abraços, beijos e deixando pré-combinada alguma outra atividade para o dia/semana (para Aquiles, o “viçar”).

Ajax: Aquele ali disse que vai pra Farne depois, bom que eu vou junto e já aproveito para ganhar uma corzinha. Ele tomou viagem já, dá para perceber...

Odisseu: É tudo né, quem malha aqui vai para a Farne e quem está na Farne vem para cá. Todos colocados, cheios de gás! Eu gosto assim!

Apolo: Estou ficando gostosona, tá todo mundo olhando e me querendo, já venho com roupa cavada para isso, ajuda malhar e me mostra todo. Se não for para aparecer eu nem saio de casa.

⁹⁵ O termo se refere a “homens gays bonitos”, com corpos musculosos, sarados, de tipo considerado “padrão”.

Na praia, logo ao chegar, reuniam-se com demais homens igualmente musculosos, cheirando mais cocaína, conversando, se abraçando e se beijando, além de discretamente tocarem/apertarem o pênis ereto de seus colegas em suas sungas volumosas. Mostrar/atritar o corpo era importante para sinalizar esse *status* e a ideia de pertencimento no/do grupo. As práticas adotadas, como consumo de drogas (anabolizantes, cocaína, *viagra*⁹⁶) e hipersexualização entre os membros também despontaram como importantes aspectos de constituição desse cenário, uma vez que eram experienciadas/compartilhadas/repetidas exacerbadamente como um requisito para verdadeiramente pertencer a essa representação. Esse estilo ritualizado contorna o universo das *barbies* e ajuda a perceber “[...] uma categoria de homens malhados e que adotam determinado estilo que vai além do culto ao corpo” (RIBEIRO, 2015, p. 117), mas que também é estigmatizada ao ser atrelado a “uma cultura alienada, fútil e consumista, que reúne pessoas imediatistas, sem conteúdo e drogados” (FRANÇA, 2012, p. 90 *apud* RIBEIRO, 2015, p. 117).

“Aditivados”, acionavam o termo “colocado” para sinalizar que haviam consumido drogas, um eufemismo estrategicamente utilizado para “[...] neutralizar a sensibilidade ao estereótipo” (BECKER, 2008, p. 82), igualmente identificado ao renomear “cocaína” por “padê”, distanciando-se da figura imoral de um descontrolado consumidor de drogas que rompeu seus imperativos morais básicos (VELHO, 1998; BECKER, 2008; 2011). Conforme sinalizou Ajax: “A gente não usa drogas, a gente faz colocação. Não usamos cocaína, usamos padê”.

A estratégia de racionalização do uso da substância, conforme propõe Becker (2008), faz com que a pessoa que a utilize justifique o uso como benéfico e bem planejado, ou seja, ele controla a droga e não o inverso: “o grau de uso parece estar relacionado com o grau em que as concepções deixam de ter influência, substituídas por racionalizações e justificativas correntes entre os usuários” (BECKER, 2008, p. 87). Nessa mesma dinâmica de se estabelecer o autocontrole percebi a adoção de alguns cuidados para não sobrecarregar o corpo com o consumo e/ou mistura de tantas drogas, principalmente de acordo com a rotina dos sujeitos, à luz do que Le Breton (2003) denomina de controle do risco.

Hércules: Tem tanta mistura nesse corpinho aqui que eu já nem sei mais... Só sei que estou bem por causa dos meus exames, tudo

⁹⁶ O uso de tantas substâncias caminha ao encontro do que Le Breton (2003) identifica como a produção farmacológica de si, que visa a aceleração de um processo que demandaria um tempo maior para se concretizar sem qualquer intervenção, isto é, a potencialização de um resultado. Na microrrealidade investigada, percebo que esse resultado seria o corpo *gay* musculoso, com baixo percentual de gordura e hipersexualizado (resumindo-se ao pênis, especialmente quando ereto).

direitinho, e meu endocrinologista cuida bem da minha reposição hormonal, até voltar ao normal.

Odisseu: Hoje vou pegar leve no padê porque à noite tem a Olimpíada⁹⁷ e lá sim vou aloprrar, hoje é dia de esquecer o próprio nome, só saio de lá carregado. Tenho que economizar neurônio para gastar, treino de leve hoje.

Na fala de Hércules, percebo novo eufemismo desta vez empregado ao uso de anabolizantes ao dizer que está fazendo reposição hormonal de testosterona. Embora não tenha apresentado deficiência na produção deste hormônio, ele dizia realizar o uso biomedicalizado da substância para potencializar seus ganhos, deflagrando uma subordinação múltipla para se engajar nas práticas corporais de musculação, além de dessensibilizar o estigma atribuído a esse quadro de dependência: “A referência ao anabolizante como uma droga aproxima tal substância da ilegalidade” (SILVA, 2017, p. 129) e “[...] ninguém ali “tomava” bomba e sim, de forma positivada, fazia reposição hormonal”.

Tal discurso caminha ao encontro do que Silva (2017) nomeia de cuidado biomédico legítimo, isto é, a adoção de medidas que se utilizam de um ideal de saúde preocupado com os riscos e se torna um ato aceitável socialmente, além de contribuir para o processo de medicalização da beleza. Acionar esses termos dá vida ao que Becker (2011) denomina de linguagem das drogas, que coloca o sujeito em relação de protagonismo frente a substância e “sugere que o uso é voluntário, agradável e inocente” (BECKER, 2011, p. 159).

Aqui fica uma indagação: seria este o caminho que legitima as várias formas de drogatização para se atingir um corpo considerado belo, ou então, conforme apontou Becker (2008), uma estratégia para ressignificar o consumo dessas substâncias frente aos prestígios que elas supostamente poderiam atribuir?

CONSIDERAÇÕES

Percebo que os interlocutores estão imersos em uma microrrealidade de drogatização que remete à construção de um tipo de corpo que goza de prestígios físicos, sociais e sexuais de forma potencializada, demonstrando os sentidos do consumo das substâncias. O espaço da academia de ginástica surge como local de construção, mas principalmente de exibição, confraternização e experimentação

⁹⁷ Nome fictício de uma festa eletrônica realizada semanalmente no centro da cidade do Rio de Janeiro, voltada exclusivamente ao público *gay* de classe média/alta.

desses corpos, isto é, como palco de interações sociais que se manifestam no estilo de vida desses sujeitos para além do espaço do exercitar-se.

Malhar sob efeito das drogas elevava a *performance* dos praticantes, além de deixá-los excitados e sexualmente dispostos a parceiros dentro e fora das academias. Por vezes ficavam irritadiços quando os aparelhos estavam ocupados, mas driblavam essa situação através de xingamentos e flertes com outros homens. O consumo das substâncias era racionado e de forma consciente, ao ponto que surtisse efeito no momento do treino, mas também nas interações posteriores a esse, especialmente nas areias de Ipanema, onde engajavam-se homossexualmente de forma mais explícita.

Estar no controle, principalmente acompanhado pela via biomédica, mostra aos interlocutores que é possível viver bem, feliz e saudável independente da mistura dessas substâncias, que “rejeitam os contos de fadas exóticos em que pessoas sem qualquer experiência de primeira mão acreditam” (BECKER, 2011, p. 86). Por outro lado, parece ser consenso que sem o auxílio dessas substâncias, os interlocutores não conseguiriam treinar com qualidade ou interagir socialmente da maneira como gostariam e/ou se espera de um homem *gay* da zona sul do Rio de Janeiro, levando-me a perguntar: nesta microrrealidade, seria possível fazer parte do grupo e viver seus potentes prazeres sem essa drogatização?

Recomendo mais pesquisas sobre a temática por entender que as interações sociais são inúmeras, bem como os sentidos, razões e necessidades que se estabelecem para o engajamento a práticas diversas. Ressalto que os dados apresentados representam uma microrrealidade e não podem ser generalizados.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.177-188, 1996.
- BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Trad. Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BECKER, H. S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Edição digital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 13-41.
- GONTIJO, F. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 41-78.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 773-782, abr. 2009.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-138.

MAXWELL, S.; SHAHMANESH, M.; GAFOS, M. Chemsex behaviours among men who have sex with men: a systematic review of the literature. **International Journal of Drug Policy**, Liverpool, v. 63, p. 74-89, 2019.

MINAYO, M. C. S. Ética das pesquisas qualitativas segundo suas características. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 9, n. 22, p. 521-539, dez. 2021.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas/SP: Pontes, 2011.

PEREIRA, S. J. N.; AYROSA, E. A. T. Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. **Organizações & Sociedades**, Salvador, v.19, n.61, p. 295-313, abr./jun. 2012a.

PEREIRA, S. J. N.; AYROSA, E. A. T. Between two worlds: an ethnographic study of gay consumer culture in Rio de Janeiro. **Brazilian Administration Review**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, art. 5, p. 211-228, abr./jun. 2012b.

REIS, D. N. **Homens distintos: consumo, construção do corpo e identidade gay viril**. 119f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

RIBEIRO, A. G. **Que gay sou eu? Interseccionalidades em praias gays do Rio de Janeiro**. 138f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2015.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 139-187.

SILVA, A. C. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2017.

VELHO, G. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**. El cuerpo y el arte de embellecer desde el Renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, Colección Cultura y Sociedad, 2005.

OLHARES SOBRE OS SINTOMAS DE DEPENDÊNCIA DE EXERCÍCIO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Juliana Gonçalves Baptista⁹⁸
Alexandre Palma⁹⁹

INTRODUÇÃO

[...] ficar sem fazer nada é quase impossível, nem que seja uma andada longa de uma hora, uma hora e pouca [...] Eu preciso me movimentar, se não é fato que pelo menos uma dor de cabeça eu tenho, isso é terrível [...] Já deixei de ir aos aniversários de amigos [...], casamento [...] (SportTV Repórter, SportTV, 23/05/2013).

Relatos como esse não são incomuns de serem presenciados em academias de musculação e ginástica, grupos de corrida, nos boxes de *CrossFit*® ou até mesmo em uma conversa entre amigos. Recorrentemente postas como um valor simbólico positivo, a relação afinho do sujeito com as práticas corporais são muitas vezes enaltecidas e um fim a se alcançar.

No entanto, alguns pesquisadores têm se debruçado a compreender até que ponto esse comportamento é benéfico ao seu praticante e não uma conjuntura que se assemelharia a uma condição de dependência, no momento que a falta do exercício poderia gerar sintomas de abstinência e/ou algum sofrimento expressivo a esse sujeito. Ora, não se nega os inúmeros benefícios, sejam eles sociais, biológicos, psicológicos, simbólicos etc., das práticas corporais. Todavia, compreende-se também que há uma retórica social de valorização das práticas corporais como salvadoras de todos os riscos e males (PALMA, 2001), independente das formas e contextos que são realizadas.

De certo, tal temática traz grandes debates entre leigos e na comunidade científica, em relação à evidência dos critérios clínicos sobre comportamentos aditivos relacionados ao exercício e os seus possíveis efeitos negativos (ALEXANDRIA *et al.*, 2021). Nesse ínterim, é preciso compreender que as apreciações e classificações não são neutras, mas fruto de lutas simbólicas (BOURDIEU, 2020), sendo, portanto, um campo de disputas.

⁹⁸ Doutora em Saúde Coletiva (UFRJ). Professora (SME / Rio de Janeiro – RJ). CV: lattes.cnpq.br/1696435677035341

⁹⁹ Doutor em Saúde Pública (FIOCRUZ). Professor Associado (UFRJ). CV: lattes.cnpq.br/7533719836625173

Assim, os comportamentos aditivos ao exercício têm sido caracterizados como um comportamento de exercício mal adaptado que ocasiona algum tipo de prejuízo ou sofrimento expressivo, sejam de caráter fisiológico, através de sintomas como a abstinência; social, impacto negativo ao priorizar o exercício em detrimento de outras atividades sociais, ocupacionais e/ou de lazer; e psicológicos, como ansiedade e depressão pela não realização da prática de exercício (HAUSENBLAS; DOWNS, 2002)¹⁰⁰.

No entanto, é importante ressaltar que no presente capítulo não temos o intuito de patologizar comportamentos, a partir de classificações como normal *versus* patológico (CANGUILHEM, 2009), mas de compreender a relação de frequentadores de academia de ginástica com essa prática e possíveis fatores que interage em condições de maiores ou menores manifestações aditivas ao exercício com base nessa literatura científica.

Deste modo, o presente estudo buscou, primeiramente, identificar qual é a taxa de prevalência de sintomas de dependência de exercício em frequentadores de academia de ginástica e musculação na cidade do Rio de Janeiro e, por conseguinte, na tentativa de compreender de forma mais aprofundada os fatores associados aos altos sintomas de dependência de exercício, quais são as características associadas a esse comportamento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um estudo observacional do tipo transversal com 483 frequentadores de academias de ginástica e musculação na cidade do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 87 anos foi realizado¹⁰¹. Os critérios de inclusão foram: a) serem frequentadores de academias de ginástica e musculação; b) que estivessem realizando treinamento regular; c) idade entre 18 e 90 anos, de ambos os sexos. Foram excluídos os indivíduos com deficiência.

¹⁰⁰ Para as autoras, o critério diagnóstico para dependência de exercício refere-se à presença três ou mais sintomas, tais como: a) estreitamento de repertório, levando a um padrão estereotipado de exercício físico uma ou mais vezes ao dia; b) prioridade ao exercício físico em relação às outras atividades e interferência negativa na vida social; c) maior tolerância ao exercício físico ao longo dos anos; d) sintomas de abstinência agregado com alterações de humor após interrupção dos padrões de exercício; e) prevenção ou alívio do aparecimento de sintomas de abstinência quando ocorre o aumento da prática de exercício; f) consciência subjetiva da compulsão de exercícios; g) rápido regresso dos sintomas de abstinência por não realização da prática de exercícios; além de outras características, como: h) exercitar-se mesmo estando com contraindicação médica, doente ou lesionado; i) adoção de dieta alimentar rígida para perda de peso, com o objetivo da melhora do rendimento.

¹⁰¹ O presente capítulo é adaptado da dissertação da primeira autora, sob referência: BAPTISTA, J.G. *Quando a atividade física torna-se um problema: reflexões sobre a dependência de exercício*. 2015. 74f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Utilizou-se um questionário de vinte questões, com perguntas fechadas, que tratam de aspectos associados às rotinas de treinamento, costumes e reflexões sobre atividades físicas em academia. A esse instrumento, foi adicionado o *Negative Addiction Scale*, na versão traduzida para o português do Brasil por Rosa *et al.* (2003), no intuito de quantificar o grau de sintomas de dependência de exercício, sendo o instrumento mais recorrente utilizado, para mensuração de sintomas de dependência de exercício, em amostras com brasileiros (BAPTISTA, 2015). Para cada questão, atribui-se 0 a 1 ponto, exceto em uma em que duas opções permitem a pontuação, e pode totalizar o máximo de 14 pontos. A partir desse somatório é possível estabelecer a classificação do nível de sintomas de dependência: baixo nível de sintomas de dependência de exercício (0 a 4 pontos), alto nível de sintomas de dependência de exercício (igual ou acima de 5 pontos), ponto de corte, igualmente, adotado por Modolo *et al.* (2011; 2009) e Rosa *et al.* (2004).

Utilizou-se, também, uma versão adaptada da validada Escala de Influência dos Três Fatores (mídia, família e amigos), para analisar o fator mídia (CONTI, 2010) através da escala na forma *likert* de pontos, variando de 1 (sempre) a 5 (nunca). Dessa forma, quanto menor o somatório do número de pontos, maior a influência midiática. O nível de influência da mídia foi classificado de acordo com os seguintes critérios: sempre a quase sempre (aqueles que tiveram um somatório entre 5 a 9 pontos), quase sempre a frequentemente (10 a 14 pontos), frequentemente a algumas vezes (15 a 19 pontos) e algumas vezes a nunca (20 a 25 pontos).

Foram adicionadas, ainda, questões sobre o uso de substâncias e medicamentos, o nível de controle alimentar, desejo de modificação corporal, motivos para realização da prática de atividade física, nível de participação em competições e a frequência de ida ao médico, além de questionamentos sobre os aspectos demográficos e rotina de treinamento, no intuito de averiguar, também, a relação dos sintomas de dependência de exercício com os interesses sociais, elegidos sob os interesses da aparência corporal, de saúde, de lazer e de desempenho, como apontado nos objetivos do estudo.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em relação à análise estatística, a associação entre as variáveis explicativas e a variável resposta (alto nível de sintomas de dependência x baixo nível de sintomas de dependência) foi testada utilizando modelos de regressão logística.

Inicialmente, modelos univariados foram utilizados e as 25 variáveis com melhor associação foram selecionadas como candidatas para o modelo múltiplo. Esse número foi estabelecido tentando manter uma relação de dez casos por variável (SPERANDEI, 2014). A seleção do modelo múltiplo foi iniciada a partir de um modelo completo, contendo todas as 25 variáveis candidatas pré-selecionadas. As variáveis não significativas ($p > 0,05$) foram retiradas do modelo, uma a uma, e o modelo novamente ajustado. O processo seguiu até que o modelo mais parcimonioso fosse alcançado, contendo apenas variáveis significativas ($p < 0,05$). O teste da razão de verossimilhança foi utilizado para avaliar o modelo final.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados do presente estudo apresentam uma taxa de 46,8% de indivíduos classificados com alto nível de sintomas de dependência de exercício e de 53,2% para baixo nível de sintomas de dependência de exercício. Segundo a revisão de Baptista *et al.* (2019), a ocorrência de alto sintomas varia entre 1,44% e 51,7% em diferentes estudos. No entanto, considerando apenas amostras brasileiras que utilizaram o *Negative Addiction Scale* e o mesmo ponto de corte adotado para classificação, os estudos encontraram as taxas de 36,25% em atletas amadores e 33,33% em atletas profissionais (MODOLO *et al.*, 2009) e uma ocorrência de 28% nas mulheres e 38% nos homens, ambos atletas, de alto nível de sintomas de dependência de exercício (MODOLO *et al.*, 2011).

Todavia, mais do que apenas quantificar uma taxa é preciso compreender os fatores que associam a esse processo. Diante disso, a partir de associações entre a prevalência de sintomas de dependência de exercício e variáveis ligadas às características demográficas (sexo, idade, zona demográfica que reside, escolaridade, condição profissional e tempo gasto com estudo e/ou trabalho); rotina de treinamento (tempo de academia, frequência semanal, atividade que realiza); influência midiática; desejo de modificação corporal; uso de substâncias e medicamentos; nível de participação em competição; e frequência de ida ao médico foram realizadas.

Nesse estudo, o envolvimento com a atividade física em elevada frequência semanal, a saber: cinco vezes por semana ($OR = 2,24$; $p = 0,004$); seis ($OR = 4,21$; $p < 0,001$); e sete vezes ($OR = 12,2$; $p < 0,001$), bem como o tempo de prática superior ou igual a um ano na academia ($OR = 2,11$; $p = 0,008$), o uso diário de suplemento nutricional ($OR = 3,42$; $p = 0,045$), sempre realizar o controle do horário da alimentação ($OR = 2,3$; $p = 0,012$), com o intuito da perda de peso, e o

desejo ou modificação corporal, especialmente, na região dos seios ($OR= 1,9$; $p= 0,034$), abdômen ($OR= 4,28$; $p< 0,001$) e quando não se declara a região ($OR= 4,7$; $p= 0,002$), foram significativamente associados com o alto nível de sintomas de dependência de exercício.

Diante desse cenário, pautado no contexto da biossociabilidade, no qual os indivíduos reúnem-se, não mais por agrupamentos tradicionais, como raça, classe social, mas a partir de interesses privados com a formação de novas coletividades (RABINOW; ROSE, 2006; ORTEGA, 2003; 2002), a construção e compartilhamento de valores, princípios e práticas são importantes para o reconhecimento e sentimento de pertencimento a esses grupos. Sendo o gerenciamento rigoroso do corpo (COURTINE, 1993), como o modo recorrentemente propagado para atingir os ideais valorizados e como símbolo de merecimento deste ideal (HANSEN, 2004). Assim, autores têm abordado como a cultura do “*no pain, no gain*” é tão difundida no âmbito das academias de ginásticas (COURTINE, 1993). Esses valores sociais, de certa maneira, podem influenciar a adoção de práticas rígidas e controladoras (MALYSSE, 2002), como uma alimentação controlada, o tempo e frequência de prática de exercício rígida.

No contexto do tempo de academia, alguns trabalhos (ROSA *et al.*, 2003; HURST, 2000), também, apresentaram essa relação positiva entre o tempo de prática com alto nível de sintomas. No presente estudo, aqueles que frequentaram maior ou igual a doze meses a academia tiveram o dobro (2,11) de chances de apresentarem alto nível de sintomas de dependência de exercício em comparação àqueles que tiveram menor ou igual a seis meses de prática. Igualmente, existe uma relação positiva, neste estudo, entre a frequência semanal e o alto nível de sintomas de dependência, porém de forma mais latente, já que aqueles que frequentaram cinco, seis e sete vezes por semana tiveram 2,24, 4,21 e 12,2, respectivamente, vezes a mais de chances de apresentarem alto nível de manifestações aditivas do que aqueles que frequentam menos de três vezes na semana. Assim, tanto a elevada frequência semanal de prática de exercícios quanto o tempo que o sujeito está na academia são pontos importantes a serem considerados. Outros estudos também reforçam esses dados (LICHTENSEIN *et al.*, 2017; LUKÁCS *et al.*, 2019).

Cabe destacar ainda que a preocupação excessiva com o corpo poderia conduzir os praticantes a essa condição, como corroborado pelo estudo qualitativo de Banbery *et al.* (2012) que evidenciam a preocupação da cessação do exercício no reconhecimento e prestígio do indivíduo, pois, segundo os seus relatos, estaria prejudicando a manutenção e a exibição corporal. Dessa maneira, em vista às

aquisições de capital corporal e simbólico (BOURDIEU, 1983), os sujeitos tenderiam a permanecer maior tempo e frequência dentro da academia de ginástica e musculação, o que no presente estudo mostrou-se como uma característica importante em relação às manifestações aditivas ao exercício.

Em relação ao uso de substâncias, os dados da presente pesquisa nos fizeram deparar com uma baixa ocorrência do uso de anabolizantes e medicamentos para alterar o peso. Ao contrário deste resultado, alguns autores (IRIART *et al.*, 2009; WIEFFERINK *et al.*, 2008; PEREIRA *et al.*, 2019) têm relatado o uso dessas substâncias em frequentadores de academia. O que nos faz refletir que talvez a dificuldade em constatar tais usos, no presente estudo, seja reflexo do valor moral negativo que muitas vezes é atrelada a esta prática, principalmente no uso de anabolizantes. Conforme afirma Sabino (2002), os usuários de anabolizantes raramente assumem a sua utilização para pessoas de fora ao seu grupo social. Outra possibilidade é a atribuição de outros sentidos no seu uso, como explanado por Silva (2017) ao constatar que os seus sujeitos de pesquisa, a depender da região da academia de ginástica que frequentava, retratavam diferentes simbolismo ao uso de substâncias, como esteroides, sendo ora vistos como remédios, ora vistos como veneno.

Em sentido oposto, a propagação do uso diário dos suplementos alimentares é algo facilmente visto e pronunciado, representando um sinal de investimento necessário para o alcance de corpos valorizados e distintos naquele grupo (BOURDIEU, 1983; COURTINE, 1993; SHILLING, 2005), bem como a sua potencialização e otimização (RABINOW; ROSE, 2006; GOELLNER; SILVA, 2012), de modo que essas substâncias nesse meio podem exercer um papel primordial para o alcance do objetivo, sendo conferidos, de certa maneira, atributos especiais a essas substâncias (VAN DER GEEST; WHYTE, 1989). Ou mesmo a representação do suplemento como um substituto do próprio alimento, como pesquisas com fisiculturistas (SABINO; LUZ; CARVALHO, 2010), em academias de ginástica e musculação (SILVA, 2017) e em boxes de CrossFit® (BAPTISTA, 2021) nos mostram.

De forma semelhante vista nos estudos de Chittester e Hausenblas (2009), Rossi e Tirapegui (2016) e Vieira *et al.* (2010), o consumo diário de suplementos foi associado significativamente com o alto nível de sintomas de dependência. Além disso, tanto o uso de suplemento nutricional, a dependência de exercício e a autoestima foram associados com a busca à musculatura no estudo de Chittester e Hausenblas (2009) com 113 homens em idade universitária. Já na amostra de 80 praticantes brasileiros de academia, de ambos os sexos, do estudo de Vieira *et*

al. (2010), foi verificado que os homens com sintomas de dependência usufruíam mais de substâncias ergogênicas do que as mulheres, com ou sem sintomas, e os homens sem sintomas. De forma semelhante, o estudo de Rossi e Tirapegui (2016), com frequentadores de academia em São Paulo, mostram que homens tem maiores chances de apresentarem comportamentos aditivos ao exercício, bem como consumirem 1 a 3 tipos de suplementos em relação aos não aditivos.

O desejo ou a modificação corporal também foram importantes características associadas ao alto nível de sintomas de dependência, principalmente, entre aqueles que desejam ou realizaram modificação corporal nas regiões dos seios ou peitoral, abdominal e/ou quando não declararam a região. Justificadas, principalmente, para “correções das falhas” do corpo ou para seu “melhoramento”, essas práticas são cada vez mais difundidas e adotadas (ISAPS, 2020), sendo postas, muitas vezes, como a única solução para alcançar os corpos valorizados, dado este que coloca à tona o trato do corpo como algo descartável (SABINO, 2002) e a necessidade de potencializá-lo a todo instante, já que é visto como “limitado, perecível e condenado à obsolescência” (GOELLNER; SILVA, 2012, p. 189). Nesta linha, Neves *et al.* (2012) corroboram que a insatisfação corporal incentiva a busca por cirurgias corporais, porém não se limita apenas à essa prática, já que esses descontentamentos podem gerar diversos tipos de condutas comportamentais, dentre elas a dependência de exercício.

Portanto, essas práticas, muitas vezes, são adotadas para que o corpo, em toda sua totalidade, seja um possuidor de poder, *status* e distinção, ou seja, que tenha um valor, um capital físico, dentro do campo social do qual o indivíduo está inserido (SHILLING, 2005). De modo que o corpo sem modificações seria um sinal de um corpo pobre (BOURDIEU, 1983). Porém, esses investimentos só fazem sentido, segundo Goellner e Silva (2012), se for possível a exibição, apreciação, o desejo do outro. Assim, a representação do corpo se faz pelo contato social (LE BRETON, 2011), sobretudo pelo olhar, sendo este “um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de percepção e de apreciação postos são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplicam” (BOURDIEU, 2012, p. 81).

Essas relações têm, de certa maneira, aumentado a pressão social sobre os indivíduos, podendo influenciar, assim, no comportamento de exercício adotado. Alguns estudos constataram que a pressão social nas mulheres para serem magras (GOODWIN *et al.*, 2011; CHALK *et al.*, 2013), a internalização da aparência corporal nas mulheres (CHALK *et al.*, 2013), influência e busca de muscula-

tura nos homens (GOODWIN *et al.*, 2011) e pressão do cônjuge nos homens (CHALK *et al.*, 2013) prediziam significativamente o alto nível de sintomas de dependência de exercício. Além disso, a insatisfação corporal (ACKARD *et al.*, 2009; GAPIN; PETRUZELLO, 2011; GULKER *et al.*, 2001; HOLLAND; TIGGEMANN, 2017) e a busca pela magreza (ACKARD *et al.*, 2009; GAPIN; PETRUZELLO, 2011; GULKER *et al.*, 2001; HOLLAND; TIGGEMANN, 2017; LICHTENSTEIN *et al.*, 2014) foram importantes características nos grupos com alto sintomas de dependência de exercício. Não é surpreendente, portanto, que, no presente estudo, essas práticas corporais (uso diário de suplemento nutricional, o controle do horário da alimentação, com o intuito da perda de peso, e o desejo ou modificação corporal) estejam associadas ao grupo com alto nível de sintomas de dependência.

Outro ponto importante dos resultados diz respeito às motivações que levaram os indivíduos a se exercitarem. A Tabela 1 apresenta os valores médios de citações de motivos para a prática de atividades físicas por categoria. Apesar das categorias desempenho/aptidão física, saúde, aparência corporal terem sido recorrentemente assinaladas, em ambos os grupos, a única categoria em relação às motivações para praticar a atividade que se associou significativamente aos sintomas de dependência de exercício foi a categoria lazer.

Tabela 1. Associações entre a prevalência de sintomas de dependência de exercício e a média de citações de motivos para a prática de atividades físicas

Motivos para a prática	Nível de Dependência		Total Média (DP)	OR	IC95%	p-valor
	Baixo Média (DP)	Alto Média (DP)				
Saúde	1,0 (0,64)	0,95 (0,66)	1,0 (0,65)	1,61	1,29 – 2,01	<0,001
Aparência Corporal	1,0 (0,71)	1,1 (0,71)	1,0 (0,71)			
Lazer/ gosto	0,8 (0,88)	1,3 (1,09)	1,1 (1,01)			
Desempenho/aptidão física	0,9 (0,58)	0,9 (0,53)	0,9 (0,55)			
Social	0,2 (0,49)	0,5 (0,71)	0,4 (0,62)			
Praticidade	0,1 (0,34)	0,2 (0,36)	0,1 (0,35)			
Outros	0,1 (0,31)	0,2 (0,42)	0,1 (0,37)			

De maneira que o indivíduo que assinalou um motivo de lazer/gosto para exercitar apresentou 1,61 vezes a mais de chances de exibir alto nível de sintomas de dependência do que aqueles que não assinalaram. Além disso, a variável “lazer” é uma das mais importantes no que diz respeito à chance de alto nível de sintomas de dependência.

Apesar de o lazer ser entendido como “atividade não obrigatória de busca pessoal do prazer no tempo livre” (GUTIERREZ, 2001, p. 7), através da possibilidade de optar pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2003), a adoção de práticas disciplinares e o caráter repetitivo, configurados no presente estudo como os padrões da frequência à academia, do uso de suplementos, do controle da alimentação e das modificações corporais por meio de cirurgia, comumente adotadas no ambiente das academias, têm aproximado o prazer do sofrimento (COURTINE, 1993), de modo semelhante que a rigidez no cumprimento de metas e a carga moral posta no exercício como obrigatório contribuem para a visão de uma relação tênue entre esse lazer e o trabalho (ORTEGA, 2002).

Segundo Baptista (2001), o lazer, neste contexto, segue a mesma lógica de cumprir metas aplicadas no trabalho, no qual os resultados provindos do exercício na academia são fundamentais para essa prática. Gutierrez (2001) enfatiza, ainda, a importância da relativização da autonomia do indivíduo nas escolhas do lazer, já que a própria percepção e apropriação do tempo livre, também, estão relacionadas com as condições sociais do indivíduo. Nesse ínterim, Bourdieu (1983) disserta como a própria escolha do que praticar, como praticar, enfim como seus gostos, preferências e estilos de vida são dialogados com o *habitus* incorporado e da sua posição social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam uma considerável ocorrência de alto nível de sintomas de dependência de exercício em frequentadores de academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro. Tal achado supera alguns dados expostos na literatura, enfatizando a necessidade de alentar a comunidade científica e a sociedade, sobretudo, para a relativização dos discursos do exercício físico como “salvador” de todos os males.

Com relação aos aspectos sociais envolvidos, destacam-se a alta frequência semanal, o tempo de prática do exercício, o uso de suplementos nutricionais, o controle alimentar rígido, desejo ou modificação corporal por meio de cirurgias e a motivação para exercitar pelo lazer como características distintivas entre os grupos com alto nível de sintomas de dependência de exercício em relação aos de baixo. Características que enfatizam a teoria da necessidade de adoção de práticas rígidas e controladoras para construção da auto identidade e aceitação a um determinado grupo social (MALYSSE, 2002; ORTEGA, 2002). De modo que as práticas e as condutas corporais seriam de responsabilidade individual (LUPTON, 1995) e representariam, neste contexto, o próprio “cartão de visitas” do indivíduo (LE BRETON, 2011, p. 78).

Apesar da motivação de exercitar pela saúde, desempenho, aparência corporal não serem diferentes entre os dois grupos, o relato da adoção de práticas “corretivas” enfatiza a preocupação pelas questões corporais. De modo que se torna necessária uma reflexão mais cuidadosa sobre a motivação pelo lazer, pois nos parece que o sentir-se bem está atrelado ao sacrifício, na necessidade de cumprir metas, a qualquer custo, para enfim chegar ao contentamento, lógica essa muito semelhante a empregada no trabalho. Portanto, sugere-se que futuras pesquisas busquem compreender, de forma mais aprofundada, a relação que o indivíduo constrói com o exercício, ao longo da sua vida, de modo a entender o porquê e a razão que o levou a adotar certos padrões corporais em detrimento de outros.

REFERÊNCIAS

- ACKARD, D. *et al.* Exercise and Eating Disorders in College-Aged Women: Profiling Excessive Exercisers. **Eating Disorders**, New York, v. 10, p. 31-47, 2002.
- ALEXANDRIA, D. *et al.* Quando a prática de exercícios está descontrolada: um debate sobre a dependência de exercícios. In: PALMA, A.; RODRIGUES, P.; REIS, E. (Org.) **Práticas Corporais e Atividades Físicas: saúde e sociedade**. Curitiba: CRV, v. 2, p. 93-109, 2021.
- BANBERY, S. *et al.* The relationship between exercise dependence and identity reinforcement: a sociological examination of a gym-based environment in the United Kingdom. **Sport in Society**, London, v.15, n. 9, p.1242-1259, 2012.
- BAPTISTA, J.G. “**Corpos arrebatados**” aos que arrebatam! A construção do *ethos* de atleta entre praticantes de CrossFit no Rio de Janeiro. 2021. 174f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- BAPTISTA, J.G. **Quando a atividade física torna-se um problema**: reflexões sobre a dependência de exercício. 2015. 74f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BAPTISTA, J.G. *et al.* Exercise Dependence: An Updated Systematic Review. **Journal of Exercise Physiology Online**, v.22, n.5, p. 105-125, 2019.
- BAPTISTA, T. **Procurando o Lado Escuro da Lua**: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia. 2001. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.
- BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121, 1983.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. **Sociologia geral**, vol. 1: lutas de classificação: Curso no Collège de France (1981-1982). Tradução Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vizes, 2020.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Tradução Maria Thereza Barrocas. 6ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CHALK, H. M. *et al.* Predictors of Obligatory Exercise Among Undergraduates: Differential Implications for Counseling College Men and Women. **Journal of College Counseling**, Philadelphia, v.16, n. 2, p.102-114, 2013.
- CHITTESTER, N. I.; HAUSENBLAS, H. A. Correlates of drive for muscularity: the role of anthropometric measures and psychological factors. **Journal of Health Psychology**, London, v.14, n. 7, p. 872-877, 2009.

- CONTI, M. Adaptação transcultural: tradução e validação de conteúdo para o idioma português do modelo da Tripartite Influence Scale de insatisfação corporal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.26, n.3, p.503-513, 2010.
- COURTINE, J.J. Les stakhanovistes du narcissisme: body-building et puritanisme ostentatoire dans la culture américaine du corps. **Communications**, Paris, v. 56, n. 1, p. 225-251, 1993.
- GAPIN, J.; PETRUZZELLO, S.J. Athletic identity and disordered eating in obligatory and non-obligatory runners. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 29, n. 10; p. 1001-1010, 2011.
- GARMAN, J.F. *et al.* Occurrence of exercise dependence in a college-aged population. **Journal of American College Health**, Boston, v. 52, n.5, p. 221-228, 2004.
- GOELLNER, S. V.; SILVA, A. L. S. Biotecnologia e neoeugenia – olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, E.; GOELLNER, S. V. (orgs.) **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 187-210, 2012.
- GOODWIN, H. *et al.* Sociocultural correlates of compulsive exercise: Is the environment important in fostering a compulsivity towards exercise among adolescents? **Body Image**, Ohio, v. 8, p. 390- 395, 2011.
- GULKER, M. G. *et al.* Do excessive exercisers have a higher rate of obsessive-compulsive symptomatology? **Psychology, health & medicine**, Abingdon, v. 6, n. 4, 2001.
- GUTIERREZ, G.L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas, SP: Autores Associados, Chancela CBCE, 2001.
- HANSEN, M. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira Ciências e Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.
- HAUSENBLAS, H. & DOWNS, D. Exercise dependence: a systematic review. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.3, p.89-123, 2002.
- HOLLAND, G.; TIGGEMANN, M. “Strong Beats Skinny Every Time”: Disordered Eating and Compulsive Exercise in Women Who Post Fitspiration on Instagram. **International Journal of Eating Disorders**, Austin, v. 50, n.1, p. 76-79, 2017.
- HURST, R. *et al.* Exercise dependence, social physique anxiety, and social support in experienced and inexperienced bodybuilders and weightlifters. **British Journal of Sports Medicine**, London, v.34, n.6, p. 431-435, 2000.
- IRIART, J.A. *et al.* Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p.773-782, 2009.
- ISAPS. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures Performed in 2019. Disponível em: < <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/ISAPS-Global-Survey-2019-Press-Release-English.pdf> >. Acesso em: 4 out. 2022.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LEJOYEUX, M. *et al.* Prevalence of exercise dependence and other behavioral addictions among clients of a Parisian fitness room. **Comprehensive Psychiatry**, New York, v. 49, p. 353-358, 2008.
- LICHTENSTEIN, M.B. *et al.* Exercise addiction: A study of eating disorder symptoms, quality of life, personality traits and attachment styles. **Psychiatry Research**, Amsterdam, v. 215, p. 410-416, 2014.
- LICHTENSTEIN, M.B. *et al.* Is exercise addiction in fitness centers a socially accepted behavior? **Addictive Behaviors Reports**, London, n. 6, p. 102-105, 2017.
- LUKÁCS, A. *et al.* Exercise addiction and its related factors in amateur runners. **Journal of Behavioral Addictions**, Budapest, v.8, n. 2, p. 343-349, 2019.
- LUPTON, D. **The imperative of health**: public health and the regulated body. London: Sage; 1995.
- MALYSSE, S. Em busca do (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corporaltria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu & Vestido**: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.

- MARCELLINO, N. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 49-54, 2003.
- MODOLO, V. *et al.* Negative addiction to exercise: are there differences between genders? **Clinics**, São Paulo, v.66, n.2, p. 255-260, 2011.
- MODOLO, V. *et al.* Dependência de Exercício Físico: Humor, Qualidade de Vida em Atletas Amadores e Profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 335-359, 2009.
- NEVES, A. *et al.* Associations and differences between men and women on the acceptance of cosmetic plastic surgery in Brazil. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 27, n.1, p.108-114, 2012.
- ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, p. 59-77, 2003.
- ORTEGA, F. Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- PALMA, A. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 23-39, 2001.
- PEREIRA, E. *et al.* Prevalence and profile of users and non-users of anabolic steroids among resistance training practitioners. **BMC Public Health**, London, v. 19, n. 1650, 2019.
- PINI, M. *et al.* Exercise Commitment and Proneness to Eating Disorders in a Group of Physical Education Teachers. **Perceptual and Motor Skills**, Louisville, v. 105, p. 639-645, 2007.
- RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Revista de Ciências Sociais – Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 24, p. 27-57, 2006.
- ROSA, D. *et al.* Dependência da prática de exercícios físicos: estudo com maratonistas brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v.9, n.1, 2003.
- ROSA, D. *et al.* Mood Changes After Maximal Exercise Testing in Subjects with Symptoms of Exercise Dependence. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 99, p. 341-353, 2004.
- ROSSI, I.; TIRAPEGUI, J. Exercise dependence and its relationship with supplementation at gyms in Brazil. **Nutrición Hospitalaria**, Madrid, v. 33, n. 2, 2016.
- SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M.(org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SABINO, C.; LUZ, M.; CARVALHO. O fim da comida: suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun. 2010.
- SHILLING, C. The body and Physical Capital. In: SHILLING, C. **The body and social theory**. London: Sage, 2ª ed, p. 111-130, 2005.
- SILVA, A. C. **Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica**. Jundiaí: Paço Editorial, 2017.
- SPERANDEI, S. Understanding logistic regression analysis. **Biochemia Medica**, Zagreb, v.24, n. 1, p.12-18, 2014.
- VAN DER GEEST, S.; WHYTE, S. R. The charms of medicines: metaphors and metonyms. **Medical Anthropology Quarterly**, Malden v. 3, n.4, p. 345-367, 1989.
- VIEIRA, J. *et al.* A dependência pela prática de exercícios físicos e o uso de recursos ergogênicos. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, Maringá v. 32, n.1, p. 35-41, 2010.
- WIEFFERINK, C.H. *et al.* Social psychological determinants of the use of performance-enhancing drugs by gym users. **Health Education Research**, London v. 23, n.1, p. 70-80, 2008.

EDUCAÇÃO SOMÁTICA EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA: POR UMA CONCEPÇÃO MAIS SENSÍVEL DE CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS

Marília Del Ponte de Assis¹⁰²
Gracielle Candida Modesto¹⁰³
Danieli Alves Pereira Marques¹⁰⁴
Eliaana Ayoub¹⁰⁵
Eliaana de Toledo¹⁰⁶

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta reflexões acerca da educação somática como campo possível no contexto das academias de ginástica, implicando no que consideramos uma concepção mais sensível de corpo e práticas corporais¹⁰⁷. Buscamos contribuir com o desenvolvimento desse tema na formação em Educação Física, sustentando que conhecimentos de diferentes abordagens¹⁰⁸ somáticas possibilitam experiências que têm um papel importante no percurso formativo de estudantes em nível de graduação e na formação continuada de professores(as), ecoando na atuação profissional e, por conseguinte, nas experiências dos(as) praticantes.

Dentre os variados espaços de trabalho, defendemos as academias de ginástica como ambientes propícios para se desenvolver e ampliar o entendimento sensorial e perceptivo do corpo como “soma” e como experiência - pilares da pedagogia da educação somática - superando uma visão tradicional de local apenas de idealização e culto ao corpo.

O aumento no interesse pela educação somática passa por vários aspectos, e isso parece ter sido enaltecido ao longo desses últimos anos de pandemia. Abordagens somáticas como Método Pilates, por exemplo, estiveram em voga nas aulas

¹⁰² Doutora em Educação (UNICAMP). Docente (UEMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/9840350406948233>

¹⁰³ Graduanda em Educação Física (UEMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/2963562178067024>

¹⁰⁴ Doutora em Educação Física (UFSC). Docente (UFSC). CV: <http://lattes.cnpq.br/6024670193365228>

¹⁰⁵ Doutora em Educação Física (UNICAMP). Docente (UNICAMP). CV: <http://lattes.cnpq.br/2470414774023261>

¹⁰⁶ Doutora em História (PUC-SP). Docente (UNICAMP). CV: <http://lattes.cnpq.br/0987782639429253>

¹⁰⁷ A pesquisa sobre educação somática está vinculada ao Edital 01/2022 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq), com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

¹⁰⁸ Ressalta-se que abordagens, práticas, técnicas, métodos ou propostas são termos utilizados aqui como sinônimos no que se refere às possibilidades da educação somática. Algumas são registradas, inclusive, como Técnica ou Método em seu nome, como descrito mais adiante.

mediadas pelas telas em diferentes plataformas digitais, talvez pela possibilidade de serem feitas em espaços reduzidos e com poucos materiais, dentro do próprio ambiente doméstico, favorecendo um cuidado de si que se tornou essencial nesse período. Profissionais que trabalham com educação somática adaptaram seus procedimentos de ensino para o formato remoto e, de certa forma, chegaram à casa das pessoas, viabilizando o trato com o corpo em movimento por meio de práticas de cuidado sensível para melhoria da saúde e qualidade de vida.

Assim, este texto tem o objetivo de trazer diálogos possíveis entre a educação somática e a ginástica de academia, na perspectiva de ressignificar esse ambiente de ensino não formal a partir da formação de seus(suas) educadores(as), trazendo experiências mais sensíveis e conscientizadoras para os(as) praticantes.

EDUCAÇÃO SOMÁTICA, SAÚDE E ARTE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES DA PESQUISA DE MOVIMENTO

O termo “educação somática” foi cunhado entre as décadas de 1970 e 1980 pelo filósofo, pesquisador e terapeuta do movimento estadunidense Thomas Hanna (1928-1990), como “a arte e a ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio ambiente, estes três fatores sendo vistos como um todo agindo em sinergia” (HANNA, 1983, p. 1).

Desde então, esse campo foi se consolidando gradualmente nos Estados Unidos e no Canadá, sendo designadas por educação somática distintas práticas de conscientização corporal por meio do movimento. Mas antes da educação somática ter sido consolidada na América do Norte, na Europa essas práticas eram compreendidas sob a designação de “cinesiologia” ou “análise funcional do corpo no movimento dançado”; e no Brasil, era mais conhecida como “terapia corporal”, “trabalho corporal”, “técnicas corporais alternativas” ou “técnicas de consciência corporal” (FORTIN, 1999).

A publicação da tradução¹⁰⁹ em português do texto de Sylvie Fortin (1999), foi um marco na solidificação desse tema em nosso país, sobretudo na área da dança. Segundo a conceituação da autora, a educação somática é um campo de estudos que “engloba uma diversidade de conhecimentos onde os domínios sensorial, cognitivo, motor, afetivo e espiritual se misturam com ênfases diferentes” (FORTIN, 1999, p. 40). Mais recentemente, Débora Bolsanello, que é uma referência

¹⁰⁹ A tradução foi feita por Márcia Strazzacappa, docente da Faculdade de Educação da Unicamp e uma das precursoras desse campo de estudos no Brasil. Destaca-se seu livro “Educação Somática e Artes Cênicas – princípios e aplicações”, publicado em 2012.

nesse tema e concluiu parte de sua formação com Fortin no Canadá, apresenta a educação somática como “um campo teórico-prático composto de diferentes métodos cujo eixo de atuação é o movimento do corpo como via de prevenção ou de transformação de desequilíbrios de uma pessoa” (BOLSANELLO, 2010, p. 18).

Como uma nova maneira de se pensar o corpo e o movimento, a educação somática foi impulsionada por meio de técnicas e concepções mais específicas a partir da virada do século XIX até os anos 30 do século XX, embora sejam observadas antes desse período diferentes aplicações integradas a práticas e estudos terapêuticos, artísticos e educativos. Vários precursores e precursoras partiram de problemas de suas próprias histórias de vida, vislumbrando em experimentações autoinvestigativas a melhora da dor e cura de uma lesão, doença crônica ou acidente, colocando em questão a medicina normalmente praticada. Sobre essa relação entre técnicas corporais e saúde/medicina, Strazzacappa (2009, p. 50) afirma que “avanços da área da saúde foram obtidos por meio de estudos aprofundados de moléstias (para a medicina) e de casos (para a psiquiatria e psicologia)”, e técnicas de educação somática se basearam nestes conhecimentos “não apenas com os fins de reeducação corporal e terapêuticos, mas também com objetivos profiláticos e preventivos.”

Vale fazer um relevante parêntese: desde a “Carta de Ottawa”, estabelecida na I Conferência Internacional de Promoção da Saúde (1986), vem se fortalecendo na sociedade contemporânea uma abordagem mais qualitativa e abrangente de saúde, deixando de entendê-la meramente como sinônimo de ausência de doença, e passando a considerar as suas dimensões sociais, históricas culturais e psicológicas. Ao trazer a importância do(a) profissional de saúde compreender e atuar a partir dessas dimensões que ampliam a noção de saúde, como vem sendo proposto por autores e autoras em diferentes produções científicas, como por exemplo na obra de Czeresnia e Freitas (2012), é possível estabelecer diálogos mais estreitos entre a educação somática e a ginástica de academia, rumo à promoção da saúde dos(as) praticantes.

No que se refere às técnicas de educação somática, é significativo constatar que seus(suas) precursores(as) criaram tais propostas num contexto de busca para encontrar soluções para seus respectivos problemas de saúde, somando-se a uma curiosidade sobre estudos do corpo em movimento. Com base em Eddy (2018), Bolsanello (2020) e outros, descrevemos abaixo alguns exemplos.

Quadro 1 – Exemplos de técnicas de educação somática e precursores(as)

Técnica	Precursor(a)	País de nascimento	Aspectos pessoais e profissionais
Técnica Alexander	Frederick Matthias Alexander (1869 -1955)	Tasmânia	Foi um ator acometido por laringite e perda de voz.
Ideokinesis	Mabel Todd (1880-1956)	Estados Unidos	Foi professora do Departamento de Educação Física da Teachers College, na Universidade de Columbia, e vítima de paralisia e problema renal.
Método Pilates	Joseph Pilates (1883-1967)	Alemanha	Sofreu de raquitismo, asma e febre reumática na infância e se tornou um ginasta e pesquisador do movimento e condicionamento físico.
Bartenieff Fundamentals	Irmgard Bartenieff (1900-1981)	Alemanha	Foi uma dançarina que ajudou no pioneirismo de novos campos, como terapia e antropologia.
Método Feldenkrais	Moshé Feldenkrais (1904-1984)	Ucrânia	Foi um engenheiro, cientista, mestre de jiu-jitsu e judô que teve um grave problema no joelho.
Eutonia	Gerda Alexander (1908-1994)	Alemanha	Teve várias crises graves de febre reumática, insuficiência cardíaca, e se tornou professora de dança e ginástica.
Antiginástica	Thérèse Bertherat (1931)	França	É pesquisadora de diversas terapias corporais.
Body-Mind Centering (BMC)	Bonnie Bainbridge Cohen (1941)	Estados Unidos	É artista, educadora, terapeuta ocupacional e bailarina.

Fonte: Autoras

O espaço aqui disponível não nos permite aprofundar cada abordagem e nem temos essa intenção - inclusive porque a produção teórica específica desses métodos já tem se consolidado - mas vale citar que existem várias outras propostas somáticas evidenciando que, de fato, trata-se de um campo muito extenso¹¹⁰. No Brasil, encontramos grandes pioneiros e pioneiras dessas técnicas que estudaram com seus precursores e suas precursoras em outros países, e atualmente trabalham com esses conhecimentos em locais variados, como estúdios privados, escolas de dança, clínicas de fisioterapia, consultórios médicos, universidades e, igualmente, academias de ginástica¹¹¹.

¹¹⁰ Seguindo a tabela cronológica apresentada por Bolsanello (2020) com as metodologias, fundadores e fundadoras, ano e país de nascimento, temos também Análise Laban, fundado por Rudolf Laban (1879/Eslováquia); Roling, fundado por Ida Rolf (1896/Estados Unidos); Ginástica Holística, fundada por Lily Ehrenfried (1896/Alemanha); Coordenação Motora, fundada por Suzanne Piret (1922) e Madeleine Béziers (1927/França); Cadeias Musculares e Articulares – GDS, fundada por Godeliève Denys-Struyf (1931/Antigo Congo Belga); Continuum, fundada por Emilie Conrad (1934/Estados Unidos); Gyrotronic/Gyrokinesis, fundado por Juliu Horvath (1942/Romania); Método Danis Bois, fundado por Danis Bois (1949/França); Esferokinesis, fundado por Silvia Mamana (1955/Argentina); Axis Syllabus, fundado por Frey Faus (1960/Estados Unidos).

¹¹¹ Os três volumes da Coleção Educação Somática, organizados por Bolsanello (2020; 2020a; 2020b), trazem um panorama muito rico e elucidativo acerca das experiências que os pioneiros e pioneiras da educação somática no Brasil têm

Pela diversidade de propostas e possibilidades de trabalho, observa-se que são variadas as formações iniciais que um(a) educador(a) somático(a) pode ter para desenvolver suas práticas pedagógicas e metodologias, podendo ser, dentre outras, graduação em Dança, Artes Cênicas, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Psicomotricidade, Medicina e, também, Educação Física. Ademais, atualmente há uma proliferação de cursos superiores em Dança com abordagens somáticas, a exemplo da Faculdade Angel Vianna, no Rio de Janeiro, além de vários cursos de especialização e formação complementar.

Cabe sublinhar que, no Brasil, Klauss e Angel Vianna tiveram papel pioneiro na pesquisa do movimento com enfoque somático, com a criação de suas próprias metodologias, genuinamente brasileiras. A investigação iniciada pelo casal, na década de 1960, direcionava-se para o estudo do movimento reconhecendo a unidade corpo-mente, resultando na percepção e na consciência do movimento, no autoconhecimento e nas relações do corpo com o entorno (MILLER, 2012; MILLER; NEVES, 2013). Entre outros aspectos, esse pensamento de corpo, com referencial somático, continuou perpassando muitas outras investigações que derivaram do contato com o trabalho do casal, destacando-se a Técnica Klauss Vianna (TKV), denominação criada por Rainer Vianna, quando sistematizou os estudos dos pais em colaboração com Neide Neves.

Atualmente, a TKV é reconhecida como uma técnica de dança e educação somática, e diferenciando-se das demais propostas, ela nasce no campo da arte, com ênfase no desenvolvimento da expressividade do movimento. Percebe-se que dança e educação somática permanecem em estado de fusão, promovendo um aprendizado holístico. O movimento iniciado pela família Vianna pode ser conceituado de maneira ampla como “Escola Vianna”, uma escola de pensamento que se torna origem e fonte de pesquisas que dela se ramificaram, o que gerou diferentes desdobramentos metodológicos (MILLER, 2012).

Podemos afirmar que cada método propõe uma linguagem, com seus próprios conceitos e terminologias, histórias e pedagogias, bem como estratégias de ação pedagógica específicas que o caracterizam (BOLSANELLO, 2016). Porém, “todos os métodos focalizam um ponto comum: utilizar o movimento consciente do corpo na recuperação da saúde bem como manter uma boa qualidade de vida” (BOLSANELLO, 2010, p. 20).

implementado em seus espaços de atuação. Indicamos também o canal Pioneiros da Educação Somática no Brasil, no YouTube, com um documentário sobre o tema e quase 30 entrevistas com algumas das principais referências da área em nosso país.

Independente do enfoque e da abordagem escolhida, enfatizamos que uma aula de educação somática não deve ser apenas um momento pontual para se receber um alívio temporário de alguma dor ou promover um alinhamento corporal que ao sair da sala já se esvai. O que se propõe com a educação somática é que qualquer pessoa aprenda continuamente sobre si próprio e seja um investigador do seu corpo em movimento na vida cotidiana. Pedagogicamente falando, as práticas de educação somática perpassam uma repetição sensível, consciente, que acentua o componente sensorial da execução do gesto. Numa busca por desconstruir repetições meramente mecânicas e movimentos de imitação do(a) professor(a), a educação somática é claramente centrada na pessoa que pratica e se encarrega pela sua aprendizagem, num processo cujo saber é construído na experiência própria de cada praticante (FORTIN, 1999).

Parecem ser mais frequentes na literatura sobre o tema os estudos que relacionam educação somática e dança, principalmente porque bailarinos(as), coreógrafos(as) e professores(as) visam à prevenção e cura de lesões, à melhora da técnica e ao desenvolvimento das capacidades expressivas. Nesse sentido, a educação somática torna-se um recurso de formação complementar às aulas tradicionais de dança já feitas cotidianamente por bailarinos(as), como nos apresenta Fortin (1999). Segundo a autora, num contraponto ao ensino tradicional de dança, por exemplo, que geralmente valoriza a informação extrínseca e imitação, professores(as) de educação somática insistem em informações intrínsecas para explorar os caminhos pelos quais o movimento circula, as informações despertadas no imaginário de cada pessoa e as emoções que lhes são relacionadas. Isso requer uma capacidade de acolher e escutar o outro, possibilitando pesquisas de movimento também de orientação educativa e artística, e não somente com preocupações de caráter terapêutico.

HABITAR O PRÓPRIO CORPO E O SENTIMENTO DE SI: UM CAMPO A SER EXPLORADO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir do que tem sido publicizado especificamente por autores e autoras da área da Educação Física, observam-se iniciativas de trabalho com educação somática e consciência corporal na formação inicial (NÓBREGA, 2015; ALVES, 2020), em projetos de extensão (CACHOEIRA; FIAMONCINI, 2018) e na escola (COSTA; SANTOS, RODRIGUES, 2019; COSTA, QUEIROZ, MENESES, 2021). Para que possamos ampliar as propostas e produções na área, defendemos

esse novo campo para professores(as) e profissionais de Educação Física, pensando nas relações intrínsecas entre educação e saúde, ampliando-se os estudos sobre o corpo em práticas sensíveis.

Parece-nos que a Educação Física ainda carece de maior apropriação a respeito do campo da educação somática, o que pode ser percebido inclusive pelas matrizes curriculares dos cursos de formação docente em Educação Física, tanto na licenciatura quanto no bacharelado. Nem sempre se encontra, dentro do conjunto de disciplinas oferecidas, aquelas cuja abordagem do corpo passa pela consciência corporal e pelo conhecimento de si e do outro por meio do movimento e da percepção.

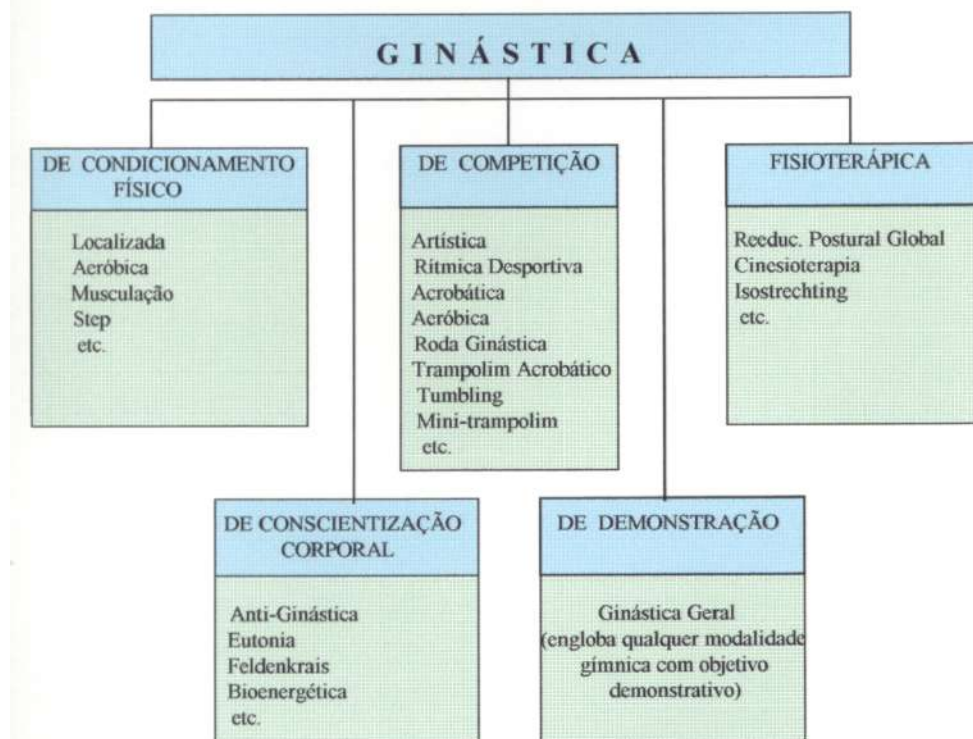
Na UEMG Passos, por exemplo, foi criada a disciplina obrigatória “Consciência Corporal e Percepção”, presente na reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física que passou a vigorar em 2022. Dentre outros temas, a ementa preconiza a introdução à percepção e conhecimento de si, do outro e do mundo em suas relações com a ação corporal; bem como a compreensão do ser humano em sua dimensão biopsicossocial no trabalho de percepção e consciência pelo movimento, perpassando temáticas da educação somática e práticas corporais integrativas.

Na Unicamp, tais práticas são abordadas como conteúdos de disciplinas obrigatórias ou eletivas, bem como na extensão universitária na formação em Educação Física e/ou Ciências do Esporte. No caso da formação em Pedagogia, constatamos igualmente trabalhos em diálogo com essas práticas, de acordo com o estudo realizado por Assis (2019) e Assis, Ayoub e Cunha (2022). Ressaltamos também a educação somática como tema presente na programação de cursos na última edição do Fórum Internacional de Ginástica para Todos¹¹², organizado por autoras deste texto.

No que concerne à subárea da ginástica, esforços vêm sendo feitos para que essa dimensão sensível do corpo e das práticas somáticas sejam abordadas, desde o final do século passado, como mostra a pesquisa de doutorado de Souza (1997). Esta autora apresenta uma organização do universo da ginástica incluindo abordagens de educação somática no conjunto de práticas gímnicas de conscientização corporal, conforme a figura a seguir.

¹¹² Demais informações estão amplamente divulgadas no site do evento: <https://www.forumgpt.com/2022/>

Figura 2 – Universo da Ginástica



Fonte: Souza (1997, p. 26)

De maneira geral, a Educação Física ainda privilegia em seu processo de ensino o corpo-espelho em detrimento do corpo-sensível. O corpo-espelho fica refém das formas externas, sendo o “corpo fora” a sua principal referência; por sua vez, o corpo-sensível é aquele que não encontramos na imagem refletida do espelho, ele é vivido e sentido na experiência do corpo próprio em ação investigativa, a partir de sua escuta interior e singularidade, “é, portanto, um processo qualitativo e não apenas um treinamento quantitativo para o acúmulo de habilidades em cadência linear a partir da repetição mecânica” (MILLER, 2014, p. 110).

Essa é uma perspectiva que vem sendo adotada em larga escala nas academias de ginástica, justamente por um interesse mercadológico de produção de corpos em consonância com os ditames midiáticos e sociais. Os cuidados com o corpo transformam-se numa ditadura do corpo, que se submete e atende, especialmente, as tecnologias de mercado, que incluem produtos e serviços que são voltados para atingir um ideal de corpo, uma aparência aceitável lutando para apagar os vestígios da naturalidade (SILVA, 2001).

Nesse contexto, as sensações internas, por muito tempo, foram negligenciadas, com exceção daquelas que se referem à dor. De forma clássica, os cinco sentidos, que compreendem a audição, o paladar, o olfato, o tato e a visão, têm funções bem circunscritas, como informar sobre os acontecimentos do mundo e alertar o corpo dos perigos externos que o ameaçam, o que Vigarello (2016) chamou de vigias, sentinelas, servidores ou satélites do corpo. Esses sentidos externos por muito tempo reinaram sobre as referências sensíveis, comunicando-se “mais com as coisas do que com o corpo” (VIGARELLO, 2016, p. 10). Assim, esse autor revê o passado do que ele chamou de “invenção” ou “obrigação” de ouvir o corpo, para melhor compreensão do *sentimento de si* na atualidade, questionando qual o espaço das “informações” vindas “de dentro”.

Para a educação somática, o sexto sentido, que denominamos cinestésico, promove a integração de todos os outros sentidos, aguçando a percepção do que está acontecendo dentro e simultaneamente do que está fora do corpo, recuperando e ampliando sensações, percepções, intuições, instintos do corpo e da gestualidade (CARON, 2021). Isso implica num estado de escuta do corpo, no qual ocorre “a intenção de ampliar a percepção dos mecanismos corporais envolvidos no movimento, através da atenção e da observação presentes no mo(vi)mento” (MILLER; NEVES, 2013, p. 3). E estar atento, sentir e lidar com o instante presente gera presença. É o corpo em relação, atento aos estados de atenção (ao próprio corpo, ao espaço e ao outro) que nos permite construir o estado de presença (MILLER, 2012).

Ressaltamos que os desdobramentos da educação somática podem ser experimentados por todas as faixas etárias. As práticas são inclusivas na medida em que respeitam as singularidades de cada corpo. Os estímulos para os sentidos proprioceptivos são amplos, variando entre a utilização do próprio corpo em ação, nas suas diversas posturas, atitudes e gestos no diálogo com a força da gravidade, até a utilização de materiais simples, como bastões de madeira, bolas de diferentes tamanhos, bexigas, toalhas, tecidos, elásticos, entre outros que facilitam a sensibilização do corpo e reativam as sensações.

Reconhecer e perceber o próprio corpo em movimento, pesquisando seus limites e possibilidades, promove um saber que não se desvincula de quem faz (MILLER; LASZLO, 2016). E, ter acesso à experiência de si, vivenciar processos de subjetivação das singularidades, assumir a responsabilidade por nossas ações é potente e transformador em qualquer idade, o que vai ao encontro do que foi apontado por Schiavon, Toledo e Ayoub (2017) ao defenderem uma ginástica para toda a vida.

Com base nisso, defendemos que estudos em nível somático são necessários para o (re)conhecimento das potencialidades do corpo e da gestualidade, passando não somente as práticas em dança, mas também tantas outras práticas corporais que podem ser abordadas nas academias de ginástica.

É inegável que conhecer o corpo na perspectiva biológica é essencial, contudo, essa é apenas uma das tantas dimensões que nos constituem como seres humanos, perpassando igualmente aspectos sociais, culturais, históricos e psicológicos, tendo em vista a superação da dicotomia corpo e mente. Entender o corpo como “soma” é conhecê-lo para além daquilo que se molda por carne e osso, implicando num interesse enfático pelo corpo vivo, senciente, com sentimentos e propósitos (SHUSTERMAN, 2012).

É, do mesmo modo, compreender que somos seres numa perspectiva biopsicossocial, produzidos na/pela cultura, e que a todo instante somos atravessados pelo mundo e pelos sentidos que experimentamos corporalmente, pois sob a forma do sensível estamos imersos num banho sensorial ininterrupto, e a princípio, jamais cessamos de ver, de escutar, de tocar, de sentir o mundo ao nosso entorno (LE BRETON, 2016).

Essa compreensão deve primeiramente estar na missão institucional e nas diretrizes que permeiam todas as práticas da academia. Uma atribuição, portanto, que também cabe aos(às) gestores(as) das academias, conforme sinalizam Schiavon, Toledo e Ayoub (2017), os(as) quais devem estar atentos(as) e priorizar o sentido das práticas para as pessoas, por meio de diferentes ações realizadas por seus(suas) profissionais, não somente com a preocupação de oferecer novas práticas, mas com a intenção de compreender o sentido destas para os(as) praticantes.

Uma perspectiva sensível de diálogo e acolhimento que pode ser assumida e/ou incentivada pelo(a) educador(a) que atua na academia de ginástica em diferentes momentos de sua ação, como por exemplo: quando realiza a anamnese ou a avaliação física do(a) praticante (como um primeiro passo para a sua prática); quando estabelece a ficha da musculação na entrevista; na proposta de exercícios numa aula coletiva; e até mesmo em momentos informais vividos no ambiente da academia, nos quais o(a) praticante partilha experiências, pensamentos, desafios, limitações, frustrações, expectativas dentre outros.

Assim, para caminhar rumo à superação dessa concepção fragmentada do ser humano e de prática de ginástica de academia, é fundamental elaborar princípios que nos conduzam a uma práxis renovadora a partir de reflexões teórico-práticas sobre os desdobramentos dos estudos do corpo e das abordagens somáticas na formação e atuação docente. E como profissionais da área da saúde – mas também da educação e da arte – é fundamental reconhecermos na cultura os modelos de corpo rejeitados e estimados, vigentes ou marginais, como bem lembra Bolsanello (2010), pois conscientes dessas conexões entre corpo e cultura, podemos discutir, reavaliar, talvez questionar e superar percepções e imagens acerca das noções de beleza, moral, saúde e identidade.

Superando a noção de ginástica como um remédio amargo a ser consumido para a prevenção e cura de doenças (TOLEDO, 2010) e da academia como um local de silhuetas de passagem (SANT'ANNA, 2001), concordamos com Toledo e Pires (2008) quando defendem que as academias podem ser, talvez, um espaço de possibilidades e diversidade humana, de encontros e prazer pela prática, de promoção do bem-estar e autonomia das pessoas.

Autonomia que pode ser construída quando o ensino das técnicas corporais não mais insistir em fórmulas, mas apostar no respeito às singularidades de cada corpo, provocando a escuta de si, a percepção dos movimentos e a atenção aos estados corporais que vão sendo gerados em cada etapa da experiência. Reconhecer, sentir e observar o próprio corpo em sala de aula é o primeiro passo para alterarmos nossas ações, nossos hábitos e comportamentos indesejados, prolongando o sentir-se bem em qualquer contexto vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de incentivar um avanço na área da Educação Física, pretendemos contribuir com outros estudos nesse sentido, reforçando a importância de se pensar sobre a educação somática na formação inicial e continuada de professores(as), despertando os(as) profissionais da nossa área para possibilidades de trabalho geralmente não cogitadas.

Conforme mencionamos anteriormente, temos encontrado propostas que se aproximam das abordagens somáticas no âmbito da formação docente inicial em Pedagogia. Saber que tais abordagens ainda permanecem pouco conhecidas ou difundidas nos cursos de Educação Física nos impulsiona a assumir o compromisso

de ampliarmos esses espaços de conhecimento e de vivência, nos quais o entrelaçamento entre o corpo, as práticas corporais e o fazer sensível estejam presentes.

Isso pode ser reconhecido por gestores(as) de academias em diferentes frentes, com destaque para a capacitação de seus(suas) profissionais e para a inclusão de práticas corporais denominadas como somáticas, “na perspectiva de colaborar para o processo de conscientização do sujeito acerca de suas escolhas e sentidos, antes, durante e após a prática da ginástica” (SCHIAVON; TOLEDO; AYOUB, 2017, p. 222). Afinal, uma abordagem conscientizadora de ensino pode ser realizada em qualquer contexto educacional, formal ou não formal, em qualquer momento dialógico entre educadores(as) e educandos(as), como bem nos mostra Paulo Freire (2018).

Finalizamos este texto com a sensação de que muito ainda poderia ser dito a respeito da educação somática, mas também reconhecemos que este tema tão potente pode abrir caminhos para ser abordado em espaços outros, rompendo conceitos prévios e quem sabe instigando uma abertura para as tantas possibilidades de trabalho corporal sensível que a educação somática pode propiciar, inclusive no ambiente da academia de ginástica, quebrando paradigmas e constituindo outros no cenário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. S. Ressonâncias entre práticas de sensibilização e elaboração de si na formação em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26053, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.101434> .
- ASSIS, M. D. P. **Corpo e práticas corporais na formação em Pedagogia: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas**. 2019. 165f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.
- ASSIS, M. D. P.; AYOUB, E.; CUNHA, A. C. Corpo, práticas corporais e o fazer sensível na formação em pedagogia: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 38, e26172, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469826172>.
- BOLSANELLO, D. P. **Educação somática: ecologia do movimento humano**. Curitiba: Juruá, 2016.
- BOLSANELLO, D. P. Afinal, o que é educação somática? In: BOLSANELLO, D. P. (org.) **Em pleno corpo: educação somática, movimento e saúde**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2010.
- BOLSANELLO, D. P. (org.). **Educação somática e seus pioneiros no Brasil Volume I**. Curitiba: Juruá, 2020.
- BOLSANELLO, D. P. (org.). **Educação somática e seus pioneiros no Brasil Volume II**. Curitiba: Juruá, 2020a.
- BOLSANELLO, D. P. (org.). **Educação somática e seus pioneiros no Brasil Volume III**. Curitiba: Juruá, 2020b.

- CACHOEIRA, N. R.; FIAMONCINI, L. Educação somática e dança na consciência corporal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 564-576, jul./set. 2018.
- CARON, M. **Corpo, transborda**: educação somática, consciência corporal e expressividade. São Paulo: Summus, 2021.
- COSTA, F. S.; QUEIROZ, D. M. M.; MENESES, Y. P. S. F. (org.) **Educação Física escolar somática**. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021.
- CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (org.). **Promoção da Saúde**: conceitos, reflexões, tendências. 2. reimp. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.
- EDDY, M. Uma breve história das práticas somáticas e da dança. Tradução Clara Trigo, Diego Pizarro e Isabel Tornaghi. **Repertório**, Salvador, ano 21, n. 31, p. 25-61, 2018.
- FORTIN, S. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. Tradução Márcia Strazacappa. **Cadernos GIPE-CIT**, Salvador, n. 2, p. 40-55, 1999.
- FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2018.
- HANNA, T. Dictionary definition of the word Somatics. **Somatics**, n. 4 (2), 1983.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MILLER, J.; NEVES, N. Técnica Klauss Vianna – consciência em movimento. **ILINX - Revista do Lume**, Campinas, n. 3, p. 1-7, 2013.
- MILLER, J. O corpo presente: uma experiência sobre dança-educação. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 100-114, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v16i1.1332>.
- MILLER, J. **Qual é o corpo que dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.
- MILLER, J.; LASZLO, C. M. A sala e a cena: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática. **Cadernos do GIPE-CIT**, Salvador, n. 36, p. 150-167, 2016.
- NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal**. Natal: EdUFRN, 2015.
- SANT'ANNA, D. B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SCHIAVON, L. M.; TOLEDO, E.; AYOUB, E. Por uma Ginástica para toda a vida. In: GALATTI, L. G. *et al.* (Org). **Múltiplos cenários da prática esportiva** – Pedagogia do Esporte – Vol. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- SHUSTERMAN, R. **Consciência corporal**. Tradução Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Realizações, 2012.
- SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado** – reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001.
- SOUZA, E. P. M. **Ginástica Geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. 163f. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- STRAZZACAPPA, M. Educação somática: seus princípios e possíveis desdobramentos. **Repertório Teatro & Dança**, Salvador, v. 1, p. 48-54, 2009.

TOLEDO, E. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade**: um estudo da década de 80. 2010. 257f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, E.; PIRES, F. R. Sorria! Marketing e consumo dos programas de Ginástica de academia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 41-56, maio, 2008.

VIGARELLO, G. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

CORPOS EM CENA: ETNOGRAFAR EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA

Alan Camargo Silva¹¹³

INTRODUÇÃO

A área de Educação Física vem se aproximando do campo da Antropologia desde as décadas de 1980 e 1990 seja no âmbito formal ou não-formal (SILVA, 2017a; DAOLIO, 2020). Os usos da etnografia pelos pesquisadores da Educação Física se consolidam com diferentes abordagens teórico-metodológicas e, sobretudo, por vezes, a considerando de forma meramente técnica ou instrumental (GOELLNER *et al.* 2010). Mais do que um método de coleta de dados, a etnografia é um modo de conceber a pesquisa antropológica (PEIRANO, 2014).

Um dos aspectos que legitima e subsidia um estudo etnográfico é o processo de reflexividade do pesquisador, o que, em síntese e em parte, traduz-se na capacidade contínua do etnógrafo pensar sobre si e projetar a construção da sua identidade na interlocução com seus interlocutores no bojo da vida social experienciada (FERREIRA; BRANDÃO, 2021). De modo pioneiro, Malinowski (1986) defendeu a necessidade de treinamento metódico e atualização sistemática de teorias, bem como a evolução do pesquisador (re)construída durante a própria prática etnográfica. Além do interconhecimento e da longa duração no trabalho de campo, a reflexividade ou autoanálise na pesquisa é uma das condições importantes para o empreendimento etnográfico (BEAUD; WEBER, 2014).

Nesse contexto, destaca-se que em pesquisa qualitativa ou, mais precisamente, em um estudo etnográfico, no caso na área de Educação Física, torna-se imperativo compreender o processo de reflexividade, em especial, em locais em que o corpo do etnógrafo pode se tornar um dado de pesquisa, como nas academias de ginástica. Com a crescente produção científica nas subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física (TELLES; LÜDORF; PEREIRA, 2017), questiona-se em que medida os estudos/autorias tentam combater ou neutralizar o perigo de *bias* determinante, muitas vezes, ao fundamentar as conclusões equivocadas e restringir a maneira de ver o que sustentaria as expectativas dos pesquisadores (BECKER, 1997; GOLDENBERG, 2015). Além disso, Duarte (2002, p. 140) lembra que, em muitas ocasiões, “[...] nos esquecemos de relatar o processo que permitiu a

¹¹³ Pós-doutorado em Educação Física (UFRJ). Doutorado em Saúde Coletiva (UFRJ). Professor (UFRJ, SME e SEEDUC – RJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/0220960603229593>

realização do produto [...] A definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final”.

Desse modo, nesse capítulo, objetivo problematizar as relações entre o empreendimento etnográfico e o processo de reflexividade no contexto das academias de ginástica. Para isso, optei por subdividir este texto em três seções, a saber: primeiramente, registro um breve histórico sobre o empreendimento etnográfico a fim de oferecer um panorama ou uma versão de como tal delineamento metodológico se desenvolveu no campo da Antropologia. Em seguida, aponto algumas notas sobre a minha experiência etnográfica nas academias com a finalidade de ilustrar metodologicamente o processo de reflexividade. Por último, elaboro algumas considerações pontuais acerca do ofício etnográfico especificamente em academias.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O EMPREENDIMENTO ETNOGRÁFICO

Historicamente, houve diferentes formas de conduzir e pensar o empreendimento etnográfico (CLIFFORD, 2008). Ao longo do tempo no campo das Ciências Sociais, a etnografia foi reelaborada e revista a partir de distintas matrizes teórico-metodológicas. A vivência do pesquisador no trabalho de campo relatada em seus registros cotidianos para serem transpostos em um texto etnográfico, que apresenta determinada descrição cultural, já data por volta de um século (BIZERRIL, 2004).

Aproximadamente no final do século XVIII, o dito saber científico começa a tornar o próprio homem como objeto de conhecimento. Antes, eram privilegiadas as questões relacionadas à natureza (LAPLANTINE, 2007). Assim, as iniciativas de compreender o outro se estabelecem desde os primórdios das pesquisas antropológicas (ERIKSEN; NIELSEN, 2013).

Contudo, até o final do século XIX, o etnógrafo não era o intérprete de destaque da vida nativa. Nesta época, a credibilidade de entender determinados grupos sociais estava marcada pelo movimento de alguns amadores e viajantes (*men on the spot*) que viviam por certo tempo em determinadas culturas, mesmo que suas análises fossem superficiais, temporárias, descontínuas e não tão sistematizadas (LAPLANTINE, 2007; CLIFFORD, 2008).

O ofício descritivo destes precursores, considerados os primeiros “etnógrafos”, se expandiu com as expedições europeias do período de colonização. As conquistas territoriais dos países europeus a partir do Imperialismo desenvolveram o campo da Antropologia e as narrativas de inúmeras viagens eram materiais de análise de referência para se pensar a própria Europa (LAPLANTINE, 2007;

ERIKSEN; NIELSEN, 2013). Nesse contexto, o que viria a se constituir como um modo de pesquisa no futuro, antes mesmo do século XX, já incorporava a ideia de progresso que emergia a partir da comparação evolutiva entre o modo de vida daqueles considerados civilizados (europeus) e daqueles selvagens/ primitivos (os outros de sociedades longínquas, estrangeiros, etc.).

A profissionalização de se conduzir um estudo etnográfico, portanto, se concretizou com a observação participante intensiva como recurso indelével de legitimação do pesquisador de campo, avanço este que surgiu nos trabalhos de Bronislaw Malinowski (CLIFFORD, 2008; ERIKSEN; NIELSEN, 2013). A noção do pesquisador profissional responsável pela análise cultural com uma descrição etnográfica foi mais aceita somente em meados do século XX. Nesse processo formalizado de investigação antropológica, ainda havia distinções entre ser etnógrafo ou ser antropólogo, ou seja, entre “[...] aquele que descrevia e traduzia os costumes e aquele que era o construtor de teorias gerais sobre a humanidade [...]” (CLIFFORD, 2008, p. 25).

Assim, a partir de Malinowski (1986), a etnografia é entendida como um método que deve ser apresentado de modo detalhado e contextualizado, embora atualmente seja compreendida como uma maneira de conceber o estudo (PEIRANO, 2014). A premissa básica da pesquisa seria descrever minuciosamente os procedimentos metodológicos, ou seja, a forma precisa de como a etnografia foi realizada, buscando rigor (científico) até então não contemplado por alguns estudiosos da época. Os referenciais do modelo malinowskiano de trabalho de campo apontam que “[...] o pesquisador, através de uma estada de longa duração, deve mergulhar profundamente na cultura nativa, impregnando-se da mentalidade nativa. Deve viver, falar, pensar e sentir como os nativos” (GOLDENBERG, 2015, p. 22).

Ao longo do século XX, o empreendimento etnográfico foi intensamente debatido e compreendido na sua complexidade operacional. De acordo com Clifford (2008), houve a necessidade de questionar a conscientização do etnógrafo sobre as tensões entre expectativas pessoais e o campo de pesquisa. Desse modo, há um marco no sentido de revisar a possível (não) validade do que poderia ser chamado de “ciência antropológica”, haja vista que aspectos subjetivos do pesquisador estariam incutidos na (pseudo-)objetividade dos dados coletados durante a etnografia. Para Mata (2012), o fazer etnográfico deve ser entendido como um “conceito de uma dada realidade”, isto é, produz um texto que faz emergir, por meio de lentes (teóricas) do pesquisador, aspectos de determinada realidade local comparável a outras particularidades que podem promover noções acerca daquilo que é investigado.

Dessa forma, a posição do etnógrafo no trabalho de campo passa a ser cada vez mais relativizada, entendendo a maneira de analisar os dados de forma

autocrítica. Segundo Clifford (2008), a Antropologia Interpretativa ou Hermenêutica de Geertz (1989) contribuiu sobremaneira para repensar e questionar a experiência e interpretação dos etnógrafos. O texto etnográfico não é neutro, uma vez que a visão da realidade é coconstruída nas relações intersubjetivas entre pesquisador e interlocutores. Por outro lado, Fonseca (1999) alerta e critica as análises antropológicas que se limitam nessa dimensão intersubjetiva da pesquisa.

Logo, destaca-se que a trajetória do etnógrafo, o referencial teórico utilizado em determinado contexto histórico e as próprias situações ou condições sociais que envolvem a relação entre o pesquisador e os interlocutores são indispensáveis para compreender o trabalho etnográfico (CICOUREL, 1980; PEIRANO, 1992; LAPLANTINE, 2007). Silva (2009, p. 181) afirma que “Uma cena etnográfica só é confiável quando o etnógrafo se inclui na paisagem desenhada”.

Nesse sentido, levando em consideração que a etnografia, desde a sua constituição, comporta múltiplas operações do pesquisador que são acionadas no campo de pesquisa para compreender um universo complexo, ou como Clifford (2008) denomina de um complexo discursivo, é possível pensar nos entraves e limites do seu uso em diversas áreas do conhecimento.

O trabalho que envolve o empreendimento etnográfico, por meio da observação participante, de percepção, memorização e anotação de cerimônias, das interações entre os nativos e do contexto local, bem como dos objetos que os compõem podem ajudar na elucidação de determinada realidade ou fenômeno social (BEAUD; WEBER, 2014). A vantagem metodológica do pesquisador acompanhar de forma prolongada e minuciosa as situações sociais no seu cotidiano atesta a credibilidade de tal empreendimento investigativo (GOLDENBERG, 2015).

Assim, tais referências ou notas históricas contribuem para pensar a atual realização de estudos etnográficos no campo antropológico. Além disso, tempos mais tarde, a expansão da comunicação e a influência intercultural também fizeram com que cada vez mais as pessoas interpretassem a si e aos outros, levando a todo o momento um (re)pensar sobre o fazer etnográfico (CLIFFORD, 2008).

Em suma, o objetivo da etnografia atrela-se à busca da compreensão da lógica da vida social e da cultura em um dado sistema social que, a princípio, é singular e deve ser observado, descrito e analisado pelo etnógrafo (MALINOWSKI, 1986). Sabe-se que “A etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, ‘nativos em carne e osso’. É, de certa forma, o protótipo do ‘qualitativo’” (FONSECA, 1999, p. 58). Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se observa e analisa o nativo, o etnógrafo questiona a sua própria inserção sociocultural (CLIFFORD, 2008).

ENSAIANDO E DRAMATIZANDO COMO PESQUISADOR AO SE RELACIONAR CORPORALMENTE NAS ACADEMIAS: REFLEXIVIDADE EM ABERTO

O encontro social é uma ocasião de interação face a face, começando quando os indivíduos reconhecem que se moveram para a presença imediata uns dos outros e terminando com uma retirada aceitável da participação mútua. (GOFFMAN, 2011, p. 97)

Após um breve resgate histórico sobre o empreendimento etnográfico, aponto aqui algumas notas aleatórias sobre uma experiência etnográfica em um dos âmbitos de atuação da Educação Física com a finalidade de ilustrar o processo de reflexividade na área. No caso aqui, problematizo com base na minha tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro: “Limites’ corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas” (SILVA, 2014). À luz do referencial teórico da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico¹¹⁴, a minha tese de doutorado teve como objetivo conhecer as concepções e as estratégias relativas aos limites corporais de professores de Educação Física e de alunos, no setor da musculação de duas academias, durante um ano. Foi realizada uma etnografia reflexiva comparada em duas academias de ginástica em bairros distintos socioeconômica e culturalmente na cidade do Rio de Janeiro: um estabelecimento de pequeno porte no bairro “popular” da Cidade de Deus/CDD (academia P) e outro de grande porte no bairro “nobre” da Barra da Tijuca/Barra (academia G). Totalizei 150 visitas no turno da tarde/noite (83 na academia P, registrando 320 horas, e 67 na academia G, somando 244 horas).

Mesmo sabendo que há uma distância entre estar no campo de pesquisa e na produção do texto etnográfico, por haver determinadas reinterpretações e não ser neutro (GEERTZ, 1989; CLIFFORD, 2008), busquei reproduzir o mais próximo possível as realidades vivenciadas com os meus interlocutores. Exemplarmente, DaMatta (2010) lembra que não dá para reconstruir um fato social na sua totalidade.

Nesse sentido, durante todo o trabalho de campo, tive que me atentar às perspectivas nativas atribuídas a mim que obrigatoriamente devem ser abordadas a partir de certas categorias disponíveis no próprio campo das interações sociais

¹¹⁴ A intenção aqui não foi aprofundar uma análise histórico-contextual sobre as inúmeras linhagens antropológicas como elaboraram Eriksen e Nielsen (2013), mas apontar que a Escola de Chicago e o interacionismo simbólico, em especial, fazem parte apenas de um desenvolvimento não-linear das linhagens antropológicas, tornando-as dinâmicas em suas bases teórico-empíricas. Vale lembrar que, na Escola de Chicago, não havia homogeneidade nos interesses de determinados objetos de estudos e de focos teóricos e metodológicos (VELHO, 2008; COULON, 2016), por isso, por vezes, critica-se tal corrente teórica no sentido de ser tratada justamente como uma “escola de pensamento”. Becker (1996) lembra que há diferenças entre uma escola de pensamento e uma escola de atividade.

estudadas. Objetivando deslindar sobre alguns aspectos relativos à minha interação com os interlocutores, foi preciso pensar que os lugares sociais destinados a minha pessoa como pesquisador nas academias foram se modificando ao longo do tempo. O pesquisador e os grupos sociais analisados acionam diversos sistemas de classificação para um compreender o outro, caracterizando-se por um mútuo reconhecimento. Nesse caso, a minha identidade coconstruída com os interlocutores se alterou com o passar do tempo no trabalho etnográfico estabelecendo múltiplas impressões da minha pessoa para eles nas duas academias.

Assim, tão importante quanto destacar o processo de reflexividade do etnógrafo antes da entrada no campo de pesquisa, problematizando a experiência prévia face ao futuro objeto de estudo, é pensar sobre a terceira fase delineada por DaMatta (1978, p. 25), denominada de “pessoal” ou “existencial”. Tal fase corresponderia ao prolongamento da formação científica ou acadêmica vivenciada no próprio trabalho de campo, “[...] enquanto o plano teórico-intelectual é medido pela competência acadêmica e o plano prático pela perturbação de uma realidade que vai se tornando cada vez mais imediata, o plano existencial [...] fala mais das lições que devo extrair do meu próprio caso”.

Por isso, nessa direção, ao buscar compreender os sentidos e os significados atribuídos ao corpo no contexto das práticas corporais em academias, levei em consideração obrigatoriamente como eu me inseria neste universo investigativo. Embora eu já tenha escrito brevemente sobre a importância de “encarnar” ou “corporalizar” a etnografia (SILVA, 2021), aqui descrevo pontualmente outras experiências etnográficas, ora na academia P, ora na academia G.

Destarte, em primeiro lugar, afirmo, por exemplo, que, por vezes, eu fui esquadrinhado, classificado e julgado pelos meus interlocutores durante o trabalho de campo. Eu passava por algumas situações constrangedoras quando me consideravam um “aluno”, especialmente na academia G, experiência esta que nunca tinha percebido como profissional de Educação Física. Eu sofria uma série de abordagens dos professores no sentido de me atender da melhor maneira possível já que ali havia uma cobrança de atenção ao “cliente”. Ao transitar pela academia, os profissionais me paravam a todo instante perguntando se eu estava me sentindo bem.

Já na academia P, embora cientes de que eu estava realizando uma pesquisa, os professores de Educação Física tentavam sugerir que eu era um “estagiário”, me imputando algumas tarefas sem me perguntarem, o que, aos poucos, fui buscando certo “jogo de cintura” para saber lidar com tais situações. Pelo fato dos professores de Educação Física ficarem sozinhos com dezenas de alunos no setor da musculação, uma ajuda a mais, para eles, era extremamente produtiva em alguns momentos. No começo do trabalho de campo na academia G, também achavam

que eu era um futuro estagiário, pois, em algumas ocasiões, recebia comentários semelhantes a este: “Você está que nem um estagiário de primeiras semanas, o estagiário fica assim mesmo como você está: camisa da Adidas, bermuda da Fila e tênis da Mizuno de quinhentos reais!”.

Destaco que os interlocutores também, muitas vezes, me consideravam como um (ou promissor) “professor” formado de Educação Física das academias. Confesso que quando alguns alunos chamavam o professor de Educação Física, eu tinha, de modo reflexo, ímpeto em atendê-los em vários momentos. Devido a este tipo de situação vivenciada no trabalho de campo, me sentia naquela situação liminar entre professor e pesquisador, embora reconhecesse que tais lugares sociais não eram excludentes entre si. Isto foi desaparecendo com o tempo na medida em que começava a perceber que eu não me via mais como um professor de academia quando algum aluno gritava de longe “professor”. Provavelmente, por eu trabalhar em escolas, a todo instante sendo chamado de professor, era inevitável responder a um chamado deste nas academias durante as minhas interações sociais ali na musculação.

Ainda sobre algumas notas da minha experiência nesses estabelecimentos, registro que, por vezes, eu causava um aparente risco para todos os meus interlocutores, principalmente para os profissionais. Passei parte do meu trabalho de campo sendo considerado o “supervisor da academia” ou até mesmo um “fiscal do Conselho Regional de Educação Física”. Assim, sentia justamente o que Whyte (2005, p. 299) pontua: “Há um desgaste quando se faz esse tipo de trabalho de campo. Ele é maior quando você é um estranho e está constantemente se perguntando se as pessoas vão aceitá-lo”.

Destarte, se por um lado eu causava um potencial risco para os meus interlocutores, por outro, eu também corria risco de atuar como etnógrafo. Especificamente na academia P, uma identidade que também me destinavam era a de um suposto “policial” infiltrado com o intuito de investigar a vida de determinados alunos. Os frequentadores achavam que eu era um policial, pois eu tinha “cara e porte de cana”, isto é, cabelo raspado e forte. A cada dois meses, eu raspava o cabelo e os comentários sempre eram que eu tinha entrado para a polícia ou que eu iria servir ao regime militar. Pela minha mania de cumprimentar as pessoas como os militares fazem, demonstrando respeito ao outro, isto é, ingenuamente batendo continência, as pessoas realmente achavam que eu era um policial ou um militar das forças armadas. Confesso que em consonância a Zaluar (2009, p. 573), em parte, “Enfrentei, algumas vezes sem nem perceber, certas situações em que agressões graves poderiam ter acontecido”.

Outro tipo de risco que vivenciei, principalmente na academia P, foi o fato de passar por certos constrangimentos e tensões ao ser considerado “o cara” ou “o boiola”, isto é, se eu conquistava as mulheres da academia ou se eu era homossexual. A academia, por vezes, é considerada um espaço de paquera para além de um local para a prática de exercícios físicos.

Incomodava-me um jeito comum dos profissionais de me cumprimentarem, o que também observava entre eles: sempre havia um aperto de mão seguido de um aperto no braço ou um abraço com a mão na barriga. Parecia uma forma de se avaliarem entre si na medida em que nesses rituais de cumprimentos e despedidas causava certos comentários do tipo: “Que barriga, sarada!”, “Tá gordinho, hein?”, “O braço do cara está forte, parece pedra!”, etc. Essas situações me demonstravam o que a coletividade exigia de um professor de academia. Além disso, observava certas “trocas de olhares” com mulheres e com homens. Identificava certas deixas simbólicas tanto deles quanto delas comigo e com os outros. Faziam isso especialmente quando estavam fazendo os movimentos em algum aparelho da musculação. Ressalto que o uso do espelho como um instrumento de observação de outros locais dos espaços das academias me facilitou para ver de diferentes ângulos e, por vezes, de forma distante, algumas situações sociais.

Acrescento que a minha cor de pele me auxiliou e também dificultou as relações com os meus interlocutores. Por vezes, eu era chamado de “branquelo”, especialmente na academia P. Ao longo da minha experiência etnográfica, notava que a representação do “ser negro” no espaço das duas academias atrelava-se a uma pessoa forte fisicamente em que conseguia superar todos os seus “limites”.

Ao mesmo tempo em que “ser negro” no espaço das academias podia ser configurar como algo positivo, na medida em que “naturalmente” era forte, de modo paradoxo, sofria uma série de interdições preconceituosas nas interações face a face. Ao ser recusado pelo meu tom de pele, passava por uma situação semelhante experienciada por Wacquant (2002) que, ao realizar a sua etnografia em um gueto negro, usava o diário de campo para desabafar, pois ele também era praticamente o único branco entre seus interlocutores.

Estar entre corpos nas academias P e G também me fazia transitar por distintas identidades entre níveis socioeconômicos. Ora eu era chamado de “o doutor”, ora me confundiam com um “funcionário da manutenção das academias” ou, até mesmo, com um “*paparazzo*” querendo ganhar dinheiro. Becker (1997) lembra que é indispensável averiguar os usos de certos termos pelos pesquisados à luz de determinado contexto de onde foram emitidos.

Em síntese, eu considerava a premissa de Whyte (2005, p. 315) quando lembra que “[...] onde existem diferentes grupos com diferentes padrões de

comportamento ajustar-se aos padrões de um grupo particular pode ter consequências muito sérias”, o que me fez reinventar os meus comportamentos na academia. Portanto, com base nas perspectivas nativas supramencionadas, argumento sobre a necessidade de interpretar os mal-entendidos no trabalho de campo e explicitar isto no estudo, pois inúmeras são as pesquisas que omitem os riscos físicos e emocionais dos pesquisadores ao longo do contato com os interlocutores (BEAUD; WEBER, 2014).

ETNÓGRAFO DE CORPO EXPOSTO ENTRE OUTROS NAS ACADEMIAS: UMA SITUAÇÃO INEVITÁVEL?

A academia precisa ser compreendida como um local em sua totalidade, pois tal espaço comporta sentidos e significados construídos intersubjetivamente em dada época e por cada grupo social; um local de processo e de produto das dinâmicas das relações entre os sujeitos. (SILVA, 2017b, p. 49)

À guisa de fechamento, tenho a preocupação e o dever de trazer algumas provocações metodológicas ou questões norteadoras para futuras etnografias: como pesquisadores(as), em que medida os nossos corpos estão “em cena” ou “encenam” nas academias? Como (con)viver, (sobre)viver ou simplesmente viver etnografando nesses espaços? Com este texto, embora eu não tivesse o intuito de fornecer respostas concretas ou corretas para as indagações supracitadas, penso que alguns eixos de análise nos ajudaram, como pesquisadores(as), a concluir ou indicar modos indispensáveis de refletir, discutir e agir sobre a problemática reflexiva do “etnografar”.

Logo, conclui-se que, em termos metodológicos, a área de Educação Física pode e deve se aproximar do campo antropológico com o propósito de compreender as questões socioculturais que envolvem, fazem parte e são determinantes para o movimento humano. Se distinguindo das expressões ou análises biomédicas de “exercício físico” e de “atividade física” calcadas em pressupostos técnico-científicos e seus efeitos fisiológicos no “organismo biológico”, problematizar a “etnografia reflexiva” na área potencializa metodologicamente os “estudos sobre as práticas corporais”, que se referem aos aspectos socioculturais do ato de se movimentar.

Assim, como pôde ser visto, não basta compreender apenas como os profissionais de Educação Física e os frequentadores de academias vivem em academias. É preciso entender também que o corpo do pesquisador fica exposto às perspectivas nativas e que são fundamentais para a análise do universo empírico. Desse modo, em locais, como as academias, onde o corpo é inevitavelmente o carro-chefe das

interações sociais, urge a necessidade de investigações que dialoguem o trabalho de campo do etnógrafo com o seu processo de reflexividade.

Para isso, dentre alguns exercícios metodológicos que exigem do pesquisador, aponto que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (VELHO, 1994, p. 126). Dessa maneira, o pesquisador etnógrafo deve indagar os motivos sociais que conduzem certos atos familiares para ele (DaMATTA, 2010). Nas palavras de Silverman (2010), é necessário exercitar a “imaginação etnográfica” ao ver o notável no trivial da aparente monotonia cotidiana, apreciar o valor das situações sociais da rotina diária as concebendo como novidades. É comum que existam classificações preestabelecidas e determinados rótulos universais de indivíduos e contextos de acordo com certos critérios para organizar a socialização (VELHO, 1994).

No meu caso aqui explicitado, ao analisar os ensaios ou os dramas de como o corpo do pesquisador pode se relacionar com os sujeitos nas academias, considere que, em parte, “[...] o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas.” (VELHO, 1994, p. 131). Dessa forma, compreendi que o considerado “familiar” não precisa necessariamente ser visto como exótico, embora necessite ser compreendido na sua ampla complexidade, questionando o que poderia corresponder diretamente ao conhecimento da realidade.

Destarte, destaco que as condições das pesquisas constituem um ponto de análise de suma importância para se entender a complexidade das investigações (CICOUREL, 1980). A etnografia é uma modalidade intersubjetiva de conhecimento e de coautoria entre etnógrafo e seus interlocutores, logo, faz-se necessário refletir sobre as relações humanas fundamentais para se pensar na viabilidade da pesquisa de campo, especialmente nas academias (SILVA, 2021). Segundo Duarte (2002, p. 145), “As situações nas quais se verificam os contatos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa configuram-se como parte integrante do material de análise”. Trad (2012, p. 631) aponta que é fundamental problematizar os “[...] limites e contradições associadas às eventuais diferenças de classe, de padrões culturais ou de capital político entre o investigador e o grupo ou a sociedade estudada”.

Alerta-se que as relações entre o empreendimento etnográfico e o processo de reflexividade mereceriam maior destaque nos estudos de caráter antropológico na área de Educação Física. Haveria a necessidade dos pesquisadores cada vez mais avançarem e investirem em tais “reflexividades” na área, pois, afinal, “O homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. Em todas as sociedades, existiram homens que observavam homens” (LAPLANTINE, 2007, p. 13).

Portanto, como foi possível observar ao longo desse capítulo, não foi a minha intenção ser exaustivo ou conclusivo quanto ao pensar, sentir e agir do etnógrafo nas academias. Argumento que indagar como interagir em academias permite compreender outros itinerários de investigações antropológicas sobre o corpo e as práticas corporais por distintos campos de saber. A título de recomendações ou questões de futuros estudos e reflexões, defendo amplamente aqui a importância e a urgência de interpretar o lócus específico das academias com base no processo de reflexividade, uma vez que nos conta um pouco da nossa vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BECKER, H. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BIZERRIL, J. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa. **Universitas Ciências da Saúde**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 152-163, 2004.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J. R. S. (Org.). **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p. 17-58.
- COULON, A. **L'École de Chicago**. Paris: PUF, 2016.
- DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.
- DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- DAOLIO, J. Corpos e culturas: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss. In: SILVA, M. C. P.; ATHAYDE, P.; LARA, L. (Orgs.). **Corpo e cultura**. Natal: EDUFRN, 2020. p. 117-127.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, 2002.
- ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. **A history of Anthropology**. London: Pluto Press, 2013.
- FERREIRA, J.; BRANDÃO, E. R. (Orgs.). **Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde**: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p. 58-78, 1999.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOELLNER, S. V. *et al.* Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.
- GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, E. R. (Org.). **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986. p. 24-48.

MATA, G. V. Antropologia depois do “fim da teoria”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 185-208, 2012.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Brasília: UnB/ Série Antropologia, 1992.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

SILVA, A. C. “**Limites**” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. 2014. 446 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, A. C. Da Antropologia da Saúde para Educação Física: práticas corporais sob análise. In: TELLES, S.; LÜDORF, S. M. A.; PEREIRA, E. (Orgs.). **Pesquisa em Educação Física**: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco. Rio de Janeiro: Autografia, 2017a. p. 50-57.

SILVA, A. C. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica. Jundiaí: Paco Editorial, 2017b.

SILVA, A. C. Uma etnografia encarnada: imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica. In: FERREIRA, J.; BRANDÃO, E. R. (Orgs.). **Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde**: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 183-207.

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVERMAN, D. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

TELLES, S.; LÜDORF, S. M. A.; PEREIRA, E. (Orgs.). **Pesquisa em Educação Física**: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

TRAD, L. A. B. Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 627-633, 2012.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 121-132.

VELHO, G. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-148, 2008.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZALUAR, A. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 557-584, 2009.

SOBREVIVIENDO A LA PANDEMIA. ESTRATEGIAS DE GIMNASIOS FRENTE A LOS EFECTOS DEL COVID-19

Francisco Javier Cortazar Rodríguez¹¹⁵

INTRODUCCIÓN

En este capítulo presento algunas de las estrategias seguidas por establecimientos de ejercitación durante la pandemia de Covid-19. Me centro en dos grandes tipos: los gimnasios comerciales y las academias independientes. Esta distinción me permitirá observar con mayor detalle los efectos diferenciados que tuvo la pandemia en ellos. Aquí entenderemos como gimnasios comerciales a los establecimientos de mayor superficie, con frecuencia son franquicias nacionales o extranjeras, cuentan con varias sucursales y se orientan hacia un público de clases media y alta que paga una membresía y cuotas mensuales, cuentan con aparatos de modelo reciente, instructores y dividen el gimnasio en áreas especializadas (baile, fitness, aparatos, cardio). Las academias independientes son aquellos establecimientos más pequeños en tamaño, tienen un menor número de usuarios, se especializan en ciertas disciplinas deportivas (como deportes de combate, defensa personal o equilibrio personal como box, karate, taewondo, judo o yoga) o actividades deportivas específicas (natación, equitación, tiro con arco) y están presentes mayoritariamente en colonias de clase media y clase baja.

La información para este capítulo proviene de un proyecto de investigación que inicié a mediados del 2020, para el que realicé entrevistas semi-estructuradas a 11 mujeres y 6 hombres habitantes de Guadalajara, México, entre febrero y junio de 2021, además de una amplia revisión bibliográfica y análisis de páginas web. El proyecto busca conocer los usos de las tecnologías digitales en general y las biométricas en particular sobre el entrenamiento de deportistas aficionados antes y durante la pandemia. Los resultados que aquí se presentan se centran únicamente en algunas de las estrategias seguidas por los gimnasios comerciales y las academias independientes durante la pandemia del Covid-19 en México. Varias de las personas entrevistadas para este proyecto trabajaron en algún momento en

¹¹⁵ Doctor en Ciencias de la Comunicación y de la Información (UNIVERSIDAD DE PARÍS XIII). Profesor (UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA – México). CV: <http://lattes.cnpq.br/9422252030158843>

gimnasios comerciales, algunos como entrenadores y otros en áreas administrativas. Otros más desempeñan actividades como entrenadores o son dueños de alguna academia independiente donde también ejercen de profesores.

Tal como sucedió en otras muchas partes del mundo, en México las autoridades federales y estatales dictaron diversas medidas para contener la expansión de los contagios del coronavirus. Entre estas medidas estuvo el cierre temporal de actividades consideradas no esenciales, primero, y la reapertura con restricciones de aforo, después.

Para el mundo del deporte el cierre total de actividades durante el confinamiento incluyó la suspensión de todo espectáculo deportivo y el cierre de clubs, gimnasios, parques, albercas, unidades deportivas, centros de preparación y entrenamiento públicos y privados. Esto afectó de forma profunda a toda persona acostumbrada a realizar actividades físicas en esos lugares. A nivel económico se registraron pérdida de empleos, disminución de ingresos, sobreexplotación laboral y cierre de centros, entre otros. Informes preliminares registraron durante estos meses (de marzo de 2020 a principios de 2022) un aumento general promedio del peso de las personas en diversas partes del mundo, debido a la falta de movilidad de la población así como aumento del estrés, incertidumbre, irritabilidad y violencia doméstica. En México, Estados Unidos y España el promedio de subida de peso entre la población estuvo entre los 3 y los 5 kilos por persona, pero algunos sectores experimentaron un aumento mayor como las personas con trabajos sedentarios, personas con ansiedad, niños y adolescentes (SECTEI, 2021; SHILTON, 2021; PESCADOR, 2021).

Los efectos de la pandemia sobre los gimnasios y academias de deporte fue diferenciado. La primera diferencia es económica, pues los gimnasios comerciales encontraron formas de reducir las pérdidas económicas a pesar del cierre en diversos períodos. La firma de contratos para la prestación de servicios a sus clientes les autorizaba a seguir cobrando las mismas cuotas mensualmente, además por su número de socios (que pueden ser 300, 400, 800 o más por local) y por su número de establecimientos trabajan bajo una lógica de economía de escala. La mayoría de los gimnasios operan bajo el esquema de franquicias y tienen varias sucursales en la ciudad, en el país o incluso en el extranjero. La mayoría de estas franquicias son extranjeras aunque hay algunas nacionales. Como ejemplos, a mediados de 2022 la franquicia Smart Fit¹¹⁶ registraba 241 establecimiento en 14 países de

¹¹⁶ <https://www.smartfit.com.mx/>

América Latina, de ellos 11 en la ciudad, mientras que Sport World¹¹⁷ contabilizaba 54 establecimientos en 12 ciudades del país. Por economía de escala se entiende aquella lógica económica en la que aumentan los beneficios o se produce más sin que los costos de producción aumenten en la misma medida. Para el caso de los gimnasios el costo de los aparatos de ejercitación, los gastos fijos (agua, luz, renta), el mantenimiento y los salarios no registran aumentos significativos mientras que el número de afiliados (membresías) aumenta de forma significativa: suben más los ingresos pero poco los gastos.

Por su parte, las academias independientes enfrentaron mayores dificultades económicas frente a la pandemia, que algunas pudieron sortear pero otras se vieron forzadas a cerrar. En las academias el número de clientes es mucho menor, varía entre 20 y 80 personas o poco más. Las cuotas también son inferiores y los clientes suelen pagar por mes y en efectivo, por lo que no hay contratos que obligen a los clientes a pagar durante largos períodos. Las academias independientes suelen ser dirigidas por sus propios dueños quienes realizan la mayor parte de las tareas ellos mismos: aseo, administración, reparaciones y dar las clases. Por su tamaño e informalidad sus sistemas de contabilidad son muy elementales y tienen altas dificultades para acceder a créditos bancarios, por lo que recurren a ahorros propios o pequeños préstamos de familiares y amigos. Esto limita sus márgenes de acción ante situaciones de fuerza mayor.

La distinción entre gimnasios comerciales y academias independientes es principalmente analítica pues formalmente los reglamentos municipales no distinguen entre uno y otro. Para otorgar la licencia de operación solo se pide como requisito especificar el giro comercial del establecimiento. La distinción me sirve además para sacar a colación el caso del personal que labora para los grandes gimnasios comerciales, que suelen ser pasados por alto en la literatura académica sobre la cultura fitness. Los entrenadores que ahí trabajan suelen ser contratados entre personas jóvenes que gustan de hacer ejercicio de forma cotidiana y trabajan ciertas horas al día en estos gimnasios. Ellos son, junto al personal de limpieza y mantenimiento, quienes tienen las condiciones laborales más precarias y enfrentaron las condiciones más adversas durante la pandemia pues padecieron sobreexplotación laboral, reducción de salarios o la pérdida de empleo.

En este capítulo presento algunas de las estrategias que gimnasios y academias siguieron durante la pandemia para reducir sus efectos. La información proviene tanto de la literatura revisada como de las entrevistas realizadas como

¹¹⁷ <https://www.sportsworld.com.mx/>

parte del trabajo de campo, así como de la revisión de las páginas web de los gimnasios y de redes sociales como Facebook e Instagram. En esto reside una de las novedades del presente trabajo: el rescate de las medidas administrativas, empresarial y tecnológica a las que recurrieron academias y gimnasios durante la pandemia, por una parte, y los efectos laborales que la crisis del Covid-19 dejó en los actores humanos, por la otra.

DESARROLLO

La pandemia del coronavirus SARS-CoV-2 afectó de forma importante muchos campos de la vida cotidiana: la salud, el comercio, el trabajo, la educación, la política, la economía, la cultura, el entretenimiento y el deporte. El deporte, el ejercicio y el acondicionamiento físico son términos con múltiples definiciones que dependen de circunstancias sociales, culturales e históricas (VAN TUYCKOM; BRACKE; SCHEERDER, 2011). Para los gimnasios la pandemia se extendió desde marzo de 2020 hasta los primeros meses de 2022. Formalmente la pandemia aún no ha terminado pero su gravedad ha disminuido. Los momentos más álgidos fueron el cierre obligatorio de los espacios y la implementación de restricciones a la reapertura. Ante esta situación cambiante y dinámica fluctuante gimnasios y academias devieron diversificar su oferta y realizar transformaciones aceleradas, entre las que destacó el uso de tecnologías digitales (GÓMEZ; LÓPEZ; PELAYO, 2022).

El proyecto de investigación en curso, del que extraigo estas notas sobre el funcionamiento de las academias y gimnasios durante la pandemia, se enfoca en los usos de las tecnologías biométricas por parte de deportistas amateurs en Guadalajara, México. Como parte de la investigación de campo entrevisté a 11 mujeres y 6 hombres que residieran en la ciudad y practicaran deporte antes y durante la pandemia y usaran tecnologías biométricas para monitorear su desempeño físico. Originalmente se proyectaba entrevistar a 10 mujeres y 10 hombres, pero los segundos mostraron mayores reticencias por lo que opté por terminar el trabajo de entrevistas. Todas las entrevistas fueron grabadas con el consentimiento de los informantes y transcritas para facilitar su análisis. Las entrevistas se basaron en un cuestionario semi-estructurado que permitiera un diálogo fluido entre ambas partes. Además de las entrevistas también se revisaron las páginas web de los gimnasios y las páginas de Facebook de las academias. También se analizarán las apps de acondicionamiento físico disponibles en las tiendas de aplicaciones en internet, los contratos de términos de uso y manejo de datos y las imágenes

y discursos que las apps emplean para promover imaginarios sobre la salud, la apariencia física y el deporte.

Las personas entrevistadas para este proyecto además de realizar deporte y actividades físicas de forma cotidiana han trabajado o trabajan como instructores en gimnasios, otros en áreas administrativas de gimnasios comerciales o son dueños de gimnasios independientes especializados en algún deporte o acondicionamiento (Taekwando, Karate, Box, Yoga, Pilates). Una vez transcritas las entrevistas fueron analizadas a través de ejes temáticos entre los que destaca la experiencia del ejercicio físico antes y durante la pandemia, el uso de tecnologías digitales para el monitoreo del desempeño físico y algunas de las medidas que implementaron los gimnasios, independientes y comerciales, para hacer frente al cierre total de actividades, primero, y a la reapertura de servicios, después.

A partir de las entrevistas realizadas y la literatura revisada ha sido posible identificar tres grandes transformaciones a las que los gimnasios y academias de deporte debieron enfrentarse durante la pandemia del Covid-19. Mientras que las personas debieron sufrir adaptaciones espaciales, vieron modificadas sus rutinas, tiempo en su actividad física y se enfrentaron a diversas problemáticas para continuar realizando sus actividades físicas, los centros de entrenamiento y acondicionamiento físico debieron afrontar la ausencia de sus usuarios, motivarlos a seguir bajo su tutela y ofrecer soluciones tecnológicas para continuar con su preparación física.

Las soluciones tecnológicas empleadas para motivar la continuidad de los usuarios con su acondicionamiento físico fueron *grosso modo* de dos tipos: las Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) y las tecnologías biométricas. Las tecnologías de la información y la comunicación incluyen a las redes socio-técnicas (Facebook, Instagram, Twitter), la mensajería instantánea (Whatsapp), el correo electrónico, las *apps*, la telefonía celular, tabletas, computadoras, páginas web y plataformas de *streaming* (Zoom, Youtube). Gimnasios y academias usan mayoritariamente las TIC con fines publicitarios, para comunicarse con el público y como medio de comunicación interna. Las tecnologías biométricas son usadas para monitorear el desempeño físico de los deportistas y están presentes en muchas apps (de ejercicios, salud, nutrición, menstruación, maternaje, belleza...), incluyen algoritmos, plataformas, inteligencia artificial y software diverso. También están presentes en los relojes inteligentes y *wearables* (tecnologías vestibles: arneses, pulseras, petos, bandas de resistencia) y en equipamientos deportivos (caminadoras, escaladoras y bicicletas estáticas y elípticas) presentes en hogares, gimnasios y en equipos para medicina del deporte. Es difícil establecer la frontera clara entre

las TIC y las tecnologías biométricas pues es frecuente que las TIC contengan tecnología biométrica pero las tecnologías biométricas no siempre están presentes en aquellas o suelen ser aparatos diseñados especialmente para la medicina del deporte o espectáculos deportivos (es el caso de la tecnología Ojo de Halcón¹¹⁸ para el tenis, el Video Assistant Referee (VAR)¹¹⁹ para el fútbol o la tecnología de la empresa Catapult Sport¹²⁰, que realiza video análisis en tiempo real para múltiples clubs deportivos, profesionales y universitarios. Las tecnologías biométricas miden el peso, la calorías quemadas, la distancia recorrida, el ritmo cardiaco, la calidad del sueño y muchas otras funciones corporales. Las tecnologías biométricas son especialmente apreciadas por los deportistas y las administraciones de equipos profesionales. Sin embargo, debido a la cantidad y variedad de información que las TIC y las tecnologías biométricas recolectan han sido objeto de señalamientos críticos pues el discurso con el que se promueven enfatizan las soluciones individuales mediadas por la tecnología y borran las diferencias raciales, de género, económicas y de educación (BARNES, 2021; KARKAZIS; FISHMAN, 2017; ZUBOFF, 2019). Aquí opto por separar ambos tipos de tecnologías con el fin de comprender mejor los distintos usos y posibilidades que unas y otras ofrecen. En este capítulo destaco a las TIC debido a que a través de ellas gimnasios y academias ofrecieron cursos a sus clientes para continuar con su preparación física.

Diversos trabajos han documentado la implementación creciente de las tecnologías biométricas en el deporte y el acondicionamiento físico a partir de la pandemia (ANDERSSON; JANSSON; KARLÉN; RANDMANN, 2022; BOOK; HEDENBORG; ANDERSSON, 2022; HEDENBORG; SVENSSON; RADMAN, 2022; MUTZ; MÜLLER; REIMERS, 2021; TJONNDAL, 2022), por lo que este trabajo da continuidad a esos análisis. Tecnologías biométricas y TIC fueron usadas durante la pandemia por las academias de gimnasia y los deportistas como sustituto a la presencia física por el confinamiento y las restricciones de acceso. La primera revisión que hago es sobre las academias independientes, después sigo con los gimnasios comerciales y concluyo con algunas observaciones comparativas.

LAS ACADEMIAS INDEPENDIENTES

El confinamiento fue especialmente difícil para las academias independientes y sus dueños. Muchas academias trabajan sólo pocas horas por la mañana y por

¹¹⁸ <https://www.erteo.com/blog/ojo-halcon-tenis-2/>

¹¹⁹ <https://arbitraje.fmf.mx/que-es.html>

¹²⁰ <https://www.catapultsports.com/es/>

la tarde, por lo que sus dueños y profesores complementan sus ingresos con un segundo trabajo, con frecuencia como profesores de educación física o entrenadores personales. Cuando se cerraron actividades por la pandemia algunas academias optaron por trabajar de forma clandestina a puerta cerrada ya que estaban preparando alumnos para exámenes de taekwondo, karate o judo o para competencias próximas. Entonces se pensaba que el cierre sería de corta duración y pronto volverían a la normalidad. Ante lo prolongado del confinamiento las academias comenzaron a ofrecer cursos en línea en plataformas como Zoom y redujeron sus cuotas. La recomendación de las autoridades de hacer ejercicio en casa les ayudó a mantener parte de su clientela. Niños y jóvenes constituyen mucha de la clientela de estas academias. Ante el temor de los contagios y para reducir el estrés por el confinamiento los padres optaron por mantenerlos en ellas.

Las lecciones por Zoom fueron problemáticas por la deficiente calidad de la conexión y el pequeño tamaño de la imagen en las pantallas de celulares y computadoras. Era difícil para los profesores supervisar la buena ejecución de los movimientos que los alumnos debían realizar. Otro problema fue la reducción de los ingresos tanto por los descuentos en las cuotas como por los alumnos que abandonaron los cursos. Con la reapertura la demanda subió en algunas academias pero para otras no sucedió igual. Los dueños de las academias generalmente se encargan de hacer la mayoría de los trabajos en su escuela: aseo, mantenimiento, orden, entrenamientos y cursos. Con la reapertura sumaron los cuidados al ingreso: toma de temperatura, vigilar el uso de mascarillas, repartir gel y desinfectar las instalaciones antes y después de cada clase. Las economías logradas antes de la pandemia fueron utilizadas para paliar los efectos del confinamiento prolongado o se recurrió a préstamos personales con familiares y amigos. Las academias tampoco pueden diseñar apps propias para ofrecer cursos en línea por canales específicos, lo que limita sus posibilidades de servicios tecnológicos. Las academias suelen anunciarse en plataformas gratuitas como Facebook o Instagram, sus anuncios son sencillos y muestran fotos de las competencias en las que participan sus alumnos.

LOS GIMNASIOS COMERCIALES

Por su número de miembros, costos de las membresías y esquemas de ingresos económicos los gimnasios comerciales estuvieron en mejores condiciones financieras que las academias para afrontar la pandemia. Los gimnasios comerciales funcionan bajo membresías firmadas por contrato donde el socio se obliga a pagar

mensualmente una cuota fija, con frecuencia ligada a una cuenta de tarjeta de crédito bancaria. Las membresías son anuales, semestrales, trimestrales y mensuales y se dirigen a individuos, estudiantes (de 15 a 23 años), familias, parejas y mayores de 60 años. También ofrecen sus servicios a empresas y universidades. No me es posible generalizar los resultados pero sí encontré un caso de un gimnasio que a pesar del cierre de las instalaciones siguieron cobrando las cuotas mensuales a sus socios, por estar así especificado en los contratos. A este gimnasio le llamaremos «A». Ante las protestas de los clientes el gimnasio «A» apeló a la comprensión de los socios con el argumento de no despedir a sus empleados. En las entrevistas los informantes señalan sin duda que quienes aceptaron el cobro completo de las cuotas mensuales fueron socios mayores de 50 años de edad, mientras los más jóvenes persistieron en sus protestas. A éstos se les ofreció atenerse a la figura de «ausente», usada cuando un cliente se ausenta del gimnasio por un período prolongado de más de un mes por motivos de viaje al extranjero u otra causa de fuerza mayor. Bajo la figura de «ausente» los clientes solo pagan el 25% de la cuota mensual pero quedan impedidos del uso de las instalaciones porque legalmente están fuera de la ciudad. La baja definitiva fue muy poco utilizada porque si se solicita los socios pierden definitivamente su cuota de inscripción, que en el caso de este gimnasio era de 25 mil pesos a mediados de 2021 (equivalentes a unos \$1,250.00 USD). El gimnasio «A» cuenta con 4 sucursales en la ciudad, todos en colonias de alta plusvalía y cada establecimiento contaba con 300 o 400 socios aproximadamente.

Al cierre de las instalaciones la dirección de «A» envió a sus socios comunicación por Whatsapp con mensajes de aliento ante la pandemia y rutinas sencillas de ejercicio para realizar en casa. Al poco tiempo ofrecieron cursos on line por Facebook Live y Zoom pero los cursos gustaron poco, en parte por los problemas técnicos y la falta de pericia en el manejo de las nuevas herramientas por parte de los entrenadores. Buscando soluciones el gimnasio formó equipos con ejecutivos de cuenta, entrenadores, personal de mantenimiento y administrativos. La cercanía del personal de mantenimiento y los entrenadores con los gustos de cada socio y el conocimiento de los administrativos sobre la situación financiera y datos personales de cada socio permitió diseñar rutinas personalizadas que se ofrecieron a los clientes durante la pandemia. Esto tuvo mejores valoraciones pero aún con dificultades tecnológicas. Los entrenadores eran los encargados de grabar las rutinas para cada socio pero varios de ellos no contaban con un teléfono celular con buena resolución de cámara, los videos tenían mala calidad de imagen, eran oscuros por falta de iluminación adecuada y grabados en casa representaba un

problema pues no todos tenían un espacio adecuado. Algunos optaron por prestarse los celulares, ayudarse en las grabaciones o se iban al gimnasio para grabar ahí las sesiones, lo que representaba riesgo de contagio por la necesidad de salir a la calle, tomar el transporte público y trabajar en un espacio cerrado. Después la dirección de «A» compró nuevos equipos (celulares, cámaras, iluminación, pantallas) para mejorar los videos y capacitó a su personal en el manejo de redes para ofrecer los entrenamientos por varios canales. Así se pasó del uso de páginas web y redes sociotécnicas como medio publicitario a medio de comunicación más dinámico y para dar las clases en streaming. A pesar de esta mejora técnica los clientes sentían que los cursos en línea no estaban a la altura de lo que pagaban mensualmente, además que algunos de estos cursos llegaron a cobrarse como «extras» a las cuotas mensuales obligatorias, lo que fue motivo de más conflictos.

Las bajas definitivas, las ausencias o los propios contratos que iban expirando y no se renovaron fueron mermando la clientela de los gimnasios. La dirección optó en principio por no despedir a nadie a cambio de reducir en un 30% los salarios, pero al cabo de unos meses sí hubo despidos y se intentó reducir aún más los salarios, esta vez en un 50% y por tiempo indefinido. También aumentó el trabajo de los empleados pues no se contrató nuevo personal sino que sus tareas se distribuyeron a quienes aún quedaban. Ante este panorama varios empleados optaron por buscar trabajo en otros sitios y el nuevo personal contratado ingresó con salarios reducidos.

COMPARACIÓN

Vemos que hubo diferencias importantes entre academias independientes y gimnasios comerciales para afrontar las consecuencias de la pandemia. Mientras los primeros operan de forma artesanal, con horarios restringidos, especializados en unas pocas disciplinas y con clientela reducida, los gimnasios comerciales lo hacen como economías de escala, cuentan con mayores superficies de trabajo, ofrecen varias disciplinas deportivas, tienen diferentes tipos de usuarios, entrenadores especializados, horarios extendidos (algunos incluso tienen acceso 24/7) y ofrecen servicios variados (estacionamiento, recepción, fuente de sodas, vapor, vestidores, duchas, nutriólogo, área infantil). Esto es importante pues ofrece un punto de comparación para establecimientos distintos pues el grueso de la literatura académica se ha centrado en los gimnasios comerciales (SOSSA, 2015a; 2015b; 2016; 2017; SMITH, 2008), por lo que hay muy poca literatura sobre las

academias independientes (WACQUANT, 1995). Si bien la literatura sobre los gimnasios comerciales hace importantes aportaciones etnográficas al desentrañar el auge de la cultura fitness desde la lógica de los usuarios deja de lado aspectos importantes como el funcionamiento administrativo, los usos de las tecnologías digitales o los derechos laborales de los empleados.

En los gimnasios comerciales los empleados que menos ganan son los de limpieza, los de mantenimiento y los entrenadores. El personal de limpieza y de mantenimiento apenas tiene estudios de primaria y al tratarse de labores manuales básicas reciben el salario mínimo marcado por la ley. Por el contrario, los entrenadores son gente joven que gusta de realizar ejercicio, son contratados bajo dos modalidades: 1) para dar una o dos clases; 2) como entrenadores de base en el gimnasio. Los entrenadores que dan una o dos clases se encargan de cursos grupales específicos (zumba, pilates, yoga, natación). En las clases de baile la clientela es mayoritariamente femenina, en las clases de natación y de gimnasia en la alberca predominan los niños y personas de la tercera edad. Cada clase dura 50 minutos. Una vez dada su clase se retiran a sus trabajos principales pues estas clases son un extra que complementa sus ingresos. Los coach de base en el gimnasio tiene jornadas de 8 horas diarias 5 días a la semana más guardias esporádicas de medio día los sábados o domingos. Por este trabajo reciben un salario mensual de unos \$5,500 pesos mexicanos (aproximadamente unos \$270 USD), que una vez dividido entre las 8 horas de trabajo por día, 5 días a la semana, su paga queda en unos \$30 pesos la hora de trabajo (\$1.50 USD), con frecuencia con contratos temporales con pocas prestaciones. Para los entrenadores el bajo ingreso es poco relevante en la medida en que conciben su trabajo como un ingreso extra haciendo algo que les gusta y tienen acceso al uso de todas las instalaciones del gimnasio que ven como un «plus». Es decir, la mayoría de ellos tienen un segundo trabajo y el gimnasio es un ingreso extra que les proporciona satisfactorios acordes con su estilo de vida: hacer ejercicio y conocer gente. La grabación de los cursos y entrenamientos en video permitió que algunos de los entrenadores mantuvieran sus puestos de trabajo pero la prolongación de la pandemia y la menor demanda de los usuarios finalmente motivó el despido de varios de ellos.

Para los entrenadores las clases grupales fueron las más difíciles de pasar a la virtualidad pues requiere que el usuario tenga un espacio disponible en su casa para realizar las rutinas. Para las mujeres casadas con hijos fue más difícil pues además de la necesidad de espacio en casa tenían a sus hijos y al marido con ellas. Otro problema fue la propia conexión a Internet pues el servicio era

por momentos intermitente. Por el contrario, las clases individuales fueron más fáciles de hacerse on line pues si bien no siempre los usuarios se podían conectar a las sesiones algunos recurrieron a tutoriales en Youtube como medio auxiliar y podían hacer sus rutinas a diferentes horas del día.

Después del confinamiento los gimnasios y academias pudieron reabrir sus instalaciones con restricciones de aforo, primero al 25% de su capacidad que después se fue ampliando. Las medidas para reabrir incluyeron la ventilación constante por lo que compraron ventiladores, abrieron ventanas y algunas actividades se ofrecieron en la calle. También establecieron horarios de entrenamiento con cita obligatoria así como horas de cierre al público para sanitizar las instalaciones. A la entrada la toma de la temperatura y el gel antibacterial se volvió una práctica frecuente. Más difícil fue el uso de las mascarillas pues muchos usuarios se quejaban de la falta de aire al entrenar por lo que se las quitaban o rechazaban su uso. El sudor fue otro motivo de preocupación como factor de riesgo de contagio. Los usuarios estaban obligados a traer de su casa una toalla y extenderla sobre cada aparato que utilizaran y limpiarlo antes y después de cada uso. Las personas entrevistadas señalaron que al principio el ambiente era raro pues antes de la pandemia los gimnasios eran ruidosos, el volumen de la música era alto y mucha gente platicaba entre sí. Con la reabertura el aforo era pequeño, las rutinas se acortaron ante el temor de permanecer mucho tiempo en un espacio cerrado y la gente tendía a guardar silencio para evitar esparciar gotículas que contuvieran el virus. Alexis Sossa señala un aspecto interesante respecto a su experiencia de los gimnasios en Santiago de Chile y Amsterdam, en los Países Bajos. Mientras que el gimnasio latinoamericano es ruidoso y el sudor es visto de forma positiva al considerarse como testimonio del esfuerzo físico, en el gimnasio europeo se guarda silencio y el sudor es mal visto pues de considera algo sucio y sinónimo de falta de control físico (SOSSA, 2017).

Nuevamente los gimnasios comerciales pudieron hacer mejor frente ante las restricciones de la pandemia a la reapertura pues cuentan con personal de aseo para tal tarea, mientras que en las academias independientes suelen ser los propios maestros-dueños quienes deben realizar esas mismas funciones, además del mantenimiento de los aparatos y accesorios de ejercitación y la vigilancia en el uso de mascarillas, gel antibacterial y tomas de temperatura.

En principio la tecnología fue un paliativo que no sustituyó en *savoir-faire* de los entrenadores y preparadores físicos. Algunos de ellos señalaron que el mayor reto no fue el uso de la tecnología como Zoom, Youtube o Facebook Live

sino la corrección de los movimientos de los alumnos. Los deportes individuales y de combate suelen requerir técnicas corporales y movimientos precisos que los aprendices deben cultivar, practicar e incorporar a su hábitus de segundo grado (WACQUANT, 2014). En las pantallas un movimiento puede verse bien ejecutado pero es difícil apreciarlo por el tamaño de la pantalla y la calidad de resolución. En la presencialidad los instructores se dieron cuenta que muchos alumnos hacían mal los movimientos pues en las pantallas no se podían apreciar con nitidez, por lo que tuvieron que invertir más tiempo en la corrección de errores que pasaron desapercibidos en la virtualidad.

Para los deportistas y responsables de gimnasios y academias el cierre total de las instalaciones de acondicionamiento físico fue vista como una contradicción pues las autoridades recomendaban a la gente hacer ejercicio en casa, tanto para combatir el estrés causado por el aislamiento como para bajar de peso y enfrentar el posible contagio del Covid bajo mejores condiciones de salud.

El uso de la tecnología digital como auxiliar del entrenamiento deportivo fue ampliamente socorrido, sin embargo esta se adaptó mejor a los entrenamientos individuales antes que a los entrenamientos por equipos. La adaptación y uso continuo de la tecnología fue mejor seguido por las mujeres que por los hombres y mejor recibida entre los de mayor edad que entre los más jóvenes (TJONN-DAL, 2022). Conviene resaltar que investigaciones anteriores mostraban que las mujeres prefieren las actividades deportivas que no implican una actitud competitiva (de victoria o derrota), mientras que los hombres prefieren este tipo de demostraciones al estar vinculadas a la demostración de la masculinidad dominante (BROWN, 2006; REEVES 2012).

Aún hace falta investigación para evaluar mejor los efectos que las TIC y las tecnologías biométricas jugaron durante la pandemia sobre todo considerando mediadores importantes como el género, la edad, la clase social y la educación junto con el acondicionamiento físico. En lo señalado en este trabajo y en lo publicado por investigaciones internacionales apuntan en tal sentido (GEMAR, 2018; KARLSSON, 2019; LUPTON; MASLEN, 2019; MUTZ; MÜLLER, 2021; STEMPEL, 2019; WISSINGER, 2017). Las diferentes estrategias adoptadas por los distintos actores variaron de forma importante, con más o menos fortuna. Otro tanto es posible señalar respecto a la adopción de TIC's pues algunas de ellas se volvieron de uso común en algunos deportes de resistencia o tipos de aficionados, mientras que para otros hubo mayor resistencia o dificultades para adoptarlas. De forma que las innovaciones digitales, las nuevas formas de entrenamiento y los

formatos alternativos de competición mitigarían los efectos de futuras pandemias o de las actuales condiciones en las practicas deportivas.

CONSIDERACIONES FINALES

Los deportistas, las academias y los gimnasios sufrieron cambios en sus dinámicas espacio-temporales importantes durante la pandemia del Covid-19. Modificaron sus prácticas espaciales al trasladar su preparación física de los centros de entrenamiento habituales a sus hogares y calles aledañas, desafiando las restricciones oficiales u operaron de forma clandestina.

Los grandes gimnasios contaron con mejores condiciones para sortear los problemas que les planteó la pandemia, no sin dificultades. Gimnasios y academias mostraron falta de experiencia para ofrecer cursos y rutinas de entrenamiento en línea que exigían nuevos formatos y ciertas exigencias técnicas (iluminación, sonido, calidad de imagen). Todos debieron aprender el uso de tecnologías e invertir en mejores equipos y capacitarse en su manejo. En la reapertura con restricciones de aforo también debieron implementar estrategias de adaptación, como sacar a la calle ciertas rutinas de entrenamiento, desinfectar instalaciones cada ciertas horas y educar a sus usuarios en la nueva lógica de las restricciones. Además de adquirir mejores equipos y aprender a usar nuevas plataformas fue necesaria una atención más personalizada y mayor precisión en los servicios prestados.

La pandemia incentivó nuevos y novedosos usos de las tecnologías digitales para dar continuidad a los entrenamientos on line. Estas tecnologías, infraestructuras y plataformas ya existían antes de la pandemia, pero la nueva situación de contagio incentivó la digitalización acelerada de los entrenamientos deportivos.

Detectar las necesidades específicas de los promotores de la salud y el bienestar físico, públicos y privados, independientes y comerciales, profesionales y amateurs, especializados y genéricos, es importante para el diseño de mejores políticas de bienestar y promoción de la salud en América latina, donde en los últimos años los índices de sobrepeo y obesidad se han disparado y el sedentarismo de la población es alarmante.

La pandemia tuvo efectos diferenciados para deportistas amateurs y profesionales, entrenadores y preparadores, dueños de gimnasios y academias de deporte, espectadores y fanáticos, el deporte-espectáculo y el deporte-participativo, deportes individuales y por equipos, al aire libre o en espacios cerrados, en espacios comerciales o públicos. Todos sufrieron los efectos de la pandemia, pero de diferentes formas.

Algunas de las lecciones del desigual impacto de la pandemia en los deportes reside en los nuevos usos que se hizo de la tecnología como recurso para impulsar nuevas formas de entrenamiento y acompañamiento. Algunas soluciones han sido temporales pues sirvieron principalmente durante los períodos más duros, pero no todas fueron abandonadas con la vuelta a la presencialidad. Habría que rediseñar aquellas que mejor se ajustaron a las necesidades y demandas de la gente para ser re-incorporadas como parte de la oferta de servicios de los gimnasios y academias deportivas, públicas y privadas, así como en pensar en su aplicación mejorada en aquellas actividades de preparación física donde en principio no fueron bien recibidas. El sector privado está apostando muy fuerte por su desarrollo, falta que los poderes públicos encuentren alternativas para mejorar la salud y el bienestar de la población.

La preparación física y el deporte están fuertemente privatizadas y acaparadas por agentes privados que buscan beneficios económicos enfocándose en aquella población que puede pagar sus servicios. El eslabón más débil de esta cadena son los empleados de los grandes establecimientos, que suelen carecer de seguridad laboral y reciben sueldos precarios, por una parte, así como las pequeñas academias de deportes que no tienen acceso a créditos o apoyos gubernamentales para afrontar los cambios abruptos del mercado por lo que afrontan un futuro incierto, por la otra parte. Para unos y otros un camino posible es la profesionalización y la certificación, que les permitiría aumentar sus ingresos, así como el acceso y capacitación en el manejo de tecnologías digitales adaptadas a los nuevos mercados.

Algunas cuestiones para abrir rutas de investigación futura sobre la cultura fitness, el deporte, la salud y el bienestar físico de la población debe indagar con mayor profundidad en determinantes como la edad, el género, el nivel educativo o los ingresos como elementos que inniven o facilitan el acceso a la salud. Otra cuestión es la relativa al impacto real que han tenido las políticas públicas sobre el acceso al deporte y a la actividad física en la población, ¿cuáles son sus debilidades y cómo podemos mejorarlas? Otras preguntas son: ¿Sería posible desarrollar políticas sociales sectoriales que incentiven el desarrollo de más academias independientes como alternativa a los gimnasios comerciales, debido a que éstos últimos se enfocan a los mercados con mayores recursos? ¿Contamos con suficientes espacios públicos y programas de estímulos a la actividad física comunitaria en nuestras localidades? ¿Es posible desarrollar intervenciones tecnológicas específicas para los sectores con menos recursos económicos y de tiempo para ejercitarse? ¿Qué políticas de datos abiertos deben incentivarse en tales desarrollos tecnológicos? Una política de datos abiertos sería muy útil para mejorar las políticas públicas de las instituciones de gobierno pero también para los centros de investigación y

pequeños empresarios innovadores. Por otra parte, los conflictos éticos en el uso de tecnologías biométricas son numerosos, por lo que hay que diseñar políticas de protección de datos, usos de esos datos y de los agentes responsables para cada caso particular de forma que no se vulneren derechos básicos.

Las tendencias post-pandemia en la cultura fitness y la actividad física son importantes para pensar en las responsabilidades que el Estado y sus instituciones tienen y en las posibles soluciones que se le den. La salud y bienestar de la población no deben quedar solo en manos de las academias y gimnasios, en las manos del mercado. Las políticas públicas serán claves en el desarrollo de la salud colectiva en los próximos años.

REFERENCIAS

- ANDERSSON, Karin; JANSSON, Alexander; KARLÉN, Sara; RANDMANN, Jens. Spatial transitions, level of activity, and motivations to exercise during COVID-19: a literature review. **Sport in Society**, London, v. 25, n.7, p. 1231-1251, 2022. DOI: 10.1080/17430437.2021.2016702.
- BARNES, Sarah. American dreams: Smart sleep, high-tech beds, and the National Football League. **International Review for the Sociology of Sport**, Warsaw, v. 57, n.1, p. 505-515, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690221991778>.
- BOOK, Karin; HEDENBORG, Susanna; ANDERSSON, Karin. New spatial practices in organised sport following COVID-19: the Swedish case. **Sport in Society**, London, v. 25, n.7, p. 1343-1358, 2022. DOI: 10.1080/17430437.2022.2031017.
- BROWN, David. Pierre Bourdieu's «Masculine Domination» thesis and the gendered body in sport and physical culture. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, n. 23, p. 162-188, 2006. DOI: 10.1123/ssj.23.2.162.
- GEMAR, Adam. Sport as culture: Social class, styles of cultural consumption and sport participation in Canada, **International Review for the Sociology of Sport**, Warsaw, v.55, n.2, p. 186-208, 2018. DOI: 10.1177/1012690218793855.
- GÓMEZ, Lino Francisco; LÓPEZ, Jorge; PELAYO, Adrian Ricardo. Encuesta Nacional de Tendencias Fitness para México en 2022, Retos, Ubeda, n. 44, p. 1053-1062, 2022. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8268118>.
- HEDENBORG, Susanna; SVENSSON, Daniel; RADMAN, Aagen. Global challenges and innovations in sport: effects of Covid-19 on sport. **Sport in Society**, London, v. 25, n.7, p. 1227-1230, 2022. DOI: 10.1080/17430437.2022.2038878.
- KARKAZIS, Katrina; FISHMAN, Jennifer. Tracking U.S. Professional Athletes: The Ethics of Biometric Technologies, **American Journal of Bioethics**, Philadelphia, v.17, n.1, p. 45-60, 2017. DOI: 10.1080/15265161.2016.1251633.
- KARLSSON, Amanda. A room of one's own? Using period trackers to scape menstrual stigma. **Nordicom Review**, Göteborg, v.40, n.1, p. 111-12, 2019. DOI: 10.2478/nor-2019-0017.
- LUPTON, Deborah; MASLEN, Sarah. How women use digital technologies for health: Qualitative interview and focus group study. **Journal of Medical Internet Research**, Victoria, v.21, n.1:e11481, 2019. DOI: 10.2196/11481.
- MUTZ, Michael; MÜLLER, Johannes. Social stratification of leisure time sport and exercise activities: comparison of ten popular sports activities. **Leisure studies**, London, v.40, n5, p. 597-611, 2021. DOI: 10.1080/02614367.2021.1916834.

MUTZ, Michael; MÜLLER, Johannes; REIMERS, Anne. Use of digital media for home-based sports activities during the COVID-19 pandemic: Results from the German SPOVID Survey. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Rockville, v.18, n.9, 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.3390/ijerph18094409>.

PESCADOR, Darío. Por qué has aumentado con la pandemia y qué hacer para recuperarte. *El Diario*, Madrid, 21 enero 2021. (Disponible en: https://www.eldiario.es/tumejoryo/has-engordado-pandemia-recuperarte_1_6772552.html).

REEVES, Aaron. Social stratification, gender and sport participation. **Sociological Research Online**, Thousand Oaks, v.17, n.2, p. 1-17, 2012. DOI: 10.5153/sro.2598.

SECTEI. En promedio, aumento de cinco kilogramos por persona durante la pandemia. Gobierno de la Ciudad de México, Ciudad de México, 3 Sept. 2021. (Disponible en: <https://sectei.cdmx.gob.mx/comunicacion/nota/en-promedio-aumento-de-cinco-kilogramos-por-persona-durante-la-pandemia>).

SHILTON. A. C. ¿Aumentaste de peso durante la pandemia? Es normal. *New York Times en español*, Nueva York, 30 Abril 2021. (Disponible en: <https://www.nytimes.com/es/2021/04/30/espanol/ansiedad-cuerpo-sobrepeso.html>).

SMITH, Jennifer. Leisure and the obligation of self-work: An examination of the fitness field. **Leisure studies**, London, v.27, n1, pp. 59-75, 2008. DOI: 10.1080/02614360701605729.

SOSSA, Alexis. Entrenar hasta que duela. Significaciones culturales asociadas al dolor y el cansancio en la ejercitación en gimnasios. **Desacatos**, Ciudad de México, n.48, p. 140-155, 2015a (disponible en: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1607-050X2015000200010&script=sci_abstract&tlng=es).

SOSSA, Alexis. Studying corporality in the gym: Practical reflections for the social sciences. **Methaodos, revista de ciencias sociales**, Madrid, v.3, n.2, p. 192-206, 2015b. DOI: 10.17502/m.rcs.v3i2.81.

SOSSA, Alexis. «Yeah, and What's the problem?» Embodiment, cultural practices and working out in a Dutch gym. **Social Sciences**, Basel, v.6, n.2, 2017. DOI:10.3390/socsci6020044.

SOSSA, Alexis. I'm super-setting my life! An ethnographic comparative analysis of the growth of the gym market. **Sport Science Review**, Bucharest, v.25, n.5-6, p. 321-344, 2016. DOI: 10.1515/ssr-2016-0015.

STEMPEL, Carl. Sport as high culture in the USA. **International Review for the Sociology of Sport**, Warsaw, v.55, p.8, p. 1167-1191, 2019. DOI: 10.1177/1012690219870067.

TJONNDAL, Anne. The impact of COVID-19 lockdowns on Norwegian athletes' training habits and their use of digital technology for training and competition purposes. **Sport in society**, London v.25, n.19, p. 1-15, 2022. DOI: 10.1080/17430437.2021.2016701.

VAN TUYCKOM, Charlotte; BRACKE, Piet; SCHEERDER, Jeroen. Sports – idrott – esporte – deporte – sportovní. The problem of equivalence of meaning in comparative sports research, **European Journal of Sport Science**, Exeter, v.8, n.1-2, p. 85-97, 2011. DOI: 10.1080/16138171.2011.11687871.

WACQUANT, Lööc. Protection, discipline et honneur. Une salle de boxe dans le guetto américain. **Sociologie et sociétés**, v. 27, n.1, p. 75-90, 1995. DOI: 10.7202/001833ar (disponible en: <https://www.erudit.org/fr/revues/socsoc/1995-v27-n1-socsoc135/001833ar/>).

WACQUANT, Lööc. Hominies in extremis: qué nos enseñan los fighting scholars (académicos luchadores) sobre el habitus. **Astrolabio**, Cordova, n.12, p. 226-242, 2014 (disponible en: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/7618/8588>).

WISSINGER, Elizabeth. Wearable tech, bodies, and gender. **Sociology compass**, Hoboken, 11:e12514, 2017. DOI: 10.1111/soc4.12514.

ZUBOFF, Shoshana. **La era del capitalismo de la vigilancia**. Barcelona: Paidós, 2019. 910 p.

SOBRE O ORGANIZADOR

ALAN CAMARGO SILVA

Licenciado e mestre em Educação Física (UFRJ); especialista em Exercício Físico Aplicado à Reabilitação Cardíaca e a Grupos Especiais (UGF); doutor em Saúde Coletiva (UFRJ). Pós-Doutorado em Educação Física (UFRJ). Professor das redes Municipal e Estadual de Educação do Rio de Janeiro; professor do curso de pós-graduação lato sensu em Desportos de Campo e de Quadra da EEFD/UFRJ. Coordenador do Comitê Científico do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (GTTCC/CBCE).

ÍNDICE REMISSIVO

A

academias de ginástica 1, 3, 5-8, 11-16, 18, 20-22, 28, 30-31, 33-34, 37, 41, 71-73, 75, 82-86, 90, 93-94, 96, 103, 108, 113, 131-132, 140, 152-153, 162-164, 168, 171-175, 178, 182, 184, 189-190, 193, 200
alteridade 6, 49-60, 219
alteridade 6, 49-60, 219
anabolizantes 7-8, 70, 141-143, 145-147, 149-151, 154, 156, 159-160, 162, 168, 173-174, 200
anabolizantes 7-8, 70, 141-143, 145-147, 149-151, 154, 156, 159-160, 162, 168, 173-174, 200, 219
antropologia 21, 84, 113, 132, 150, 162, 187, 189-190, 192, 199-200
aparência física 113, 115
aparência física 113, 115, 219
aparência física 113, 115, 219-220
arte 35, 69, 97, 131, 134, 162, 176, 179, 185, 199
arte 35, 69, 97, 131, 134, 162, 176, 179, 185, 199, 219
arte 35, 69, 97, 131, 134, 162, 176, 179, 185, 199, 219-220
atividade física 7-8, 15, 20, 26-28, 30, 32-33, 53, 61, 84, 99, 113, 118, 120, 123, 130, 164-166, 172, 197

B

beleza 12, 14, 28, 34, 70, 89, 134, 151-152, 156, 160, 185
beleza 12, 14, 28, 34, 70, 89, 134, 151-152, 156, 160, 185, 219
biopoder 11, 16-20, 64, 70, 144, 146, 174
biopoder 11, 16-20, 64, 70, 144, 146, 174, 219
biopolítica 63, 65-66, 70, 112
biopolítica 63, 65-66, 70, 112, 219
biopsicossocial 59, 181, 184
biopsicossocial 59, 181, 184, 219
bodybuilders 146-147, 173
bodybuilders 146-147, 173, 219
bodybuilders 146-147, 173, 219-220

C

cansaço 21, 50-54, 57, 59-60, 70
classe social 114, 118, 129, 167
classe social 114, 118, 129, 167, 219
classe social 114, 118, 129, 167, 219-220
condicionamento físico 6, 23-25, 30, 32-33, 61, 65, 72
corpo 1, 3, 5-7, 11-22, 24, 28, 30, 32, 34-35, 53-59, 61, 64-65, 68, 70, 72, 75, 77, 80, 83-95, 98-99, 102-104, 108, 110, 113, 115, 118, 120-125, 127-138, 140-147, 149-152, 155-162, 167, 169, 173-177, 179-189, 194, 197-200, 218
corporalidade 137-140

D

dependência de exercício 7, 163-172, 174
dependência de exercício 7, 163-172, 174, 219
dor 13, 16-18, 20-22, 49, 54, 60, 163, 177, 180, 183
drogas 7, 70, 142, 144, 148, 150-152, 157, 159-162, 174
drogas 7, 70, 142, 144, 148, 150-152, 157, 159-162, 174, 219

E

educação física 2, 6-7, 11-12, 16, 19-22, 30, 33-35, 49, 51, 58, 60-61, 63-75, 79, 81-85, 87, 92-105, 107-112, 124, 126, 129-133, 141-142, 149-151, 164, 172, 174-175, 179-182, 185-187, 189, 193-195, 197-200, 218
educação somática 7, 175-181, 183, 185-187
educação somática 7, 175-181, 183, 185-187, 219
educação somática 7, 175-181, 183, 185-187, 219-220
envelhecimento 6, 13, 18, 20, 61, 64-65, 68, 70, 111
envelhecimento 6, 13, 18, 20, 61, 64-65, 68, 70, 111, 219

esporte 20-23, 34, 36, 49, 61, 70, 82, 96, 98-100, 103-105, 108, 123, 130-132, 135, 142, 149, 173-174, 181, 187-188, 216, 218
esporte 20-23, 34, 36, 49, 61, 70, 82, 96, 98-100, 103-105, 108, 123, 130-132, 135, 142, 149, 173-174, 181, 187-188, 216, 218-219
esporte 20-23, 34, 36, 49, 61, 70, 82, 96, 98-100, 103-105, 108, 123, 130-132, 135, 142, 149, 173-174, 181, 187-188, 216, 218-220
estética 6, 11, 15, 17, 24, 34, 54, 64, 71, 75, 83-84, 86, 92-93, 108, 115, 151
estética 6, 11, 15, 17, 24, 34, 54, 64, 71, 75, 83-84, 86, 92-93, 108, 115, 151, 219
etnografia 21-22, 114, 132, 152, 189-194, 196-198, 200
etnografia 21-22, 114, 132, 152, 189-194, 196-198, 200, 219

F

feminilidades 7, 130-131, 133, 140
feminilidades 7, 130-131, 133, 140, 219
feminilidades 7, 130-131, 133, 140, 219-220
filosofia 6, 11, 49-50, 59-60, 66, 84, 93, 95, 103
fisculturistas 7, 141-142, 146, 148-150, 168
fisculturistas 7, 141-142, 146, 148-150, 168, 219
fitness 6, 11-13, 20-21, 27, 30-34, 49, 51, 53-54, 56, 61, 63-66, 68-69, 71, 76, 81, 93-94, 96, 103, 105, 107-112, 129-130, 145, 173-174, 201, 203, 210, 214-216

G

gays 7, 151, 158, 162
gays 7, 151, 158, 162, 219
ginástica 1, 3, 5-8, 11-16, 18, 20-37, 41-47, 61, 69, 71-73, 75, 82-86, 90, 93-96, 100, 103, 108-109, 113-115, 117, 120-121, 123, 125, 131-132, 140, 150-153, 157,

160, 162-164, 168, 171-178, 181-190, 193, 200
ginástica de condicionamento 6, 23-25, 30, 32-33
gênero 7, 15, 105, 107, 123-125, 130-135, 137-140, 150, 152, 158
gênero 7, 15, 105, 107, 123-125, 130-135, 137-140, 150, 152, 158, 219

H

hegemonia 96-97, 102-104
hegemonia 96-97, 102-104, 219
história 7, 21, 23-24, 32-33, 35-36, 63, 95, 103-104, 108, 118, 122, 131, 149, 174-175, 187-188

I

identidade 21, 52-53, 57-58, 68, 90, 116, 122, 124, 131, 133-135, 137, 140, 142, 144-145, 151, 158, 162, 171, 185, 189, 194-195
identidade 21, 52-53, 57-58, 68, 90, 116, 122, 124, 131, 133-135, 137, 140, 142, 144-145, 151, 158, 162, 171, 185, 189, 194-195, 219
identidade 21, 52-53, 57-58, 68, 90, 116, 122, 124, 131, 133-135, 137, 140, 142, 144-145, 151, 158, 162, 171, 185, 189, 194-195, 219-220
ideologia 17, 54, 89, 96-97, 102-103
ideologia 17, 54, 89, 96-97, 102-103, 219
imagem corporal 15-16, 20-21, 77-78, 84, 86, 90-93
imagem corporal 15-16, 20-21, 77-78, 84, 86, 90-93, 219
indústria cultural 84, 89
indústria cultural 84, 89, 219

L

lipofobia 13, 15-16, 20, 22

M

marketing pessoal 6, 71-72, 74, 77-79, 81-82
marketing pessoal 6, 71-72, 74, 77-79, 81-82, 219
marketing pessoal 6, 71-72, 74, 77-79, 81-82, 219-220
marombeiro 142, 146-148, 219

marombeiro 142, 146-148, 219
marombeiro 142, 146-148, 219-220
masculinidades 129-130, 150, 155
masculinidades 129-130, 150, 155, 219
masculinidades 129-130, 150, 155, 219-220
medicamentos 142, 149, 165-166, 168
medicamentos 142, 149, 165-166, 168, 219
medicamentos 142, 149, 165-166, 168, 219-220
mercado de trabalho 6, 61-62, 64-65, 68, 70, 77, 80-81, 105-109, 111-112
mercado de trabalho 6, 61-62, 64-65, 68, 70, 77, 80-81, 105-109, 111-112, 219
mercado fitness 6, 61, 65-66, 71
mercado fitness 6, 61, 65-66, 71, 219
musculação 6-7, 15, 21-22, 31, 37-39, 41-47, 49-51, 53-61, 71-74, 76, 79-82, 85, 94, 108-109, 114-115, 120, 123, 125-132, 141-150, 154, 158, 160, 162-164, 168, 173-174, 184, 193-196, 200

N

necropolítica 6, 61-65, 68, 70
necropolítica 6, 61-65, 68, 70, 220

P

performance 17, 19, 22, 51, 53-56, 58, 67, 161
personal trainer 6, 17, 49, 71-82, 109
personal trainer 6, 17, 49, 71-82, 109, 220
personal training 63, 85
personal training 63, 85, 221
promoção da saúde 51, 130, 177, 187
psicopolítica 6, 60-63, 66-70

R

reflexividade 8, 145, 153, 189-190, 193-194, 198-200
reflexividade 8, 145, 153, 189-190, 193-194, 198-200, 221

S

saúde 11-12, 14-18, 21-23, 27, 34, 49-51, 53-56, 61, 64, 70-73, 81-82, 84, 86, 89, 93, 96, 103-105, 110, 124, 130, 132, 134, 141, 150, 160, 162-163, 165, 170, 172-174, 176-177, 179, 181, 185-187, 189, 193, 199-200, 218
saúde 11-12, 14-18, 21-23, 27, 34, 49-51, 53-56, 61, 64, 70-73, 81-82, 84, 86, 89, 93, 96, 103-105, 110, 124, 130, 132, 134, 141, 150, 160, 162-163, 165, 170, 172-174, 176-177, 179, 181, 185-187, 189, 193, 199-200, 218, 221
sexualidade 7, 49, 88, 113, 118-122, 124, 134, 140, 149
sintomas 7, 163-171
sintomas 7, 163-171, 221
substâncias 7, 136, 144, 151-152, 154, 157, 159-161, 165-166, 168-169
suplementos alimentares 8, 18, 94, 154, 162, 168, 174, 200

T

tecnologia 40-42
tecnologia 40-42, 221
terceira idade 7, 113, 115, 122
terceira idade 7, 113, 115, 122, 221
trabalho 6, 12, 21, 25, 27-28, 34, 37-41, 43, 45-47, 49, 52-53, 56, 61-70, 73, 75-82, 85-86, 88, 96, 100, 102-112, 114, 131, 135-137, 150, 166, 171-172, 174-176, 179-181, 185-186, 189-195, 197-200, 218-219
trabalho 6, 12, 21, 25, 27-28, 34, 37-41, 43, 45-47, 49, 52-53, 56, 61-70, 73, 75-82, 85-86, 88, 96, 100, 102-112, 114, 131, 135-137, 150, 166, 171-172, 174-176, 179-181, 185-186, 189-195, 197-200, 218-221

U

uberização 52, 62, 67-69, 106, 112

ISBN 978-65-5368-131-6



Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br